

José Antonio Ureta

A «MUDANÇA DE PARADIGMA» do PAPA FRANCISCO.

continuidade ou ruptura
na missão da Igreja?



Balanço quinquenal de seu pontificado

Índice

Introdução.....	3
Cap. 1: O retraimento pastoral dos “valores não negociáveis”	13
Cap. 2: Promoção da agenda neomarxista e altermundialista dos “movimentos sociais”	31
Cap. 3: Promoção da agenda “verde”, da governança mundial e de uma mística ambígua em relação à “Mãe Terra”.....	59
Cap. 4: Favorecimento da imigração e do Islã – Parcimônia em relação aos cristãos perseguidos do Oriente Médio	73
Cap. 5: Indiferentismo religioso, relativismo filosófico e evolucionismo teológico.....	91
Cap. 6: Uma nova moral subjetiva, sem imperativos absolutos	105
Cap. 7: A mudança de paradigma em um caso concreto: o acesso à comunhão aos divorciados recasados	119
Cap. 8: O denominador comum da mudança de paradigma: adaptar-se à Modernidade revolucionária e anticristã.....	151
Cap. 9: O reverso da medalha: a simpatia dos poderes mundanos e de correntes anticristãs	167
Cap. 10: Liceidade da resistência	175
Conclusão	191

Introdução

No mês de março último, o pontificado do Papa Francisco atingiu o importante marco dos cinco anos, um lapso de tempo mais do que suficiente para que historiadores, analistas e estudiosos em geral possam fazer dele um balanço. Ainda que os prismas de análise possam ser muito diversos, todos concordam no fato de que se tratou de um período carregado de inovações, marcado pelo empenho constante do Pontífice de apresentar uma fisionomia diferente da instituição por ele governada, a ponto de mais de um ter chegado a falar de “uma nova Igreja de Francisco»¹.

A ideia de uma “nova Igreja” paira, de modo mais ou menos definido, sobre o recente debate em torno da pertinência da aplicação do conceito de “mudança de paradigma” à vida bimilenar da instituição fundada por Nosso Senhor Jesus Cristo.

Na sua acepção tradicional, um paradigma é um exemplo ou padrão a ser seguido². No campo da filosofia das ciências, a expressão “mudança de paradigma” – tradução de *paradigm shift*, empregada pelo físico e filósofo americano Thomas Kuhn em seu ensaio *Estrutura das Revoluções Científicas* – passou a significar um novo sistema ou modelo conceptual que reorienta totalmente o desenvolvimento posterior das pesquisas³. Adotada pela linguagem comum e fora do marco científico, uma “mudança de paradigma” indica, segundo o conhecido es-

¹ Cfr. por exemplo, o livro *La nuova chiesa di papa Francesco*, dir. J. M. Kraus, Ed. Moralia, bem como as manchetes dos jornais *La Repubblica* (Itália) de 14-03-2013 (<http://www.acidigital.com/imagespp/prensaitalianafrancisco.jpg>) e *La Razón* (Espanha) de 13-03-2017 (<https://www.larazon.es/religion/la-nueva-iglesia-del-papa-francisco-EK14699739>). A mesma ideia é expressa, com outras palavras, pelo *Washington Post* de 24-09-2017 (https://www.washingtonpost.com/news/made-by-history/wp/2017/09/24/how-pope-francis-has-fundamentally-reshaped-the-catholic-church/?utm_term=.8f70db361778) e pela edição de 12-03-2018 do *North Jersey* (<https://www.northjersey.com/story/opinion/contributors/2018/03/12/five-years-pope-francis-framing-new-church-opinion/417177002/>)

² <https://www.dicio.com.br/paradigma/>

³ <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/paradigma>

critor George Weigel, “uma dramática, repentina e inesperada mudança no pensamento humano – e, portanto, algo à maneira de um novo começo”⁴.

Nos limites dentro dos quais a expressão “mudança de paradigma” pode ser aceita⁵, tem havido e ainda haverá tais mudanças na história das ciências. Mas cogitar num novo modelo conceptual para a Igreja fundada por Jesus Cristo – a qual recebeu em depósito a Revelação divina, cujo conteúdo imutável foi explicitado por um Magistério constante e coerente de vinte séculos –, é uma empresa muito audaciosa, para dizer pouco. Entretanto, foi o próprio Papa Francisco quem usou a expressão na recente Constituição dedicada ao ensino universitário

⁴ *The Catholic Church Doesn't Do “Paradigm Shifts”* (<https://www.firstthings.com/web-exclusives/2018/01/the-catholic-church-doesnt-do-paradigm-shifts>). Nas páginas do *Avvenire*, jornal pertencente ao Episcopado italiano, Andrea Lavazza abunda no mesmo sentido: “Entrou no uso comum a ideia de mudança de paradigma. A expressão foi cunhada para indicar uma passagem radical do modo de enfrentar um problema científico. Numa fase, todos os pesquisadores concordam sobre um núcleo de conhecimentos e métodos, e trabalham com eles sem peripécias, com pequenos progressos. Quando, porém, aparece uma série de anomalias na teoria dominante, ela entra em crise e se assiste a uma fase revolucionária que conduz à mudança do paradigma até então compartilhado.” (<https://www.avvenire.it/opinioni/pagine/cambio-di-paradigma>)

⁵ A versão original é certamente inaceitável. Thomas Khun descreveu a si próprio como um “Kantiano post-Darwiniano”. Como Kant, ele acreditava que a mente é incapaz de pôr ordem nas experiências sensoriais sem algum tipo de paradigma *a priori*. Mas enquanto Kant e Darwin achavam que toda a humanidade nasce mais ou menos com um mesmo paradigma inato, Kuhn alegava que os paradigmas dos homens mudam continuamente junto com a sua cultura. “Grupos diferentes, ou um mesmo grupo numa ocasião diferente, podem ter experiências diferentes e, portanto, em certo sentido, viverem em mundos diferentes”, dizia. Pela sua herança biológica comum, os homens podem dar algumas respostas comuns a experiências similares, mas tudo aquilo que na experiência humana é universal e transcende uma cultura e a história, é “inefável”, porque, segundo ele, a linguagem “não é um instrumento universal”. Pelo que os conceitos de verdade e de erro são válidos, e até necessários, mas apenas no interior de um determinado paradigma. O resultado é que, em qualquer campo, a ciência é incapaz de chegar até a verdade absoluta, porque a realidade é irreconhecível (ver John Horgan, “What Thomas Kuhn Really Thought about Scientific ‘Truth’” in *Scientific American*, (<https://blogs.scientificamerican.com/cross-check/what-thomas-kuhn-really-thought-about-scientific-truth/>)). Não foi sem motivo que seu pensamento foi adotado pela corrente “desconstrutivista”, anti-científica e absolutamente relativista do Pós-modernismo (ver Marcel Kuntz, “The postmodern assault on science: If all truths are equal, who cares what science has to say?” (<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3463968/>)).

católico, onde augurou que uma “mudança radical de paradigma” possa inspirar uma “corajosa revolução cultural” na formação acadêmica católica⁶.

Conceitos como “revolução cultural” e “mudança de paradigma” trazem por si mesmos à mente a ideia de ruptura ou de descontinuidade em relação a modelos precedentes. O conceito vem aplicado, sobretudo, à teologia moral e a uma de suas componentes – a doutrina social da Igreja⁷ –, abrangendo, portanto, a maneira de o catolicismo se relacionar com a sociedade contemporânea nos campos mais diversos, das ciências em geral à economia, da política à diplomacia. Em todas essas esferas, segundo a opinião de uma alentada equipe de bispos e de estudiosos não desprovidos de poder, uma “mudança de paradigma” seria necessária.

Nesse contexto, são inumeráveis os fiéis que, fazendo ouvir suas vozes ou permanecendo num silêncio perplexo, se perguntam para onde ruma a Igreja e que perspectivas se abrem ao termo do primeiro quinquênio do atual pontificado. Há uma preocupação difusa de que uma mudança semelhante coloque em risco um dos fundamentos da Igreja, isto é, a sua unidade.

De fato, como veremos adiante, o debate a respeito da mudança de paradigma é indicativo de uma crescente e profunda divisão nos ambientes católicos, a despeito de todo o palavreado sobre a diversidade legítima, o caráter poliédrico da realidade eclesial, o diálogo e a escuta no seio da Igreja. Aliás, como julgar possíveis o diálogo e a escuta quando o próprio significado das palavras é radicalmente mudado, haja vista a “conversão pastoral da linguagem”⁸ gerada pela tão propalada mudança de paradigma?

⁶ https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_constitutions/documents/papa-francesco_costituzione-ap_20171208_veritatis-gaudium.html

⁷ Sobre o fato de que a doutrina social católica deriva da teologia e especialmente da teologia moral, cfr. João Paulo II, *Sollicitudo Rei Socialis*, n° 41 (http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_30121987_sollicitudo-rei-socialis.html) e *Centesimus Annus*, n°55 (http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_01051991_centesimus-annus.html).

⁸ Cfr. Guido Vignelli, *Uma Revolução pastoral – Seis palavras talismânicas no debate sinodal sobre a família*, p. 13 (<http://www.rassegnastampa-totustuus.it/cattolica/wp-content/uploads/2016/07/UNA-RIVOLUZIONE-PASTORALE-Guido-Vignelli.pdf>)

Entre os numerosos estudos – conferências e artigos relativos à mudança de paradigma em curso na Igreja –, detenhamo-nos num caso emblemático envolvendo duas personalidades eclesiais de notável relevo, concernente ao debate eclodido após a proposta de acolhida sacramental dos divorciados civilmente recasados feita pelo cardeal Walter Kasper no consistório de fevereiro de 2014⁹, o qual continua até hoje.

Referimo-nos, de um lado, à recente conferência pronunciada em Cambridge, Inglaterra, pelo arcebispo de Chicago, cardeal Blase Cupich, sob o expressivo título “A Revolução da misericórdia do Papa Francisco: *Amoris laetitia* como um novo paradigma da catolicidade”¹⁰, e, de outro lado, ao artigo escrito dez dias mais tarde para a revista americana *First Things* pelo Prefeito emérito da Congregação para a Doutrina da Fé, cardeal Gerhard Müller, sob um título não menos significativo: “Desenvolvimento ou corrupção?”¹¹ A divergência entre ambos é total.

O cardeal-arcebispo de Chicago defende a necessidade de uma mudança de paradigma “simplesmente revolucionária” na maneira de considerar a relação entre a doutrina moral e a praxe pastoral, a fim de responder positivamente, conforme deseja o Papa Francisco, aos apelos surgidos das “situações” dos homens de hoje. Para o cardeal norte-americano, tal mudança consiste acima de tudo numa inversão dos fatores: a doutrina e a lei devem ser subordinadas à vida tal como ela é vivida pelo homem contemporâneo. A Igreja não ensina, mas aprende da realidade social e a acompanha nas suas diferentes situações, sem a pretensão de querer impor uma “coleção de verdades abstratas e isoladas”. A mudança de paradigma consiste também em compreender que Deus está presente e se revela até mesmo nas situações que a Igreja definiu até aqui como pecaminosas¹².

⁹ Ver Sandro Magister, “Kasper cambia el paradigma, Bergoglio aplaude” in <http://chiesa.espresso.repubblica.it/articolo/1350729ffae.html?sp=y>

¹⁰ *Pope Francis’ Revolution of Mercy: Amoris Laetitia as a New Paradigm of Catholicity* (<https://www.vhi.st-edmunds.cam.ac.uk/resources-folder/papers-presentations/cupich-annual-lecture-2018>).

¹¹ *Development or Corruption?* (<https://www.firstthings.com/web-exclusives/2018/02/development-or-corruption>).

¹² Cfr. Luis Solimeo, *Cardinal Cupich’s Modernist Concepts* (<http://www.tfp.org/cardinal-cupichs-modernist-concepts/>).

À voz do purpurado americano, muito relevante por causa de seu cargo, se junta aquela de muitos outros prelados, teólogos e estudiosos de destaque que antes ou depois dele saudaram e saúdam com entusiasmo a mudança de paradigma como uma autêntica refundação da Igreja, uma reinterpretação profunda da mesma, uma releitura das Escrituras e do Evangelho, uma nova concepção de sua missão de salvação à luz daquilo que Deus estaria revelando aos homens contemporâneos através das atuais condições da sociedade.

Em sentido oposto ao enfoque do cardeal Blase Cupich encontramos prelados e teólogos que, mesmo admitindo que o conceito de mudança de paradigma possa ser legítimo em campos como a ciência, a política ou a economia, consideram-no inaceitável se aplicado à interpretação da substância dos artigos da fé. Entre aqueles que recusam a validade do conceito de mudança de paradigma a um ensinamento ou disciplina constante da Igreja destaca-se a figura do cardeal Gerhard Müller, até há pouco Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, o qual recorda, no seu artigo a *First Things*, que “ ‘Jesus Cristo é sempre o mesmo: ontem, hoje e por toda a eternidade’ (Hb 13, 8) – esse é, pelo contrário, o nosso paradigma, que não mudaremos por nenhum outro. Porque, ‘quanto ao fundamento, ninguém pode pôr outro diverso daquele que já foi posto: Jesus Cristo’ (1 Cor 3, 11)”.

O teólogo alemão explica que é possível e até mesmo necessário crescer na compreensão conceitual e intelectual das verdades de fé, com novas explicitações e aprofundamentos, mas não é possível alterar nada da sua substância. No seu parecer, os promotores da mudança de paradigma caem no erro do modernismo e até mesmo do gnosticismo, porque introduzem “um princípio interpretativo inusitado para dar uma orientação completamente diferente a todo o ensinamento da Igreja”, numa operação que se cobre sob o pretexto de uma reviravolta pastoral, mas que na realidade esconde uma capitulação diante da velha tentação de adaptar-se à mentalidade imperante no mundo. Quanto ao mais, segundo o cardeal Müller, o autêntico crescimento, na Igreja, da compreensão da Revelação de Deus, “não acontece por causa de qualquer exigência natural e não tem nada a ver com a crença liberal no progresso”.

O purpurado lembra ademais que “a autoridade do magistério papal baseia-se na continuidade com os ensinamentos dos papas anteriores”. Se não fosse assim, a autoridade do Papa (de qualquer Papa) e do Magistério da Igreja perderiam toda credibilidade: de fato, como seria possível garantir que uma mudança de paradigma operada hoje não seja amanhã considerada superada e não mais válida? O cardeal alemão é, portanto, categórico no asseverar que, “quem fala de uma virada copernicana na Teologia moral que transforme uma violação direta dos Mandamentos de Deus numa laudável decisão de consciência, exprime-se evidentemente contra a fé católica”. Se nisso consiste a mudança de paradigma, então – afirma ele –, “opor-se é um dever de consciência” para os fiéis, em conformidade com o ensinamento de São Paulo na epístola aos Gálatas (2, 11) e com o comentário que fizeram dessa passagem Padres e Doutores da Igreja, como Santo Agostinho e Santo Tomás de Aquino.

O alto relevo desses dois expoentes das posições em choque a respeito de uma eventual mudança de paradigma na Teologia moral e na disciplina pastoral da Igreja permite compreender a extrema importância daquilo que está em jogo.

Porém, quem conhece a realidade da vida católica de hoje sabe que tal divergência vai muito além da questão do acesso aos sacramentos por parte dos divorciados civilmente recasados, já que a ideia de mudança de paradigma ecoa também nas polêmicas sobre a validade e a prioridade de outros ensinamentos e práticas da Igreja. Por exemplo, tal ideia inspira a releitura “responsável” da encíclica *Humanae vitae* – sob o pretexto de problemáticas sociodemográficas e de custódia do planeta –, assim como o rápido processo pelo qual, em poucos anos, passou-se de tímidos convites a realçar os “valores de solidariedade mútua” presentes na prática homossexual, à proposta sempre mais insistente de cerimônias de bênção ou funerais na igreja para uniões homossexuais.

Igualmente, até cinco anos atrás, o Magistério pontifício declarava “não negociáveis” a posição católica sobre temas como a defesa da vida desde a concepção até a morte natural, o direito prioritário dos pais a educarem seus filhos ou o matrimônio reservado a pessoas de diferente sexo. E insistia com firmeza que os fiéis devem ter uma posição unívoca a respeito desses princípios, porque eles incidem diretamente na coerência entre fé e vida. Pelo contrário, o mesmo Magistério deixava espaço para a avaliação da consciência bem formada dos leigos no

juízo a respeito de questões puramente temporais que comportam avaliações técnicas e conhecimentos específicos¹³.

Tal impositão aparece hoje como não sendo mais válida, vítima de uma mudança de paradigma. Enquanto, de um lado, são notórios o silêncio, a frieza e, por vezes, até mesmo uma não muito velada hostilidade para com aqueles que se consagram à defesa da sacralidade da vida humana inocente desde a concepção até a morte natural, ou para com aqueles que se opõem publicamente às uniões civis homossexuais – deveres não negociáveis para todo católico –, patenteia-se, de outro lado, o prestígio outorgado àqueles que se ocupam do fenômeno migratório com um viés de abertura indiscriminada ou aos que promovem como dogma a tese do aquecimento global, questões para as quais a Igreja não recebeu uma missão específica de Cristo.

Dói dizê-lo, mas muitas vezes o espaço negado aos filhos da Igreja fiéis ao Magistério perene é concedido a personalidades acatólicas e até mesmo hostis aos seus ensinamentos morais.

Esse fenômeno da mudança de paradigma, puramente teórico na aparência, tem inegavelmente uma repercussão na vida concreta das paróquias, e não apenas entre os militantes pró-vida ou pró-família. Os fiéis comuns da missa de domingo se sentem desorientados como nunca antes e tendem a exprimir o seu crescente desinteresse – quando não o seu manifesto mal-estar – diante de certas situações hoje correntes na Igreja. Daí resulta uma transformação paradoxal, cada vez mais patente aos olhos de todos: no passado, apesar da hostilidade das correntes ateias e mundanas à Igreja, os templos católicos estavam cheios; hoje, quando essas mesmas correntes hostis aplaudem as inovações introduzidas pelo Papa Francisco, as igrejas se esvaziam.

¹³ Cfr. Stefano Fontana, *Così si cambia la Dottrina sociale della Chiesa* (<http://www.libertaepersona.org/wordpress/2017/08/cosi-si-cambia-la-dottrina-sociale-della-chiesa/>) e Congregação para a Doutrina da Fé, *Nota doutrinal sobre algumas questões relativas à participação e comportamento dos católicos na vida política* (http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20021124_politica_po.html).

Dessa maneira, a “revolução pastoral” iniciada no atual pontificado não é impugável apenas no plano teórico, mas se vem mostrando ruïnosa na prática, levando até ao paroxismo o misterioso processo de “autodemolição” ao qual se referiu há meio século o Papa Paulo VI na sua célebre Alocução aos alunos do Seminário Lombardo, no dia 7 de dezembro de 1968¹⁴.

*

* *

O escopo do presente trabalho é limitado. Ele pretende fazer um elenco das tomadas de posição do Papa Francisco reveladoras de uma mudança de paradigma em face do ensinamento perene da Igreja apenas naqueles assuntos concernentes aos leigos e em particular aos que militam em prol da vigência dos ensinamentos do Evangelho na vida pública dos seus respectivos países. Ficam, portanto, propositadamente excluídos temas de si mais importantes e também objeto de controvérsia, mas que concernem à própria estrutura da Igreja Católica e aos seus dogmas fundamentais, e que excedem de muito, por isso mesmo, o campo visual e os conhecimentos do comum dos fiéis.

Tampouco pretende este trabalho fazer uma análise doutrinária aprofundada de cada um dos temas abordados, mas simplesmente um relato comentado, à maneira de inventário, das declarações e iniciativas do atual Pastor Supremo que mais dilaceraram o *sensus fidei* do seu rebanho.

De um lado, tal análise aprofundada exigiria praticamente um volume para cada tema e dificultaria ter uma visão de conjunto que permita fazer uma avaliação sumária desses cinco primeiros anos de governo do Papa Francisco¹⁵. De outro lado, ela excederia as competências do autor destas linhas, que não é um acadêmico, mas apenas tem acompanhado com interesse os debates surgidos na Igreja Católica nestas cinco últimas décadas e tem feito pesquisas circunstanciais a respeito de alguns dos temas em foco.

¹⁴ http://w2.vatican.va/content/paul-vi/it/speeches/1968/december/documents/hf_p-vi_spe_19681207_seminario-lombardo.html

¹⁵ Sendo este trabalho destinado primordialmente à divulgação eletrônica, as referências às citações correspondem à página web da respectiva publicação na data de conclusão do mesmo — excetuados os poucos casos em que a citação não se encontra na Internet.

Discípulo de Plínio Corrêa de Oliveira¹⁶ (1908-1995) e militante desde sua primeira juventude nas fileiras do movimento que ele inspirou e animou para a defesa dos três valores básicos da civilização cristã – Tradição, Família e Propriedade¹⁷ –, o autor do presente trabalho, diante do misterioso eclipse que já nos idos de 1970 sofria o Papado e que não fez desde então senão acentuar-se ainda mais, faz suas as palavras do grande mestre da Contra-Revolução e ardoroso paladino da Cátedra de Pedro:

“Não é com meu entusiasmo dos tempos de jovem que eu me coloco hoje ante a Santa Sé. É com um entusiasmo ainda maior, e muito maior. Pois à medida que vou vivendo, pensando e ganhando experiência, vou compreendendo e amando mais o Papa e o Papado. E isto seria precisamente assim ainda que eu me encontrasse — repito — exatamente nas circunstâncias que o Sr. Jeroboão Cândido Guerreiro pinta¹⁸.

“Lembro-me ainda das aulas de catecismo em que me explicaram o Papado, sua instituição divina, seus poderes, sua missão. Meu coração de menino (eu tinha então 9 anos) se encheu de admiração, de enlevo, de entusiasmo: eu encontrara o ideal a que me dedicaria por toda a vida. De lá para cá, o amor a esse ideal não tem senão crescido. E peço aqui a Nossa Senhora que o faça crescer mais e mais em mim, até o meu último alento. Quero que o derradeiro ato de meu intelecto seja um ato de Fé no Papado. Que meu último ato de amor seja um ato de amor ao Papado. Pois assim morrerei na paz dos eleitos, bem unido a Maria minha Mãe, e por Ela a Jesus, meu Deus, meu Rei e meu Redentor boníssimo.

¹⁶ Para uma visão de conjunto da vida, pensamento e obra de Plínio Corrêa de Oliveira, ver Roberto de Mattei, *O Cruzado do século XX*

(<http://www.pliniocorreadeoliveira.info/Cruzadoseculo20.pdf>).

¹⁷ Para um resumo da história da TFP brasileira e de entidades análogas nos cinco continentes ver *Um homem, uma obra, uma gesta – Homenagem das TFPs a Plínio Corrêa de Oliveira* (http://www.pliniocorreadeoliveira.info/Gesta_0000Indice.htm).

¹⁸ Trata-se de um correspondente imaginário que contrastava mordazmente dois fatos concomitantes: a condescendência de Paulo VI com um punhado de progressistas católicos que levaram um documento contestatário ao Vaticano, e sua negativa de sequer acusar recebimento do abaixo assinado promovido pelas TFPs pedindo medidas contra a infiltração comunista na Igreja, o qual havia recolhido 1.600.368 adesões de católicos.

“E este amor ao Papado, Sr. Jeroboão, não é em mim um amor abstrato. Ele inclui um amor especial à Pessoa sacrossanta do Papa, seja ele o de ontem, como o de hoje ou o de amanhã. Amor de veneração. Amor de obediência.

“Sim, insisto: de obediência. Quero dar a cada ensinamento deste Papa, como de seus Antecessores e Sucessores, toda aquela medida de adesão que a doutrina da Igreja me prescreve, tendo por infalível o que ela manda ter por infalível, e por falível o que ela ensina que é falível. Quero obedecer às ordens deste ou de qualquer outro Papa em toda a medida em que a Igreja manda que sejam obedecidas. Isto é, não lhes sobrepondo jamais minha vontade pessoal, nem a força de qualquer poder terreno, e só, absolutamente só recusando obediência à ordem do Papa que importasse eventualmente em pecado. Pois neste caso extremo, como ensinam — repetindo o Apóstolo São Paulo — todos os moralistas católicos, é preciso colocar acima de tudo a vontade de Deus.

“Foi o que me ensinaram nas aulas de catecismo. Foi o que li nos tratados que estudei. Assim penso, assim sinto, assim sou. E de coração inteiro.”¹⁹

É com análogas convicções e sentimentos que convido o leitor a empreender a via dolorosa dos acontecimentos descritos e documentados a seguir, os quais vêm marcando os cinco anos do pontificado do atual Sucessor de Pedro desde que assumiu sua cátedra, em 13 de março de 2013.

Não sem antes agradecer aos meus irmãos de ideal, Srs. Juan Miguel Montes, Samuele Maniscalco e Federico Catani, por sua prestimosa colaboração na coleta de documentos e redação do texto definitivo.

Queira Nossa Senhora – em cujo Coração sapiencial e imaculado se concentrou toda a fé da humanidade entre a Morte e a Ressurreição de seu divino Filho – conceder aos leitores o fortalecimento da fé na indefectibilidade da Igreja e da esperança no reerguimento glorioso do Papado. E, subsidiariamente, ser condescendente com as limitações deste trabalho.

Saint-Sauveur Marville, Sábado Santo de 2018.

¹⁹ Plínio Corrêa de Oliveira, “A Perfeita alegria”, Folha de S. Paulo, 12-07-1970 (http://www.pliniocorreadeoliveira.info/1970_236_CAT_A_perfeita_alegria.htm).

Capítulo 1

O retratamento pastoral dos “valores não negociáveis”

Desde o começo de seu pontificado, Francisco desejou abandonar o paradigma anterior no tocante à batalha em defesa dos princípios não negociáveis, estabelecendo outras prioridades. Seus pronunciamentos fortes sobre temas éticos — os quais indubitavelmente existem — não chegam habitualmente no momento oportuno, como se quisesse evitar qualquer eventual choque com o establishment. Em consequência, suas declarações sobre tais temas parecem fora do contexto e são quase sempre ignoradas pela mídia.

Desde os últimos anos do pontificado de João Paulo II¹ e durante todo aquele de Bento XVI², a Santa Sé instou os católicos a defender prioritariamente o que

¹ Ver particularmente a “Nota doutrinal sobre algumas questões relativas à participação e comportamento dos católicos na vida política”, de 21 de novembro de 2002, da Congregação para a Doutrina da Fé, a qual afirma: “Quando a ação política se confronta com princípios morais que não admitem abdições, exceções ou compromissos de qualquer espécie, é então que o empenho dos católicos se torna mais evidente e grávido de responsabilidade. Perante essas **exigências éticas fundamentais e irrenunciáveis**, os crentes têm, efetivamente, de saber que está em jogo a essência da ordem moral, que diz respeito ao bem integral da pessoa. É o caso das leis civis em matéria de aborto e de eutanásia (...) Analogamente, devem ser salvaguardadas a tutela e promoção da família, fundada no matrimônio monogâmico entre pessoas de sexo diferente (...) Igualmente, a garantia da liberdade de educação, que os pais têm em relação aos próprios filhos, é um direito inalienável, aliás reconhecido nas Declarações internacionais dos direitos humanos”

(http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20021124_politica_po.html). Ver ainda a carta do cardeal Joseph Ratzinger ao presidente da Conferência Episcopal norte-americana, de julho de 2004, a respeito da obrigação de recusar a comunhão às autoridades e legisladores que cooperam formalmente fazendo a promoção do aborto e da eutanásia ou votando sua legalização, na qual é dito que “não todas as questões morais têm o mesmo peso moral que o aborto e a eutanásia” (<http://www.ewtn.com/library/curia/cdfworthycom.htm>).

² “Por outro lado, cada católico, aliás, na verdade cada homem, é chamado a agir com consciência purificada e com coração generoso para promover de maneira decidida aqueles valo-

se convencionou chamar os “valores não negociáveis”³, assim descritos pelo Papa Ratzinger no seu discurso aos participantes de um congresso promovido pelo Partido Popular Europeu:

“No que se refere à Igreja Católica, o interesse principal das suas intervenções no campo público é a tutela e a promoção da dignidade da pessoa e, por conseguinte, ela chama conscientemente a uma particular atenção aos **princípios que não são negociáveis**. Entre eles, hoje emergem os seguintes:

- tutela da vida em todas as suas fases (...)
- reconhecimento e promoção da estrutura natural da família, como união entre um homem e uma mulher baseada no matrimônio (...)
- tutela do direito dos pais de educar os próprios filhos”⁴.

Papa Francisco: “Nunca entendi a expressão ‘valores não negociáveis’ ”

A prioridade na defesa dessas exigências éticas fundamentais e irrenunciáveis foi explicitamente abandonada pelo Papa Francisco. Na espécie de manifesto programático de seu pontificado que é a entrevista ao Pe. Antonio Spadaro, diretor da *Civiltà Cattolica* — reproduzida depois por todas as revistas jesuítas do mundo, nos respectivos idiomas —, ele declarou o seguinte: “**Não podemos in-**

res que muitas vezes eu defini como ‘**não negociáveis**’” (Discurso do Papa Bento XVI aos participantes na assembleia da *Caritas Internationalis*, de 27 de maio de 2011. Cf. http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2011/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20110527_caritas.html).

³ A expressão foi cunhada com ocasião da Exortação Apostólica pós-sinodal *Sacramentum charitatis*, de 22 de fevereiro de 2007, na qual Bento XVI, abordando a questão da “coerência eucarística”, pelo testemunho público da própria fé, diz que ela “impõe-se com particular premência a quantos, pela posição social ou política que ocupam, devem tomar decisões sobre valores fundamentais como o respeito e defesa da vida humana desde a concepção até à morte natural, a família fundada sobre o matrimônio entre um homem e uma mulher, a liberdade de educação dos filhos e a promoção do bem comum em todas as suas formas. **Estes são valores não negociáveis**” (http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_exhortations/documents/hf_ben-xvi_exh_20070222_sacramentum-caritatis.html).

⁴ http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2006/march/documents/hf_ben-xvi_spe_20060330_eu-parliamentarians.html

sistir somente sobre questões ligadas ao aborto, ao casamento homossexual e uso dos métodos contraceptivos. Isto não é possível. Eu não falei muito destas coisas e censuraram-me por isso. Mas quando se fala disto, é necessário falar num contexto. (...) Uma pastoral missionária não está obcecada pela transmissão desarticulada de uma multiplicidade de doutrinas a impor insistentemente. (...) Devemos, pois, **encontrar um novo equilíbrio**”⁵.

Ele reafirmou essa tese no primeiro aniversário de sua ascensão ao trono pontifício, em entrevista ao diretor do *Corriere della Sera*: “**Nunca entendi a expressão ‘valores não negociáveis’.** Os valores são valores, e basta, não posso dizer que entre os dedos de uma mão⁶ há um que é menos útil do que outro”⁷. E na sua primeira encíclica *Evangelii gaudium*, ao fornecer uma visão de conjunto da realidade contemporânea e os desafios que ela apresenta para a ação evangelizadora da Igreja, o Papa Francisco põe em prática o “novo equilíbrio”, falando extensamente e em termos emotivos da economia de exclusão, da idolatria do dinheiro, da desigualdade social, do secularismo e da urbanização, mas mencionando apenas de passagem, e com retraimento, o aborto e a família⁸.

⁵ <http://www.broteria.pt/component/content/article/101-entrevista-exclusiva-do-papa-francisco-as-revistas-dos-jesuitas>

⁶ Nessa citação até a analogia é incorreta, porque os fisioterapeutas afirmam que de fato existe uma hierarquia na utilidade dos dedos da mão. “**Hierarquia dos dedos** — Polegar: Sempre tem sido considerado como o dedo mais importante da mão. Intervém tanto nas pressões de força quanto nas pinças de precisão. (...) Indicador: É um elemento primordial nas pressões finas, polídigas. (...) Médio: É pouco importante do ponto de vista funcional quando é distal, exceto para a escrita e a pressão multipulpar esférica, mas muito incômodo se é proximal, pois permite a fuga dos objetos pequenos (...). Minguinho: É essencial em todas as pressões de força. É impossível utilizar um martelo sem bloquear o instrumento com os dois últimos dedos. (...) Anular: É essencial nas pressões de força, mas é o que menos incomoda nas amputações” (J. Delprat, S. Ehrler, M. Romain, J. Xenard, “Estudio de la prensión”, (<https://fr.scribd.com/document/106460939/05-Estudio-de-La-Prension>)).

⁷ http://www.corriere.it/cronache/14_marzo_04/vi-racconto-mio-primo-anno-papa-90f8a1c4-a3eb-11e3-b352-9ec6f8a34ecc.shtml

⁸ A mesma ideia foi retomada na Exortação Apostólica *Gaudete et exsultate*, publicada no quinto aniversário da inauguração de seu ministério petrino. No n° 101, o Papa Francisco escreve:

É inegável que ao longo de seu pontificado ele tem feito pronunciamentos ocasionais em defesa do direito à vida, do casamento como união de um homem e uma mulher e dos direitos dos pais, mas não só tais declarações são destiladas ao ritmo e com a dimensão que teriam se saíssem de um conta-gotas, como são contrariadas por iniciativas práticas que lhes retiram grande parte da sua eficácia pastoral.

Eis alguns exemplos de tais atuações.

Vizinhança com os promotores da demolição dos valores cristãos não negociáveis

Inúmeras têm sido as demonstrações de vizinhança e simpatia humana, e até de elogios, do Papa Francisco em relação a Marco Pannella⁹ e Emma Bonino¹⁰, líde-

“É nocivo e ideológico também o erro das pessoas que vivem suspeitando do compromisso social dos outros, considerando-o algo superficial, mundano, secularizado, imanentista, comunista, populista; ou então o relativizam, como se houvesse outras coisas mais importantes, como se interessasse apenas uma determinada ética ou um arrazoado que eles defendem. A defesa do inocente nascituro, por exemplo, deve ser clara, firme e apaixonada (...). Mas igualmente sagrada é a vida dos pobres que já nasceram e se debatem na miséria, no abandono, na exclusão, no tráfico de pessoas, na eutanásia encoberta de doentes e idosos privados de cuidados, nas novas formas de escravidão, e em todas as formas de descarte”. E no n° 102, reitera: “Muitas vezes ouve-se dizer que, em face do relativismo e dos limites do mundo atual, seria um tema marginal, por exemplo, a situação dos migrantes. **Alguns católicos afirmam que é um tema secundário relativamente aos temas ‘sérios’ da bioética.** Que fale assim um político preocupado com os seus sucessos, talvez se possa chegar a compreender; mas não um cristão, cuja única atitude condigna é colocar-se na pele do irmão que arrisca a vida para dar um futuro a seus filhos”

(https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione_ap_20180319_gaudete-et-exsultate.html).

⁹ “Entre os mais longevos atores da cena política italiana nas últimas cinco décadas, abraçou e viveu como protagonista praticamente todas as batalhas civis combatidas em nosso país: daquelas pelo divórcio e pelo aborto dos anos 60 e 70, até aquelas mais recentes pela despenalização das drogas, contra a obstinação terapêutica, pelo direito à eutanásia, e em defesa dos direitos dos presos” (Sandro Iannaccone, *Addio a Marco Pannella. Ecco la sua storia* <https://www.wired.it/attualita/politica/2016/05/19/chi-era-marco-pannella/>).

¹⁰ “Nossa Senhora das Batalhas (sic!) (...) Emma Bonino ocupa-se de política há mais de trinta anos, com métodos que têm suscitado controvérsias. A sua carreira iniciou-se, de fato, em meados dos anos 70 com a luta pela legalização do aborto na Itália e, sucessivamente,

res do Partido Radical e principais promotores da aprovação legal, na Itália, do divórcio, da contracepção e da fertilização *in vitro*, do aborto, da eutanásia e das uniões civis homossexuais.

Ele telefonou a Pannella no hospital, logo após este sofrer uma operação, e lhe deu apoio em sua campanha de crítica ao sistema carcerário¹¹. Vindo a falecer, sua morte foi pouco depois qualificada pelo arcebispo Vincenzo Paglia — presidente da Academia Pontifícia pela Vida e muito conhecido por sua proximidade com o Papa — de “uma grande perda para nosso país”, por ter sido “inspirador de uma vida mais bela não apenas para a Itália, mas para nosso mundo, que precisa mais do que nunca de homens que saibam falar como ele”¹².

O Papa Francisco telefonou também a Emma Bonino, tristemente célebre nos anos 1970 por praticar clandestinamente abortos e publicar uma foto de um deles num hebdomadário com vistas a promover a sua legalização. Falou com ela de imigrantes, de pobreza e dos naufrágios de imigrantes no Mediterrâneo¹³ e, mais tarde, numa entrevista com Massimo Franco do *Corriere della Sera*, citou-a, juntamente com o ex-presidente e antigo líder comunista Giorgio Napolitano, “entre os grandes da Itália de hoje”, por ser “a pessoa que conhece melhor a África”, acrescentando: “Dizem-me: é gente que pensa de modo distinto de nós. É verdade, mas paciência! É preciso olhar as pessoas e aquilo que fazem.”¹⁴ Concedeu

pela afirmação do divórcio e a legalização das drogas leves. (...) As posições expressas por Emma Bonino raramente são conciliadoras; pelo contrário, guerreiam contra a suposta sensibilidade comum, particularmente num país como a Itália. Por exemplo, recentemente se opôs ao Vaticano pela decisão da Igreja Católica contrária à experiência com as chamadas células estaminais (que dariam esperança de cura a pessoas afetadas de diversas patologias), manifestando diante de São Pedro com cartazes que alguns consideram blasfemos, como '*No Taliban. No Vatican*'" (in <https://biografieonline.it/biografia-emma-bonino>).

¹¹ http://www.repubblica.it/politica/2014/04/25/news/papa_pannella_sciopero_sete-84450161/

¹² <http://www.iltimone.org/35739,News.html>

¹³

http://www.repubblica.it/politica/2015/05/02/news/bonino_papa_francesco_mi_ha_telefonato_per_chiedermi_come_sto_-113373754/

¹⁴ http://www.corriere.it/cronache/16_febbraio_08/francesco-il-mio-abbraccio-fratelli-ortodossi-739bf6ee-cdf6-11e5-9bb8-c57cba20e8ac.shtml

posteriormente uma audiência privada à referida líder feminista e abortista, a qual se centrou “sobretudo nos temas dos fluxos migratórios, da acolhida aos imigrantes e de sua integração”¹⁵.

Inspirado certamente nos gestos do Papa Francisco, o cardeal-arcebispo de Nápoles, Dom Crescenio Sepe, abriu as portas do histórico santuário de Capodimonte a Emma Bonino para que ela realizasse um comício político prévio às eleições parlamentares¹⁶, gesto que foi imitado depois por outras paróquias da Itália.

Causou igualmente comoção no mundo católico o fato de a Santa Sé ter concedido a cruz da Ordem de São Gregório Magno à ex-ministra holandesa Lilianne Ploumen, conhecida pelo seu apoio ao aborto e às reivindicações do lobby LGBT¹⁷.

No mesmo sentido, foi chocante a publicidade que o quotidiano *Avvenire*, propriedade do episcopado italiano, deu a Beppe Grillo — fundador do *Movimento 5 Estrelas* e conhecido defensor do aborto e da eutanásia — precisamente no momento em que os deputados do seu movimento estavam apoiando na Câmara dos Deputados o projeto de lei sobre o chamado “testamento biológico”, um eufemismo para a eutanásia. De fato, o *Avvenire* publicou uma longa entrevista com esse líder político no mesmo dia em que o diretor do jornal dos bispos concedia uma entrevista ao *Corriere della Sera* elogiando suas posições, simultaneidade

¹⁵ <https://www.avvenire.it/papa/pagine/papa-riceve-in-udienza-emma-bonino>

¹⁶ Um grupo de fiéis do comitê pró-vida da arquidiocese escreveu ao purpurado: “Chegou ao nosso conhecimento que a cripta da Basílica da Coroada Mãe do Bom Conselho em Capodimonte, um dos corações palpitantes da fé napolitana, foi cedida com fins políticos à Sra. Emma Bonino — justamente àquela que reivindica com orgulho suas décadas de batalhas, infelizmente vitoriosas, em favor do divórcio, do aborto, da fecundação artificial, à tenaz defensora da liberalização das drogas chamadas leves e da legalização da eutanásia, todas elas iniciativas contrárias ao magistério e ao Catecismo da Igreja Católica” (*Dall'aborto all'altare: la radicale Bonino fa il comizio in chiesa*, <http://www.ilgiornale.it/news/politica/dallaborto-allaltare-radiale-bonino-fa-comizio-chiesa-1495773.html>).

¹⁷ <http://www.lepantoinstitute.org/pope-francis/pope-francis-awards-architect-safe-abortion-fund-pontifical-honor/>

definida pela TV do episcopado como sendo “a aproximação entre Movimento 5 Estrelas e o mundo católico”¹⁸.

Promotores da contracepção compulsória e do aborto convidados ao Vaticano

No dia prévio ao lançamento da encíclica *Laudato Si*, as Academias Pontifícias de Ciências e de Ciências Sociais promoveram um colóquio sobre a mudança climática, no qual falaram o então Secretário-Geral das Nações Unidas, Ban Ki-Moon, que fez a palestra principal, e o economista americano Jeffrey Sachs, um dos conselheiros da ONU para o assim chamado “desenvolvimento sustentável” — um modelo de desenvolvimento de baixo consumo que não esgotaria os recursos naturais nem comprometeria a capacidade de atender às necessidades das futuras gerações — e o principal defensor, em nível mundial, do aborto como meio para reduzir a fertilidade e exercer assim o controle populacional. Sachs sustenta que o aborto é uma “opção de risco e custo mais baixos” do que trazer uma nova vida humana ao mundo, e que a “legalização do aborto reduz o índice de fertilidade total de um país de forma significativa”¹⁹.

Em julho de 2015 a Academia Pontifícia de Ciências organizou um simpósio em conjunto com a ONU — representada pela Rede de Soluções para o Desenvolvimento Sustentável — sobre a sustentabilidade e a escravidão moderna²⁰, do qual participaram os prefeitos de grandes cidades de todo o mundo e cujas alocuções inicial e final estiveram a cargo de Jeffrey Sachs.

O chanceler da Academia, o arcebispo Marcelo Sánchez Sorondo, justificou-se dizendo que “cooperar com ou citar instituições e autores internacionalmente reconhecidos não significa endossar tudo o que eles dizem ou fazem”. Acrescentou

¹⁸ http://www.huffingtonpost.it/2017/04/19/beppe-grillo-avvenire-san-pietro-apre-la-porta-ai-barbari_a_22046504/

¹⁹ https://c-fam.org/friday_fax/quem-e-jeffrey-sachs-e-por-que-ele-estava-no-vaticano/

²⁰ <http://unsdsn.org/news/2015/07/17/sdsn-and-pontifical-academy-of-sciences-assembles-top-mayors-to-discuss-un-sustainable-development-goals/>

que o tema em discussão não era o aborto, além do que a ONU não promove o aborto, mas apenas a “saúde reprodutiva”²¹... Numa conferência de imprensa prévia ao evento, ele declarou que “ver nas Nações Unidas o demônio, como alguns da direita tendem a fazer, não é a posição da Santa Sé”²².

Em outubro de 2016 houve um novo colóquio conjunto a respeito do desenvolvimento sustentável e a juventude, cujo discurso de abertura foi pronunciado pelo mesmo Jeffrey Sachs.

No final de fevereiro de 2017 as duas Academias pontifícias abrigaram uma conferência internacional sobre o meio ambiente, na qual falaram Paul Ehrlich, autor de *A Bomba populacional*, e John Bongaarts, executivo do Conselho da População, uma ONG norte-americana que favorece a difusão da contracepção artificial desde meados da década de 1950. O primeiro havia criticado previamente a *Laudato Si* por não reconhecer a importância da contracepção e do aborto para interferir na mudança climática, e o segundo vem propondo há muito tempo a esterilização das mulheres e o aborto como métodos contraceptivos.

O Prof. Michael Pakaluk, da Universidade Católica da América, afirmou que, “nesse contexto, **os moralistas fariam de ‘cooperação formal com o mal’**”, porque a honra do convite “pode ser e será empregada por essas pessoas para promover a sua mensagem”²³.

Desnaturamento de instituições vaticanas até então na ponta de lança da defesa dos valores não negociáveis

O Instituto João Paulo II para Estudos sobre Matrimônio e Família foi completamente marginalizado no primeiro Sínodo sobre a Família. Após o clamor suscitado por tal medida, o vice-presidente daquela instituição foi incorporado antes

²¹ <https://www.firstthings.com/web-exclusives/2015/06/a-response-from-the-pas>

²² <http://www.catholicnews.com/services/englishnews/2015/bishop-says-vatican-free-to-work-with-everyone-un-is-not-devil.cfm>

²³ <https://cruxnow.com/commentary/2017/02/08/inviting-enemies-church-papal-academies-risk-perfect-storm/>

do segundo sínodo sobre o mesmo tema como “consultor da secretaria do Sínodo”, participando nele com a qualificação secundária de “colaborador do secretário especial”.

Fundado pelo Papa Wojtila e pelo então Monsenhor Carlo Caffarra, o Instituto foi provavelmente visto como um remanescente e sólido ponto de referência do ensinamento tradicional da Igreja, razão pela qual a carta apostólica *Summa Familiae cura*²⁴ o refundou em setembro de 2017 sob o nome de o Pontifício Instituto Teológico João Paulo II para as Ciências do Matrimônio e da Família. Conferiu-lhe, outrossim, uma orientação inteiramente nova, com vistas a acompanhar a “mudança antropológico-cultural que influencia hoje todos os aspectos da vida e requer uma abordagem analítica e diversificada”, a qual não permite limitar-se “a práticas da pastoral e da missão que refletem formas e modelos do passado”, mas obriga a olhar “com sábio realismo para a realidade da família hoje, em toda a sua complexidade, nas suas luzes e nas suas sombras”.

Segundo o arcebispo Vincenzo Paglia — o admirador de Pannella nomeado Grão-chanceler do novo Instituto —, com esta decisão o Papa amplia a visão, passando de uma perspectiva “concentrada apenas na teologia moral e sacramental” a outra que “leva em consideração desafios contemporâneos”²⁵.

Comentando a iniciativa, o Sr. Thomas Jansen, diretor do site internet oficial da Conferência Episcopal alemã, declarou: “O Instituto João Paulo II para os Estudos sobre Matrimônio e Família era conhecido como um bastião da resistência contra o programa de misericórdia de Francisco. Agora o Papa o dissolveu e fundou um novo”²⁶.

Também o reitor do antigo Instituto, Mons. Livio Melina, notório defensor do ensino e da prática pastoral tradicional, foi substituído por Mons. Pierangelo Se-

²⁴ http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/motu_proprio/documents/papa-francesco-motu-proprio_20170908_summa-familiae-cura.html

²⁵ <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/571873-o-papa-reforma-o-instituto-sobre-o-matrimonio-e-a-familia-fundado-por-wojtyla>

²⁶ <http://www.lanuovabq.it/it/la-guerra-a-giovanni-paolo-ii-dei-vescovi-teseschi>

queri, membro do grupo restrito que colaborou na redação da *Amoris laetitia*²⁷ e prefaciou a edição italiana da obra *Amoris laetitia: Ponto de inflexão da Teologia Moral*, na qual vários acadêmicos defendem a tese de que a exortação apostólica “representa uma mudança de paradigma para toda a teologia moral e especialmente para a interpretação da *Humanae vitae*”²⁸.

Por outro lado, a Academia Pontifícia pela Vida (PAV) foi também reestruturada e colocada sob a égide de seu novo presidente, o arcebispo Vincenzo Paglia, que acumula esse cargo com o de Grão-Chanceler do novo Instituto pela Família. Ele recebeu instruções detalhadas do Papa para colocar suas atividades “mais claramente inscritas no horizonte da misericórdia”, focalizando-as na “defesa da dignidade de todo ser humano”, na “promoção da qualidade da vida humana”, numa “autêntica ecologia humana” e no “respeito recíproco entre os sexos e as gerações”, para que a Igreja possa ser um hospital de campanha “nas vidas dos indivíduos mais ameaçados pela nova cultura da competição e do descarte”²⁹.

A fim de agilizar essa radical mudança de orientação, o arcebispo Paglia se apressou em dotar a Academia pela Vida de novos estatutos, limitando a participação de seus membros a cinco anos e cancelando as antigas nomeações a partir do 31 de dezembro último. Os estatutos preveem que as novas nomeações sejam feitas “sem nenhuma discriminação religiosa”, tendo sido removido o requisito que tornava obrigatória uma declaração de defender o ensinamento do magistério sobre o caráter sagrado da vida humana³⁰.

Entre os acadêmicos excluídos quando das novas nomeações publicadas em junho de 2017, estão Luke Gormally, Josef Seifert, John Finnis, Mercedes Wilson e Christine Vollmer — grandes defensores da sacralidade da vida em suas respectivas esferas —, Thomas William Hilgers, firme opositor à contracepção artificial e à fecundação *in vitro*, e Jaroslav Sturma, psicólogo e psicoterapeuta que considera a homossexualidade uma desordem psicoafetiva.

²⁷ <http://sinodo2015.lanuovabq.it/dicastero-per-laici-famiglia-e-vita-nomine-allinsegna-di-amoris-laetitia/>

²⁸ <https://www.lifesitenews.com/news/humanae-vitae-critics-appointed-to-pontifical-academy-for-life>

²⁹ <https://cruxnow.com/vatican/2016/08/18/pope-issues-marching-orders-new-pro-life-leader/>

³⁰ http://de.radiovaticana.va/news/2016/11/05/p%C3%A4pstliche_akademie_f%C3%BCrs_leben_stellt_sich_neu_auf/1270358 e <http://www.votocatolico.co/2017/02/papa-francisco-ha-vaciado-la-pontificia.html>

Pelo contrário, entre os 45 novos membros nomeados pelo Papa se encontram Niggel Biggar — professor de Oxford e pastor anglicano para quem o aborto deveria ser legal até “18 semanas após a concepção” e uma criança por nascer “não é o mesmo que um adulto”, não merecendo, portanto, “o mesmo tipo de tratamento”³¹ — e o rabino Avraham Steinberg, segundo o qual o embrião não tem status humano antes de 40 dias e um “certo status” depois, pelo que em alguns casos “o aborto é permissível”, embora ele reconheça tratar-se de algo que “é inaudito do ponto de vista católico”³².

Foram igualmente confirmados: a professora Katarina Leblanc, docente no Karolinska Institut, no qual conduz pesquisas com células estaminais derivadas de embriões supranumerários fecundados artificialmente³³; Angelo Vescovi, que trabalha com células estaminais adultas, mas jamais se manifestou contrário às pesquisas com células embrionárias; o Pe. Humberto Miguel Yáñez, da Universidade Gregoriana, para quem a contracepção artificial é por vezes lícita³⁴; e o Pe. Maurizio Chiodi, que nunca ocultou suas críticas a certos ensinamentos de *Humanae vitae* e *Donum vitae*³⁵ e cujo grupo de estudos se uniu à campanha em favor do projeto de lei que legalizou a interrupção da alimentação e a hidratação de pacientes terminais sob o pretexto de “proporcionalismo” e de respeito às diferentes religiões e posturas éticas³⁶. Outro novo membro é o teólogo alemão Gerhard Höver, autor de um artigo no próprio site da Academia no qual alega que o termo “intrinsecamente mau” é demasiadamente restritivo e não consegue reconhecer a parte de “regularidade” existente nas situações “irregulares”³⁷.

³¹ <http://standpointmag.co.uk/node/3990/full>

³² <http://catholicherald.co.uk/news/2017/06/16/new-members-of-vatican-pro-life-academy-have-defended-abortion-and-contraception/>

³³ <http://www.lanuovabq.it/it/articoli-lo-scandalo-della-pontificia-accademia-per-la-vitapaglia-copre-i-nuovi-membri-ecco-le-prove-20202.htm>

³⁴ <https://www.avvenire.it/chiesa/pagine/matrimonio-e-sessualit-il-primato-della-coscienza->

³⁵ <http://www.lanuovabq.it/mobile/articoli-accademia-dellavita-lo-spoilsystem-vaticano-20149.htm>

³⁶ <http://infocatolica.com/?t=noticia&cod=29701>

³⁷ http://www.academyforlife.va/content/dam/pav/documenti%20pdf/2018/01_Hoever_pdf.pdf

Austen Ivereigh, autor da principal biografia do Papa Francisco, justificou essas nomeações dizendo que “a ideia de que a Pontifícia Academia pela Vida tinha de ser um enclave para os ideologicamente puros foi uma aberração que gerou, na prática, problemas sem fim. (...) Quando o Papa Francisco reescreveu os estatutos da PAV e nomeou Paglia como chefe da Academia, ele quis precisamente evitar aquelas situações em que pessoas com convicções profundamente conservadoras pudessem criar uma espécie de contra-magistério, semeando a confusão a respeito do que a Igreja ensina”³⁸.

Na realidade, é precisamente o contrário: são esses antigos acadêmicos que defendem o que a Igreja sempre ensinou, enquanto o atual magistério — como foi repetidamente assinalado — semeia a confusão sobre aquilo que a Igreja atualmente ensina.

Essa situação paradoxal levou um grupo de intelectuais católicos a fundar em novembro de 2017 a Academia João Paulo II pela Vida Humana e a Família, com o fim de retomar os objetivos originários daquela criada pelo Papa Wojtila e, assim, “rejeitar os horríveis males e erros que modelam a sociedade moderna e penetraram até pelas portas do santuário da Igreja, expondo claramente e vivendo a verdade a respeito da vida humana e da vida”³⁹.

Nova posição vaticana abre um batente da porta à eutanásia

As tomadas de posição do Papa Francisco concernentes ao fim de vida também destoam das de seus predecessores imediatos. Por exemplo, causaram perplexidade o longo silêncio e a passividade da Santa Sé entre fevereiro e julho de 2017, quando os pais do menino inglês Charlie Gard lutavam nos tribunais ingleses contra a administração sanitária para que seu filho, afetado por uma doença rara e mortal, não fosse “desligado”, mas pudesse receber um tratamento fora do país.

Enquanto o cardeal Carlo Caffarra declarava que “chegamos à estação terminal da cultura da morte: são as instituições públicas, os tribunais, a decidirem se um

³⁸ <https://cruxnow.com/commentary/2017/06/20/academy-life-no-longer-enclave-ideologically-pure/>

³⁹ <https://www.lifesitenews.com/news/breaking-catholic-laity-launch-new-academy-for-life-after-pope-francis-gutt>

menino tem ou não tem o direito de viver, até mesmo contra a vontade de seus pais; chegamos ao fundo da barbárie”⁴⁰, o presidente da Pontifícia Academia pela Vida, Dom Vincenzo Paglia, tomava abertamente o partido dos médicos ingleses que haviam declarado a pena de morte ao menino de 11 meses, dizendo que devia ser “evitada toda obstinação terapêutica”, apesar de tratar-se claramente de um caso de eutanásia e não de suspensão de uma terapia desproporcionada⁴¹.

Surpreendeu igualmente a mensagem enviada pelo Papa Francisco aos participantes da reunião regional europeia da Associação Médica Mundial, organizada no Vaticano em conjunção com a Academia Pontifícia pela Vida e a participação de vários palestrantes que se opõem ao magistério da Igreja em matéria de fim de vida⁴².

Nela, o pontífice declarou: “As intervenções no corpo humano se tornaram cada vez mais eficazes, mas nem sempre são resolutivas: podem sustentar funções biológicas que se tornaram insuficientes, ou até substituí-las, mas isso não equivale a promover a saúde. Por conseguinte, é necessário um suplemento de sabedoria, porque hoje é mais insidiosa a tentação de insistir com tratamentos que produzem fortes efeitos no corpo, mas por vezes não beneficiam o bem integral da pessoa.”⁴³

O professor de Bioética Tommaso Scandroglio retrucou que prolongar a vida com meios proporcionados, ainda que com uma qualidade de vida inferior, não é uma “obstinação terapêutica”, mas uma obrigação moral, tanto para o paciente quanto para o médico. Isso porque a proporção não se mede em relação ao efeito “bem-estar”, mas ao efeito positivo “vida”. Além do mais, se a intervenção médica é “eficaz”, como reconhece o Papa, não constitui obstinação terapêutica, mesmo que não seja “resolutiva”: o uso de óculos não corrige, mas resolve o de-

⁴⁰ <http://www.ilgiornale.it/news/cronache/caffarra-su-charlie-gard-fermatevi-nome-dio-1415087.html>

⁴¹ <http://www.lanuovabq.it/it/il-pavido-assenso-di-vescovi-e-alti-prelati>

⁴² <https://www.radiospada.org/2017/11/noi-ridiamo-e-scherziamo-ma-in-vaticano-si-e-fatta-la-grande-ammucchiata-pro-morte/>

⁴³ https://w2.vatican.va/content/francesco/it/messages/pont-messages/2017/documents/papa-francesco_20171107_messaggio-monspaglia.html

feito da visão. Igualmente desconcertante é a passagem onde o pontífice afirma que corresponde ao paciente, “em diálogo com os médicos”, “avaliar os tratamentos que lhe são propostos e julgar sobre a sua efetiva proporcionalidade na situação concreta”, enquanto o Catecismo da Igreja Católica especifica que a sua vontade deve ser respeitada se ela for razoável, pois do contrário abre a porta para a eutanásia. Finalmente — em vista de casos como o do menino Charlie Gard⁴⁴ e de outros mais recentes, como aquele igualmente dramático de Alfie Evans —, a insinuação de que o verdadeiro perigo nos hospitais seria a obstinação terapêutica, e não a eutanásia é ilusória.

Para o pesquisador Federico Catani, porém, “o ponto mais preocupante do discurso é aquele no qual o Papa Francisco acena para um acordo entre as várias correntes em luta, e até mesmo para a aprovação de uma eventual legislação em matéria de fim de vida: ‘No seio das sociedades democráticas, tópicos delicados como esses devem ser confrontados com calma: de modo sério e refletido, e bem dispostos a encontrar soluções — mesmo normativas — tanto quanto possível compartilhadas. Por um lado, de fato, deve-se ter em conta a diversidade de visões do mundo, as convicções éticas, as afiliações religiosas, em um clima de recíproca escuta e aceitação’ ”⁴⁵.

Parece incrível, mas um juiz inglês se serviu da mensagem papal como argumento para autorizar a eutanásia passiva do menino Alfie Evans, afetado por uma doença cerebral. Após meses de disputa dos pais contra um hospital de Liverpool, uma sentença judicial de 20 de fevereiro de 2018, baseada nas palavras do Papa Francisco, autorizou os médicos a suspender a ventilação e a nutrição da criança. Após a rejeição do recurso apresentado pelos progenitores diante da Corte Europeia dos Direitos Humanos, o pai de Alfie — que é católico, assim como o filho — declarou: “Não temos mais vias legais para defender nosso filho, que quer viver, enquanto médicos e juízes não veem a hora em que esteja morto. Imploramos ao Papa Francisco que intervenha. É o único que pode nos defender”⁴⁶.

⁴⁴ <http://lanuovabq.it/it/papa-ed-eutanasia-un-intervento-problematico>

⁴⁵ <https://fratresinunum.com/2017/11/23/notas-de-perplexidade-acerca-da-mensagem-do-papa-francisco-sobre-o-final-da-vida/>

⁴⁶ <http://lanuovabq.it/it/la-cedu-nega-il-ricorso-papa-francesco-aiuti-alfie> No dia 4 de abril de 2018, o Papa Francisco rompeu o silêncio sobre o caso de Alfie Evans com um *tweet*. No dia 13 de

Segundo o arcebispo Vincenzo Paglia, “a decisão [do juiz] não pretendia encurtar a vida, mas suspender uma situação de obstinação terapêutica”⁴⁷, deixando claro, como comentou o Prof. Tommaso Scandroglio, que “para o presidente da Academia Pontifícia pela Vida permitir a um paciente de continuar a viver numa condição de deficiência é obstinação terapêutica” e não “ato impreterível de cura”, uma vez que “o ventilador que mantém Alfie com vida não é um tratamento desproporcionado aos fins visados, mas absolutamente proporcionado ao seu fim próprio, ou seja, oxigená-lo e, portanto, mantê-lo com vida”. A decisão dos médicos — conclui o especialista — “baseia-se no princípio da qualidade de vida, e não no respeito à dignidade da pessoa, incluída a deficiente”⁴⁸.

Sob o pretexto de que “a diversidade de opiniões na Igreja constitui uma riqueza”, o presidente da PAV afirma que “as leis de um Estado representam uma mediação entre posições diferentes”⁴⁹, como se tal mediação fosse sempre aceitável, ainda quando violasse valores não negociáveis.

Silêncio pontifício em votações cruciais

Já havia causado perplexidade o silêncio da Santa Sé durante o debate final que levou à aprovação legislativa na Assembleia Nacional francesa, no dia 13 de

abril falou dele durante a recitação dominical do *Regina coeli*, e no dia 18 do mesmo mês encontrou-se com o pai do menino, Tom Evans. Paralelamente às intervenções do Papa, também Dom Paglia pronunciou-se em defesa da vida de Alfie. Não fizeram o mesmo os bispos ingleses, para os quais as críticas aos médicos do hospital de Liverpool onde o menino estava sendo tratado são “infundadas”. É preciso notar, porém, que os pronunciamentos do Papa e do arcebispo Paglia ocorreram somente após terem recebido muitíssimas pressões dos protagonistas do caso e da opinião pública e jamais desmentiram aquilo que haviam dito anteriormente em matéria de eutanásia. E, aliás, não serviram para salvar a vida do menino (<http://magister.blogautore.espresso.repubblica.it/2018/04/23/la-pasqua-di-alfie-evans-giorno-dopo-giorno-una-cronologia/>).

⁴⁷ <https://www.tempi.it/alfie-evans-per-monsignor-paglia-si-tratta-di-sospendere-una-situazione-di-accanimento-terapeutico#.WqKt9ijwY2w>

⁴⁸ <http://lanuovabq.it/it/via-libera-di-monsignor-paglia-alluccisione-di-alfie>

⁴⁹ <https://www.tempi.it/alfie-evans-per-monsignor-paglia-si-tratta-di-sospendere-una-situazione-di-accanimento-terapeutico#.WqKt9ijwY2w>

maio de 2013, do projeto de lei de “casamento para todos”. Tal perplexidade aumentou ainda mais diante do mutismo das instâncias vaticanas a propósito do referendo na Irlanda para modificar a Constituição e consagrar o pseudo-casamento homossexual em nome de uma pretensa “igualdade matrimonial”.

A Santa Sé se omitiu até mesmo quando bispos dos respectivos países fizeram declarações favoráveis ou ambíguas em relação a tais propostas, limitando-se, no caso da Irlanda, a declarar *a posteriori*, pela voz do Secretário de Estado, cardeal Pietro Parolin, que o resultado foi “uma derrota para a humanidade”⁵⁰.

Na Itália, enquanto se discutia a Lei Cirinnà de legalização das uniões civis homossexuais, o Papa Francisco, em uma entrevista de imprensa enquanto retornava de uma viagem apostólica, à pergunta de um jornalista sobre “o tema das adoções [de crianças] por parte das uniões civis”, esquivou-se de se pronunciar, declarando o seguinte:

“Antes de tudo, não sei como estão as coisas no Parlamento Italiano. O Papa não se intromete na política italiana. Na primeira reunião que tive com os bispos [italianos], em maio de 2013, uma das três coisas que disse foi esta: ‘Com o governo italiano, entendi-vos vós!’ Porque o Papa é para todos, e não pode entrar na política concreta, interna de um país: o papel do Papa não é este. E aquilo que penso eu é o que pensa a Igreja; e já o disse em tantas ocasiões. Porque este não é o primeiro país que faz esta experiência: são muitos”⁵¹.

Mais eloquente ainda foi a atitude do novo Núncio Apostólico no México, que — em pleno debate sobre o mal chamado “matrimônio igualitário”, durante uma conferência de imprensa na Basílica de Guadalupe — repreendeu publicamente os bispos daquele país por sua cruzada contra os casamentos homossexuais, dizendo que “os mexicanos, mais do que se enfrentarem, fazerem proclamações ou marchas, têm que se sentar a uma mesa e conversar”, e arrematando: “Uma das

⁵⁰ <http://www.irishtimes.com/news/social-affairs/religion-and-beliefs/vatican-calls-irish-referendum-a-defeat-for-humanity-1.2226957>

⁵¹ http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/february/documents/papa-francesco_20160217_messico-conferenza-stampa.html

coisas que nos recomenda o Papa Francisco é estar atento ao clericalismo; significa que os sacerdotes não queiram fazer tudo”⁵².

A Igreja está agindo como “se não tomasse seus ensinamentos a sério”

O conjunto desses pronunciamentos, medidas administrativas e atitudes simbólicas exprimem uma radical mudança de atitude, ou de paradigma, da parte dos órgãos da Santa Sé em relação aos “valores não negociáveis” dos anteriores pontificados. A Igreja Católica aparece cada vez mais como tendo cessado a guerra contra o avanço da imoralidade e aceito os frutos da “revolução sexual” como efeito secundário da uma “mudança antropológica”. Essa imagem produz um resultado desastroso nas fileiras dos católicos e, notadamente, entre os militantes das causas pró-vida e pró-família. Aquilo que o Pe. Shenan Boquet, presidente de *Human Life International*, disse a respeito das escandalosas nomeações para a Academia pela Vida vale para todas as demais iniciativas acima referidas: “Quaisquer que sejam as admiráveis intenções da liderança da Academia Pontifícia pela Vida, o efeito da nomeação de um membro pro-aborto no mundo real é o mesmo que se tivesse nomeado um promotor pró-escravidão: a aparência aos olhos do público é de que a Igreja não toma seus ensinamentos contra o aborto tão seriamente como no passado. Isso tem um impacto direto no campo de ação dos militantes pró-vida: eles ficam expostos à acusação de querer ser ‘mais católicos’ que o Vaticano”⁵³.

⁵² <http://www.eluniversal.com.mx/articulo/nacion/sociedad/2016/11/7/rechaza-nuncio-apostolico-mediador-de-matrimonio-igualitario>

⁵³ <https://cruxnow.com/commentary/2017/06/26/pontifical-academy-life-must-unapologetically-pro-life/>

Capítulo 2

Promoção da agenda neomarxista e altermundialista dos “movimentos sociais”

Para a doutrina católica, o comunismo é “intrinsecamente perverso”¹. Porém, movimentos marxistas e regimes de esquerda do mundo inteiro veem no Papa Francisco um ponto de referência. O atual pontífice tem-se de fato mostrado muito próximo das reivindicações desses grupos ou governos. A despeito dos resultados desastrosos do “socialismo real” — por exemplo, o martírio de muitos cristãos e a difusão da miséria — e de seu caráter antinatural, Francisco tem afirmado várias vezes que o comunismo roubou a bandeira do Cristianismo na luta a favor dos pobres, dando a impressão de que se trata de uma ideia que, afinal de contas, é bem intencionada. E a geopolítica vaticana parece hoje cultivar um relacionamento privilegiado com regimes que da Venezuela até a China se inspiram mais ou menos diretamente no socialismo real, qualificado no pontificado de João Paulo II de “vergonha de nosso tempo” pelo então cardeal Joseph Ratzinger no célebre documento Libertatis Nuntius, o qual condenava a Teologia da Libertação.

Em uma conferência de imprensa logo após sua visita ao Vaticano, o ditador cubano Raúl Castro declarou: “Leio todos os discursos do Papa. Se seguir assim, eu voltarei para a Igreja Católica, mesmo sendo membro do Partido Comunista.”²

¹ “O comunismo é intrinsecamente perverso e não se pode admitir em campo nenhum a colaboração com ele, da parte de quem quer que deseje salvar a civilização cristã. E, se alguns, induzidos em erro, cooperassem para a vitória do comunismo no seu país, seriam os primeiros a cair como vítimas do seu erro” (Pio XI, encíclica Divini Redemptoris, n° 58, https://w2.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_19370319_divini-redemptoris.html)

² <http://www.abc.es/internacional/20150510/abci-papa-castro-vaticano-201505101048.html>

Simples recuperação política³? Ou as posições do Papa são realmente próximas do comunismo? Eis a questão.

O Papa Francisco tem-se defendido reiteradamente da acusação de ser comunista com o argumento de que se limita a defender os pobres contra as injustiças de que são vítimas. Entretanto, ele tem manifestado amizade por personalidades comunistas em diversas ocasiões e parece julgar que o único erro do marxismo consiste no fato de querer transformar a luta dos pobres em ideologia.

Propensão a simpatizar com o comunismo

Eugenio Scalfari, ateu confesso e fundador do jornal italiano laicista *La Repubblica*, teve alguns encontros de diálogo com o Papa, relatados depois por ele em artigos que causaram sensação. Scalfari afirmou não ter gravado, mas apenas anotado tais conversas⁴. Após um encontro no dia 7 de outubro de 2016, ele relata o seguinte diálogo: “O senhor sonha com uma sociedade dominada pela igualdade. Isso, como o senhor sabe, é o programa do socialismo marxiano e depois do comunismo. O senhor pensa então numa sociedade de tipo marxiano?” Resposta do Papa Francisco: “Muitas vezes foi dito e minha resposta sempre tem sido que, em todo caso, **são os comunistas que pensam como cristãos**. Cristo falou de uma sociedade na qual são os pobres, os fracos, os excluídos que devem

³ Detalhes sobre o significado do encontro entre o Papa Francisco e Raúl Castro encontram-se em Armando Valladares, “Francisco, el nuncio y el tirano”, 12-05-2015, in <http://www.cubdest.org/1506/c1505castrorom.htm>

⁴ Após a primeira entrevista com Eugenio Scalfari, o Padre Lombardi, na época porta-voz do Vaticano, disse que as palavras que apareciam entre aspas na *Repubblica* eram uma reconstituição de memória, pelo que não todas as expressões referidas podiam ser atribuídas com segurança ao Papa. Ocorre que Scalfari, num colóquio internacional de jornalistas, contou que antes de publicar a entrevista enviou-a ao Papa e obteve a aprovação para a publicação de seu secretário, fato jamais desmentido. Mais ainda, as frases controvertidas foram todas retranscritas *ipsis litteris* e sem nenhuma modificação no *Osservatore Romano*, no livro *Entrevistas e conversações com os jornalistas*, publicado pela Livraria Editrice Vaticana, e no site do Vaticano onde estiveram on-line vários meses, com o que órgãos oficiosos da Santa Sé têm dado crédito à verossimilhança de seu conteúdo. É digno de nota que o Papa Francisco nunca desmentiu formalmente as palavras a ele atribuídas por Eugenio Scalfari, apesar da perplexidade expressa por muitos fiéis, que legitimamente interpretam seu silêncio como uma aprovação: *qui tacet consentire videtur*.

decidir. Não os demagogos, não os Barrabás, mas o povo, os pobres, tenham ou não fé no Deus transcendente, são eles que devemos ajudar para obter a igualdade e a liberdade”⁵.

Uma jornalista do *Il Messaggero* lhe diz: “O senhor passa por ser um Papa comunista, pauperista, populista. O *Economist*, que lhe dedicou uma capa, afirma que o senhor fala como Lenin. O senhor se reconhece nessas roupagens?”. O Papa responde: “Eu digo apenas que **os comunistas roubaram a bandeira**. A bandeira dos pobres é cristã. A pobreza está no centro do Evangelho. Tomemos Mateus 25 (...) ou olhemos as Bem-aventuranças, outra bandeira. **Os comunistas dizem que tudo isso é comunista. Sim, claro, vinte séculos depois. Então, quando eles falam, poder-se-ia lhes dizer: mas vocês são cristãos (ri)**”⁶.

Em uma entrevista com cinco jovens belgas, reafirmando seu amor pelos pobres, afirmou: “Precisamente por isso, dois meses atrás, uma pessoa disse: ‘Esse Papa é comunista!’ Não! Essa é uma bandeira do Evangelho, não do comunismo. É a pobreza sem ideologia (...) Basta ler o Evangelho. O problema é que ao longo da história, algumas vezes essa atitude para com os pobres tem sido convertida em ideologia”⁷. Num livro-entrevista com o intelectual francês Dominique Wolton, ele repetiu: “Disseram-me uma vez: ‘Mas o senhor é comunista!’ Não. **Os comunistas são os cristãos. Foram os outros que nos roubaram a bandeira!**”⁸

Durante uma entrevista com o vaticanista Andrea Tornielli, publicada no jornal *La Stampa*, de Turim, à pergunta “que efeito lhe faz ver-se definido como ‘mar-

5

http://www.repubblica.it/vaticano/2016/11/11/news/intervista_del_papa_a_repubblica_abbattere_i_muri_che_dividono_bisogna_costruire_ponti_-151774646/. Ou alternativamente <http://www.osservatoreromano.va/it/news/abbattere-i-muri>

6

http://www.ilmessaggero.it/PRIMOPIANO/VATICANO/papa_francesco_serve_argin_e_deriva_morale/notizie/770510.shtml#fg-slider15

⁷ <http://www.abc.es/sociedad/20140404/abci-papa-francisco-comunismo-201404041917.html>

⁸ Dominique Wolton, *Politique et société : Pape François, rencontres avec Dominique Wolton*, ed. L’Observatoire, Paris, 2017, p. 227.

xista’?”, respondeu: “A ideologia marxista é errada. Mas na minha vida tenho conhecido muitos marxistas bons como pessoas, e por isso não me sinto ofendido”⁹

De fato, em entrevista com Marcelo López Cambroner e Feliciano Merino, autores de *Francisco, o papa manso*, ele teceu muitos elogios a Esther Ballestrino de Careaga, uma exilada paraguaia comunista que foi seu chefe em um laboratório e que o introduziu no pensamento político, ajudando-o a ter uma consciência clara de que o capitalismo é essencialmente injusto¹⁰.

Por sua vez, no livro *Conversaciones con Jorge Bergoglio*, de Sergio Rubin e Francesca Ambrogetti, o Papa, falando de sua juventude, declara: “Minha cabeça não estava posta apenas nas questões religiosas... Lia *Nuestra Palabra y Propósitos*, uma publicação do partido comunista, e encantavam-me todos os artigos de um de seus conspícuos membros [...] Leónidas Barletta”¹¹.

E no já citado livro-entrevista com Dominique Wolton, perguntado se depois da infância e da adolescência tinha encontrado mulheres que o marcaram, respondeu, referindo-se a Esther Ballestrino: “Sim. Houve uma que me ensinou a pensar a realidade política. Ela era comunista. (...) Ela me dava livros, todos comunistas, mas ela me ensinou a pensar a política. Devo tanto a esta mulher. (...) Devo muito a esta mulher, porque é a mulher que me ensinou a pensar. (...) Esta mulher realmente me ensinou a pensar”¹².

“A desigualdade é a raiz dos males sociais”

De fato, para o Papa Francisco o ideal cristão é o de uma sociedade sem classes sociais. A um menino da Fábrica da Paz que lhe perguntou: “Papa, segundo a

⁹ <http://www.lastampa.it/2013/12/15/esteri/vatican-insider/it/mai-avere-paura-della-tenerezza-1vmuRIcbjQID5BzTsnVuvK/pagina.html>

¹⁰ <https://es.zenit.org/articles/entrevista-a-los-autores-de-libro-documento-francisco-el-papa-manso/>

¹¹ Sergio Rubin y Francesca Ambrogetti, *El Papa Francisco. Conversaciones con Jorge Bergoglio*, p. 50.

¹² Dominique Wolton, *Politique et société : Pape François, rencontres avec Dominique Wolton*, ed. L’Observatoire, Paris, 2017, pp. 376-377 e 379.

tua opinião, seremos um dia todos iguais?”, ele respondeu: “A esta pergunta se pode responder de duas maneiras: somos todos iguais — todos! — mas não nos reconhecem essa verdade, não nos reconhecem essa igualdade e por isso alguns são mais — digamos a palavra, mas entre aspas — ‘felizes’ que os demais. Mas isso não é um direito! Todos temos os mesmos direitos! Quando não se vê isso, essa sociedade é injusta. Não vive segundo a justiça.”¹³

Na sua exortação apostólica *Evangelii gaudium*, na seção “Não à desigualdade social que gera violência”, o Papa Francisco afirma que “enquanto não se eliminar a exclusão **e a desigualdade dentro da sociedade e entre os vários povos** será impossível desarraigar a violência”, e acrescenta que “isto não acontece apenas porque a desigualdade social provoca a reação violenta de quantos são excluídos do sistema, mas porque **o sistema social e econômico é injusto na sua raiz**”. E ainda que “a desigualdade social gera uma violência que as corridas armamentistas não resolvem nem poderão resolver jamais”¹⁴. Em resumo, para ele, “**a desigualdade é a raiz dos males sociais**”¹⁵, destoando da doutrina social católica, a qual ensina que a raiz de todos os males (inclusive dos males sociais) é o pecado, e que a igualdade essencial dos homens — todos igualmente filhos de Deus e herdeiros do Céu — não se opõe à desigualdade acidental resultante de seus variados talentos, diligência, educação e condição¹⁶.

¹³ <http://www.news.va/es/news/a-los-ninos-y-muchachos-que-participan-en-una-mani>

¹⁴ n° 59, 60 e 202

https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html

¹⁵ Ibid.

¹⁶ Ensina Leão XIII: “Ninguém duvida que todos os homens são iguais uns aos outros, tanto quanto se refere à sua origem e natureza comuns, ou o fim último que cada um deve atingir, ou os direitos e deveres que são daí derivados. Mas, como as habilidades de todos não são iguais, como um difere do outro nos poderes da mente e do corpo, e como há realmente muitas dessemelhanças de maneiras, disposição, e caráter, é extremamente repugnante à razão esforçar-se por confinar todos dentro da mesma medida, e estender completa igualdade às instituições da vida civil” (Encíclica *Humanum Genus*, http://w2.vatican.va/content/leo-xiii/pt/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_18840420_humanum-genus.html).

Promoção da Teologia do Povo e da Teologia da Libertação

Não é de estranhar que sendo favorável a uma sociedade sem classes, o Papa Francisco simpatize com a Teologia da Libertação, sobretudo na sua versão argentina, a qual é conhecida como “Teologia do Povo”¹⁷ e foi idealizada por dois de seus mestres, os sacerdotes Lucio Gera¹⁸ e Juan Carlos Scannone¹⁹. A única diferença com as outras versões dessa teologia errônea é que, em lugar de atribuir o papel de força propulsora na construção do “Reino” a agrupações políticas ou sindicais de esquerda — em geral laicistas —, a corrente argentina da Teologia da Libertação tem uma matriz gramsciana e um viés terceiro-mundista/peronista, atribuindo esse papel revolucionário ao próprio povo latino-americano em luta contra o imperialismo anglo-saxão²⁰ e reconhecendo no dinamismo de suas crenças religiosas o maior potencial revolucionário²¹.

¹⁷ Para uma visão sumária da origem e propostas da Teologia do Povo, ver a entrevista com Juan Carlos Scannone in <http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/542642-o-papa-francisco-e-a-teologia-do-povo-entrevista-especial-com-juan-carlos-scannone>

¹⁸ Em testemunho de simpatia e reconhecimento pelo seu trabalho, Jorge Mario Bergoglio, então cardeal-arcebispo de Buenos Aires, fez enterrar o Pe. Lucio Gera na cripta da catedral de Buenos Aires.

¹⁹ “Juan Carlos Scannone é jesuíta, foi professor de diversas universidades latino-americanas e europeias, incluindo a Pontifícia Universidade Gregoriana. É ex-reitor da Faculdade de Filosofia e Teologia de San Miguel, da Universidade del Salvador. É considerado o maior teólogo argentino vivo. Discípulo de Karl Rahner, participou como protagonista da evolução do intenso debate pós-conciliar na América Latina” (<http://www.ihu.unisinos.br/184-conferencistas/574652-prof-dr-juan-carlos-scannone-argentina>).

²⁰ “Embora não tome a luta de classes como ‘princípio hermenêutico determinante’ da compreensão da sociedade e da história, [a Teologia do Povo] dá lugar histórico ao conflito — mesmo de classe —, concebendo-o a partir da unidade prévia do povo. Desse modo, a injustiça institucional e estrutural é compreendida como traição a este por uma parte do mesmo, que se converte assim em antipovo”, afirma Juan Carlos Scannone na entrevista citada em nota anterior.

²¹ Na entrevista com Dominique Wolton, Francisco explica a diferença: “Nos anos 1980 havia uma tendência à análise marxista da realidade, mas depois foi renomeada como a ‘teologia do povo’. Não gosto muito do nome, mas é assim que a conheci. Ir com o povo de Deus e fazer a teologia da cultura. Há um pensador que o senhor deveria ler: Rodolfo Kusch, um alemão que vivia no nordeste da Argentina, um muito bom filósofo e antropólogo. Ele me fez compreender uma coisa: que a palavra ‘povo’ não é uma palavra lógica. É uma palavra

A preferência pela Teologia do Povo argentina levou o Papa Francisco a “reabilitar” o fundador de sua matriz — ou seja, a Teologia da Libertação —, o sacerdote Gustavo Gutiérrez, recebendo-o em audiência privada no Vaticano apenas seis meses após sua eleição²². Ele também deu um prefácio de próprio punho e letra ao livro *Pobre para os pobres. A missão da Igreja*, escrito pelo cardeal Gerhard Müller, discípulo do Pe. Gutiérrez, o qual contém uma colaboração deste último. Na ocasião de sua apresentação, o Pe. Federico Lombardi, então porta-voz da Santa Sé, declarou que a Teologia da Libertação “entrou agora definitivamente na normalidade da vida da Igreja”²³. Antes disso, a partir de setembro de 2013, o *Osservatore Romano* já tinha começado a dedicar amplo espaço aos escritos de Gustavo Gutiérrez²⁴.

mítica. Não se pode falar de povo logicamente, porque seria somente fazer uma descrição. Para compreender um povo, compreender quais são os valores desse povo, é preciso entrar no espírito, no coração, no trabalho, na história e no mito de sua tradição. Esse ponto está verdadeiramente na base da teologia chamada ‘do povo’. Quer dizer, ir junto com o povo, ver como se exprime” (op. cit., pp. 47-48). Comentando essa passagem, o vaticanista Sandro Magister acrescenta um dado interessante: “Kusch se inspirou na filosofia de Heidegger para distinguir entre ‘ser’ e ‘estar’, qualificando com a primeira categoria a visão racionalista e dominadora do homem ocidental e, com a segunda, a visão dos povos indígenas latino-americanos em paz com a natureza que os rodeia e animados justamente de um ‘mito’” (<http://magister.blogautore.espresso.repubblica.it/2017/09/18/il-mito-del-pueblo-francesco-svela-chi-glielo-ha-raccontato/>).

²² Ademais, em agosto de 2014, o Papa Francisco derogou a suspensão *a divinis* do exercício sacerdotal dos sacerdotes Ernesto Cardenal, Fernando Cardenal, Miguel d'Escoto e Edgard Parrales, ministros “liberacionistas” do governo sandinista da Nicarágua, a qual havia sido imposta por João Paulo II em 1984.

(<http://www.periodistadigital.com/religion/opinion/2017/06/27/religion-iglesia-opinion-saturnino-rodriguez-la-teologia-de-la-liberacion-iii-teologia-de-la-liberacion-en-la-actualidad-futuro-esperanzado-papa-francisco.shtml>).

²³ <http://www.rossoporpora.org/rubriche/interviste-a-cardinali/346-maradiaga-mueller-e-gutierrez-chiesa-povera-per-i-poveri.html>

²⁴ Ver *La Stampa*, “L’Osservatore Romano riabilita la Teologia della liberazione” (<http://www.lastampa.it/2013/09/03/vaticaninsider/ita/vaticano/losservatore-romano-riabilita-la-teologia-della-liberazione-HgyXjIAMrXsKYBYxupTAJ/pagina.html>)

Aliança com os “Movimentos sociais” de inspiração marxista

Pondo na prática os postulados da Teologia da Libertação, o Papa Francisco tem usado o prestígio de seu cargo a serviço dos chamados “movimentos sociais”, que não escondem sua clara orientação marxista. Esse apoio vai notadamente para o Encontro Mundial de Movimentos Populares, “uma plataforma construída por diversos movimentos populares em torno ao convite de Francisco a que os pobres e os povos organizados não se resignem e sejam protagonistas do (processo) de mudança”²⁵.

Na realidade, dita plataforma foi o resultado prático de um seminário que a Academia Pontifícia de Ciências chefiada pelo arcebispo Marcelo Sánchez Sorondo organizou em Roma no dia 5 de dezembro de 2013 sobre a “A emergência das pessoas socialmente excluídas”, a cujo respeito nós trataremos mais amplamente nos capítulos seguintes. Para esse seminário foram convidados líderes confessadamente marxistas do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra do Brasil-MST (João Pedro Stédile), do Movimento dos Trabalhadores Excluídos da Argentina (Juan Grabois) e da organização internacional Via Campesina, os quais tiveram todas as despesas de viagem pagas pelo Vaticano.

Convém lembrar que se trata de movimentos para os quais “a estrada das mudanças pela via institucional parece decisivamente bloqueada” e que não hesitam em recorrer “à prática das ocupações de massa” — ou seja, à invasão sistemática de propriedades — a fim de abrir “outro espaço” de confrontação e fazer com que “a curva da luta de classes [seja] mundial” e entre numa nova “fase de ascensão” que faça a terra tremer²⁶. Para tais movimentos, só quando a economia for “socializada e planificada”²⁷ é que se poderá realizar a “sociedade sem explorados nem exploradores”, o que implica “uma intervenção fortíssima do Estado”²⁸. Em 2003, o líder do MST chegou a declarar: “Queremos a socialização dos

²⁵ <http://movimientospopulares.org/es/emmp-2/>

²⁶ <http://www.adista.it/articolo/53494>

²⁷ <http://www.cartoneando.org.ar/content/capitalismo-popular-una-variante-salvaje-del-modelo-por-juan-grabois>

²⁸ <http://www.economiapopular.coop/juan-grabois>

meios de produção. Vamos adaptar as experiências cubana e soviética ao Brasil”²⁹.

Pregação marxista nos Encontros Mundiais de Movimentos Populares

Até agora houve três Encontros Mundiais de Movimentos Populares.

O primeiro deles foi realizado de 27 a 29 de outubro de 2014 no próprio Vaticano e teve como principal participante Evo Morales, presidente da Bolívia, ícone dos movimentos sociais e indigenistas, o qual declarou que daí deveria emergir “uma grande aliança dos excluídos” em luta contra o capitalismo “que tudo compra e tudo vende”.

O segundo aconteceu em Santa Cruz de la Sierra, Bolívia, entre o 7 e 9 de julho de 2015, por ocasião da visita apostólica do Papa Francisco a dito país. Seu ponto culminante foi um longo discurso do pontífice.

O terceiro encontro se realizou novamente no Vaticano entre os dias 3 e 5 de novembro de 2016 e sua *vedette* incontestável foi o ex-presidente de Uruguai, José Mujica. Apresentou-o aos participantes o jornalista Ignacio Ramonet, diretor do mensário ultra-esquerdista *Le Monde diplomatique*, para quem “Pepe é também um exemplo de coerência de vida. É um homem que militou quando em seu país havia uma horrível ditadura militar, uma das piores do Cone Sul, e **ele escolheu a via das armas**, porque a via da política não era possível”³⁰.

²⁹ <http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT564366-1653-5,00.html>

³⁰ <http://www.movimientospopulares.org/wp-content/uploads/2016/11/pepemujica4.mp3> Essa não foi a única apologia à guerrilha, posto que no segundo dia do primeiro Encontro, Víctor Hugo López Rodríguez, diretor do Centro de Direitos Humanos Frei Bartolomé de Las Casas, sediado em Chiapas, **fez a apologia do Exército Zapatista de Libertação Nacional** (do Comandante Marcos), o qual “rebelou a memória para irromper na história e começar a construir um mundo com justiça e dignidade” (http://mosvimientospopulares.org/wp-content/uploads/2014/10/DPI-Vaticano_Frayba.pdf). E durante uma das sessões do terceiro Encontro, a ativista argentina Alejandra Díaz, representando a revista *La Garganta poderosa*, declarou que “**viemos com o pensamento e a utopia do Ché Guevara**, desejando que tenhamos um mundo melhor para

Durante os Encontros é feita uma atualização da situação mundial como esta é percebida pelos “movimentos sociais”, naturalmente em clave marxista.

Na sua síntese do dia inaugural do primeiro Encontro, o líder do MST brasileiro, João Pedro Stédile, declarou que os trabalhos foram “**inspirados nos aportes do lutador italiano Antonio Gramsci**” e concluíram que “há uma crescente concentração da propriedade da terra, de riqueza [...] por uma minoria de capitalistas”, que “o império dos Estados Unidos, com seus aliados no G8 e da OMC, controlam a economia mundial”, que na maioria dos países o poder judiciário “atua como instrumento de defesa dos interesses do capital” e que, pelo contrário, “as lutas sociais ainda estão na fase de ‘protestos’ e não da construção de um projeto de sociedade que envolva os trabalhadores e tenha como base à solidariedade, a igualdade e especialmente a justiça”³¹.

Por sua vez, os ateliês de discussão do 2º Encontro concluíram, *inter alios*, que “os problemas do mundo do trabalho são estruturais, [pois] o modelo econômico capitalista procura uma altíssima rentabilidade a baixo custo”, devendo por isso ser substituído por “**uma economia popular e social comunitária** que resguarde a vida das comunidades [...] na qual prevaleça o companheirismo”. Afirmou-se igualmente que “a cidade pertence aos trabalhadores, [porque] foram eles que a construíram”, mas “atualmente são ocupadas pelos grandes capitais com interesses espúrios”, pelo qual se exige “a desapropriação, urbanização e regularização dos assentamentos informais e das vilas de emergência”, de onde “a necessidade urgente de articular uma reforma urbana e uma reforma agrária”³².

todos, não somente para nós ou para uns poucos, um mundo que seja realmente igualitário para todos” (http://movimientospopulares.org/wp-content/uploads/2016/10/Alejandra_Diaz_Argentina2-online-audio-converter.com_.mp3)

³¹ <http://movimientospopulares.org/wp-content/uploads/2014/10/El-Mundo-en-Crisis-EMMP-Joa-Pedro-Stedile.pdf>

³² <http://movimientospopulares.org/wp-content/uploads/2015/06/conclusiones-de-los-talleres-EMMP.pdf>

Declarações finais mais moderadas para fazer passar uma mensagem radical

No fim desses encontros é sempre aprovada uma declaração ligeiramente mais moderada. Seguem alguns exemplos.

A do primeiro Encontro afirma que “foram analisadas as causas estruturais da desigualdade e da exclusão”, chegando-se à conclusão de que “as raízes dos males sociais e ambientais” devem ser buscadas “na natureza injusta [não equitativa] e depredatória do sistema capitalista que coloca o lucro acima do ser humano”³³.

A “Carta de Santa Cruz”, do segundo Encontro, alega que se deve “superar um modelo social, político, econômico e cultural onde o mercado e o dinheiro se converteram nos reguladores das relações humanas em todos os níveis”, uma vez que “não queremos explorar, nem sermos explorados; não queremos excluir, nem sermos excluídos”. Por isso, eles reafirmam o “compromisso com os processos de transformação e libertação [...] para dar vida às esperanças e às utopias que nos convocam a **revolucionar as estruturas mais profundas de opressão, dominação, colonização e exploração**”. E acrescentam que impulsionarão “formas alternativas de economia”, ou seja, “**uma economia popular e social comunitária**” na qual “prevaleça a solidariedade acima do lucro”, o que se traduz em concreto numa “reforma agrária integral para distribuir a terra de maneira justa e equitativa”³⁴.

O último Encontro serviu para fazer “Propostas de Ação Transformadora que os Movimentos Populares do mundo assumimos em diálogo com o papa Francisco”. Elas são principalmente uma crítica das democracias ocidentais e um chamado a uma “democracia participativa”, nos moldes chavistas: “As chamadas democracias representativas, cada vez mais representam as elites corporativas, o

³³ <http://movimientospopulares.org/wp-content/uploads/2014/10/DECLARACION-FINAL-EMMP-rivista-da-Czerney.pdf>

³⁴ <http://movimientospopulares.org/wp-content/uploads/2015/07/Carta-di-Santa-Cruz-Portoghese.pdf>

capital, os Bancos” e, por isso, é preciso projetar “iniciativas legislativas que promovam uma democracia participativa, na qual o protagonismo seja do povo”. **Quanto às migrações, deve-se “reclamar a existência de uma cidadania universal, que dilua as fronteiras e estabeleça uma política migratória inclusiva”**, criando “tribunais internacionais de opinião, com a capacidade de impor sanções éticas e simbólicas para gerar consciência em nível internacional”.

No plano econômico-social, transparece melhor a meta comunista, pois almejam “a democratização do solo e a reestruturação da propriedade da terra, para que ela seja distribuída entre aqueles que a trabalham”, para o que é preciso “avançar rumo à existência de **formas de propriedade coletiva**, que evitem sua mercantilização e uso lucrativo. [...] **A terra deve ser de propriedade coletiva** e garantir o cumprimento de sua função social que é alimentar e dar vida ao povo”³⁵.

De 16 a 19 de fevereiro de 2017 realizou-se na cidade de Modesto, na Califórnia, o “Primeiro Encontro de Movimentos Populares dos Estados Unidos”. Sua mensagem dizia que “o racismo e a supremacia da raça branca são o pecado original que faz com que a sociedade [norte-]americana seja excepcional. Eles continuam justificando um sistema capitalista sem regulações que idolatra a acumulação de riqueza acima das necessidades humanas”³⁶.

A Igreja assume oficialmente a agenda dos “movimentos populares”

Os Encontros têm sido patrocinados pelo hoje dissolvido Conselho Pontifício Justiça e Paz, bem como pelo enorme Dicastério para a Promoção Humana Integral, ambos presididos pelo cardeal Peter Turckson, que vê nesses Encontros “um grande diálogo que perpetuará no tempo [...] a **coordenação entre os movimentos de base e a Igreja** em todos seus níveis”, para que os marginalizados sejam “os protagonistas das mudanças econômicas, sociais, políticas e culturais que se

³⁵ <http://movimientospopulares.org/es/propuestas-de-accion-transformadora-que-asumimos-los-movimientos-populares-del-mundo-en-dialogo-con-el-papa-francisco/>

³⁶ <http://movimientospopulares.org/es/mensaje-desde-modesto-i-encuentro-de-movimientos-populares-de-los-eeuu/>

mostram imprescindíveis”. Por isso, “**a Igreja pretende tomar as necessidades e aspirações dos movimentos populares como próprias**”³⁷. Em uma conferência posterior, o purpurado ganense explicou que tais movimentos sociais “promovem um estilo de vida alternativo” que rejeita “o consumismo, o desperdício e o paradigma tecnocrático”, procurando “**formas comunitárias de organização do trabalho, da terra e da vivenda**”. E, numa retórica que nenhum marxista rejeitaria, concluiu: “**Não querem explorar nem serem explorados, excluir nem serem excluídos**”³⁸.

Também o Papa Francisco, nas alocuções que dirigiu aos participantes de cada um desses Encontros, parece não desprezar esse tipo de retórica, pois renovou os apelos para mudar radicalmente as estruturas socioeconômicas atuais, baseadas na propriedade privada e na livre iniciativa, apesar de seus aspectos condenáveis não provirem dessas últimas, mas apenas de determinados excessos.

No primeiro Encontro, ele disse que “quer acompanhá-los nessa luta”, porque “nós cristãos temos [...] **um programa, poderíamos dizer, revolucionário**”, baseado na solidariedade, que consiste em “pensar e agir em termos de comunidade”, de “**prioridade da vida de todos sobre a apropriação dos bens por parte de alguns**”, pelo que é necessário “lutar contra as causas estruturais da pobreza, **a desigualdade**, a falta de trabalho, a terra e a casa, a negação dos direitos sociais e laborais”³⁹. Segundo Ignacio Ramonet, acima citado, essa intervenção confirma “o novo papel histórico do Papa Francisco como abandeirado solidário da luta dos pobres da América Latina e dos marginalizados do mundo”⁴⁰.

³⁷ <http://movimientospopulares.org/wp-content/uploads/2015/06/press-conference-ESP.pdf>

³⁸ <http://movimientospopulares.org/wp-content/uploads/2015/06/2015.07.07-pkat-intro.pdf>

³⁹ http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/october/documents/papa-francesco_20141028_incontro-mondiale-movimenti-popolari.html

⁴⁰ <http://movimientospopulares.org/wp-content/uploads/2014/10/EMMP-Una-jornada-historica-IR.pdf>

Ao discursar em Santa Cruz de la Sierra durante o segundo Encontro, o Papa Francisco sublinhou que os problemas da América Latina e do mundo têm um “elo invisível” e uma “matriz global” que é “a lógica do lucro a todo o custo”, pela qual “o capital se torna um ídolo” e “a avidez do dinheiro domina todo o sistema socioeconômico, arruína a sociedade, condena o homem, transforma-o em escravo”. Tal sistema esquece que “o destino universal dos bens [...] é uma realidade anterior à propriedade privada”, a qual “deve estar sempre em função das necessidades das pessoas.” Assim, “é preciso dizer sem medo: ‘Queremos uma mudança, uma mudança real, **uma mudança de estruturas**’”, uma “mudança redentora”⁴¹.

No seu discurso aos participantes do último Encontro, posterior aos atentados que ensanguentaram a Europa, o Papa fustigou “um *terrorismo de base* que provém do controle global do dinheiro” e cuja raiz é “**aquela estrutura injusta que une todas as exclusões** que vós padeceis”, a qual “escraviza, rouba a liberdade, golpeia sem misericórdia” para “abater todos como reses”⁴².

Em carta aos participantes do Encontro regional nos Estados Unidos, após agradecer ao cardeal Turckson “por continuar acompanhando os movimentos populares” desde seu novo Dicastério, o Papa Francisco escreveu: “Faz tempo que enfrentamos a crise do paradigma imperante, um sistema que causa enormes sofrimentos à família humana para sustentar a tirania invisível do Dinheiro que somente garante os privilégios de uns poucos”⁴³.

Oxigênio para uma esquerda marxista em apuros

Que efeito prático para o avanço das correntes de esquerda marxista e pós-marxista têm essa pregação revolucionária do Papa Francisco e a colaboração do Vaticano com os movimentos populares?

⁴¹ <http://movimientospopulares.org/wp-content/uploads/2015/06/Discorso-Francesco-Portoghese.pdf>

⁴² http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/november/documents/papa-francesco_20161105_movimenti-popolari.html

⁴³ <http://movimientospopulares.org/es/carta-del-papa-francisco-a-los-movimientos-populares-modesto-california-16-19-feb-2017/>

Por ocasião do primeiro simpósio em Roma, numa reunião paralela de movimentos *altermundialistas*, o ativista João Pedro Stédile havia declarado que “no atual contexto histórico, a correlação de forças em nível de luta de classes é bastante desfavorável às classes trabalhadoras” e que “o mundo vive um período de refluxo do movimento de massa”. Mas, inspirando-se na “escola dos marxistas históricos britânicos”, o líder do MST confiava em que o atual período de refluxo fosse também um “período de resistência... prelúdio de um processo de retomada”, para a qual seria preciso que “a classe trabalhadora se reúna em nível internacional”⁴⁴.

Após a realização desses três Encontros, Stédile poderia muito bem dizer: “Missão cumprida!”.

É o que, entusiasmado, exclama o advogado marxista Juan Grabois, consultor do dicastério para o Desenvolvimento Humano Integral, coordenador dos *cartoneros* de Buenos Aires e do Encontro Mundial de Movimentos Populares, na sua apresentação dos principais documentos publicados por este último organismo:

“Francisco atualizou o sentido da opção preferencial pelos pobres esclarecendo que ela implica não somente solidarizar-se com eles, mas reconhecê-los como sujeito social e político, promover seu protagonismo em todos os campos, acompanhá-los sempre a partir de sua própria realidade e nunca a partir de esquemas ideológicos abstratos. Em outras palavras, **não se trata simplesmente de trabalhar pelos pobres, senão de lutar com os pobres contras as causas estruturais da desigualdade e da injustiça**. Nesse sentido, **as contribuições de Francisco ao pensamento popular** — entre elas os dois discursos aos movimentos populares que se oferecem nesta edição — não somente têm renovado a doutrina social da Igreja, mas **são hoje uma ferramenta sem preço para a atualização teórica e doutrinária dos que aspiramos para a transformação estrutural da sociedade e a superação do capitalismo**”⁴⁵.

⁴⁴ <http://www.adistaonline.it/?op=articolo&id=53494>

⁴⁵ http://movimientospopulares.org/wp-content/uploads/2016/10/Documents_castellano_web.pdf

O conhecido jornal virtual romano *Il Manifesto*, o único na Itália a colocar na epígrafe “Quotidiano comunista”, incluiu em uma das suas edições de outubro de 2017, como preparação ao centenário da Revolução Russa, um livro contendo os três discursos do Papa Francisco aos movimentos populares. A diretora explicou o motivo ao jornal dos bispos, *Avvenire*: “Porque consideramos como nossas essas mensagens do Papa e queremos levar aos nossos leitores o radicalismo e a simplicidade dessas palavras”⁴⁶. No livro editado por *Il Manifesto*, Juan Grabois e Alessandro Santagata não escondem que boa parte dos movimentos populares opõe-se à Igreja em questões como o aborto ou os direitos homossexuais⁴⁷.

Como não dar razão ao artigo “Como o Papa Francisco se tornou o líder da esquerda global”, publicado por Francis X. Rocca no *Wall Street Journal* de 22 de dezembro de 2016⁴⁸?

Simpatias pela ditadura cubana dos irmãos Castro

O apoio aos “movimentos populares” não tem sido a única forma de o Papa manifestar sua preferência pelas políticas de esquerda. Ela é facilmente perceptível também por ocasião de suas visitas a vários países com essa tendência na América Latina, na atitude que toma em face de seus respectivos governantes.

Em Cuba, o Papa Francisco evitou fazer críticas ao regime imperante na Ilha-prisão, a ponto de um jornalista da France Presse, na subsequente conferência aérea de imprensa, mostrar o contraste com as críticas ao capitalismo da sua viagem anterior à América Latina e perguntar-lhe o porquê dessa diferença de tratamento. O Papa tentou justificar, dizendo: “Nos discursos que fiz em Cuba, sempre acenei para a Doutrina Social da Igreja. As coisas que se devem corrigir, disse-as claramente, não com água-de-colônia, suavemente. [...] Mas a viagem aqui em Cuba — talvez isto possa esclarecer um pouco a sua pergunta — foi uma

⁴⁶ <http://www.ihu.unisinos.br/572416-publicamos-as-palavras-do-papa-com-convicao-entrevista-com-norma-ranger-redatora-chefe-do-jornal-italiano-il-manifesto>

⁴⁷ <http://magister.blogautore.espresso.repubblica.it/2017/10/11/i-comunisti-che-piacciono-al-papa-e-viceversa/>

⁴⁸ <http://www.wsj.com/articles/how-pope-francis-became-the-leader-of-the-global-left-1482431940>

viagem muito pastoral com a comunidade católica, com os cristãos, mesmo com as pessoas de boa vontade e, por isso, as minhas intervenções foram homílias... [...] Foi uma linguagem mais pastoral”⁴⁹.

A benevolência com o regime cubano chegou ao ponto de, na mesma entrevista, o Papa tentar negar que 50 dissidentes foram presos pela polícia do regime por querer encontrar-se com ele: “Antes de tudo, não tenho notícias de que isso tenha sucedido” respondeu. E acrescentou: “Gostaria de me encontrar com eles, [mas] eu não teria dado qualquer audiência, porque pediram audiência não só os dissidentes, mas também pessoas de outros setores. [...] A Nunciatura fez telefonemas para algumas pessoas que fazem parte deste grupo de dissidentes [a fim de] comunicar-lhes que, à minha chegada à catedral para o encontro com os consagrados, teria com prazer saudado aqueles que lá estivessem. [...] Mas, visto que ninguém se apresentou na saudação, não sei se estavam lá ou não”⁵⁰.

Para o público, porém, o ponto-alto da visita foi o seu encontro com Fidel Castro, a pedido do pontífice. Para o ex-presos político cubano e conhecido escritor Armando Valladares, a atitude do Papa Francisco, registrada nas fotografias que deram a volta do mundo, “foi a de quem estava visitando um venerável profeta e não um sanguinário ditador”⁵¹.

Um relatório da Sociedade Interamericana de Imprensa, publicado menos de duas semanas após essa visita, confirmou a gravidade da situação em Cuba, denunciando a continuidade dos métodos repressivos e a falta de liberdade, inclusive durante a passagem do Papa.

⁴⁹ http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/september/documents/papa-francesco_20150922_intervista-santiago-washington.html

⁵⁰ Ibid.

⁵¹ <http://www.cubdest.org/1506/c1510pastorlobosav.htm>

Venezuela: salvando a vida do regime e dando as costas ao Episcopado

Igualmente surpreendente tem sido sua atitude com relação à Venezuela. Hugo Chávez, o patrocinador do “Socialismo do século XXI”, faleceu na mesma semana em que o Papa Francisco foi eleito. Até então, a posição diplomática da Santa Sé era de claro apoio aos bispos da Venezuela na defesa da Igreja contra a hostilidade do regime chavista. Mas tal posição mudou, apesar de a situação econômica e social piorar sob Maduro, especialmente após a miséria e os protestos se alastrarem por todo o território.

Desde fevereiro de 2014 os multitudinários protestos nas ruas têm sido quase contínuos e já provocaram centenas de mortos, sobretudo de jovens manifestantes assassinados pelas milícias chavistas. Como explicou o cardeal Jorge Urosa, arcebispo de Caracas, durante uma visita a Roma em fevereiro de 2015, “um dos principais problemas é que o governo quer instaurar um sistema político totalitário, marxista-comunista, que é a causa de todas as dificuldades que estamos vivendo”⁵².

Apesar disso, em duas ocasiões em que o governo estava particularmente fragilizado e convocou para uma “mesa de diálogo”, o Vaticano lhe prestou o seu concurso: em abril de 2014, enviando Dom Aldo Giordano, Núncio Apostólico em Caracas, como testemunha, atendendo a um pedido ingênuo de um setor da oposição; e em outubro de 2016, ao receber Maduro no Vaticano, aonde fora solicitar a mediação do Papa Francisco — enquanto ocorriam manifestações multitudinárias na Venezuela e após a Assembleia Nacional ter declarado que ele tinha dado um golpe de Estado. Tal mediação se efetivou sob a presidência de um enviado especial do Papa, o arcebispo Emil Paul Tscherrig. Porém, menos de três meses depois, um reputado analista argentino de assuntos ibero-americanos, Andrés Oppenheimer, escreveu na sua coluna do *El Nuevo Herald*, de Miami: “O esforço de mediação do Vaticano foi um desastre. Legitimou o governante autoritário desse país, Nicolás Maduro, jogando-lhe um salva-vidas quando milhões

⁵² <https://www.aciprensa.com/noticias/cardenal-urosa-totalitarismo-marxista-comunista-trajo-la-crisis-a-venezuela-83288/>

de manifestantes exigiam nas ruas a sua renúncia, em outubro de 2016. E permitiu a Maduro ganhar tempo, fortalecer-se e reprimir ainda mais a oposição”. E concluiu: “É hora de pôr fim a este drama. E **o Papa Francisco deveria dar o primeiro passo, deixando de ser um obstáculo à pressão coletiva** com vistas à restauração da democracia na Venezuela”⁵³.

A paciente benevolência do Vaticano em relação ao regime totalitário de Maduro atingiu seu clímax na Semana Santa de 2017, quando os “*colectivos*” chavistas invadiram e interromperam a Missa crismal celebrada pelo cardeal Urosa na catedral de Caracas, gritando ameaças e agredindo fisicamente o celebrante. Na ocasião, o Papa Francisco e a Secretaria de Estado não publicaram nenhuma declaração oficial de repúdio à sacrílega agressão, nem de solidariedade à vítima. O pontífice nem sequer mencionou o sofrido povo venezuelano na sua mensagem *Urbi et Orbi*, alguns dias depois⁵⁴.

Pior ainda, na viagem de regresso do Egito, na habitual conferência aérea de imprensa, ele indiretamente atribuiu à oposição venezuelana uma ponderável responsabilidade pelo fracasso dos esforços de pacificação: “Houve uma intervenção da Santa Sé e... não resultou. Ficou-se por aí. Não resultou porque as propostas não eram aceitas: ou se esbatiam, ou havia um ‘sim, sim’ que depois era um ‘não, não’... [...] E sei que agora estão insistindo [...] para se relançar esta facilitação; [...] Eu creio que tem de partir já com condições; condições muito claras. Parte da oposição não quer isto: é curioso, que **a própria oposição está dividida**”⁵⁵.

Esse equilibrismo entre governo e oposição provocou a seguinte reação de Alberto Ruiz-Gallardón, ex-ministro de Justiça da Espanha: “Com imensa dor, incluo o Vaticano na minha queixa pela equidistância entre vítimas e verdugos. [...]

⁵³ <http://www.elnuevoherald.com/opinion-es/opin-col-blogs/andres-oppenheimer-es/article131574119.html>

⁵⁴ <https://cruxnow.com/global-church/2017/04/24/time-francis-vatican-get-tough-venezuela/>

⁵⁵ http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/april/documents/papa-francesco_20170429_egitto-volo.html

Os bispos venezuelanos têm sido heróis diante do tirano. Mas Roma tem abordado o tema como se se tratasse de uma disputa de limites territoriais”⁵⁶.

Em 5 de maio de 2017 foi tornada pública uma nota de todos os bispos da Venezuela dizendo: “Rejeitamos a convocatória para a Assembleia Constituinte e exortamos a população em geral a não se resignar, a levantar sua voz de protesto, mas sem cair no jogo daqueles que, gerando violência, querem conduzir o país para cenários de maior confrontação a fim de agravar a situação”⁵⁷. Nesse mesmo dia o Papa lhes enviou uma carta dizendo estar convencido de que “os graves problemas de Venezuela podem ser resolvidos se houver vontade para construir pontes, caso se deseje seriamente dialogar”⁵⁸.

Quando a Santa Sé decidiu finalmente publicar um apelo ao governo de Maduro a fim de que suspendesse a convocatória para a Assembleia Constituinte, o jornal *Clarín*, de Buenos Aires, comentou: “Jorge Bergoglio decidiu romper o silêncio e opor-se à constituinte venezuelana quando já era demasiado tarde. O Papa argentino fez o pior papelão diplomático de seus mais de quatro anos de pontificado, uma *gaffe* evidenciada pela imprensa em querer romper o silêncio sobre o regime venezuelano praticamente com tempo vencido”⁵⁹.

Tal era a distonia entre o Papa e os bispos da Venezuela quanto à atitude da Igreja Católica em face do regime chavista e ao impasse criado pelos seus desígnios totalitários, que os seis bispos da cúpula da Conferência Episcopal foram sem prévia convocação ao Vaticano para entregar um relatório sobre a dramática situação do país e explicar ao Papa, em audiência não prevista na agenda pontifícia, que o enfrentamento na Venezuela é “uma luta entre um governo que se converteu numa ditadura [...] e um povo que clama por liberdade e busca desesperadamente pão, medicamentos, segurança, trabalho e eleições justas”⁶⁰, como

⁵⁶ <http://www.elmundo.es/opinion/2017/08/02/5980d07246163f58278b4643.html>

⁵⁷ <http://ilsismografo.blogspot.fr/2017/05/venezuela-comunicado-de-la-presidencia.html>

⁵⁸ <http://ilsismografo.blogspot.fr/2017/05/vaticano-lettera-di-papa-francesco-ai.html>

⁵⁹ https://www.clarin.com/mundo/comunicado-vaticano-peor-papelon-diplomatico-pontificado-papa-francisco_0_SysX14zv-.html

⁶⁰ <http://www.economist.com/blogs/erasmus/2017/06/plea-pope>

relatou o *The Economist* no artigo intitulado: “Um apelo ao Papa: **Deixe de ser mole diante de nosso ditador, dizem a Francisco os bispos da Venezuela**”⁶¹.

Mais tarde, após um encontro com o Papa durante sua visita à Colômbia, o cardeal Jorge Urosa, arcebispo de Caracas, declarou à imprensa: “O diálogo e a cultura do encontro que o Papa Francisco deseja na Venezuela não é possível, porque o governo não ouve razões. [...] O governo está empenhado em implantar um sistema totalitário, estatista, comunista e não escuta o que dizemos, que esse caminho é um caminho equivocado”⁶².

O *Wall Street Journal* julgou oportuno publicar uma matéria assinada por William McGurn sob o título: “Fale pela Venezuela, Papa Francisco”, na qual afirma que “quando o Papa Francisco quer que sua mensagem chegue àqueles que ele desaprova, nunca lhe faltam as palavras; sobretudo quando se trata dos Estados Unidos. Mas quando se trata da brutalidade do governo venezuelano contra seu próprio povo, tanto o Papa Francisco quanto o Vaticano decidiram, em grande medida, evitar apontar por seu nome Nicolás Maduro”⁶³.

O jornal *El Clarín*, de Buenos Aires, publicou um artigo intitulado: “Quando o Papa vai falar da Venezuela? — O silêncio de Francisco é estrepitoso: um silêncio que aflige”⁶⁴. Porém, na conferência de imprensa durante seu voo de regresso da Colômbia, perguntado se não seria possível ter uma linguagem mais forte e mais clara em relação ao Presidente Maduro, que afirma estar com o Papa Francisco, este respondeu: “Eu penso que a Santa Sé falou forte e claramente. Aquilo que diz o presidente Maduro, explique-o ele! Eu não sei o que ele tem na sua mente”⁶⁵.

⁶¹ Ibid.

⁶² <http://www.eltiempo.com/mundo/venezuela/entrevista-al-arzobispo-de-caracas-sobre-visita-del-papa-a-colombia-y-crisis-en-venezuela-127968>

⁶³ <https://www.wsj.com/articles/speak-for-venezuela-pope-francis-1502144547>

⁶⁴ https://www.clarin.com/opinion/papa-va-hablar-venezuela_0_Sy-1zYa8W.html

⁶⁵ http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/september/documents/papa-francesco_20170910_viaggioapostolico-colombia-voloritorno.html

A distonia entre o primeiro Papa latino-americano e o povo deste continente patenteou-se, aliás, no referendo de 2 de outubro de 2016 sobre os Acordos de Paz negociados em Cuba pelo presidente Juan Manuel Santos e a guerrilha narcomarxista das FARC. Apesar da forte pressão moral exercida sobre o povo colombiano, à qual não faltou um vídeo — retransmitido como um realejo pelos principais canais de televisão na véspera da votação — do Papa prometendo ir à Colômbia se tais acordos fossem aprovados pela população, a maioria do povo votou contra tais acordos, por julgá-los claramente favoráveis aos guerrilheiros. E o mesmo povo que acolheu com devoção o Vigário de Cristo, não teve nenhuma dúvida em rejeitar as FARC nas eleições parlamentares subsequentes, de modo ainda mais categórico que na época do referendo.

Mão estendida à ditadura comunista na China às expensas dos católicos clandestinos

A Santa Sé tem adotado a mesma atitude conciliadora em relação à China, por cujo regime não esconde a sua simpatia.

O arcebispo Marcelo Sánchez Sorondo, argentino e muito próximo do Papa, como chanceler das Academias de Ciências surpreendeu os católicos ao declarar, após uma viagem ao país de Mao: “Encontrei uma China extraordinária; o que as pessoas não sabem é que o princípio central chinês é trabalho, trabalho, trabalho. Não tem favelas, não tem drogas, os jovens não têm droga [...] [A China] está defendendo a dignidade da pessoa [...]”. E acrescentou: “Neste momento, os que melhor praticam a doutrina social da Igreja são os chineses [...]. Os chineses procuram o bem comum, subordinam as coisas ao bem geral”⁶⁶.

Já anteriormente, em outra viagem para uma conferência sobre transplantes de órgãos (a China é apontada como o maior traficante de órgãos da terra), ele declarou ao jornal *Global Times*, controlado pelo Partido Comunista chinês: “O verdadeiro é que neste momento a China e o Papa têm uma muito boa relação.”⁶⁷

⁶⁶ <http://www.lastampa.it/2018/02/02/vaticaninsider/es/vaticano/chinos-quienes-mejor-realizan-la-doctrina-social-de-la-iglesia-mBmGrdwCpUt2VVswtlkeuN/pagina.html>

⁶⁷ <http://www.globaltimes.cn/content/1059768.shtml>

Essa simpatia leva o Vaticano a procurar restabelecer relações com o regime comunista chinês, o qual persegue inclementemente a Igreja Católica clandestina, mas estende a mão ao Vaticano, propondo um acordo prático pelo qual as autoridades ateias vão controlar as nomeações de bispos e toda a vida da Igreja no país⁶⁸.

A esse eventual acordo — contrário à doutrina católica e aos direitos do Papa, pois implica o reconhecimento da chamada Igreja patriótica, cujos estatutos são formalmente cismáticos — o cardeal Joseph Zen, bispo emérito de Hong Kong, opõe uma firme recusa e um apelo à resistência, preferindo a clandestinidade à apostasia pela aceitação de uma igreja nacional.

Em uma entrevista concedida ao site *LifeSiteNews* em fevereiro de 2017, o cardeal Zen declarou: “Posso entender que o Papa seja realmente ingênuo. Ele não conhece os comunistas. Mas infelizmente as pessoas de seu séquito não são nada boas. Elas têm ideias muito erradas. E **tenho medo de que eles possam vender a baixo preço nossa Igreja clandestina**. Isso seria muito triste”. O cardeal contou que já escreveu várias vezes ao pontífice, “mas ele não responde às minhas cartas”⁶⁹.

Referindo-se à má influência do Secretário de Estado, o cardeal disse em outra ocasião: “O Papa Francisco não conhece o verdadeiro Partido Comunista na China, mas [o cardeal Pietro] Parolin deveria conhecer. [...] O Papa Francisco precisa de alguém que acalme o seu entusiasmo. [...] Eu disse ao Papa que ele [Paro-

⁶⁸ Em um recente editorial da *Civiltà Cattolica*, o jesuíta chinês Padre Joseph You Guo Yiang escreve que “enquanto o Partido Comunista chinês permanecer o único partido de governo, o marxismo continuará a ser a referência ideológica da sociedade [chinesa], pelo que a Igreja Católica chinesa é chamada a redefinir seu papel e suas relações com o Partido Comunista e com a sua ideologia. Isso não significa que a Igreja deva estar de acordo com a política e com os valores do Partido, mas deve encontrar soluções flexíveis e eficazes para continuar sua missão e seu ministério na China” (<http://www.laciviltacattolica.it/articolo/il-cattolicesimo-in-cina-nel-xxi-secolo/>)

⁶⁹ <https://www.lifesitenews.com/news/interview-cardinal-zen-begs-vatican-not-to-sell-out-to-chinese-govt>

lin] tem uma mente envenenada. Ele é muito suave, mas eu não tenho confiança em sua pessoa. Ele acredita na diplomacia, não na nossa fé”⁷⁰.

Em entrevista ao *Corriere della Sera* de 2 de julho de 2017, o purpurado chinês afirmou: “Em Pequim sabem muito bem que os bispos irregulares não são bem vistos pelo povo. Logo, uma Igreja cismática conhecida é um mal menor que uma Igreja objetivamente cismática, mas abençoada de fato pelo Papa com um acordo. [...] Convidar os membros do nosso Clero fiel à Santa Sé a sair à luz dia com base em um mau acordo significaria lhes impor a aceitação do controle do governo. Sentir-se-iam traídos, após anos de sofrimento”⁷¹.

Em vídeo divulgado no dia 14 do mesmo mês no site da revista *Polonia Christiana*, o cardeal Zen acrescentou, com relação aos bispos da Igreja patriótica: “Não acredito que a Santa Sé não saiba que não há Conferência Episcopal! Existe apenas de nome. Na realidade, jamais têm discussões, reuniões. Reúnem-se quando são chamados pelo governo. O governo dá instruções. Eles obedecem. É fictícia.”⁷²

“Agora nos cabe morrer pela mão do nosso Pai!”

Fazendo ouvidos moucos a essas reflexões, continuou o Vaticano impertérito as negociações e “promoveu” ao cargo de Núncio na Grécia o arcebispo chinês Savio Hon Tai-Fai, até então Secretário da Congregação para a Evangelização dos Povos e também contrário aos acordos⁷³.

Pouco antes do Natal de 2017, o arcebispo Claudio Maria Celli viajou como representante do Vaticano a Pequim, a fim de se encontrar com as autoridades

⁷⁰ <https://cruxnow.com/global-church/2017/10/16/cardinal-says-popes-top-diplomat-poisoned-mind-china/>

⁷¹ http://www.corriere.it/esteri/17_luglio_01/joseph-zen-ze-kiun-cardinale-85-anni-marcia-ragazzi-ho-scritto-papa-non-ceda-pechino-9b9d0e9e-5e91-11e7-a166-a251b30d0494.shtml

⁷² <http://www.tfp.org/cardinal-zen-situation-church-china-worse/>

⁷³ <http://www.lastampa.it/2017/09/28/vaticaninsider/ita/vaticano/savio-hon-nunzio-in-grecia-1ZYVPLLJqZuu32MhiFLPLI/pagina.html>

comunistas e com dois bispos clandestinos fiéis à Santa Sé, aos quais solicitou, em nome desta, que renunciassem às suas dioceses para que o Papa pudesse substituí-los por prelados da “Igreja patriótica”, atualmente excomungados. Um desses bispos pediu então ao cardeal Zen que levasse uma carta pessoal dele ao Papa Francisco, a qual foi entregue ao pontífice após a audiência geral semanal de 10 de janeiro em Roma. Dois dias depois, o cardeal teve uma entrevista pessoal com o Papa, e em 29 de janeiro de 2018 revelou no seu blog aspectos até então confidenciais de seus encontros com o pontífice. Notadamente, que na época da despedida do bispo Savio Hon eles haviam falado do caso dessas duas dioceses ao Papa, e que este se tinha mostrado surpreso e lhes dissera que veria pessoalmente o assunto, pelo que lhe perguntaram na última entrevista se de fato havia visto. “Sim, respondeu, eu disse a eles [seus colaboradores na Santa Sé] para não criarem um novo caso Mindszenty”. Nesse mesmo post, o cardeal Zen aproveita para fazer algumas precisões, entre as quais as seguintes: “Penso que o Vaticano está vendendo a Igreja Católica na China? Sim, claramente, se avançam na direção que é óbvia, por tudo o que estão fazendo nos recentes anos e meses”; “Sou o maior obstáculo para se alcançar um acordo entre o Vaticano e a China? Se é um acordo ruim, ficaria mais do que contente de ser um obstáculo”⁷⁴.

Em resposta, o porta-voz vaticano, Sr. Greg Burke, declarou que não há divergências entre a Secretaria de Estado e o Papa “a respeito dos passos do diálogo em curso [...] que ele acompanha com especial solicitude”, pelo que é surpreendente “que se afirme o contrário por parte de pessoas da Igreja e se alimentem confusões e polêmicas”⁷⁵.

Mais ainda, o próprio Secretário de Estado concedeu uma entrevista ao jornalista Gianni Valente para defender suas iniciativas. Ele declarou que “a finalidade principal da Santa Sé no diálogo em curso é precisamente a de salvaguardar a comunhão na Igreja”, “em caminho gradual de reconciliação rumo à unidade” en-

⁷⁴ <http://oldyosef.hkdavc.com/?p=967>

⁷⁵

<https://press.vatican.va/content/salastampa/it/bollettino/pubblico/2018/01/30/0089/00168.html>

tres as duas comunidades católicas, a clandestina e a “patriótica”, de maneira que “não se possa mais falar de bispos ‘legítimos’ e ‘ilegítimos’, ‘clandestinos’ e ‘oficiais’ na Igreja na China”.

Em uma referência direta ao cardeal Zen, acrescentou que “as críticas deveriam visar a construir a comunhão e não a suscitar divisões”, pelo que “expressões como poder, traição, resistência, rendição, choque, concessão, compromisso, deveriam dar lugar a outras, como serviço, diálogo, misericórdia, perdão, reconciliação, colaboração, comunhão”.

O reverso da dureza do Secretário de Estado em relação ao cardeal Zen e aos católicos clandestinos é sua condescendência com os responsáveis pelo governo comunista chinês, aos quais diria que “a missão própria da Igreja não é de mudar as estruturas ou a administração do Estado”, porquanto Ela não quer “substituir-se ao Estado, mas deseja oferecer uma contribuição serena e positiva para o bem de todos”⁷⁶.

O cardeal chinês não tardou em responder em seu blog, dizendo que o cardeal Parolin “adora a diplomacia da *Ostpolitik* de seu mestre [o cardeal] Casaroli e despreza a genuína fé daqueles que com firmeza defendem a Igreja”. A respeito dos apelos à reconciliação, o prelado afirma que “não se trata de ofensas pessoais a perdoar, mas sim de uma escravidão da qual se libertar”, e pergunta: “Misericórdia para os perseguidores? Para seus cúmplices? Premiar os traidores? Castigar os fiéis? Forçar um bispo legítimo a ceder o cargo a um excomungado? Não é antes isso que joga sal nas feridas?”.

Ademais, o Vaticano não pode desconhecer a existência de duas estruturas na China: “Uma estrutura é baseada sobre o princípio do Primado de Pedro sobre o qual Jesus estabeleceu sua Igreja, a outra estrutura é imposta por um governo ateu que tenciona criar uma Igreja cismática, sujeita ao seu poder”, forçando os clandestinos “a entrar na gaiola”. E o cardeal conclui dizendo que “se por acaso um dia um mau acordo for assinado com a China, obviamente com a aprovação do Papa, [ele se] retirará em silêncio à ‘vida monástica’”, como bom salesiano⁷⁷.

⁷⁶ <http://www.lastampa.it/2018/02/03/vaticaninsider/ita/vaticano/parolin-ecco-perch-dialoghiamocon-la-cina-6bacz50zwiaBnVhQnWgIrL/pagina.html>

⁷⁷ <http://oldyosef.hkdavc.com/?p=987>

Em um “Doloroso Apelo” que havia publicado no seu blog em agosto de 2016, logo antes da seção intitulada “Aceitação do acordo e objeção de consciência. Fidelidade ao Papa apesar do Papa”, o veterano cardeal havia escrito: “Lembro-me de uma expressão que apareceu faz muito tempo atrás na Internet, num site católico da China: ‘Após tantos anos, nossos inimigos ainda não conseguiram nos fazer morrer. **Agora nos cabe morrer pela mão do nosso Pai.** Está bem, vamos morrer!’”⁷⁸.

É o que ele quis evitar com o seu Apelo e é igualmente o que os católicos do mundo inteiro devem evitar, ainda que para isso devam praticar a objeção de consciência e a “fidelidade ao Papa apesar do Papa”.

⁷⁸ <http://www.asianews.it/notizie-it/Card.-Zen:-Le-mie-perplessitC3A0-sul-dialogo-Cina-Santa-Sede-e-le-ricadute-sulla-Chiesa-cinese-38222.html>

Capítulo 3

Promoção da agenda “verde”, da governança mundial e de uma mística ambígua em relação à “Mãe Terra”

Segundo a doutrina social da Igreja — reiterada muitas vezes —, há questões sobre as quais os católicos são obrigados a ter uma posição homogênea, como, por exemplo, em matéria de aborto, divórcio, estrutura natural do matrimônio. Outros temas, pelo contrário, são deixados ao julgamento da consciência bem formada dos fiéis. Abraçando a ideologia ambientalista, o Papa Francisco, porém, estabelece um novo paradigma.

A encíclica *Laudato Si* assume as teorias ecológicas catastrofistas — apesar de não existir um fundamento científico definitivo em apoio delas — e convida os fiéis a se empenharem prioritariamente nessas causas, em lugar daquelas nas quais eles devem falar com uma só voz, como a defesa da vida. A Santa Sé vem organizando nos últimos anos congressos internacionais, oferecendo uma tribuna a expositores que sempre promoveram a redução da população mundial (mediante a contracepção e o aborto) para “poupar” o planeta Terra. E não apenas isso. Como afirmou uma alta figura do Vaticano, pela primeira vez na história a agenda do Vaticano coincide com a das Nações Unidas, a qual se opõe em muitos pontos à verdade católica.

Em julho de 2014 o Papa Francisco caracterizou a preocupação pelo meio ambiente como “um dos maiores desafios de nossa época”, dando-lhe uma nota teológica: é preciso “converter-se a um desenvolvimento que saiba respeitar a criação [...] Esse é o nosso pecado: explorar a terra e não deixar que ela nos dê aquilo que ela tem dentro”¹.

¹ https://w2.vatican.va/content/francesco/it/speeches/2014/july/documents/papa-francesco_20140705_molise-mondo-del-lavoro.html

Lançamento de encíclica ecológica de mãos dadas com a ONU

Poucos meses antes de três reuniões cruciais da ONU sobre os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, o Papa Francisco publicou a encíclica *Laudato Si'*², fazendo de um lado ouvidos moucos às recomendações de um grupo consistente de teólogos, cientistas e economistas³ e, de outro lado, pedindo a colaboração de intelectuais controvertidos como o ex-frade Leonardo Boff⁴, adepto da Teologia da Libertação, ou Hans Schellnhuber⁵, um membro do fracassado Club de Roma, simpático à “teoria Gaia”⁶, promotor de uma Constituição da Terra, de um Conselho Global eleito pela população mundial e de uma Corte Planetária com jurisdição universal⁷, além de defensor da ideia de que a população humana da terra não deveria passar de 1 bilhão. Em 1970 Schellnhuber previu que o fim dos recursos renováveis se daria em 1990 (!). Suas propostas são tão radicais, que o in-

² O então Secretário-Geral das Nações Unidas, Ban Ki-Moon, fez ele a ligação entre a encíclica e as iniciativas da ONU, dizendo num colóquio organizado pelo Vaticano: “Neste ano, com a próxima encíclica, a Cúpula sobre os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável e um Acordo global de mudança climática, temos uma oportunidade sem precedentes para articular — e criar — um futuro mais sustentável e uma vida com dignidade para todos”

(<https://www.un.org/sg/en/content/sg/statement/2015-04-28/secretary-generals-remarks-workshop-moral-dimensions-climate-change>)

³ Ver as cartas enviadas pela Cornwall Alliance em <http://cornwallalliance.org/landmark-documents/protect-the-poor-ten-reasons-to-oppose-harmful-climate-change-policies/> e <http://cornwallalliance.org/anopenlettertopopefrancisonclimatechange/>

⁴ “O Pontífice leu seus livros? ‘Mais do que isso. Pediu-me material para a *Laudato Si'*. Dei-lhe conselhos e enviei-lhe coisas que escrevi... De maneira que o Papa me disse diretamente: – Boff, não me mande suas cartas diretamente. – Por que não? Disse-me: – Se não os subsecretários as interceptarão e não as receberei. É melhor enviar as coisas ao embaixador argentino junto à Santa Sé, com quem tenho um bom contato, e chegarão seguras em minhas mãos. O embaixador é um velho amigo do Pontífice. E depois, no dia prévio à publicação da encíclica, o Papa mandou chamar-me para agradecer-me pela ajuda” (cf.

<http://www.ksta.de/kultur/leonardo-boff-im-interview--papst-franziskus-ist-einer-von-uns--25372660>).

⁵ Detalhes sobre suas posições e sua contribuição na redação da *Laudato Si'* em <http://voiceofthefamily.com/professor-schellnhuber-climate-science-and-the-population-problem/>

⁶ <https://www.lifesitenews.com/opinion/professor-schellnhuber-climate-science-and-the-population-problem>

⁷ <http://www.humansandnature.org/democracy-hans-joachim-schellnhuber>

suspeito *New York Times* o descreveu como “um cientista conhecido por sua posição agressiva em políticas relativas ao clima”⁸.

Como preparação ao lançamento da encíclica, o Vaticano sediou uma jornada consagrada às mudanças climáticas, com a finalidade de “chegar a um consenso sobre o fato de que os valores do desenvolvimento sustentável são coerentes com os valores das principais tradições religiosas”⁹. O colóquio teve como expositores, entre outros, o então Secretário-Geral das Nações Unidas, Ban Ki-Moon, o ex-presidente esquerdista do Equador, Rafael Correa, e o já citado economista Jeffrey Sachs, favorável ao controle da população através do aborto.

O próprio Hans Schellnhuber tomou parte da conferência de imprensa por ocasião do lançamento da *Laudato Si* e mais tarde foi admitido como membro da Academia Pontifícia de Ciências.

Visão apocalíptica fundada em “dogmas” sem base científica

Na referida encíclica, extrapolando sua função de guardião da fé e da moral, o Papa Francisco tomou abertamente partido em um debate altamente técnico, e propôs soluções que amplos setores do mundo científico, econômico e político consideram perniciosas para a humanidade, em particular para as regiões e camadas mais pobres da população do planeta. E isso apesar de na exortação *Evangelii Gaudium* ele ter escrito que “os crentes não podem pretender que uma opinião científica que lhes agrada — e que nem sequer foi suficientemente comprovada — adquira o peso de um dogma de fé”¹⁰, e de reconhecer, na própria *Laudato Si*, que “há discussões sobre problemas relativos ao meio ambiente, onde é difícil chegar a um consenso”, pelo que convida “a um debate honesto e transparente”¹¹.

⁸ <https://dotearth.blogs.nytimes.com/2009/03/13/scientist-warming-could-cut-population-to-1-billion/>

⁹ <http://www.casinapioiv.va/content/accademia/en/events/2015/protectearth.html>

¹⁰ *Evangelii gaudium* n° 243.

¹¹ *Laudato Si* n° 188 http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html

Em que pese o anteriormente dito, o Papa afirma que “há um consenso científico muito consistente, indicando que estamos perante um preocupante aquecimento do sistema climático”, que “numerosos estudos científicos indicam que a maior parte do aquecimento global das últimas décadas é devida à alta concentração de gases com efeito de estufa [...] emitidos sobretudo por causa da atividade humana”, e que isso “é particularmente agravado pelo modelo de desenvolvimento baseado no uso intensivo de combustíveis fósseis”¹².

Com base nessas asserções, sem apoio em qualquer fonte, nem sequer em pé de página¹³, a encíclica fornece uma visão apocalíptica dessas ameaças ao meio ambiente¹⁴: “O ritmo de consumo, desperdício e alteração do meio ambiente superou de tal maneira as possibilidades do planeta, que o estilo de vida atual — por ser insustentável — só pode desembocar em catástrofes, como aliás já está acontecendo periodicamente em várias regiões”¹⁵.

Promoção de um estilo de vida miserabilista que prejudicará sobretudo os pobres

Para o Papa Francisco, “as raízes mais profundas dos desequilíbrios atuais” têm a ver com “a orientação, os fins, o sentido e o contexto social do crescimento tecnológico e econômico”¹⁶, que procura um aumento indefinido da riqueza. Seria preciso, pelo contrário, uma “nova síntese”¹⁷, uma “mudança radical”¹⁸ e uma

¹² *Laudato Si* n° 23.

¹³ O cardeal George Pell declarou a esse respeito: “A Igreja não tem nenhum mandato do Senhor para pronunciar-se em matérias científicas” (<http://www.ft.com/cms/s/0/7f429c28-2bc6-11e5-acfb-cbd2e1c81cca.html>)

¹⁴ Por exemplo, apesar de o CO₂ ser parte natural da atmosfera e necessário ao crescimento de qualquer vegetal, incluído o fito plâncton marinho, e à libertação de oxigênio na atmosfera, o Papa afirma que “a *poluição* (sic!) produzida pelo dióxido de carbono aumenta a acidez dos oceanos e compromete a cadeia alimentar marinha” (n° 24).

¹⁵ *Laudato Si*, n° 161.

¹⁶ *Ibid.* n° 109.

¹⁷ *Ibid.* n° 112.

¹⁸ *Ibid.* n° 171.

“corajosa revolução cultural”¹⁹. Sem querer “o regresso à Idade da Pedra”²⁰, ele sustenta, porém, que a “humanidade é chamada a tomar consciência da necessidade de mudanças de estilos de vida, de produção e de consumo, para combater este aquecimento ou, pelo menos, as causas humanas que o produzem ou acentuam”²¹.

Essa nova cultura ecológica “deveria ser um olhar diferente, um pensamento, uma política, um programa educativo, um estilo de vida e uma espiritualidade que oponham resistência ao avanço do paradigma tecnocrático”²². Como exemplo de “hábitos nocivos de consumo” perniciosos para o meio ambiente, o Papa cita “o crescente aumento do uso e intensidade dos condicionadores de ar”²³, esquecendo que eles não são um luxo frívolo (se tivessem ar condicionado em casa, 14 mil anciãos provavelmente não teriam morrido na onda de calor que assolou o sul da França em 2003), mas uma necessidade para as condições de vida e de trabalho de milhões de pessoas em regiões tropicais.

O Papa Francisco parece esquecer que por volta de 1815 havia na Terra cerca de 1 bilhão de habitantes (a cifra ideal de Hans Schellnhuber), mas que nessa época a esperança de vida era de apenas 30 anos, e o ingresso per capita, em moeda constante, por volta de US\$ 100, ou seja, que em nível mundial, por causa do progresso industrial, a esperança de vida mais do que dobrou (hoje é de 71 anos) e o ingresso multiplicou-se mais de cem vezes (hoje é US\$ 12,000)²⁴.

Segundo o Papa Francisco, a “abordagem ecológica” é indispensável para “ouvir tanto o clamor da terra como o clamor dos pobres”, principais vítimas do desenvolvimento, uma vez que eles são “maioria no planeta, milhares de milhões

¹⁹ Ibid. n° 114.

²⁰ Ibid. n° 114.

²¹ Ibid. n° 23.

²² Ibid. n° 111.

²³ Ibid. n° 55.

²⁴ V. Steven W. Mosher, “Do the Pope and I live on the same planet?”, <http://nypost.com/2015/07/05/do-the-pope-and-i-live-on-the-same-planet/>

de pessoas”²⁵. De um lado, ele também parece esquecer que a redução da extrema pobreza tem sido um grande sucesso — de 1990 a 2010 ela foi dividida pela metade, segundo o insuspeito relatório da ONU sobre os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio, do ano 2014 — e, de outro lado, que se as propostas da encíclica fossem aplicadas, as maiores vítimas seriam os pobres da periferia, ou seja, os residentes nas regiões menos desenvolvidas do mundo, condenados a permanecer no subdesenvolvimento.

É igualmente demagógico afirmar, no que se refere ao “clamor da terra”, que deixaremos às gerações futuras somente “ruínas, desertos e lixo”²⁶. Como bem apontou o colunista George Will, basta comparar os níveis de poluição em Londres nos romances de Charles Dickens ou olhar para a notável transformação do rio Tâmisa nos últimos 50 anos, para ver um eloquente desmentido²⁷. E a realidade no que concerne ao lixo não é tão ruim, porque muito do “descarte” é reciclado, sendo a indústria da reciclagem uma fonte suplementar de muitos empregos e de riqueza²⁸.

Os índios, modelo de respeito ecológico à natureza

O reverso da medalha das críticas ao desenvolvimento é a visão romântica que o Papa Francisco apresenta dos povos indígenas, os quais seriam modelos de sabedoria no seu relacionamento com a natureza: “Para eles, a terra não é um bem econômico, mas dom gratuito de Deus e dos antepassados que nela descansam, **um espaço sagrado com o qual precisam interagir para manter a sua identidade e os seus valores**. Eles, quando permanecem nos seus territórios, são quem melhor os cuida”²⁹.

²⁵ Laudato Sì n° 49.

²⁶ Ibid. n° 161.

²⁷ https://www.washingtonpost.com/opinions/pope-franciss-fact-free-flamboyance/2015/09/18/7d711750-5d6a-11e5-8e9e-dce8a2a2a679_story.html?utm_term=.3063b1df62ac

²⁸ Ver Fr James V. Schall sj, “Concerning the ‘Ecological’ Path to Salvation” in <http://www.catholicworldreport.com/2015/06/21/concerning-the-ecological-path-to-salvation/>

²⁹ Laudato Sì n° 146

Em outra passagem, falando das cooperativas e do autoabastecimento, Francisco afirma que assim “é possível gerar uma maior responsabilidade, um forte sentido de comunidade, uma especial capacidade de solicitude e uma criatividade mais generosa, um amor apaixonado pela própria terra”, e acrescenta: “Estes valores têm um enraizamento muito profundo nas populações aborígenes”³⁰.

Durante sua viagem ao México, em sermão para os índios de Chiapas, após afirmar que vivemos “uma das maiores crises ambientais da história”, ele declarou: “Nisto, vós tendes muito a ensinar-nos, a ensinar à humanidade. Os vossos povos [...] sabem relacionar-se harmoniosamente com a natureza, que respeitam como ‘fonte de alimento, casa comum e **altar do compartilhar humano**’”³¹.

Evidentemente esses elogios não são alheios aos conflitos existentes em várias partes do mundo entre ditas populações e as autoridades nacionais a propósito de projetos hidroelétricos ou extrativos de minerais em terras indígenas. Curiosamente, apesar de reconhecer, no início da encíclica, que “o princípio da subordinação da propriedade privada ao destino universal dos bens e, conseqüentemente, o direito universal ao seu uso é uma ‘regra de ouro’ do comportamento social e o ‘primeiro princípio de toda a ordem ético-social’”³², esse princípio de subordinação da propriedade privada ao bem comum perde a validade quando se trata de populações indígenas, cujo direito ao território ancestral passa a ser absoluto, ainda que essa santuarização seja prejudicial ao desenvolvimento da respectiva nação e dos próprios povos aborígenes.

Assim, durante uma audiência com os participantes no 3º Fórum dos povos indígenas, organizado pelo Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola, o Papa Francisco afirmou que “deveria prevalecer sempre o direito ao consenso prévio e informado”, ao evocar o problema de “como reconciliar o direito ao desenvolvimento [...] com a tutela das características próprias dos indígenas e dos

³⁰ Ibid. n° 179.

³¹ http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2016/documents/papa-francesco_20160215_omelia-messico-chiapas.html

³² Laudato Sì n° 93.

seus territórios”, especialmente nos casos de atividades econômicas “que podem interferir com as culturas indígenas e a sua relação ancestral com a terra”³³.

O Papa Francisco teve outros encontros com os povos aborígenes durante sua viagem de janeiro de 2018 ao Chile e ao Peru, tendo neste último país visitado a Amazônia.

Falando aos nativos dessa imensa região, após palavras de forte impacto retórico: “Nós, que não habitamos nestas terras, precisamos da vossa sabedoria e dos vossos conhecimentos para podermos penetrar — sem o destruir — no tesouro que encerra esta região, ouvindo ressoar as palavras do Senhor a Moisés: ‘Tira as tuas sandálias dos pés, porque o lugar em que estás é uma terra santa’ (Ex 3, 5), o pontífice reiterou sua preferência pelo estilo de vida indígena em confronto com aquele do Ocidente, no qual tudo seria condenável: “A verdade é que vós, com a vossa vida, sois um grito lançado à consciência de um estilo de vida que não consegue medir os custos do mesmo. Vós sois memória viva da missão que Deus nos confiou a todos: cuidar da Casa Comum”³⁴.

Surge no espírito a seguinte pergunta: — Esta contínua increpação ao modelo cultural e econômico do Ocidente, acompanhada de um simétrico elogio à sabedoria do estilo de vida aborígine, representa uma chave de leitura presumível das orientações do próximo Sínodo Especial sobre a Amazônia, convocado para 2019? A resposta deveria ser categoricamente afirmativa caso se leve em consideração a simpatia pela Teologia da Libertação de alguns dos 18 membros do Conselho pré-Sinodal que colaborará com a Secretaria Geral na preparação da Assembleia Especial, tais como o cardeal Cláudio Hummes e Dom Erwin Kräutler, prelado emérito de Xingu. Além dos preocupantes temas já explicitamente levantados por esses dois prelados sobre a ordenação sacerdotal de leigos casados (*virii probati*) e a simultânea revisão do celibato eclesiástico — o que inauguraria uma prática que a partir da Amazônia poderia dilatar-se por toda a Igreja —, será preciso acompanhar com atenção se no referido Sínodo não se procurará também impor a todos os católicos a ideologia indigenista promovida

³³ http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/february/documents/papa-francesco_20170215_popoli-indigeni.html

³⁴ http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/january/documents/papa-francesco_20180119_peru-puertomaldonado-popoliamazonia.html

por um setor pró-Teologia da Libertação do episcopado brasileiro, a qual já foi objeto quatro décadas atrás de uma documentada denúncia do Prof. Plínio Corrêa de Oliveira em seu livro *Tribalismo indígena: Ideal comuno-missionário para o Brasil no século XXI*³⁵.

A “governança mundial” para promover uma “comunhão universal” teilhardiana

Outro aspecto particularmente perturbador é que a encíclica *Laudato Si* manifesta uma acentuada preferência pela “governança mundial” dos problemas ecológicos. Ela insiste em várias passagens sobre a necessidade de “conceber o planeta como pátria e a humanidade como povo que habita uma casa comum”³⁶, de “um acordo sobre os regimes de governança para toda a gama dos chamados bens comuns globais”³⁷, de “uma verdadeira Autoridade política mundial” dotada “de poder de sancionar”³⁸ e de “poder para punir os danos ambientais”³⁹.

Finalmente, é preciso destacar que, apesar de suas afirmações de que a defesa da natureza não requer “uma divinização da terra” nem “igualar todos os seres vivos e tirar ao ser humano aquele seu valor peculiar”⁴⁰, há passagens na encíclica que se colocam na linha do misticismo panteísta e evolucionista do Pe. Pierre Teilhard de Chardin, pessoalmente citado no documento (nº 83)⁴¹.

³⁵ http://www.pliniocorreadeoliveira.info/Tribalismo_last_corre%C3%A7%C3%A3o.pdf

³⁶ *Laudato Si* nº 164.

³⁷ *Ibid.* nº 174.

³⁸ *Ibid.* nº 175, citando Bento XVI e João XXIII.

³⁹ *Ibid.* nº 214.

⁴⁰ *Ibid.* nº 90.

⁴¹ Ver Arnaldo X. da Silveira, “Notas sobre *Laudato Si*” in

http://www.unavox.it/ArtDiversi/DIV1294_Da-Silveira_Note_su_Laudato-si.html Em 18 de novembro de 2017, a assembleia plenária do Conselho Pontifício para a Cultura aprovou uma moção para pedir ao Papa Francisco que remova o *Monitum* do Santo Ofício de 30 de junho de 1962 declarando que seus textos de caráter teológico e filosófico continham graves erros para a doutrina católica (<http://www.disf.org/teilhard-de-chardin-petizione-monitum-consiglio-cultura>).

O mundo é visto, de fato, como “sacramento de comunhão” no qual “o divino e o humano se encontram [...] mesmo no último grão de poeira do nosso planeta”⁴², pelo que “a meta do caminho do universo situa-se na plenitude de Deus, que já foi alcançada por Cristo ressuscitado, fulcro da maturação universal”⁴³, do que resulta que a “conversão ecológica” implica na **consciência amorosa “de formar com os outros seres do universo uma estupenda comunhão universal”**⁴⁴.

Cabe destacar que, para a encíclica, o homem é fruto dos “processos evolutivos”, cuja “novidade qualitativa” pressupõe “uma ação direta de Deus”. Mas o egrégio autor nunca fala da alma humana racional, a não ser de passagem, em uma nota (§141) que diz: “o amor vive-se sempre com corpo e alma”.

Apoio à agenda anticristã sob o pretexto de “desenvolvimento sustentável”

Pondo em prática os princípios da encíclica, o Papa Francisco, no seu discurso à Assembleia Geral das Nações Unidas de 25 de setembro de 2015, disse que levantava sua voz “em conjunto com a de todos aqueles que aspiram por soluções urgentes e eficazes”, para denunciar o “caráter dramático de toda esta situação de exclusão e desigualdade” que resulta do “abuso e a destruição do meio ambiente”. Pelo que “a adoção da ‘Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável’, durante a Cúpula Mundial que hoje mesmo começa, é um sinal importante de esperança”⁴⁵.

Esse apoio incondicional à “Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável” é tanto mais grave e surpreendente quanto a Missão Permanente da Santa Sé nas Nações Unidas tinha feito registrar na sessão da Assembleia Geral de 1º de Setembro de 2015, ou seja, no começo do mesmo mês, uma declaração oficial

⁴² *Laudato Si* n° 9, citando o Patriarca Bartolomeu, “Global Responsibility and Ecological Sustainability: Closing Remarks”, I Cúpula de Halki, Istambul.

⁴³ *Ibid.* n° 83.

⁴⁴ *Ibid.* n° 220.

⁴⁵ http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/september/documents/papa-francesco_20150925_onu-visita.html

exprimindo suas reservas quanto ao uso, no texto da referida Agenda, dos conceitos “saúde sexual e reprodutiva” e “direitos reprodutivos” (os quais, para serem aceitáveis, deveriam excluir explicitamente o aborto ou produtos abortivos de sua definição), assim como dos termos “contracepção”, “planificação familiar” (que deveriam incluir unicamente métodos moralmente lícitos) e, finalmente, “gênero” (o qual, para ser válido, deveria ser baseado na identidade sexual biológica). Igualmente, a Santa Sé viu-se obrigada a reiterar que a “responsabilidade primária” e os “direitos primários” dos pais na educação dos filhos inclui seu direito à liberdade religiosa⁴⁶.

Nada disso impediu o arcebispo Marcelo Sánchez Sorondo, chanceler das duas academias de Ciências, de declarar com ufania que **“pela primeira vez o magistério do Papa é paralelo ao das Nações Unidas”**⁴⁷.

Mais ainda, a mensagem pontifícia de 1º de setembro de 2016, para celebrar o “Dia Mundial de Oração pelo cuidado da Criação”, deu diretrizes de comportamento individual e aprovou iniciativas públicas contestáveis.

No plano individual, após citar o Patriarca Bartolomeu, para quem “todos nós, na medida em que causamos pequenos danos ecológicos”, somos chamados a reconhecer “a nossa contribuição — pequena ou grande — para a desfiguração e destruição do ambiente”, o Papa Francisco convidou cada um a arrepender-se “do mal que estamos a fazer à nossa casa comum”, como “indivíduos, acostumados a estilos de vida induzidos quer por uma cultura equivocada do bem-estar quer por um ‘desejo desordenado de consumir mais do que realmente se tem necessidade’”, assim como a fazer “um propósito firme de mudar de vida”, o qual “deve traduzir-se em atitudes e comportamentos concretos mais respeitadores da criação, como, por exemplo, fazer uma utilização judiciosa do plástico e do papel, não desperdiçar água, comida e eletricidade, diferenciar o lixo, tratar com desvelo os outros seres vivos, usar os transportes públicos e partilhar o mesmo veículo com várias pessoas, etc.”

⁴⁶ <https://holyseemission.org/contents//statements/55e60e559a5749.94098476.php>

⁴⁷ <https://gaceta.es/civilizacion/primera-vez-magisterio-papa-paralelo-naciones-unidas-20170720-0725/>

Para tornar esse compromisso mais cogente, o Papa sugere “um complemento aos dois elencos de sete obras de misericórdia [espirituais e corporais], acrescentando a cada um o cuidado da casa comum”⁴⁸.

No plano institucional, a “proteção da casa comum requer um consenso político crescente”, motivo pelo qual o pontífice manifesta a sua satisfação pelo fato de que “em setembro de 2015, as nações da terra adotaram os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e, em dezembro de 2015, aprovaram o Acordo de Paris sobre as mudanças climáticas, que se propõe o difícil mas fundamental objetivo de conter a subida da temperatura global”⁴⁹.

O apoio da Santa Sé à “Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável” é tanto mais desconcertante quanto ela já está sendo efetivada mediante a proliferação de iniciativas como a *Innov8*, da Organização Mundial da Saúde, que visa impor serviços de aborto, contracepção e educação sexual hedonista das crianças nos países menos desenvolvidos.

Em nome da Sociedade pela Proteção da Criança Não-Nascida (SPUC), o pesquisador britânico Matthew McCusker declarou que “a aprovação pelo Papa Francisco e outros órgãos da Santa Sé [dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável] aumenta gravemente a ameaça para os mais inocentes e os mais vulneráveis entre nós”, pelo que “é absolutamente necessário que todos os Católicos resistam, da maneira mais apropriada à sua posição na Igreja, a esse **alinhamento entre autoridades eclesiais e uma agenda internacional que visa a destruição de vidas inocentes** e da própria estrutura da família”⁵⁰.

⁴⁸ http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2016/documents/papa-francesco_20160901_messaggio-giornata-cura-creato.html

⁴⁹ Ibid.

⁵⁰ Ver “The impact of the United Nations’ Sustainable Development Goals on children and the family, and their endorsement by the Holy See” in <http://voiceofthefamily.com/wp-content/uploads/2017/02/Impact-of-the-United-Nations-Sustainable-Development-Goals22-2-17.pdf>

“Melodrama gnóstico e neopagão” na fachada da Basílica de São Pedro

A convergência do Papa Francisco com a agenda verde mais radical e pagã promovida pela ONU e por organizações internacionais ficou patente no dia 8 de dezembro de 2015, quando sobre a fachada da Basílica de São Pedro foi projetado o espetáculo *Fiat lux: Illuminating Our Common Home*, um verdadeiro “manifesto ecologista” financiado pelo World Bank Group com a intenção de traduzir em imagens a encíclica *Laudato Si*. Ele projetava leões, tigres e leopardos lá mesmo onde os primeiros cristãos foram martirizados, e fazia pairar uma imensa coruja enquanto monges budistas em marcha pareciam indicar uma via de salvação alternativa ao cristianismo⁵¹.

O jornalista Antonio Socci qualificou o espetáculo de “melodrama gnóstico e neopagão que tinha uma mensagem ideológica anticristã bem precisa”, observando que “em São Pedro, na festa da Imaculada Conceição, em lugar da celebração da Mãe de Deus preferiu-se a celebração da Mãe Terra, para fazer propaganda da ideologia dominante, essa ‘religião climática e ecologista’, neopagã e neomalthusiana que é sustentada pelos grandes poderes mundiais”⁵².

⁵¹ Ver Roberto de Mattei, “San Pietro: una basilica oltraggiata” in <https://www.corrispondenzaromana.it/san-pietro-una-basilica-oltraggiata/>

⁵² <http://www.antoniosocci.com/i-retroscena-della-profanazione-di-san-pietro-2/>

Capítulo 4

Favorecimento da imigração e do Islã – Parcimônia em relação aos cristãos perseguidos do Oriente Médio

Os temas da imigração e da acolhida nos discursos e intervenções de Francisco são recorrentes e de uma intensidade que supera de longe os pronunciamentos dos pontificados precedentes a tal respeito. De fato, para a Igreja atual, a acolhida dos imigrantes parece ser o verdadeiro princípio não negociável. A isso se soma o diálogo a todo custo com o Islã almejado pelo Papa a ponto de minimizar a matriz islâmica do terrorismo. Esta política o leva também a uma prudência extrema no denunciar o caráter religioso das perseguições aos cristãos nos países de maioria muçulmana.

O deslize crescente da Santa Sé em relação à imigração infelizmente não é de ontem. Ele foi abundantemente documentado por Laurent Dandrieu em seu livro *Église et immigration: le grand malaise*¹.

O ponto de partida pode ser situado *grosso modo* na encíclica *Pacem in terris* do Papa João XXIII, que reconhece a cada um “o pleno direito de estabelecer ou de mudar de domicílio dentro da comunidade política de que é cidadão, e mesmo, quando legítimos interesses o aconselhem, deve ser-lhe permitido transferir-se a outras comunidades políticas e nelas domiciliar-se”². Duas condições essenciais fixadas por Pio XII, seu predecessor, desaparecem nesse texto: o estado de necessidade do migrante e o direito da nação que o acolhe de restringir o acesso por razões de utilidade pública. Em lugar disso, segundo João XXIII, cada um tem o direito de emigrar “para onde espera ser-lhe mais fácil reconstruir um futuro para

¹ Edições Presses de la Renaissance, Paris, janeiro de 2017.

² *Pacem in terris* n° 25 in http://w2.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_11041963_pacem.html

si e para a própria família” e “incumbe aos respectivos poderes públicos o dever de acolher esses estranhos”³.

Desse desequilíbrio inicial em favor dos migrantes chegou-se, ao longo de quatro décadas, à exaltação da imigração em si mesma e das sociedades multiétnicas e interculturais⁴, vistas como um sinal dos tempos que exprime a unidade da família humana e que é “em certa medida antecipação que prefigura a cidade de Deus sem barreiras”⁵. As populações locais não são mencionadas senão para deplorar a sua “atitude estreitamente nacionalista”⁶ e “a xenofobia, às vezes até o racismo, o medo e a intolerância”⁷ de que dariam mostras.

O caráter teológico e redentor da acolhida aos imigrantes, segundo Francisco

Mas sob o Papa Francisco o deslize foi muito além, fazendo de suas visitas a Lampedusa e a Lesbos e de suas objurgatórias em favor dos emigrantes um dos pontos altos de seu pontificado.

“Entre essas duas ilhas — diz Laurent Dandrieu — Francisco lançou um oceano de declarações sobre os migrantes, nesse estilo espontâneo, desconjuntado e amiúde aproximativo que é típico dele”. Para o editor de *Valeurs Actuelles*, “os discursos se misturam com gestos espetaculares e simbólicos, que acabam por

³ Ibid. n° 106.

⁴ http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/migration/documents/hf_ben-xvi_mes_20100927_world-migrants-day.html

⁵ Bento XVI, *Caritas in veritate* n° 7, http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20090629_caritas-in-veritate.html

⁶ Paulo VI, *Octogesima Adveniens*, n° 17 in http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_letters/documents/hf_p-vi_apl_19710514_octogesima-adveniens.html. A versão do site do Vaticano traduziu equivocadamente o original francês “*étroitement nationaliste*” por “estritamente nacionalista”.

⁷ Pontifício Conselho para a Pastoral dos Migrantes e Itinerantes e Pontifício Conselho Cor Unum, “Acolher Cristo nos refugiados e nas pessoas deslocadas à força”, n° 42 in http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/corunum/corunum_po/pubblicazioni_po/Rifugiati-2013-PORT.pdf

formar uma espécie de matracagem obcecante”⁸: missa num altar em forma de barco em Lampedusa; embarque em Lesbos de três famílias de refugiados sírios muçulmanos; celebração da Quinta-Feira Santa num centro de refugiados e lavapés de doze asilados, três deles muçulmanos; descida até a multidão de peregrinos numa audiência geral, para levar ao estrado uma quinzena de jovens refugiados, rodeado dos quais ele afirma: **“O cristão não exclui ninguém, deixa um lugar para todos, permite que todos venham!”**⁹.

Na sua primeira mensagem para o Dia do Migrante, o Papa Francisco afirma que as migrações podem “abrir espaços para o crescimento de **uma nova humanidade**, preanunciada no mistério pascal: uma humanidade **em que toda terra estrangeira é uma pátria**, e em que toda pátria é uma terra estrangeira”¹⁰, fazendo uma aplicação bastante tendenciosa de um texto do século II o qual visa unicamente mostrar que a verdadeira pátria do homem é o céu, e de nenhuma maneira que o ideal para a humanidade seja uma República Universal.

No livro-entrevista com Dominique Wolton, o Papa dá uma dimensão teológica ao fenómeno migratório: “Nossa teologia é uma teologia de imigrantes. Porque nós todos o somos desde o apelo a Abraão, com todas as migrações do povo de Israel, e depois, o próprio Jesus foi um refugiado, um imigrante. Além do mais, existencialmente, por causa da nossa fé, nós somos imigrantes.”¹¹

Durante a homilia da missa de Natal de 2017, o Papa Francisco voltou a dar uma conotação religiosa à acolhida dos imigrantes: “Maria e José, para quem não havia lugar, são os primeiros a abraçar Aquele que nos vem dar a todos o documento de cidadania. [...] Menino pequenino de Belém, pedimos-Vos que [...] a

⁸ Laurent Dandrieu, op. cit. p. 72.

⁹ http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/papa-francesco_20160622_udienza-generale.html

¹⁰ http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/migration/documents/papa-francesco_20130805_world-migrants-day.html

¹¹ Dominique Wolton, Politique et société : Pape François, rencontres avec Dominique Wolton, ed. L’Observatoire, Paris, 2017, pp. 26-27.

vossa ternura desperte a nossa sensibilidade e nos faça sentir convidados a reconhecer-Vos em todos aqueles que chegam às nossas cidades”¹².

Primazia do direito a imigrar sobre a segurança nacional

Na véspera da reunião do G20 em Hamburgo, em julho de 2017, o Papa Francisco convidou Eugenio Scalfari para um colóquio em Santa Marta, no qual lhe teria manifestado sua preocupação pelas alianças entre as grandes potências. Segundo o relato do jornalista, à pergunta de qual seria essa ameaça, o Papa teria respondido: “O perigo concerne à imigração. Nós, o senhor sabe bem, temos como problema principal e lamentavelmente crescente no mundo de hoje, o dos pobres, dos fracos, dos excluídos, dos quais os imigrantes fazem parte. [...] Outros [países] têm poucos pobres locais, mas temem a invasão de imigrantes. Eis por que o G20 me preocupa: golpeia sobretudo os imigrantes de países de meio mundo e os golpeia ainda mais com o passar do tempo”¹³.

Nem sequer o temor de invasão e os perigos à segurança podem ser invocados, segundo o Papa, para restringir a imigração. Na sua Mensagem para o 104º Dia Mundial do Migrante e do Refugiado 2018, divulgada em 15 de agosto 2017, Francisco sustentou que “o princípio da centralidade da pessoa humana [...] obriga-nos a antepor sempre a segurança pessoal à nacional”¹⁴. A declaração provocou consternação por contradizer o princípio aristotélico incorporado na doutrina social da Igreja, segundo o qual o bem comum da sociedade (*koinion sumpheron*) prevalece sobre o bem privado dos indivíduos¹⁵. Além do mais, a declaração é

¹² http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2017/documents/papa-francesco_20171224_omelia-natale.html

¹³

http://www.repubblica.it/vaticano/2017/07/08/news/scalfari_intervista_francesco_il_mio_grido_al_g20_sui_migranti_-170253225/

¹⁴ http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/migration/documents/papa-francesco_20170815_world-migrants-day-2018.html

¹⁵ “O bem comum da sociedade é superior a qualquer outro interesse, porque é o princípio criador, é o elemento conservador da sociedade humana; daí resulta que todo verdadeiro cidadão deve desejá-lo e procurá-lo a qualquer preço” (Leão XIII, carta *Notre consolation*, https://w2.vatican.va/content/leo-xiii/fr/letters/documents/hf_l-xiii_let_18920503_notre-consolation.html).

em si mesma contraditória, porque, como diz o Catecismo da Igreja Católica¹⁶, o bem comum supõe “que a autoridade assegure, por meios honestos, a *segurança* da sociedade e dos seus membros”, pelo que “o bem comum está na base do direito à legítima defesa, pessoal e coletiva” (nº 1909).

Claros sinais enviados por diversos eleitorados parecem repercutir em algumas palavras do Papa Francisco nas quais ele reconhece aos Estados o direito de regular o fenómeno migratório — por exemplo, no discurso aos membros do Corpo Diplomático de 8 de janeiro último —, mas essas expressões mais cautas são insuficientes para contrabalançar a forte e continua “matracagem” exercida no decurso dos cinco anos de pontificado em favor de uma acolhida generalizada¹⁷.

Além do mais, tal cautela não impediu que, em plena discussão de um projeto italiano de lei para estender o direito à cidadania aos filhos de imigrantes com base no *ius soli*, a Mensagem para o 104º Dia Mundial do Migrante e do Refugiado 2018 faz uma clara intrusão na política contingente da Itália, ao declarar que “no respeito pelo direito universal a uma nacionalidade, esta deve ser reconhecida e devidamente certificada a todos os meninos e meninas no momento do seu nascimento”¹⁸. Para Dom Ignazio Zambito, bispo emérito de Patti, o projeto de lei favorecido pela intervenção do Papa é “inoportuno” e “desafortunado”, porque “não podemos presentear a cidadania, a qual, pelo contrário, se ganha, se merece, se obtém com fadiga, abraçando totalmente e deveras os princípios, as regras e as leis do país hóspede”¹⁹. E para o filósofo Stefano Fontana, tal intrusão desrespeita a legítima autonomia do Estado na esfera temporal²⁰.

¹⁶ http://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/p3s1cap2_1877-1948_po.html

¹⁷ http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/january/documents/papa-francesco_20180108_corpo-diplomatico.html

¹⁸ http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/migration/documents/papa-francesco_20170815_world-migrants-day-2018.html

¹⁹ <http://www.ilgiornale.it/news/cronache/vescovo-critica-bergoglio-ius-soli-sciagurata-follia-1454344.html>

²⁰ Ver o comentário de Stefano Fontana, “Così si cambia la Dottrina sociale della Chiesa” no *La nuova Bussola Quotidiana* (<http://www.lanuovabq.it/it/cosi-si-cambia-la-dottrina-sociale-della-chiesa>).

Menosprezo pelas raízes cristãs da Europa em favor do “multiculturalismo”

No mês de Julho precedente, reagindo às declarações do Papa a Eugenio Scalfari, o ex-presidente do Senado italiano, o filósofo Marcello Pera, havia declarado: “Não compreendo este Papa; aquilo que ele diz está fora de qualquer compreensão racional. [...] Por que insiste na acolhida total? O Papa o faz porque detesta o Ocidente, aspira por destruí-lo e faz de tudo para alcançar esse fim”²¹.

De fato, o reverso de seu favorecimento à imigração parece ser certo despreço pela identidade cristã da Europa. Em uma entrevista ao jornal *La Croix*, aos jornalistas que lhe fazem notar que ele fala muito das raízes da Europa, mas evita juntar o adjetivo “cristãs”²², o Papa responde: “É preciso falar das raízes no plural, porque há tantas. Nesse sentido, **quando ouço falar das raízes cristãs da Europa, eu temo por vezes o tom, que pode ser triunfalista ou vingador. Isso passa a ser colonialismo**”²³.

Nas conversas com Dominique Wolton, Francisco afirma o seguinte sobre a cultura europeia: “Ela tem importantes raízes cristãs, é verdade. Mas isso não é suficiente para defini-la. Há todas as nossas capacidades. Essas capacidades de integrar, de receber os outros. Há também a língua, a cultura. Na nossa língua espanhola, 40% das palavras são árabes [sic!]. Por quê? Porque eles estiveram lá sete séculos. E deixaram sua marca”²⁴.

E ao receber o prêmio Carlos Magno declarou: “As raízes da Europa se foram consolidando no decurso de sua história, aprendendo a integrar em sínteses sem-

²¹ <http://www.ilsussidiario.net/News/Cronaca/2017/7/10/Marcello-Pera-vs-Papa-Francesco-Bergoglio-fa-politica-e-in-atto-uno-scisma-nella-Chiesa-/773071/>

²² No seu discurso ao Conselho de Europa, em 25 de novembro de 2014, menciona 11 vezes as raízes da Europa sem jamais acrescentar o adjetivo “cristã”!
http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/november/documents/papa-francesco_20141125_strasburgo-consiglio-europa.html

²³ <http://www.la-croix.com/Religion/Pape/Pape-Francois-II-faut-integrer-migrants-2016-05-16-1200760525>

²⁴ Dominique Wolton, *ibid.*, p. 135.

pre novas as culturas mais diversas e sem aparente ligação entre elas. **A identidade europeia é, e sempre foi, uma identidade dinâmica e multicultural**”²⁵.

Para o Pontífice, as invasões da Europa são boas para a constituição de sua identidade. Diante do diretor do semanário católico progressista *La Vie*, Francisco reconheceu que “**se pode falar hoje de invasão árabe**. É um fato social”. Mas, em seguida, acrescentou otimista: “**Quantas invasões a Europa conheceu ao longo da sua história! Ela sempre soube se reerguer**, ir adiante, para achar-se depois como que engrandecida pela troca entre as culturas”²⁶. E no avião de retorno de Lesbos, ainda voltará ao assunto: “Hoje, a Europa deve recuperar esta capacidade, que sempre teve, de integrar. Com efeito, chegaram à Europa os nômades, os normandos e muitos povos, e a Europa integrou-os e enriqueceu a sua cultura”²⁷.

Favorecimento do *ius soli* em detrimento da autonomia do poder civil

O caráter ilusório dessa suposta ilimitada capacidade do continente europeu de absorver um fluxo ininterrupto e maciço de imigrantes ao preço de sua identidade tradicional ficou patente na mensagem que a prefeita de Roma, Virginia Raggi, publicou em 13 de junho de 2017 na sua conta Facebook, na qual a primeira magistrada da própria cidade onde mora o Papa afirma: “Roma está submetida a uma forte pressão migratória. Assim não é possível ir adiante. Nos dias passados enviei uma carta [...] para pedir ao Ministério do Interior uma moratória de novas chegadas de imigrantes à cidade. [...] É hora de ouvir os cidadãos romanos: não

²⁵ http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/may/documents/papa-francesco_20160506_premio-carlo-magno.html

²⁶ http://www.lavie.fr/religion/catholicisme/conversation-politique-avec-le-pape-francois-02-03-2016-71086_16.php

²⁷ http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/april/documents/papa-francesco_20160416_lesvos-voilo-ritorno.html

podemos permitir novas tensões sociais. Por isso acho impossível, além de arriscado, pensar em criar novas estruturas de acolhimento”²⁸.

Apesar desse pedido de moratória, na audiência geral de 21 de junho de 2017 o Papa Bergoglio expressou seu “sincero apreço” pela campanha de coleta de assinaturas para uma lei migratória mais acolhedora, intitulada “Eu era estrangeiro” promovida pelo Partido Radical²⁹, e ainda na audiência geral de 27 de setembro seguinte deu as boas-vindas “aos representantes de muitas organizações da sociedade civil comprometidas na assistência a migrantes e refugiados que, juntamente com a Caritas, deram apoio à angariação de assinaturas para uma nova lei migratória mais adequada ao contexto atual”³⁰. E isso apesar de na viagem de retorno do México, a propósito da discussão do projeto de lei sobre as uniões civis homossexuais, ele ter declarado que “o Papa não se intromete na política italiana” porque “o Papa é para todos, e não pode entrar na política concreta, interna de um país”[...]³¹

Roma não é, contudo, um caso isolado, mas um espelho do que acontece em todas as grandes cidades europeias. O resultado da matracagem de uma mensagem de abertura indiscriminada das fronteiras é que a Hierarquia católica aparece como solidária àquelas correntes laicas que consideram a Europa um espaço aberto, terra da liberdade e dos direitos humanos, que deve renunciar ao seu passado católico e à sua identidade cristã para transformar-se numa espécie de Euro-Babel, ou seja, um *melting pot* multiétnico e pluricultural, modelo de um mundo totalmente globalizado³².

²⁸ <https://www.facebook.com/virginia.raggi.m5sroma/posts/795231333992651:0>

²⁹ http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2017/documents/papa-francesco_20170621_udienza-generale.html

³⁰ https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2017/documents/papa-francesco_20170927_udienza-generale.html

³¹ http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/february/documents/papa-francesco_20160217_messico-conferenza-stampa.html

³² De Jan Amos Komensky (séc. XVII) ao eurodeputado socialista Antonio Giolitti — para quem a União Europeia “passou a ser finalmente um embrião, uma primeira célula do governo mundial” (*L'Unità*, 4-9-1990) — passando pelo barão Jean-Baptiste du Val-des-Grâces, Giuseppe Mazzini, Victor Hugo, o conde de Saint-Simon, o marquês de Saint-Yves

Uma caridade mal entendida que prepara a submissão futura ao Islã

Em concreto, isso significa aceitar passivamente as políticas irresponsáveis de imigração de massa promovidas por importantes líderes europeus e a constituição, dentro das nações europeias, de verdadeiros guetos de imigrantes, a maioria deles compostas de muçulmanos que se recusam a integrar-se nos países de acolhida e sonham em estender a *Umma* islâmica a toda a Europa: “Quem tem o direito de dizer que a França daqui a trinta ou quarenta anos não será muçulmana?”, perguntou na grande mesquita de Orly o porta-voz do Coletivo contra a Islamofobia, Marwan Muhammad. E arrematou: “Ninguém neste país tem o direito de definir em nosso lugar no que consiste a identidade francesa”³³.

Trabalhadas por essa pretensão hegemônica, as comunidades imigradas que dominam as periferias urbanas das grandes cidades se transformaram em viveiros salafistas de radicalização dos mais jovens, atraídos sem cessar pela “guerra santa” islâmica, constituindo uma ameaça permanente à segurança nacional de um número crescente de países europeus, de que dão testemunho os atentados terroristas na França, na Bélgica, na Alemanha, na Espanha e na Inglaterra.

Em resumo, a retórica e os gestos simbólicos do Papa Francisco em matéria de imigração vão todos no sentido de, em nome da acolhida ao estrangeiro, incitar os europeus a abaixar a guarda diante da ameaça representada pela atual invasão maciça de populações inassimiláveis, prelúdio do caos, quando não da submissão ao Islã, como prenuncia o romance do mesmo nome de Michel Houellebecq.

“O drama da Igreja hoje — conclui Laurent Dandrieu — é que ela dá amiúde aos europeus a sensação de que a Europa já está perdida, e que, reduzindo a iden-

d’Alveydre ou Jean-Jacques Servan-Schreiber, muitos foram os utopistas que sonharam com a abolição dos Estados e a construção de uma República Universal.

³³ Citado por Laurent Dandrieu, “Mosquées en France: l’inquiétante invasion”, *Valeurs actuelles*, 15-05-2014.

tidade europeia a uma ‘cultura do encontro’, quer abrir as portas do continente às forças que ameaçam destruir aquilo que constitui sua real identidade”³⁴.

Uma idealização do Islã que parece procurar isentá-lo de seu caráter violento

A promoção da referida “cultura do encontro”³⁵ leva o Papa Francisco a idealizar a religião de Maomé e a dar a impressão de procurar eximi-la de qualquer responsabilidade pela violência praticada em seu nome.

Sua visão rósea do Islã manifestou-se logo no seu primeiro documento programático oficial, a exortação apostólica *Evangelii gaudium*, onde afirmou: “Nós, cristãos, deveríamos acolher com afeto e respeito os imigrantes do Islã que chegam aos nossos países. [...] Diante de episódios de fundamentalismo violento que nos preocupam, o afeto pelos verdadeiros crentes do Islã deve levar-nos a evitar odiosas generalizações, porque **o verdadeiro Islã e uma interpretação adequada do Alcorão opõem-se a toda a violência**”³⁶.

Em carta aberta ao Papa Francisco, o Pe. Guy Pagès, muito ativo na evangelização dos muçulmanos e na apologética através da Internet, observou que essa declaração continha uma “contraverdade aterradora” porque, segundo os muçulmanos, “somente Alá conhece a interpretação do Corão” (surata 3.7), uma vez que o Islã não possui nenhuma autoridade com poderes magisteriais; também porque os versículos tolerantes foram revogados pelo “versículo do sabre” (Corão 33.21) e mais da metade dos 6235 versículos do Corão execram os não mu-

³⁴ Laurent Dandrieu, *Èglise et immigration*, p. 285.

³⁵ https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2016/documents/papa-francesco-cotidie_20160913_cultura-do-encontro.html

³⁶ N° 253 https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html — Não deixa de ser significativo que a afirmação pelo Papa do caráter pacífico do Islã tenha aparecido apenas cinco meses depois de o conselheiro diplomático do Grão-Imã da mesquita Al Azhar declarar — como condição para o restabelecimento das relações diplomáticas interrompidas depois do discurso de Bento XVI em Regensburg — que esperava do Papa Francisco “uma intervenção na qual dissesse que o Islã é uma religião pacífica” (v. <http://www.jeuneafrique.com/170368/societe/al-azhar-tente-de-renouer-le-dialogue-avec-le-vatican/>)

çulmanos e manifestam a funesta intenção de matá-los ou submetê-los; e, finalmente, porque a história e a atualidade desmentem rotundamente o caráter supostamente pacífico da religião muçulmana³⁷.

Não obstante tudo isso, em carta aos cristãos do Oriente Médio, datada de 21 de dezembro de 2014, o Papa Francisco afirmou: “A maior parte de vós vive num ambiente de maioria muçulmana. Podeis ajudar os vossos concidadãos muçulmanos a apresentarem, com discernimento, **uma imagem mais autêntica do Islã**, como querem muitos deles que repetem que **o Islã é uma religião de paz**”³⁸.

E no avião que o trazia de volta das Jornadas Mundiais da Juventude de Cracóvia, perguntado sobre o “bárbaro assassinato” do Pe. Jacques Hamel enquanto celebrava missa na periferia de Rouen, acontecido poucos dias antes, em julho de 2016, o Papa respondeu:

“**Eu não gosto de falar de violência islâmica**, porque todos os dias, quando folheio os jornais, vejo violência, aqui na Itália: um que mata a namorada, outro que mata a sogra... E estes são católicos batizados violentos! São católicos violentos... **Se falasse de violência islâmica, deveria falar também de violência católica**. Nem todos os islâmicos são violentos; nem todos os católicos são violentos. É como uma salada de frutas: há de tudo, há violentos destas religiões. Uma coisa é verdade: creio que **em quase todas as religiões há sempre um pequeno grupo fundamentalista**. Fundamentalista. Nós os temos. E se o fundamentalismo chega e mata — mas pode-se matar com a língua (isto não o digo eu, mas o apóstolo Tiago), e também com a faca —, **penso que não é justo identificar o Islã com a violência**. Isto não é justo, nem é verdade! Tive um longo diálogo com o Grão-Imã da Universidade de al-Azhar e **sei o que eles pensam: procuram a paz, o encontro**”³⁹.

³⁷ <http://www.islam-et-verite.com/deuxieme-lettre-ouverte-au-pape-francois/>

³⁸ http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2014/documents/papa-francesco_20141221_lettera-cristiani-medio-oriente.html

³⁹ https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/july/documents/papa-francesco_20160731_polonia-conferenza-stampa.html

Como comenta com propriedade Laurent Dandrieu, “aqui, a vontade de eximir o Islã enquanto tal de qualquer complacência para com a violência raia no absurdo mais total, pela via do sofisma: pois, que relação pode haver entre uma violência privada [...] sob a paixão dos ciúmes ou da cólera [... e] em oposição aos preceitos mais explícitos da própria religião⁴⁰ e uma série de atentados sistemáticos, organizados, reivindicados não apesar, mas em nome do Islã e justificando-os por textos do Corão que não são contestados por ninguém? [...] O Papa cede aqui a uma forma particularmente nociva de relativismo cultural, dando a entender que todas as religiões se equivaleriam em termos de violência, cada uma abrigoando em seu seio — dano colateral — ‘pequenos grupos fundamentalistas’⁴¹ .

O Islã, um meio de salvação?

Pior ainda. Para o Papa Francisco, o Islã não é somente pacífico, mas um meio de salvação dos muçulmanos. Dirigindo-se aos imigrantes no final de sua visita à paróquia romana de Castro Pretorio em 19 de janeiro de 2014, ele lhes disse: “É importante que vocês partilhem [...]. Aqueles que são cristãos com a Bíblia, **aqueles que são muçulmanos com o Corão, com a fé que receberam de seus pais**, sempre para ir adiante. Partilhem também a própria fé. Um somente é Deus, o mesmo. **Alguns [o cultuam] de uma maneira, outros de outra**”⁴².

As reiteradas expressões de idealização do Islã pelo Papa Francisco levaram um numeroso grupo de ex-muçulmanos convertidos ao catolicismo a escrever com seus amigos uma carta pública ao pontífice em 25 de dezembro de 2017, manifestando-lhe a sua perplexidade:

“Se o Islã é a religião bondosa que Sua Santidade parece ensinar, por que será que nos tornamos católicos? Seria falso afirmar que as suas palavras questionam a relevância da escolha que fizemos, mesmo com o risco de nossas vidas? [...] Não é preocupante que o próprio Papa pareça propor o Alcorão como uma forma

⁴⁰ Não sem uma ponta de ironia, Riccardo Cascioli observou: “Talvez sejamos distraídos, mas jamais lemos em nenhuma seção de crime de um homem que agride a ex-mulher ao grito de ‘Viva Cristo Rei’” (<http://www.lanuovabq.it/it/ma-chi-vuole-una-guerra-di-religione>).

⁴¹ Laurent Dandrieu, op. cit. p. 134.

⁴² Ver video <https://youtu.be/BXaqlOj4qIg>

de salvação? Será que deveríamos voltar para o Islã? [...] Imploramos a Sua Santidade: não vá buscar no Islã um aliado na luta contra os poderes que procuram dominar e escravizar o mundo, pois todos eles estão, de fato, unidos numa mesma lógica totalitária, baseados na rejeição da realeza de Cristo”⁴³.

Para não ofender as potências muçulmanas, grande cautela ao falar sobre a perseguição aos cristãos

A perplexidade é tanto maior quanto todas essas manifestações de condescendência com o Islã são paralelas a uma enigmática discricção na defesa dos cristãos perseguidos em terras islâmicas. Marc Fromager, diretor da seção francesa da organização *Ajuda à Igreja que Sofre*, em uma entrevista publicada pela versão digital do jornal *Le Figaro* sob o expressivo título “Os cristãos perseguidos do Oriente, os grandes esquecidos do discurso do Papa Francisco?”, declarou o seguinte: “Os cristãos de Oriente me dizem que não compreendem mais nada. **Eles têm por vezes a sensação de terem sido abandonados, inclusive pelos seus irmãos cristãos do Ocidente.** [...] Eles têm a impressão de que nós não compreendemos o que está acontecendo com eles”⁴⁴.

O auge dessa percepção de abandono aconteceu durante o ataque fulminante do Estado Islâmico na planície de Nínive, que obrigou duzentos mil cristãos (e outras minorias) a abandonar suas aldeias. Enquanto milhões de pessoas no mundo se solidarizavam com eles adotando o sinal “nazarenos” — com o qual eram marcados para serem mortos ou expulsos —, o Vaticano se limitava a publicar com clamoroso atraso uma simples “nota” do então porta-voz Pe. Lombardi, pedindo em nome do Papa à comunidade internacional para pôr fim ao “drama humanitário em andamento”⁴⁵.

⁴³ <http://exmusulmanschretiens.fr/pt/>

⁴⁴ <http://www.lefigaro.fr/vox/religion/2016/08/01/31004-20160801ARTFIG00208-les-chretiens-persecutes-d-orient-grands-oublies-du-discours-du-pape-francois.php>

⁴⁵ http://www.radiovaticana.va/proxy/portuguese/noticiario/2014_08_07.html

“Nada é dito nessa declaração friazinha — destacou o jornalista Giulano Ferrara — sobre quem são os responsáveis por esses ‘angustiosos eventos’. Nem um aceno às causas que obrigaram as ‘comunidades atribuladas’ a fugir dos próprios vilarejos”. Uma “reticência desconcertante em face de criminosos sanguinários”, acrescentou Antonio Socci, “com os quais — dizem os bispos do local — não há nenhuma possibilidade de diálogo”⁴⁶.

Qual a razão dessa reticência? Um véu foi levantado pelo próprio Papa Francisco, em uma entrevista ao jornal *La Vanguardia*, de Barcelona: “Os cristãos perseguidos — disse ele — são uma preocupação que me toca de perto como pastor. Sei muitas coisas de perseguições **que não me parece prudente contar aqui para não ofender ninguém**. Mas em algum lugar está proibido ter uma Bíblia ou ensinar catecismo ou levar uma cruz”⁴⁷. Ou seja, é dos próprios lábios de Francisco que se fica sabendo que sua discricão no trato das perseguições aos cristãos tem como objetivo não ofender as autoridades dos países muçulmanos.

Nesse sentido, de há muito vem suscitando estupor o comportamento de extrema cautela do Papa Francisco evitando expressar-se com vigor no caso dramático de Asia Bibi, uma mãe católica condenada à morte no Paquistão por suposta blasfêmia contra Maomé jamais proferida. De fato, durante um longo período o pontífice nunca pronunciou o nome dessa mulher heroica, apesar dos numerosos pedidos a ele dirigidos. Em uma audiência pública no mês de abril de 2015, ele se limitou muito sumariamente a um aperto de mão ao marido e à filha da vítima, conduta que foi imediatamente notada e sublinhada por muitos observadores e comentaristas vaticanos. Finalmente, os conselheiros procuraram pôr panos quentes, e em fevereiro de 2018 organizaram uma audiência privada de Francisco com os parentes de Asia Bibi. Nessa audiência esteve também presente uma das muitas alunas nigerianas raptadas pelo movimento islamista Boko Haram, uma tragédia que havia comovido o mundo inteiro e à qual o Papa havia se referido apenas com um *tweet*.

Ademais, em breve referência ao repulsivo ataque terrorista contra uma multidão de mães e crianças cristãs, após a celebração da Páscoa em Lahore — tam-

⁴⁶ <http://www.liberoquotidiano.it/news/sfoglio/11671032/Iraq--Antonio-Socci--i.html>

⁴⁷ <http://www.lavanguardia.com/internacional/20140612/54408951579/entrevista-papa-francisco.html>

bém no Paquistão —, em 2016, o Papa Francisco manifestou sua solidariedade aos familiares das vítimas, mas **evitou cuidadosamente condenar os autores do atentado e de precisar a motivação cristianofóbica do mesmo**, definindo-o apenas como “um execrável atentado”⁴⁸.

Esse não foi um caso isolado. O pontífice tampouco nada disse quando a jovem mãe sudanesa Meriam Yahia Ibrahim estava com seus filhinhos no cárcere, condenada à morte somente por ser cristã, recebendo-a após sua libertação graças unicamente às pressões internacionais⁴⁹. Permanece válida a avaliação feita por Sandro Magister em agosto de 2014, segundo a qual o Papa Bergoglio está repetindo o comportamento que tinha na Argentina em relação aos evangélicos: “Não combater seus chefes, mas fazer-se seu amigo. É a mesma linha que adotou com o mundo muçulmano: oração, invocações de paz, condenações gerais dos atos ruins cometidos, mas muito atento para ficar afastado dos casos específicos de determinadas pessoas, vítimas ou carnificinas, seja o que for”⁵⁰. O que levou o analista Alexandre del Valle a comentar, logo no início do atual pontificado: “O silêncio do Papa Francisco sobre a nova cristianofobia e suas profissões de fé islamicamente corretas não brearão as condenações à morte de ‘apóstatas’ e outras perseguições de cristãos no Paquistão, na Síria, na África do Norte ou alhures...”⁵¹.

⁴⁸ http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2016/documents/papa-francesco_regina-coeli_20160328.html

⁴⁹

http://en.radiovaticana.va/news/2014/07/24/sudanese_christian_meriam_ibrahim_meets_pope_francis/1103368

⁵⁰ <http://chiesa.espresso.repubblica.it/articolo/1350853.html>

⁵¹ <http://www.atlantico.fr/decryptage/christianophobie-calvaire-chretiens-dans-monde-alexandre-del-vall-685762.html/page/0/1>

“Um ‘diálogo’ baseado na complacência, nos compromissos e na duplicidade”

Esta assaz humana prudência não parece fruto de um desconhecimento, uma vez que conhecidos especialistas católicos sobre o Islã têm advertido sobre o caráter ilusório dessa política de mão estendida. Assim, por exemplo, o sacerdote jesuíta egípcio Samir Khalil Samir, professor emérito no Pontifício Instituto Oriental em Roma e um dos maiores especialistas mundiais em Islamismo, declarou, após o assassinato do Pe. Hamel e dos ataques terroristas na Alemanha: “Temos também que ter a coragem de dizer que o Islã tem elementos de violência, no Corão e na vida de Maomé. **Se continuarmos a dizer que ‘o Islã é uma religião de paz’, apenas criamos confusão e mistificação**”⁵². Interrogado por Edward Pentin, do *National Catholic Register* — após os morticínios no Egito na Páscoa — se o islamismo é o verdadeiro Islã, ele respondeu: “**O Estado Islâmico é a aplicação do que é ensinado**. Não é algo fora do Islã ou inventado. Não, eles estão aplicando o Islã. Quando ouvimos que o Estado Islâmico não tem nada que ver com o Islã — que este último significa *salaam*, quer dizer, paz —, tudo isso é falso. Não é verdade. **O Estado Islâmico não está fazendo nada que não esteja no Corão ou na tradição maometana**”⁵³.

Ainda mais incisivo na sua apreciação é o jesuíta egípcio Henri Boulad, antigo presidente da Caritas para a África do Norte e o Meio-Oriente. Em uma entrevista ao *Figaro*, ele deplorou a “monumental ingenuidade” de alguns teólogos e hierarcas que “ignoram o **plano sistemático do Islã para a conquista do planeta**”. Ele teme que gestos como aquele de trazer três famílias muçulmanas no avião de retorno de Lesbos “sejam considerados pelo Islã como sinais de fraqueza”. “O Papa deveria tomar mais em conta a sensibilidade dos cristãos do Oriente, que se sentem marginalizados e pouco consultados no diálogo com os muçulmanos”⁵⁴.

⁵² <http://www.asianews.it/news-en/Fr-Samir:-Islamic-terror-in-France-and-Germany-a-crisis-of-integration,-but-above-all-of-politics-38144.html>

⁵³ <http://www.ncregister.com/daily-news/father-samir-egypts-palm-sunday-terror-reflects-a-sickness-within-islam>

⁵⁴ <http://www.lefigaro.fr/actualite-france/2016/05/06/01016-20160506ARTFIG00277-migrants-les-coulisses-de-l-operation-controversee-du-pape.php>

E na denúncia que fez após o atentado islamista contra os cristãos coptas na Páscoa, o Pe. Boulad disse: **“Eu acuso o Islã de ser a causa dessa barbárie e de todos os atos de violência cometidos em nome da fé muçulmana.** Não acuso apenas os terroristas, nem o terrorismo. Não acuso unicamente a Irmandade Muçulmana nem a nebulosa de grupúsculos que gravitam em torno dessa confraria jihadista, violenta e totalitária. Não acuso somente o islamismo, ou o Islã político e radical. **Eu acuso simplesmente o Islã, que por sua própria natureza é político e radical.** Como já escrevi há mais de vinte e cinco anos, o islamismo é o Islã sem disfarce, em toda a sua lógica e seu rigor. [...] **Eu acuso a Igreja Católica de manter com o Islã um ‘diálogo’ baseado na complacência, nos compromissos e na duplicidade.** Depois de mais de cinquenta anos de iniciativas com via única, tal monólogo está hoje em ponto morto”⁵⁵.

⁵⁵ <http://www.dreuz.info/2017/04/19/pere-henri-boulad-attentats-contre-les-chretiens-coptes-dimanche-des-rameaux-jaccuse-lislam/>

Capítulo 5

Indiferentismo religioso, relativismo filosófico e evolucionismo teológico

Um dos sinais mais eloquentes da mudança de paradigma do pontificado de Francisco é o primado da práxis¹ sobre o tradicional primado da doutrina: fala-se, de fato, de uma “virada pastoral” da Igreja. O Papa põe de lado os temas teológicos em benefício da pastoral. Abraça-se destarte certo evolucionismo teológico segundo o qual nada há de certo e permanente no tempo, tudo mudando em função dos diversos contextos histórico-culturais. Isso ficou patente nas celebrações pelos 500 anos da “Reforma” luterana.

A crítica do Pe. Boulad ao relacionamento pernicioso e ineficaz com o Islã, com a qual encerramos o capítulo anterior, aplica-se também ao diálogo com as demais religiões cristãs, com o judaísmo e com as religiões pagãs de matriz oriental. Esse diálogo também é baseado “na complacência, nos compromissos e na duplicidade”, inculcando no espírito dos fiéis católicos o indiferentismo religioso e o relativismo doutrinário.

“Não existe um Deus católico”, “todos somos filhos de Deus”

A manifestação mais patente desse desvio foi o primeiro — e perturbador — vídeo com as intenções pontifícias para o Apostolado da Oração, amplamente divulgado nas redes sociais no mês de janeiro de 2016. Nele, uma budista, um judeu, um sacerdote católico e um muçulmano se revezam para dizer: “Confio em Buda”, “Creio em Deus”, “Creio em Jesus Cristo” e “Creio no Deus Alá”, segui-

¹ Expressão de origem grega, recorrente no campo da filosofia e das ciências políticas, para descrever o processo pelo qual uma teoria, um ensinamento ou uma aptidão podem ser aplicados ou corporificados. Nas correntes imanentistas e evolucionistas, como o marxismo, defende-se o primado da práxis sobre a teoria, supostamente incapaz de acompanhar a incessante transformação da realidade.

dos pelo Papa Francisco, que afirma: “Muitos pensam de outra maneira, sentem de outra forma, procuram Deus ou **encontram Deus de várias maneiras**. Nesta multidão, neste leque de religiões **há somente uma certeza para todos: todos somos filhos de Deus**”. Enquanto o Papa dá a intenção do mês, ou seja, de que o diálogo entre as religiões produza frutos de paz e de justiça, cada um dos representantes apresenta sucessivamente um símbolo de sua respectiva religião, os quais são reunidos na cena final, de maneira a Buda ficar no alto e o Menino Jesus embaixo, junto à *menorá* judaica (candelabro de sete braços) e a *masbaha* (espécie de terço muçulmano) no meio².

Coerentes com o interconfessionalismo promovido pelo Papa Francisco nesse vídeo são duas afirmações perturbadoras que ele teria feito na primeira das célebres entrevistas a Eugenio Scalfari, já referidas, em outubro de 2013, assim transcrita pelo jornal e republicada pelo *Osservatore Romano* e pelo site do Vaticano: “Eu creio em Deus. **Não num Deus católico, não existe um Deus católico, existe Deus**” e (sorrindo para a hipótese de estar querendo converter o entrevistador) “**o proselitismo³ é uma solene estupidez**, não tem sentido. É preciso

² <https://thepopevideo.org/pt-br/video/dialogo-inter-religioso.html>. Além do expressivo e perturbador simbolismo da cena final, três erros graves parecem contidos nesse curto texto:

(1) a afirmação de que somos todos “filhos de Deus” — como escreveu o Pe. Ignace de la Potterie, “a filiação divina não é o resultado automático e garantido pela pertencença ao gênero humano. A filiação divina é sempre um dom gratuito da graça e não é possível fazer abstração do dom gratuito da graça do batismo, reconhecida e aceita com fé”

(<http://terrorismepastoral.blog4ever.com/le-cardinal-walter-kasper-etablit-sans-le-dire-mais-de-facon-certaine-la-filiation-maconnique-de-la-theologie-du-peuple>);

(2) Pode-se procurar Deus de várias maneiras, mas não se pode “encontrar Deus de várias maneiras”, senão na única religião revelada e verdadeira, ou seja, naquela fundada por Jesus Cristo, a Igreja Católica; (3) Não existe apenas “uma só certeza para todos”: temos muitas outras certezas religiosas, obtidas tanto pela razão quanto pela verdadeira fé, a começar pela existência de um Deus pessoal (negada pelos budistas). Um dos cânones da Constituição *Dei Filius*, do Concílio Vaticano I, decreta: “Se alguém disser que o Deus uno e verdadeiro, Criador e Senhor nosso, não pode ser conhecido com certeza pela luz natural da razão humana, por meio das coisas criadas — seja excomungado” (<http://www.veritatis.com.br/constituicao-dogmatica-dei-filius-24-04-1870/>).

³ Do contexto da entrevista e de outras referências de Francisco, depreende-se que sua condenação ao “proselitismo” não visa apenas um sentido espúrio do vocábulo, qual seria o emprego de métodos desonestos para atrair novos correligionários, mas inclui também seu sentido legítimo, ou seja, uma atividade missionária visando fazer passar uma pessoa de outra religião para a Igreja Católica por meios persuasivos leais. É, aliás, neste segundo sentido,

conhecer-se, escutar-se e fazer crescer o conhecimento do mundo que nos circunda”⁴.

E no livro-entrevista com Dominique Wolton, acrescentou: “O proselitismo destrói a unidade. E é por isso que o diálogo inter-religioso não significa todos se colocarem de acordo: Não! Ele significa caminhar juntos, cada um com sua própria identidade. [...] Mas o mestre das oposições, das tensões bipolares como dizemos, é [Romano] Guardini, que nos ensina essa via da unidade na diversidade. O que acontece hoje com os fundamentalistas? Os fundamentalistas se fecham na sua própria identidade e não querem ouvir mais nada. [...] Vá à África, onde se encontram tantos missionários. Eles queimam suas vidas lá. E fazem verdadeiras revoluções. **Não para converter, é numa outra época que se falava de conversão, mas para servir**”⁵.

Lutero foi um “reformador” que “elaborou um remédio para a Igreja”

Outro gesto simbólico desconcertante foi a audiência que em 13 de outubro de 2016 — dia de abertura do ano centenário das aparições de Fátima — ele concedeu no Vaticano a um milhar de “peregrinos” luteranos, dos quais recebeu um exemplar de luxo das 95 teses heréticas de Lutero e aos quais falou revestido de uma estola com alusões ao quinto centenário de sua revolta e ladeado de uma es-

inteiramente correto, que o “proselitismo” é condenado na Declaração conjunta católico-ortodoxa de Balamand, de 1993, e na Declaração Comum do Papa Francisco e do Patriarca Kirill em Havana, em fevereiro de 2016, na qual é, por isso mesmo, condenado o “uniatismo”: “Hoje, é claro que o método do ‘uniatismo’ do passado, entendido como a união de uma comunidade à outra separando-a da sua Igreja, não é uma forma que permita restabelecer a unidade”

(https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/february/documents/papa-francesco_20160212_dichiarazione-comune-kirill.html).

⁴ http://www.repubblica.it/cultura/2013/10/01/news/papa_francesco_a_scalfari_cos_cambier_la_chiesa-67630792/

⁵ Dominique Wolton, *Politique et société : Pape François, rencontres avec Dominique Wolton*, ed. L’Observatoire, Paris, 2017, pp. 36-37 e p. 153.

tátua de corpo inteiro do heresiarca, colocado em lugar de honra. Estendendo a luteranos adultos aquilo que vale apenas para os que permanecem em comunhão plena com a Igreja Católica após terem sido batizados, o Papa lhes disse: “O Apóstolo Paulo diz-nos que, em virtude do nosso batismo, todos formamos o único Corpo de Cristo. De fato, os diversos membros formam um só corpo. [...] Podemos continuar com confiança o nosso caminho ecumênico, porque sabemos que, além de tantas questões abertas que ainda nos separam, **já estamos unidos**”⁶.

⁶ https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/october/documents/papa-francesco_20161013_pellegrinaggio-luterani.html Durante sua visita à igreja evangélica e luterana de Roma Francisco tinha evocado essa mesma ideia de que católicos e luteranos já estão unidos. Respondendo à pergunta de uma paroquiana casada com um católico romano, que manifestou sua amargura por “não poderem participar juntos na Ceia do Senhor”, o Papa ofereceu uma resposta ambígua, dando a entender que se trata de uma decisão pessoal a ser tomada em consciência: “Num certo sentido, compartilhar significa dizer que entre nós não há diferenças, que nós temos a mesma *doutrina* — sublinho esta palavra, uma palavra difícil de entender —, contudo, pergunto-me: mas não temos o mesmo Batismo? E se temos o mesmo Batismo, temos o dever de caminhar juntos. [...] Quando vós rezais juntos, aquele Batismo cresce, torna-se vigoroso; quando vós ensinai aos vossos filhos quem é Jesus, por que motivo Ele veio, o que fez Jesus, fazei o mesmo, tanto na linguagem luterana como na linguagem católica, mas é o mesmo. A pergunta: e a Ceia? São interrogações às quais devemos responder o mesmo só se formos sinceros conosco e com as poucas ‘luzes’ teológicas que tenho, mas vede-o vós. [...] À sua pergunta, só respondo com outra interrogação: como posso comportar-me com o meu marido, para que a Ceia do Senhor me acompanhe pelo caminho? Trata-se de um problema ao qual cada um deve responder. [...] A vida é maior do que as explicações e interpretações. Fazei sempre referência ao Batismo: ‘Uma só fé, um só Batismo, um só Senhor’, assim nos diz Paulo, e assumir as suas consequências. Nunca ousarei conceder a autorização para fazer isto, porque não é da minha competência. Um só Batismo, um só Senhor, uma só fé. Falai com o Senhor e ide em frente. Não me atrevo a dizer mais”

(https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/november/documents/papa-francesco_20151115_chiesa-evangelica-luterana.html).

Inspirados nessas palavras, os 60 bispos alemães presentes à reunião da Conferência Episcopal alemã, realizada entre 19 e 22 de fevereiro de 2018, aprovaram por esmagadora maioria (apenas 13 bispos votaram contra) a difusão de um folheto pastoral preparado pela Comissão para o Ecumenismo, intitulado “Caminhar com Cristo — nas pegadas da unidade. Matrimônios mistos e participação comum da Eucaristia”. Consi-

derando os casais mistos católico-luteranos “um laboratório prático da unidade”, o documento prevê uma abertura para a recepção da comunhão pelo cônjuge protestante, invocando a “necessidade espiritual grave” prevista no cânon 844 do Código de Direito Canônico.

Na véspera da edição final do presente trabalho, sete bispos residenciais da Alemanha, incluindo o cardeal-arcebispo de Colônia, escreveram uma carta à Congregação para a Doutrina da Fé pedindo esclarecimentos. Em particular, se o desejo de partilhar a Eucaristia para favorecer o ecumenismo poderia ser considerado como uma “necessidade espiritual grave” e se a Conferência Episcopal de um só país poderia tomar uma decisão isolada em uma matéria que afeta a fé e a prática da Igreja universal

(<http://www.ncregister.com/blog/edward-pentin/full-text-of-seven-german-bishops-letter-on-intercommunion-for-protestant-s>).

A Santa Sé convocou a cúpula da Conferência Episcopal alemã para uma reunião em Roma, durante a qual o Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé declarou oficialmente, segundo o comunicado da Secretaria para as Comunicações, que o Papa Francisco “aprecia o empenho ecumênico dos bispos alemães e pede que eles encontrem, em espírito de comunhão eclesial, um resultado possivelmente unânime”

(<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2018-05/papa-bispos-alemaes-solucao-unanime-comunhao-matrimonios-mistos.html>).

O cardeal Willem Eijk, arcebispo de Utrecht e presidente da Conferência Episcopal dos Países Baixos, julgou a resposta do Papa “completamente incompreensível”: “A doutrina e a prática da Igreja em relação à administração do Sacramento da Eucaristia aos protestantes é perfeitamente clara”, afirmou o prelado holandês. As diferenças entre a fé luterana na “consustanciação” e a fé católica na “transustanciação” são tão grandes — prosseguiu —, que a Igreja deve realmente exigir que alguém que deseje receber a comunhão (exceto em caso de perigo de morte) entre explícita e formalmente em plena comunhão com a Igreja Católica. Para o cardeal, o Papa Francisco deveria ter simplesmente informado a delegação alemã sobre o que o Código de Direito Canônico e o Catecismo da Igreja Católica estipulam claramente (<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/578709-comunhao-para-o-conjuge-protestante-cardeal-critica-atitude-de-papa-sobre-disputa-alema>).

O Prefeito Emérito da Congregação para a Doutrina da Fé, cardeal Gerhard Müller, assinalou por sua vez que o “resultado possivelmente unânime” pedido pelo Vaticano aos bispos alemães não pode contradizer a fé católica: “Não se pode separar a fé católica de um entendimento unânime. Se houvesse tal separação, teríamos então um cisma na Igreja Católica” (<https://www.acidigital.com/noticias/cardeal-muller-sobre-comunhao-para-protestantes-nao-se-pode-contradizer-a-fe-catolica-56387>).

O Papa Francisco já havia permitido anteriormente que o Pe. Raniero Cantalamessa, pregador da Casa Pontifícia, afirmasse em sua presença, na cerimônia de Sexta-Feira Santa de 2016: “A justiça de Deus é o ato pelo qual Deus torna justos, agradáveis a ele, os que creem em seu Filho. Não é um fazer justiça, mas um fazer justos. **Lutero teve o mérito de trazer à luz esta verdade**, após durante séculos, ao menos na pregação cristã, ela ter perdido o sentido, e **é isto sobretudo que a cristandade deve à Reforma**, que cumpre no próximo ano o quinto centenário”⁷.

Em 31 de outubro de 2016 — poucos dias depois daquele perturbador encontro na sala Paulo VI em torno do busto de Lutero — o Papa foi a Lund, na Suécia, onde reside o atual secretário da Federação Luterana Mundial, para marcar o início do ano do quinto centenário da ruptura de Lutero com a Igreja. O objetivo oficial do evento era de “expressar **os dons da Reforma** e pedir perdão pelas divisões”⁸. O alcance simbólico da viagem pontifícia foi explicitado pelo teólogo e pastor valdense Paolo Ricca: “A participação na comemoração [de Lund] é um gesto de grande relevo, mesmo porque o Papa vai a Lund, à casa dos luteranos, como se fosse um da família. Minha impressão é de que ele, de um modo que eu não saberia definir, sente-se também parte daquela porção da cristandade que nasceu da Reforma”⁹. O teólogo luterano alemão Thomas Schirrmacher chegou a

⁷ <https://denzingerbergoglio.com/2016/03/27/lutero-predica-en-san-pedro/> Essa perspectiva reverberou na viagem do Papa Francisco a Fátima, onde ele declarou: “Grande injustiça fazemos a Deus e à sua graça, quando se afirma em primeiro lugar que os pecados são punidos pelo seu julgamento, sem antepor — como mostra o Evangelho — que são perdoados pela sua misericórdia! Devemos antepor a misericórdia ao julgamento e, em todo o caso, o julgamento de Deus será sempre feito à luz da sua misericórdia. Naturalmente a misericórdia de Deus não nega a justiça, porque Jesus tomou sobre Si as consequências do nosso pecado juntamente com a justa pena. Não negou o pecado, mas pagou por nós na Cruz. Assim, **na fé que nos une à Cruz de Cristo, ficamos livres dos nossos pecados**; ponhamos de lado qualquer forma de medo e temor, porque não se coaduna em quem é amado (cf. 1 Jo 4, 18)” [destaque nosso].

(http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/may/documents/papa-francesco_20170512_benedizione-candele-fatima.html). Para um aprofundamento dessa convergência, veja-se o artigo de Don Stefano Carusi, “O influxo de Lutero detrás da ‘tese Kasper’?”, in <http://disputationes-theologicae.blogspot.fr/2014/12/linflusso-di-lutero-dietro-la-tesi.html>

⁸ <http://www.osservatoreromano.va/pt/news/o-papa-francisco-na-suecia-para-comemorar-os-quinh>

⁹ <https://www.corrispondenzaromana.it/ma-a-quale-chiesa-appartiene-papa-bergoglio/>

declarar, a propósito da homilia do Papa em Lund, que “de [seu] ponto de vista, naquela ocasião Francisco interpretou o pensamento de Lutero melhor que a maior parte dos bispos luteranos”¹⁰.

De fato, a simpatia do Papa pela figura do heresiarca alemão transpareceu na entrevista aérea de volta da Armênia, quando disse: “Creio que as intenções de Martinho Lutero não estavam erradas: **era um reformador**. [...] A Igreja não era propriamente um modelo a imitar: havia corrupção na Igreja, havia mundanismo, havia apego ao dinheiro e ao poder. E por isso ele protestou. Sendo inteligente, deu um passo em frente justificando por que motivo fazia isso. [...] **Elaborou um ‘remédio’ para a Igreja**, depois este remédio consolidou-se num estado de coisas, numa disciplina, num modo de crer, num modo de fazer, num modo litúrgico”¹¹.

Para o Papa Francisco, tais “consolidações” não constituem um atentado à unidade da Igreja, antes um enriquecimento. É o que ele deixou claro aos membros da Igreja Pentecostal da Reconciliação, durante sua visita a Caserta em 28 de julho de 2014: “A Igreja é una na diversidade. E, usando uma palavra bonita de um evangélico do qual eu gosto muito, uma **‘diversidade reconciliada’** pelo Espírito Santo [...] Nós estamos na época da globalização, e pensamos no que é a globalização e no que seria a unidade na Igreja: talvez uma esfera, na qual todos os pontos são equidistantes do centro, todos iguais? Não! Esta é uniformidade. E o Espírito Santo não faz uniformidade! Que figura podemos encontrar? Pensemos no poliedro: **o poliedro é uma unidade, mas com todas as partes diversas; cada uma tem a sua peculiaridade, o seu carisma**. Esta é a unidade na diversidade. É neste caminho que nós cristãos fazemos aquilo a que chamamos com o nome teológico ecumenismo”¹².

¹⁰ <http://www.zeit.de/2017/44/thomas-schirrmacher-protestantismus-martin-luther-papst-franziskus>

¹¹ https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/june/documents/papa-francesco_20160626_armenia-conferenza-stampa.html

¹² https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/july/documents/papa-francesco_20140728_caserta-pastore-traettino.html Muitíssimos protestantes não partilham o relativismo implícito nesse conceito de ecumenismo. Por exemplo, Pedro Tarquis, membro do comitê para a celebração dos 500 anos da Reforma na Espanha, declarou a *Religión Digital*:

Para o Papa Francisco, a contradição existente entre os erros da heresia luterana e os dogmas da fé católica parece de pouca importância, porque presumivelmente a verdade não se lhe afiguraria abstrata e absoluta, mas concreta e variável. De fato, nesse mesmo encontro ‘com os pentecostais, ele disse: “O irmão Giovanni [o pastor local que o acolheu] disse uma coisa que partilho totalmente: **a verdade é um encontro**, um encontro entre pessoas. **A verdade não se faz no laboratório, faz-se na vida**”¹³.

“A Palavra de Deus é uma realidade dinâmica”

Isso vale também para a compreensão e a adesão à Revelação divina, como o Papa Francisco explicou ao Pe. Antonio Spadaro na sua famosa entrevista de início do pontificado: “A nossa fé não é uma fé-laboratório, mas **uma fé-caminho, uma fé histórica. Deus revelou-Se como história**, não como um compêndio de verdades abstratas”¹⁴. Pelo que a sinodalidade da Igreja consistiria em “uma atitude de escuta e de discernimento de tudo aquilo que o Espírito move na consciência do povo de Deus”¹⁵.

Essa concepção evolutiva da Revelação divina ele a desenvolveu ainda mais no encontro para celebrar os 25 anos do Catecismo da Igreja Católica: “Somente uma visão parcial pode conceber o ‘depósito da fé’ como algo de estático. A Pa-

“No essencial, não tem mudado nada. [...] Se Lutero fosse reabilitado, o Papa deixaria de existir como tal”. Perguntado sobre a possibilidade de uma comunhão sem absorção, Tarquis respondeu: “Isso eu vejo impossível hoje, salvo em alguma denominação evangélica muito superficial, que não se importe com o problema de fundo. Eu diria que 90% dos evangélicos protestantes no mundo inteiro, não somente na Espanha, seriam absolutamente contrários [a isso], por causa das grandes diferenças [que subsistem]. Seria como dizer que o Partido Popular e Podemos, porque têm a mesma constituição, poderiam se unir em um mesmo partido” <http://www.periodistadigital.com/religion/otras-confesiones/2017/07/08/religion-iglesia-confesiones-500-anos-reforma-protestante-pedro-tarquis-esperamos-que-los-actos-conmemorativos-sean-un-testimonio-de-que-somos-una-iglesia-viva.shtml>

¹³ Ibid.

¹⁴ <http://www.broteria.pt/component/content/article/101-entrevista-exclusiva-do-papa-francisco-as-revistas-dos-jesuitas>

¹⁵ Prefácio à opera omnia do cardeal Carlo Maria Martini, in http://www.corriere.it/cronache/15_ottobre_19/papa-francesco-la-chiesa-missionaria-non-si-chiuda-se-stessa-2973aab8-7620-11e5-9086-b57baad6b3f4.shtml

lavra de Deus não pode ser conservada em naftalina, como se se tratasse de uma velha coberta que é preciso proteger da traça! Não. A Palavra de Deus é uma realidade dinâmica, sempre viva, que progride e cresce, porque tende para uma perfeição que os homens não podem deter. [...] Não se pode conservar a doutrina sem a fazer progredir, nem se pode prendê-la a uma leitura rígida e imutável, sem humilhar a ação do Espírito Santo”¹⁶.

Como aplicação concreta dessa visão de um depósito dinâmico da fé, o Papa Francisco declarou na mesma ocasião, em contraste com o magistério tradicional da Igreja reiterado no Catecismo, objeto da celebração, que “se deve afirmar energicamente que a condenação à pena de morte é uma medida desumana que, independentemente do modo como for realizada, humilha a dignidade pessoal”, pelo que “em si mesma, é contrária ao Evangelho”¹⁷.

Outra aplicação do caráter evolutivo de seu ensino magisterial são suas afirmações nas citadas conversas com Dominique Wolton sobre a guerra justa: “Ainda hoje, nós devemos pensar bem o conceito de ‘guerra justa’. Aprendemos em filosofia política que, para defender-se, pode-se fazer a guerra e considerá-la como justa. Mas, pode-se falar de ‘guerra justa’? Ou de ‘guerra de defesa’? Porque a

¹⁶ http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/october/documents/papa-francesco_20171011_convegno-nuova-evangelizzazione.html

¹⁷ Idem. Edward Feser, coautor do livro *By Man Shall His Blood Be Shed: A Catholic Defence of Capital Punishment* (Ignatius Press), reagiu a essa declaração em artigo publicado no *Catholic Herald*. Ele afirma que a Revelação não pode ensinar erros em questões de fé e moral, e que, no entanto, “há muitas passagens nas Escrituras que ensinam a legitimidade da pena capital”. Afirma ainda que “os Padres da Igreja entenderam tais passagens como avaliando a pena capital, e a Igreja, durante dois mil anos, seguiu consistentemente essa interpretação”, bem como que o Primeiro Concílio do Vaticano ensina que “os católicos são obrigados a interpretar a Escritura de uma maneira concordante com a interpretação que os Padres lhe deram e concordante com a interpretação tradicional da Igreja”. E conclui: “Em conjunto, esses ensinamentos implicam logicamente em que a legitimidade da pena capital deve ser considerada pela Igreja como uma doutrina divinamente revelada”. O Papa Inocêncio III exigiu que os hereges valdenses afirmassem a legitimidade dela como condição de sua reincorporação na Igreja. <http://www.catholicherald.co.uk/commentandblogs/2017/10/15/the-popes-remarks-on-capital-punishment-need-to-be-clarified/>). Note-se que o anteriormente dito não significa que a autoridade pública, em uma determinada época, não possa julgar inoportuno incluir a pena capital na legislação penal de seu país.

única coisa justa é a paz. [...] Nenhuma guerra é justa. A única coisa justa é a paz”¹⁸. Tais declarações colidem com o n° 2309 do Catecismo da Igreja Católica que, recolhendo o ensino tradicional desde Santo Agostinho, enumera as condições para a legitimidade moral da guerra justa¹⁹.

A verdade como síntese superior das tensões da vida real

Na sua “Carta a quem não crê”, em resposta a um editorial de Eugenio Scalfari e começo dos diálogos entre os dois, o Papa Francisco, questionado se existe uma verdade absoluta e se é errado pensar que há somente uma série de verdades relativas e subjetivas, responde: **“Eu não falaria — nem mesmo para aqueles que acreditam — de verdade ‘absoluta’ dando ao termo absoluto o sentido daquilo que está desligado, que carece de qualquer relação, porque a verdade, segundo a fé cristã, é o amor de Deus por nós em Jesus Cristo. Portanto, a verdade é uma relação! E tanto é assim, que cada um de nós capta a verdade e exprime-a a partir de si mesmo: da sua história e cultura, da situação em que vive, etc.”**²⁰

Ciente da conotação relativista de seu pensamento, o Papa já tinha anteriormente matizado: “Isto não quer dizer que a verdade seja variável e subjetiva. Longe disso! Significa, sim, que ela se nos dá sempre e só como um caminho e uma vida”. Essa matização não elimina, porém, a conotação subjetivista do conceito de verdade do pontífice, porque se a verdade não é dada aos homens como uma expressão objetiva da realidade (*esse id quod est*, como diz Santo Agostinho), mas nos é dada “sempre e só” (ou seja, exclusivamente) como caminho e vida, necessariamente individuais, então ela perde seu caráter universal e absolu-

¹⁸ Dominique Wolton, *Politique et société : Pape François, rencontres avec Dominique Wolton*, ed. L’Observatoire, Paris, 2017, pp. 57-58.

¹⁹ http://www.vatican.va/archive/catechism_po/index_new/p3s2cap2_2196-2557_po.html

²⁰ A mesma ideia de uma verdade “situada” foi defendida pelo Papa num sermão em Santa Marta, onde afirmou: “Paulo não diz aos atenienses: ‘Esta é a enciclopédia da verdade. Estudai isto e tereis a verdade, a verdade’. Não! A verdade não entra numa enciclopédia. A verdade é um encontro; é um encontro com a Suma Verdade: Jesus, a grande verdade. Ninguém é dono da verdade. A verdade se recebe no encontro”

(<https://noticias.cancaonova.com/especiais/francisco/papa-diz-que-para-evangelizar-cristaos-devem-construir-pontes-e-nao-muros/>).

to, ou seja, aquilo pelo qual ela é válida para todos os homens em todas as situações. Pelo contrário, cada um captaria a verdade exclusivamente a partir de sua situação e de sua história pessoais, tornando-a variável e subjetiva, apesar do que o Papa afirma.

A tendência do pontífice ao relativismo fica ainda mais clara em vista do apelo final de sabor hegeliano: “É preciso entendermo-nos bem sobre os termos e, **para sair dos estrangulamentos de uma contraposição... absoluta**, talvez seja necessário reformular em profundidade a questão”²¹.

É eloquente a seguinte passagem de suas conversações com Dominique Wolton, a propósito da comunicação e o ecumenismo:

“Papa Francisco: [É preciso] não ter medo das tensões. Como se resolve uma tensão? No plano superior.

“Dominique Wolton: É o filósofo alemão Hegel, isso...

“Papa Francisco: Hegel faz a síntese. Eu digo outra coisa: que a síntese se faz num plano superior às duas partes. E **aquilo que a gente encontra no plano superior conserva nas suas raízes os dois pontos de vista iniciais**. Porque a vida está sempre em tensão, não está na síntese. A síntese não é verdadeiramente vital. A tensão, ela sim, é vital”²².

O relativismo subjacente ao pensamento do Papa Francisco foi rapidamente notado por um intelectual agnóstico como Zygmunt Bauman, que escreveu a propósito da “Carta a um não crente”, dirigida pelo pontífice a Eugenio Scalfari: “Empregar ‘verdade’ no singular num mundo polifônico é como querer aplaudir com uma mão só. Com uma mão só pode-se apenas dar um tapa ou fazer uma carícia, mas não aplaudir. O Papa Francisco não somente prega a necessidade do diálogo, mas o pratica. Um diálogo verdadeiro entre pessoas com pontos de vista

²¹ https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2013/documents/papa-francesco_20130911_eugenio-scalfari.html

²² Dominique Wolton, *Politique et société : Pape François, rencontres avec Dominique Wolton*, ed. L’Observatoire, Paris, 2017, p. 240.

explicitamente diversos que se comunicam para se compreenderem”²³. Apreciação que o próprio Scalfari confirmou: “O Papa Francisco é, portanto, entre os numerosíssimos vigários de Cristo que guiam a Igreja depois de dois mil anos, um dos pouquíssimos — a meu ver **o único** — **que aborda dessa maneira o problema da Verdade** e, portanto, do absoluto. [...] E a verdade? O Papa recusa a palavra ‘relativismo’, ou seja, um movimento específico com características de política religiosa; mas não recusa a palavra ‘relativo’. O relativismo não, mas **que a verdade seja relativa, isso é um dado de fato que o Papa reconhece**”²⁴.

A verdade como relação vital e pragmática

Com base nesses pressupostos se compreende que na exortação apostólica *Evangelii Gaudium* o Papa tenha dito que um dos quatro princípios orientadores de sua ação é que “a realidade é mais importante do que a ideia”²⁵.

Em tese, dito postulado é passível de uma interpretação tomista²⁶ — a *adaequatio intellectus ad rem*, ou seja, que as elaborações conceituais estão a serviço da compreensão e da condução da realidade, como diz o Papa na exortação —, mas no contexto sociológico-pastoral em que se encontra inserido, tal postulado toma uma conotação muito diferente, como explica o Pe. Giovanni Scalese: “Ele significa antes que devemos aceitar a realidade tal como ela é, sem pretender mudá-la com base em princípios absolutos, por exemplo, os princípios morais,

23

http://www.repubblica.it/cultura/2014/10/28/news/il_vicario_di_cristo_e_la_verit_relativa_che_conduce_a_dio-99162795/

²⁴ Ibid.

²⁵ Números 231-233 https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html. Para o Prof. Giovanni Turco, “vendo bem, mais que de princípios, trata-se de pressupostos, de pontos de vista não demonstrados e indemonstráveis, que não evocam nada de metafísico, mas que estão em função exclusiva da práxis, como acontece com as ideologias: podemos chamá-lo de ‘transcendentalismo pragmático’” (<https://www.radiospada.org/2017/06/da-leggere-alcune-linee-guida-per-la-lettura-filosofica-del-pontificato-di-bergoglio/>).

²⁶ Foi a interpretação que lhe deu o Pe. Giovanni Cavalcoli em seu artigo intitulado “La dipendenza dell’idea dalla realtà nella *Evangelii Gaudium* di Papa Francesco”, publicado no Periódico da Pontifícia Academia Teológica, 2.

que são apenas ‘ideias’ abstratas, que o mais das vezes arriscam transformar-se em ideologia”²⁷.

De fato, como demonstra o Pe. Scalese “esse postulado está na base das contínuas polêmicas de Francisco contra a doutrina”²⁸, mas segundo o cardeal Carlo Caffarra, “uma Igreja que dá pouca atenção à doutrina não é uma Igreja mais pastoral, mas é uma Igreja mais ignorante”²⁹.

Para o Prof. Giovanni Turco, a nova linguagem pontifícia “faz emergir o pensamento profundo de Bergoglio: a verdade é uma relação, não o critério da relação, mas o seu produto; é, portanto — no sentido pleno —, **relativa**. É claro que tal relação não é entendida em sentido tomista como *adequatio rei et intellectus*, mas como uma relação vital e pragmática que deriva de uma situação. Assim entendida, a verdade não tem conteúdo próprio, não pode ser ‘absoluta’, ou seja,

²⁷ <http://querculanus.blogspot.fr/2016/05/i-postulati-di-papa-francesco.html> Porém, como diz bem o Pe. Scalese, “no agir humano, é inevitável deixar-se guiar por alguns princípios, que são abstratos por sua natureza. De nada serve, portanto, polemizar sobre o caráter abstrato da ‘doutrina’, opondo-lhe uma ‘realidade’ à qual a gente deveria simplesmente adequar-se. Se a realidade não for iluminada, guiada, ordenada por alguns princípios, corre o risco de descompor-se no caos” (ibid.)

²⁸ Ele cita, por exemplo, as seguintes frases do Papa que mostram certa aversão à doutrina: “É verdade que num certo sentido, compartilhar significa dizer que entre nós não há diferenças, que nós temos a mesma doutrina — sublinho esta palavra, uma palavra difícil de entender —, contudo, pergunto-me: mas não temos o mesmo Batismo?” (Visita à igreja luterana de Roma, 15 de novembro 2015); “uma visão da doutrina da Igreja como um bloco monolítico a defender sem matizes é errada” (Entrevista à Civiltà Cattolica, n. 3918, p. 476); “em vez de oferecer a força sanadora da graça e da luz do Evangelho, alguns querem ‘doutrinar’ o Evangelho, transformá-lo em ‘pedras mortas para jogá-las contra os outros’” (*Amoris laetitia*, n. 49); “O nosso ensinamento sobre o matrimônio e a família não pode deixar de se inspirar e transfigurar à luz deste anúncio de amor e ternura, se não quiser tornar-se mera defesa duma doutrina fria e sem vida” (ibid., n. 59). [complementos em <http://querculanus.blogspot.fr/2017/04/dottrina-vs-discernimento.html>]

²⁹ <http://www.ilfoglio.it/chiesa/2017/01/14/news/carlo-caffarra-papa-sinodo-famiglia-coscienza-newman-chiesa-114939/>

‘sempre válida’, mas por isso mesmo deixa de ser verdade (e passa a ser mera opinião)!”³⁰.

Esse postulado relativista está igualmente na base do “praxismo” e do “pastoralismo” do Papa. A ele poder-se-ia aplicar o que o Prof. Roberto de Mattei diz dos novos modernistas, ou seja, que no seu modo de pensar, “a máxima tradicional segundo a qual ‘*agere sequitur esse*’ é invertida: a ação precede o ser e o homem encontra a verdade, e até a fé, na ação”, e que, portanto, os mistérios da fé são encontrados “partindo da consciência do homem, de suas necessidades, de suas aspirações, de tudo aquilo que brota de sua experiência de vida”³¹.

³⁰ <https://www.radiospada.org/2017/06/da-leggere-alcune-linee-guida-per-la-lettura-filosofica-del-pontificato-di-bergoglio/>

³¹ “Processi ai novi modernisti” in <https://www.corrispondenzaromana.it/processo-ai-nuovi-modernisti/>

Capítulo 6

Uma nova moral subjetiva, sem imperativos absolutos

*Declarações e gestos públicos do Pontífice e dos que lhe são próximos revelam uma drástica mudança de paradigma no campo moral. Uma nova interpretação da encíclica *Humanae vitae* — ora debatida — e as inúmeras aberturas no tema da sexualidade em geral abrem um profundo sulco no Magistério e na disciplina imutáveis da Igreja. O copioso emprego de expressões ambíguas deixa no comum dos fiéis uma confusa impressão de que a Igreja está se abrindo às reivindicações da revolução sexual.*

O relativismo filosófico e a primazia da *praxis* desembocam inevitavelmente no relativismo ético, segundo o qual não há absolutos morais.

Respondendo a Eugenio Scalfari, que lhe perguntou: “Santidade, existe uma visão única do Bem? E quem a estabelece?”, o Papa teria dito, segundo a transcrição da conversa republicada nos órgãos de imprensa do próprio Vaticano: **“Cada um de nós tem a sua visão do Bem e também do Mal. Nós devemos estimular cada um a ir em direção daquilo que ele pensa que é o Bem”**. E depois acrescentou: **“Cada um tem a sua ideia do Bem e do Mal e deve optar por seguir o Bem e combater o Mal como ele os concebe”**¹.

Essa relativização dos absolutos morais encontrou acolhida na controvertida exortação apostólica *Amoris laetitia*, a qual será objeto de uma análise mais pormenorizada em ulterior capítulo. Por ora, basta assinalar que em seu parágrafo 303 é dito que “a consciência das pessoas deve ser melhor incorporada na práxis da Igreja” e que, numa situação objetiva de adultério, uma pessoa pode achar que continuar a viver *more uxório* (ou seja, praticando os atos reservados aos cônju-

¹ http://www.repubblica.it/cultura/2013/10/01/news/papa_francesco_a_scalfari_cos_cambier_la_chiesa-67630792/ Até a recente reestruturação do conjunto dos órgãos de comunicação do Vaticano, a entrevista encontrava-se no seguinte *link*, atualmente inoperante: <http://www.news.va/pt/news/entrevista-ao-papa-francisco-realizada-pelo-jornal>

ges) “é a resposta generosa que se pode oferecer a Deus e descobrir com certa segurança moral que esta é a doação que o próprio Deus está a pedir no meio da complexidade concreta dos limites, embora não seja ainda plenamente o ideal objetivo”².

Em 5 de Agosto de 2017, o Prof. Josef Seifert publicou um artigo na revista teológica alemã AEMAET cujo título era em forma de pergunta: “A lógica pura ameaça destruir toda a doutrina moral da Igreja Católica?”. Nele afirma que o dito n.º 303 de *Amoris laetitia* é “uma bomba atômica teológico-moral que ameaça derrubar todo o edifício moral dos 10 mandamentos e do ensino moral católico”. E justifica em forma de pergunta a dramaticidade de sua afirmação: “Se um só caso de um ato intrinsecamente imoral pode ser permitido e até desejado por Deus, não deve isso ser aplicado a todos os atos considerados ‘intrinsecamente maus’? [...] Em estrita lógica, não deveriam a eutanásia, o suicídio ou a cooperação com ele, as mentiras, os roubos, perjúrios, negações ou traições, como aquela de São Pedro, ou o assassinato, sob certas circunstâncias e após o apropriado ‘discernimento’, ser julgados bons e louváveis, por causa da complexidade de uma situação concreta (ou devido à carência de conhecimento ético ou de força de vontade)?”³.

Em matéria de adultério o passo já foi dado pelo bispo de Como, que em nota pastoral a propósito dos divorciados recasados convivendo *more uxorio*, afirmou que “cada ato conjugal [sic] permanece uma ‘desordem objetiva’, mas não é necessariamente ‘pecado grave’ que impeça acolher a plenitude da vida da graça”⁴. Seu texto é publicado junto com um “Aprofundamento de Teologia Moral”, do moralista Pe. Angelo Riva, quem afirma taxativamente que tais atos adúlteros

² http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20160319_amoris-laetitia.html

³ http://www.aemaet.de/index.php/aemaet/article/view/44/pdf_1 Por causa desse artigo o Prof. Seifert foi ilegítima e ilegalmente excluído pelo arcebispo de Granada da cátedra de Fenomenologia Realista da Academia Internacional de Filosofia, da qual era o fundador, um primeiro exemplo daquilo que o Prof. Claudio Pierantoni chamou de “começo da perseguição oficial à ortodoxia dentro da Igreja”.

(http://www.aemaet.de/index.php/aemaet/article/view/46/pdf_1).

⁴ https://famigliechiesacomo.files.wordpress.com/2018/02/diocesicomo_notapastorale_capviii_al2.pdf

“não são pecados, são atos bons da vida conjugal”⁵ (Ver no Apêndice o contexto dessas afirmações).

A mudança de paradigma moral confirmado por altos prelados

O caráter radical dessa nova intelecção da moral se viu confirmado pelas declarações do Secretário de Estado, cardeal Pietro Parolin, que em entrevista ao *Vatican News* — um portal de notícias lançado pela nova Secretaria do Vaticano para a Comunicação — afirmou que “*Amoris laetitia* nasceu de um novo paradigma” através do qual o Papa pede “uma mudança de atitude”, “uma mudança de paradigma inerente ao próprio texto” da *Amoris laetitia*, ou seja, “esse novo espírito, essa nova abordagem” para lidar pastoralmente com as situações matrimoniais irregulares examinadas no documento⁶.

Essa ideia já havia sido proposta pelo cardeal Walter Kasper em artigo publicado pela revista *Stimmen der Zeit* em novembro de 2016, sob o título “*Amoris laetitia: Bruch oder Aufbruch?* (Amoris laetitia: Ruptura ou início de caminhada?), no qual afirma que “só se entende a *Amoris laetitia* se se compreende a mudança de paradigma que ela empreende”, a qual consiste em passar de uma moral da lei à moral das virtudes de Santo Tomás de Aquino⁷. A mesma ideia de mudança de paradigma já estava presente no livro *Amoris laetitia — Wendepunkt für die Moraltheologie?* (Amoris laetitia: Uma virada para a Teologia Moral?), escrito em 2016 por Stephan Goertz e Caroline Witting, professores de Teologia Moral na Universidade de Mainz (Alemanha).

Sob outro ponto de vista, a mesma avaliação foi feita pelo cardeal Blase Cupich, arcebispo de Chicago, na conferência intitulada “A Revolução da Misericórdia do Papa Francisco: *Amoris laetitia* como um Novo Paradigma de Catolici-

⁵ <https://chiesaepostconcilio.blogspot.fr/2018/03/linee-guida-crescono-da-una-periferia.html>

⁶ <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2018-01/parolin--o-2018-do-papa-francisco-no-signo-de-jovens-e-familia.html>

⁷ http://www.stimmen-der-zeit.de/zeitschrift/ausgabe/details?k_beitrag=4752128&cnid=13&k_produkt=4754046

dade”, que ele proferiu em fevereiro de 2018 na Universidade de Cambridge (Inglaterra). Seis critérios dão fundamento ao novo paradigma, o primeiro dos quais é que “as famílias são um lugar privilegiado para a autorrevelação e a atividade divinas, pelo que nenhuma família deveria ser considerada privada da graça de Deus”, uma vez que “onde quer que exista uma família procurando viver juntos e amar-se mutuamente, o Espírito Santo já está ali presente”⁸.

George Weigel, o conhecido biógrafo de João Paulo II, replicou nas páginas da revista *First Things*, afirmando que “a evolução da compreensão que a Igreja tem do Evangelho ao longo dos séculos não é uma questão de ‘mudanças de paradigma’, ou rupturas, ou interrupções radicais e novos começos; é uma questão daquilo que os teólogos chamam de desenvolvimento da doutrina”, o qual deve ser “orgânico e em continuidade com a fé ‘confiada de uma vez para sempre aos santos’”⁹.

Frases soltas e gestos simbólicos que relativizam na prática os imperativos morais

Esse relativismo moral tem sua confirmação em gestos altamente simbólicos. O primeiro deles, transformado numa espécie de lema do atual pontificado, foi a resposta que Francisco deu no avião, de regresso do Rio de Janeiro, quando de sua primeira viagem para participar das Jornadas Mundiais da Juventude. A uma jornalista que evocou os amplamente documentados escândalos morais homossexuais dados em Montevideu por Mons. Battista Ricca, um próximo colaborador do Papa, e lhe perguntou como pensava “abordar toda a questão do *lobby gay*”, ele respondeu: “Eu vejo que muitas vezes na Igreja, fora deste caso e também neste caso, vão procurar, por exemplo, os ‘pecados de juventude’ e isso é publicado. [...] Ora, se uma pessoa — leigo, sacerdote ou religiosa — cometeu um pecado e depois se converteu, o Senhor perdoa; e quando o Senhor perdoa, o Senhor esquece. [...] Bem! Escreve-se muito sobre o *lobby gay*. Eu ainda não encontrei ninguém com o bilhete de identidade do Vaticano dizendo que é ‘gay’.

⁸ <https://www.vhi.st-edmunds.cam.ac.uk/resources-folder/papers-presentations/cupich-annual-lecture-2018>

⁹ <https://www.firstthings.com/web-exclusives/2018/01/the-catholic-church-doesnt-do-paradigm-shifts>

Dizem que há. (...) Se uma pessoa é *gay* e procura o Senhor e tem boa vontade, **quem sou eu para a julgar?**”¹⁰.

Fazendo deslizar a resposta das relações homossexuais pecaminosas, objeto da pergunta, para a tendência homossexual, eventualmente involuntária, o Papa pareceu dar a entender, na sua linguagem imprecisa, que não somente não julga as pessoas afetadas por essa tendência, mas tampouco as relações homossexuais em si. É neste último sentido que a famosa frase foi interpretada por todos os jornais, que a trombetaram aos quatro cantos do mundo sem que houvesse nenhuma retificação posterior sobre o seu verdadeiro significado. Em não poucos casos, projetos favoráveis à legalização das uniões homossexuais foram aprovados por católicos — tanto legisladores quanto simples votantes consultados em plebiscito —, sob o pretexto de que não se podia ser “mais papista do que o Papa”.

Em janeiro de 2015, Francisco recebeu em audiência em sua residência de Santa Marta uma transexual espanhola chamada Neria Lejárraga, de Plasencia, a qual em carta ao pontífice se queixara de que após ter feito uma cirurgia de mudança de sexo e se “casado” com outra mulher, era rejeitada pelos católicos de sua cidade. O Papa a chamou por telefone, a convidou ao Vaticano com todos os gastos pagos pela Nunciatura em Madrid, e a recebeu em companhia de sua “noiva”¹¹. Na entrevista que concedeu no avião durante sua viagem de retorno da Geórgia e do Azerbaijão, o pontífice relatou com detalhes as circunstâncias desse encontro, referindo-se à pessoa em questão sempre no masculino (“ele, que era uma ela, mas é ele”) e sem nenhuma censura à mudança de sexo e ao posterior “casamento” com outra mulher¹².

Igualmente desconcertante foi a audiência concedida na Nunciatura de Washington a um antigo aluno de nome Yayo Grassi, que se fazia acompanhar de seu “parceiro” homossexual, o indonésio Iwan Bagus, os quais foram abraçados

¹⁰ http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130728_gmg-conferenza-stampa.html

¹¹ http://politica.elpais.com/politica/2015/01/27/actualidad/1422355975_624238.html

¹² http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/october/documents/papa-francesco_20161002_georgia-azerbaijan-conferenza-stampa.html

cordialmente pelo pontífice diante das câmeras. O escândalo se agravou pelo fato de o Serviço de Imprensa do Vaticano ter posteriormente publicado uma nota dizendo que “a única ‘audiência’ concedida pelo Papa na Nunciatura tinha sido a um antigo aluno com a família”, rebaixando assim o encontro com Kim Davis — a conhecida funcionária do registro civil de Kentucky condenada à prisão por se recusar a registrar uniões homossexuais — a uma saudação “muito breve de cortesia”¹³.

Mais escandalosa ainda foi a recepção oficial, no Palácio Apostólico, de Xavier Bettel, primeiro-ministro de Luxemburgo, acompanhado de seu “parceiro” homossexual, o arquiteto Gauthier Destenay, com o qual se uniu civilmente em 2010 e “se casou” em 2015, quando o pseudo-casamento homossexual foi legalizado no Grão-Ducado. O pretexto foi a reunião de líderes europeus na Cidade Eterna para celebrar o 60º aniversário do Tratado de Roma (que deu início ao que é hoje a União Europeia)¹⁴. O líder do partido ultraesquerdista espanhol Podemos, Pablo Iglesias, imediatamente publicou a fotografia da recepção na sua conta *twitter*, com a legenda: “Xavier Bettel, primeiro-ministro do Luxemburgo, recebido no Vaticano com seu marido. E aqui [o cardeal] Cañizares [arcebispo de Valencia] diz que os *gays* vão para o inferno”. Bettel respondeu logo a seguir com outro *tweet*: “Foi um prazer e uma honra para mim e para Gauthier sermos acolhidos pelo líder da Igreja Católica”¹⁵.

Também em matéria de métodos artificiais de controle da natalidade o Papa tem permitido a circulação não contestada de supostas afirmações suas em sentido contrário ao ensino da Igreja. Um exemplo perturbador foram as declarações da Irmã Martha Pelloni, religiosa da Congregação de Carmelitas Missionárias Teresianas, professora e fundadora de organizações de ajuda a trabalhadores rurais. Em pleno debate sobre a despenalização do aborto na Argentina, ela afirmou, em entrevista à Rádio Cut (de Corrientes), que “deve haver uma paternidade responsável, uma planificação”. E acrescentou: “Falando desse tema, o Papa Francisco me disse três palavras: preservativo, transitório e reversível. Um dia-

¹³ <https://press.vatican.va/content/salastampa/it/bollettino/pubblico/2015/10/02/0749/01616.html>

¹⁴ <https://www.forbes.com/sites/ceciliarodriguez/2017/04/09/pope-franciss-welcome-to-worlds-only-openly-gay-prime-minister-rekindles-vatican-controversy/#6cb67112a607>

¹⁵ http://www.huffingtonpost.es/2017/03/25/pablo-iglesias-obispos-foto_a_22011379/

fragma e, em último caso, que é o que aconselhamos às mulheres do campo... ligadura de trompas”¹⁶.

Outra religiosa argentina — a Irmã Lúcia Caram, que vive na Catalunha e defende o casamento homossexual e o aborto¹⁷ —, lhe teria dito num encontro que “continue armando confusão”¹⁸.

O Vaticano publica um escandaloso manual de educação sexual

A pregação relativista proveniente dos lábios de um Papa, acentuada por gestos extremamente simbólicos, não pode senão agravar até um nível insuspeitado a “liquidez moral”¹⁹ da sociedade contemporânea, com desastrosas consequências para os fiéis, as famílias e a moralidade pública, fundamento básico da vida em comum.

Esse efeito, por sua vez, se viu agravado pela publicação — por iniciativa do Conselho Pontifício para a Família, ainda dirigido por Dom Vincenzo Paglia antes de sua fusão em um novo mega dicastério — de um insólito manual de educação sexual editado em várias línguas, o qual foi posto *online* à disposição dos participantes das Jornadas Mundiais da Juventude de Cracóvia.

Preparado em colaboração com a Universidade Santo Antonio, de Múrcia, Espanha, e intitulado *O Ponto de Encontro*, o manual é dividido em seis unidades e pretende ser um “projeto de educação afetivo sexual”, em resposta ao apelo do Papa Francisco na *Amoris laetitia*, citando amplamente dita exortação e tomando em conta os progressos da psicologia e da pedagogia, porém sem fazer nenhuma

¹⁶ <https://adelantelafe.com/martha-pelloni-el-papa-le-habria-recomendado-preservativos-diafragma-o-ligadura-de-trompas/> Para ouvir a entrevista, a partir de 7’45” aqui <https://radiocut.fm/audiocut/martha-pelloni-en-corrientes-el-indice-de-pobreza-es-muy-grande/>

¹⁷ <http://www.laopiniondemalaga.es/sociedad/2014/01/23/iglesia-debe-meterse-decision-mujer/647536.html>

¹⁸ <https://www.20minutos.es/noticia/2856412/0/papa-francisco-sor-lucia-caram-lio/>

¹⁹ A expressão é de Aldo Maria Valli. <https://cronicasdepapafrancisco.wordpress.com/2017/01/07/la-verita-intervista-aldo-maria-valli-un-papa-non-puo-guidare-la-chiesa-con-i-forse-i-dipende-i-pero/>

menção aos Dez Mandamentos (nem sequer ao 6º e ao 9º), nem ao caráter pecaminoso e antinatural das relações homossexuais.

Os movimentos que lutam contra os programas hedonistas de educação sexual promovidos por organismos internacionais e pelo *lobby* pró-aborto ficaram justifiadamente escandalizados por seu caráter sensual e graficamente explícito²⁰.

O psiquiatra norte-americano Rick Fitzgibbons — com 40 anos de experiência em terapia familiar, professor auxiliar no Instituto João Paulo II de Estudos sobre o Matrimônio e a Família da Universidade Católica da América — escreveu a respeito: “Numa cultura em que a juventude é bombardeada com pornografia, fiquei especialmente chocado com as imagens incluídas nesse novo manual de educação sexual, algumas das quais são claramente pornográficas. Minha reação profissional imediata foi de que essa abordagem obscena ou pornográfica abusa psicológica e espiritualmente dos jovens. Os jovens também são lesados pela ausência de uma advertência de longo prazo, relativa aos perigos de comportamentos promíscuos e do uso de contraceptivos. Como profissional que tem tratado tanto de sacerdotes abusadores quanto das vítimas do abuso sexual na Igreja, o que achei especialmente alarmante foi que as imagens pornográficas desse programa são similares às usadas pelos adultos que são abusadores sexuais de adolescentes”²¹.

Judy Brown, presidente da *American Life League*, declarou em um comunicado de imprensa: “Já é bastante ruim quando a *Planned Parenthood* promove formas perversas de educação sexual nas nossas escolas. Mas que seja o Vaticano quem toma esse trem, é um cenário de pesadelo”²².

²⁰ <https://www.lifesitenews.com/news/vatican-surrenders-to-sexual-revolution-with-release-of-sex-ed-program-life> & <http://www.speroforum.com/a/BZZBFMQVUF52/78494-The-poverty-that-is-the-Vaticans-new-sexual-education-program#.WT61EevyjIU>

²¹ <https://www.lifesitenews.com/opinion/exclusive-the-new-threat-to-catholic-youth-the-meeting-point>

²² <https://www.lifesitenews.com/pulse/catholic-pro-life-org-launches-petition-asking-pope-francis-to-withdraw-nig>

“Reinterpretação” da *Humanae vitae* para legitimar a pílula contraceptiva

Por ocasião da publicação no corrente ano do 50º aniversário da encíclica *Humanae vitae*, constituiu-se uma “equipe de trabalho” sob a coordenação de Mons. Gilfredo Marengo, para estudar o histórico de sua redação. Em setembro de 2015, Mons. Marengo escreveu no *Vatican Insider* um artigo sob o significativo título “*Humanae vitae* e *Amoris laetitia*: histórias paralelas”, no qual se perguntava se “o jogo polêmico ‘pílula sim–pílula não’, como também o atual ‘comunhão aos divorciados sim–comunhão aos divorciados não’, não é senão a aparência de um mal-estar e de um cansaço muito mais decisivos no tecido da vida eclesial”²³.

Segundo o Prof. Roberto de Mattei, essa iniciativa faz parte de um plano orquestrado para “reinterpretar” a *Humanae vitae*, aceitando em certos casos o uso de métodos artificiais de controle da natalidade²⁴.

O cinquentenário da encíclica de Paulo VI está servindo de marco para uma série de conferências na Universidade Gregoriana. Na terceira delas — intitulada “Relendo a *Humanae Vitae* (1968) à luz de *Amoris laetitia* (2016)”, proferida no dia 14 de dezembro pelo moralista Maurizio Chiodi, membro dessa nova “equipe de trabalho” —, o palestrante defendeu a tese de que “o uso de um método artificial de regulação dos nascimentos poderia ser reconhecido como um ato de responsabilidade” e que “há circunstâncias [...] que exigem a contracepção”, inclusive com o auxílio da “tecnologia”, ou seja, dos métodos artificiais rejeitados pela encíclica²⁵.

Em declarações feitas em 9 de janeiro de 2018, o Prof. Josef Seifert comentou que “a ética de situação defendida pelo Pe. Chiodi negaria também a maldade in-

²³ <http://www.lastampa.it/2017/03/23/vaticaninsider/ita/commenti/humanae-vitae-e-amoris-laetitia-storie-parallele-Mqg9RCXIpwtYnj9ajltpdO/pagina.html>

²⁴ <https://www.corrispondenzaromana.it/il-piano-di-reinterpretazione-della-humanae-vitae/>

²⁵ <http://magister.blogautore.espresso.repubblica.it/2018/01/30/adios-humanae-vitae-francisco-liberaliza-la-pildora/>

trínseca do aborto, da eutanásia e de muitos outros atos enumerados na *Veritatis Splendor* como atos que são moralmente maus em todas as circunstâncias e todas as situações”; e manifestou a esperança de que “o Papa Francisco, o arcebispo Paglia e a grande maioria dos membros da Pontifícia Academia pela Vida solicitem ao Pe. Chiodi que repudie esses graves erros ou que renuncie imediatamente a sua condição de membro dessa ilustre Academia”²⁶. Infelizmente nada disso aconteceu...

A caminho de uma aceitação *de facto* das uniões homossexuais

Após a aprovação da lei Cirinnà na Itália, o Papa Francisco, no livro-entrevista com o intelectual francês Dominique Wolton, declarou-se favorável às uniões civis de homossexuais: “O que pensar do casamento de pessoas do mesmo sexo? O ‘casamento’ é uma palavra histórica. Desde sempre, na humanidade e não somente na Igreja, é um homem e uma mulher. [...] Isso não se pode mudar. É a natureza das coisas. Elas são assim. Chamemos aquilo de ‘uniões civis’. [...] Digamos as coisas como elas são: o casamento é um homem com uma mulher. Esse é o termo preciso. Chamemos a união do mesmo sexo de ‘união civil’”²⁷.

Compreende-se melhor nesse contexto o anúncio feito por Dom Brendan Leahy, bispo de Limerick (Irlanda), de que os casais homossexuais “são bem-vindos para juntar-se à celebração da família” no Encontro Mundial das Famílias que se realizará de 21 a 26 de agosto de 2018 naquele país. Organizado pelo novo Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida, o encontro contará com a presença do Papa Francisco. “Vivemos uma época de mudanças e a família também está mudando”, afirmou o prelado²⁸.

O comitê organizador divulgou um vídeo promocional no qual o bispo David O’Connell, originário da Irlanda, declara o seguinte: “O Papa Francisco pescou o negócio. Ele percebeu que nossa sociedade mudou muito nas últimas gerações.

²⁶ <https://onepeterfive.com/professor-seifert-comments-fr-chiodis-re-reading-humanae-vitae/>

²⁷ Dominique Wolton, *Politique et société : Pape François, rencontres avec Dominique Wolton*, ed. L’Observatoire, Paris, 2017, pp. 321-322.

²⁸ <https://www.independent.ie/irish-news/gay-couples-must-be-made-welcome-at-world-meeting-of-families-insists-bishop-36222730.html>

Nós temos agora todo tipo de configuração de famílias, seja a família tradicional de mãe e pai juntos, ou a mãe sozinha ou o pai por conta própria, ou um casal homossexual criando crianças, ou casais em segunda união. Qualquer que seja a configuração da família, o apelo ainda é para os adultos pensarem como oferecer a atmosfera melhor, mais carinhosa e segura possível para as crianças”. Devido aos protestos do movimento *Lumen Fidei*, esse trecho do vídeo acabou sendo censurado pelos organizadores²⁹.

O mesmo aconteceu com um folheto de propaganda do evento, originalmente com cinco ilustrações de casais homossexuais que depois foram retiradas juntamente com uma frase que dizia que “enquanto a Igreja defende o ideal do casamento como um compromisso permanente entre um homem e uma mulher, existem outras formas de união que oferecem apoio mútuo ao casal”³⁰.

A ponte do jesuíta americano James Martin para a comunidade homossexual

Igualmente revelador dessa gradual aceitação prática das relações homossexuais foi a nomeação do jesuíta americano James Martin como consultor do Secretariado das Comunicações da Santa Sé. Recentemente o grupo *New Ways Ministry* — já condenado pela Santa Sé e pela Conferência Episcopal americana por suas posições em favor das relações e uniões homossexuais — o homenageou com o *Build Bridges Award* e declarou que “ser mencionado pelo Pe. Martin é melhor do que ser mencionado pelo *New York Times* ou pela *CNN*”, pois quando ele coloca na Internet algum enlace para as publicações do grupo, o número de visitas aumenta 20 vezes³¹.

²⁹ <https://www.independent.ie/irish-news/welcome-to-gay-parents-edited-out-of-church-video-36669007.html>

³⁰ <https://www.irishtimes.com/news/social-affairs/religion-and-beliefs/images-of-same-sex-couples-removed-from-world-meeting-of-families-booklet-1.3372908>

³¹ <http://www.crisismagazine.com/2017/new-ways-ministrys-fr-james-martin-effect>

O Pe. Martin está de fato engajado há décadas num esforço para que a Igreja aceite a comunidade homossexual e seu estilo de vida. Autor do livro *Construindo uma ponte: como a Igreja Católica e a Comunidade LGBT podem entrar numa relação de respeito, compaixão e receptividade*, ele sustenta que a Igreja institucional deve reconhecer que “a comunidade homossexual aporta dons únicos para a Igreja”, que deve tratá-la como qualquer outro grupo, sem medo de parecer que avaliza “tudo o que qualquer um da comunidade LGBT diz ou faz”, porque “as pessoas LGBT são filhos amados de Deus com dons – não somente como indivíduos, mas também como comunidade”.

Em nome disso, o Pe. Martin condena que instituições católicas demitam aqueles que oficializam uniões homossexuais e aprova o cardeal Schönborn, arcebispo de Viena, por seus elogios a essas uniões. Do mesmo modo, pede que se abandone por sua presumida crueldade, a frase “objetivamente desordenada” com que o Catecismo se refere à tendência homossexual³².

Num vídeo divulgado em setembro de 2017, o Pe. Martin declarou que “o ensinamento segundo o qual as pessoas LGBT devem ser célibes durante toda a vida não foi recebido [pelo Povo de Deus]”, condição, segundo ele, para um magistério ser obrigatório. No mesmo vídeo ele se refere ao Espírito Santo usando o pronome feminino “Ela”³³.

Quando da revogação da ordem executiva do presidente Obama impondo banheiros transgêneros nos estabelecimentos de ensino, o Pe. Martin enviou um *tweet* aos seus 100 mil seguidores dizendo que desaprovava a revogação e apoiava os rapazes que queriam usar os banheiros das moças, e vice-versa.

O livro do Pe. Martin foi elogiado pelo cardeal Kevin Farrell, prefeito do Dicasterio vaticano para os Leigos, a Família e a Vida, dizendo que é “muito necessário”. Por sua vez, o cardeal Joseph Tobin, arcebispo de Newark, chamou-o de “corajoso, profético”³⁴.

³² <https://www.americamagazine.org/faith/2016/10/30/james-martin-sj-we-need-build-bridge-between-lgbt-community-and-catholic-church> & <http://religionnews.com/2017/06/06/this-top-vatican-official-is-quietly-moving-catholics-toward-lgbt-inclusion/>

³³ <http://lanuovabq.it/it/insegnamento-non-ricevuto-liberi-i-cristiani-lgbt>

³⁴ <https://www.lifesitenews.com/news/francis-appointed-cardinals-back-jesuits-pro-lgbt-book>

Rumo à benção litúrgica das uniões homossexuais?

Muito eloquente no mesmo sentido de uma crescente aproximação com o *lobby* LGBT foi a contratação pelo Secretariado para as Comunicações do Vaticano da firma *Accenture* para reorganizar e unificar todos os atuais canais de comunicação da Santa Sé, incluindo *Vatican Media*, *Radio Vaticano* e *Vatican News*. A firma *Accenture* é mundialmente conhecida por promover a agenda política do *lobby* LGBT, tendo recebido em 2013 o prêmio do empregador mais “*gay friendly*” da Grã Bretanha e em 2016 do “melhor lugar de trabalho LGBT” da Irlanda. Ela produz vídeos propondo estratégias para promover os “direitos LGBT” no mundo inteiro e foi co-signatária de um escrito em favor do reconhecimento do casamento homossexual ante a Corte Suprema dos Estados Unidos³⁵.

Em análogo sentido foi interpretada, até mesmo pela mídia secular, a instalação na Praça São Pedro de um presépio sem boi nem burro e com as figuras da Sagrada Família em segundo plano, enquanto muitas figuras evocavam em primeiro plano as oito obras de misericórdia corporais. A cena que mais chamava a atenção era o “vestir os despidos”, dominada por um homem nu, com o corpo depilado e modelado em academia de musculação, levando a própria mídia secular a qualificar o conjunto de “presépio filo-gay” com “alusões homoeróticas”³⁶.

O presidente da seção napolitana do movimento LGBT Arcigay confessou que “a presença do presépio vaticano constitui para [eles] motivo para estarem ainda mais felizes. Para a comunidade homossexual e transexual de Nápoles é um importante símbolo de inclusão e integração”. De fato, o presépio foi um presente da abadia de Montevergine (Avellino), em cuja vizinhança se celebra uma “romaria dos efeminados” (sic), com referências ao culto pagão de Cibele, deusa símbolo da androginia³⁷.

³⁵ <https://www.lifesitenews.com/news/vatican-hires-lgbt-activist-company-to-create-and-run-new-internet-news-pla>

³⁶ <https://www.ilfattoquotidiano.it/premium/articoli/vaticano-il-presepe-filogay-scatena-la-destra-clericale/>

³⁷ <http://www.liberoquotidiano.it/news/italia/13295190/vaticano-papa-francesco-presepe-gay-scandalo-piazza-san-pietro-rivolta-cristiana.html>

Às atitudes diretas do Papa Francisco e da Santa Sé soma-se o silêncio do Vaticano em relação a iniciativas destinadas a fazer aceitar as uniões homossexuais pela Igreja, tais como as declarações do cardeal Reinhard Marx, presidente da Conferência Episcopal alemã e membro de reduzido círculo de assessores do Papa para a reforma da Cúria, conhecido como G9.

Interrogado pela rádio pública da Baviera a respeito da proposta de uma cerimônia de bênção na igreja de casais homossexuais, o prelado alemão afirmou: “Devemos encorajar sacerdotes e agentes pastorais a que deem palavras de encorajamento às pessoas [vivendo] em situações concretas. Não vejo nenhum problema nisso. Outra questão é como isso seria feito publicamente, de forma litúrgica; é aí que é preciso ser reticente e refletir a respeito corretamente”. E repetiu: “Não há soluções gerais; eu não considero isso [as soluções gerais] correto, porque se trata do acompanhamento pastoral de indivíduos”³⁸.

³⁸ <https://cruxnow.com/global-church/2018/02/04/cardinal-marx-endorses-blessing-ceremonies-sex-couples/>

Capítulo 7

A mudança de paradigma em um caso concreto: o acesso à comunhão aos divorciados recasados

O documento-símbolo da mudança de paradigma e da “revolução cultural” em curso é, sem nenhuma dúvida, a exortação apostólica Amoris laetitia, a qual prevê — “caso por caso” — a possibilidade do acesso à comunhão aos divorciados civilmente recasados. Para grandes teólogos e pensadores católicos, trata-se da ruptura do dique de toda a teologia moral. Quatro cardeais levantaram respeitosamente dúvida sobre este tema, mas o Papa jamais respondeu. Dezenas e dezenas de bispos, sacerdotes, religiosos, teólogos e leigos têm tomado posição pública em defesa da doutrina católica tradicional, numa frente de resistência jamais vista nos últimos séculos da história da Igreja.

O relativismo moral patenteado no capítulo anterior teve uma aplicação ainda mais dramática — por envolver o grave risco de verdadeiros sacrilégios — na questão da indissolubilidade do casamento e na aceitação prática, pela Igreja, de uniões adúlteras em nome de uma pastoral “encarnada” na vida concreta das pessoas.

A Igreja possui uma disciplina multissecular de recusar o acesso à Sagrada Comunhão às pessoas divorciadas civilmente recasadas, baseada no fato de que elas estão em estado objetivo de pecado mortal, agravado ainda pelo escândalo, caso essa situação seja de notoriedade pública. Quaisquer que sejam as suas intenções subjetivas, essas pessoas se encontram objetivamente em estado de “*peccado grave manifesto*”, não podendo, portanto, receber a Sagrada Eucaristia (Código de Direito Canônico, n^o 915)¹. Para poder comungar, elas devem arre-

¹ “Se os divorciados se casam civilmente, ficam numa situação objetivamente contrária à Lei de Deus. Por isso, não podem aproximar-se da comunhão eucarística, enquanto persistir tal situação. Pelo mesmo motivo, ficam impedidos de exercer certas responsabilidades eclesiais.

pende-se de seus pecados e corrigir a sua situação. Se, contudo, os divorciados recasados não puderem abandonar a casa na qual convivem com o cônjuge adúltero por estarem, por exemplo, obrigados a cuidar da educação de seus filhos, eles devem nesse caso comprometer-se a viver castamente, ou seja, “sob o mesmo teto, mas não no mesmo leito”.

No entanto, com o aumento das rupturas matrimoniais e de novos “casamentos” civis entre os católicos, a partir dos anos 1970 já houve tentativas, especialmente nos Estados Unidos e no Canadá, de flexibilizar essa proibição².

Solene reafirmação magisterial da exclusão eucarística dos divorciados recasados no civil

Isso levou a que o tema fosse tratado durante o Sínodo de 1980 sobre a família, após o qual João Paulo II publicou a exortação apostólica *Familiaris consortio*, em cujo parágrafo 84 abordou a situação dos divorciados recasados e confirmou

A reconciliação, por meio do sacramento da Penitência, só pode ser dada àqueles que se arrependem de ter violado o sinal da Aliança e da fidelidade a Cristo e se comprometerem a viver em continência completa” (*Catecismo da Igreja Católica*, n° 1650).

² Essas tentativas começaram em alguns grupos diocesanos especializados na pastoral com divorciados, incluindo os recasados no civil, cujos capelães diziam que se essas pessoas se consideravam livres, em consciência, do primeiro vínculo matrimonial, elas podiam comungar, mesmo sem ter obtido uma declaração de nulidade.

Em 1971, um comitê da *Catholic Theological Society of America* apresentou um estudo que avalizava essa prática “pastoral” em nome do respeito à consciência dos casais, caso eles se apresentassem para receber a comunhão “após uma apropriada consulta, reflexão e oração”. No ano seguinte, Dom Robert Tracy, bispo de Baton Rouge, escreveu uma carta pastoral aventando, em nome de uma solução de foro interno, o plano de concessão de um “decreto de boa consciência” outorgado pelo tribunal diocesano. E, em setembro do mesmo ano, o Comitê permanente do episcopado americano enviou ao Vaticano um estudo evocando a possibilidade de uma admissão à comunhão dos divorciados recasados que não vivessem como irmão e irmã, de modo que, em março de 1975, o secretário da Congregação para a Doutrina de Fé teve que escrever ao presidente da Conferência Episcopal norte-americana reiterando que os casais que vivem em uniões irregulares podem receber a comunhão única e tão somente se vivem na castidade e o fazem em igrejas onde não são conhecidos, para evitar qualquer escândalo. Para um resumo desses episódios, ver *Theological Studies* 57 (1996), <http://cdn.theologicalstudies.net/57/57.1/57.1.6.pdf>.

a exclusão eucarística com os princípios que haviam sido aprovados majoritariamente pela assembleia sinodal:

“A Igreja, contudo, reafirma a sua práxis, fundada na Sagrada Escritura, de não admitir à comunhão eucarística os divorciados que contraíram nova união. Não podem ser admitidos, [a partir] do momento em que seu estado e condições de vida contradizem objetivamente aquela união de amor entre Cristo e a Igreja, significada e atuada na Eucaristia. Há, além disso, outro peculiar motivo pastoral: se se admitissem essas pessoas à Eucaristia, os fiéis seriam induzidos em erro e confusão acerca da doutrina da Igreja sobre a indissolubilidade do matrimônio”³.

O braço de ferro entre a liderança do episcopado alemão e a Santa Sé

Apesar da clareza desse texto, os três bispos da província eclesiástica do Alto Reno, na Alemanha, publicaram uma pastoral coletiva em julho de 1993, dizendo que a Igreja deve tratar com misericórdia os casais divorciados e civilmente recasados, e que as prescrições do Código de Direito Canônico são gerais, mas não levam em conta todos os complexos casos individuais. Cada pessoa, com a ajuda de um sacerdote, deveria discernir sua própria situação⁴ e decidir em consciência se deve ou não se aproximar da mesa eucarística, não podendo ser impedida de fazê-lo pelo celebrante ou um ministro da eucaristia.

³ http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_19811122_familiaris-consortio.html

⁴ Os três prelados do Reno sugeriam oito critérios de discernimento: (1) A responsabilidade pelo colapso do primeiro casamento dever ser objeto de reconhecimento e arrependimento; (2) Deve ser claro que “o retorno ao/à primeiro/a parceiro/a é realmente impossível”; (3) “Deve haver indenização pelos males feitos”; (4) Todas as “obrigações com a mulher e os filhos do primeiro casamento” devem ser cumpridas; (5) “O escândalo deve ser tomado em conta”; (6) O segundo relacionamento “deve ter dado provas durante um longo período de tempo para representar uma vontade pública e reconhecível de viver juntos permanentemente”; (7) Deve ser determinado se existem ou não obrigações morais de “fidelidade ao segundo relacionamento”; e (8) Dever ficar claro que “os parceiros procuram verdadeiramente viver de acordo com a fé cristã e por motivos verdadeiros”.

Essa carta pastoral teve muito impacto pela notoriedade de seus assinantes: dois conhecidos teólogos — o então bispo Walter Kasper, de Rottenburg-Stuttgart, e o então arcebispo Karl Lehmann, de Mainz, presidente da Conferência Episcopal alemã —, e um reputado canonista, o arcebispo Oskar Saier, de Friburgo em Brisgávia, vice-presidente da mesma.

Foi tal esse impacto que, um ano mais tarde, após uma série de reuniões entre o então cardeal Joseph Ratzinger e os bispos alemães, a Congregação para a Doutrina da Fé enviou uma “Carta aos Bispos da Igreja Católica a respeito da recepção da comunhão eucarística por fiéis divorciados novamente casados”⁵. A carta reafirmava categoricamente: “O fiel que convive habitualmente *more uxorio* com uma pessoa que não é a legítima esposa ou o legítimo marido, não pode receber a comunhão eucarística. Caso o considerasse possível, os pastores e os confessores — dada a gravidade da matéria e as exigências do bem espiritual da pessoa e do bem comum da Igreja — têm o grave dever de adverti-lo que tal juízo de consciência está em evidente contraste com a doutrina da Igreja. Devem também recordar esta doutrina no ensinamento a todos os fiéis que lhes estão confiados”⁶.

Diante da inobservância de alguns da disciplina, sob a alegação *inter alia* de que o ministro da Comunhão não pode emitir *ab externo* um juízo sobre as condições subjetivas para um divorciado civilmente recasado estar em pecado mortal, o Pontifício Conselho para os Textos Legislativos publicou, em julho de 2000, uma “Declaração sobre a admissibilidade à santa comunhão dos divorciados recasados”, a qual reafirmava peremptoriamente: “A proibição feita no citado cânon [915], por sua natureza, deriva da lei divina e transcende o âmbito das leis eclesiais positivas: estas não podem introduzir modificações legislativas que se oponham à doutrina da Igreja”⁷.

⁵ http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_14091994_rec-holy-comm-by-divorced_po.html

⁶ Ibid. n° 6.

⁷

http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/intrptxt/documents/rc_pc_intrptxt_doc_20000706_dclaration_po.html

O Papa Francisco acena para uma mudança na posição da Igreja

Essa posição muito firme e clara foi vítima de uma mudança de paradigma com o início do atual pontificado, a qual se manifestou por ocasião do primeiro Angelus no balcão do palácio pontifício, quando o recém-eleito Papa Francisco elogiou o cardeal Walter Kasper dizendo que é “um teólogo estupendo”⁸.

Um novo indício de mudança foi dado pelo pontífice no voo de retorno da sua viagem para participar das JMJ no Rio de Janeiro. À pergunta se existe a possibilidade de mudar alguma coisa na disciplina da Igreja a respeito do acesso dos divorciados aos sacramentos, ele afirmou: “Os próprios ortodoxos — e aqui abro um parêntese — têm uma prática diferente. Eles ‘seguem a teologia da *economia*, como eles dizem, e dão uma segunda possibilidade, permitem-no. Mas eu acho que este problema — e fecho o parêntese — deve ser estudado no quadro da pastoral do matrimônio”⁹.

Essa expectativa de mudança se reforçou ainda mais quando a imprensa transcreveu as declarações de uma mulher argentina e de seu companheiro divorciado dizendo que o Papa Francisco teria telefonado a ela, e que no decurso da conversação a teria autorizado a receber a comunhão, apenas tomando o cuidado de não fazê-lo na própria paróquia para não criar um conflito com o vigário¹⁰. A Sala de imprensa do Vaticano não desmentiu essa versão dos fatos, limitando-se a declarar que tais conversações deveriam ser entendidas no contexto das relações pastorais pessoais do Papa, e não como um evento que acarreta “consequências em relação aos ensinamentos da Igreja”¹¹.

⁸ http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2013/documents/papa-francesco_angelus_20130317.html

⁹ http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130728_gmg-conferenza-stampa.html

¹⁰ <https://www.cronista.com/informaciongral/Francisco-llamo-a-una-divorciada-para-decirle-que-puede-comulgar-20140422-0117.html>

¹¹ <https://www.avvenire.it/chiesa/pagine/papa-divorziati-eucaristia-lombardi>

O “relatório Kasper” provoca reações em cadeia

Numa atmosfera tumultuada por esses indícios confusos, em 8 de outubro de 2013 foi anunciada a convocação para outubro do ano seguinte da 3ª Assembleia Geral Extraordinária do Sínodo dos Bispos, a qual deveria tratar dos “desafios pastorais da família no contexto da evangelização”¹². Este tema voltaria a ser objeto do subsequente Sínodo Ordinário de 2015 sobre “A Vocação e a missão da família na Igreja e no mundo contemporâneo”¹³, o que permitiria assegurar uma ampla consulta às bases.

O documento preparatório enviado aos bispos pelo cardeal Lorenzo Baldisseri, secretário-geral do Sínodo dos Bispos, incluía um questionário de 38 perguntas a respeito das “novas problemáticas” em torno da família, sete das quais eram particularmente controvertidas, pois versavam sobre as uniões entre pessoas do mesmo sexo¹⁴ e o tratamento pastoral — especialmente o acesso à comunhão eucarística — dos casais divorciados em segunda união¹⁵.

¹² http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20131105_iii-assemblya-sinodo-vescovi_po.html

¹³ http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20141209_lineamenta-xiv-assembly_po.html

¹⁴ Eis o teor das perguntas: “5 - Sobre as uniões de pessoas do mesmo sexo

a) Existe no vosso país uma lei civil de reconhecimento das uniões de pessoas do mesmo sexo, equiparadas de alguma forma ao matrimônio?

b) Qual é a atitude das Igrejas particulares e locais, quer diante do Estado civil promotor de uniões civis entre pessoas do mesmo sexo, quer perante as pessoas envolvidas neste tipo de união?

c) Que atenção pastoral é possível prestar às pessoas que escolheram viver em conformidade com este tipo de união?

d) No caso de uniões de pessoas do mesmo sexo que adotaram crianças, como é necessário comportar-se pastoralmente, em vista da transmissão da fé?”.

¹⁵ Eis as controvertidas perguntas sobre esse assunto: “4 – Sobre a pastoral para enfrentar algumas situações matrimoniais difíceis [...]

c) Os separados e os divorciados recasados constituem uma realidade pastoral relevante na Igreja particular? Em que percentagem se poderia calculá-los numericamente? Como se enfrenta esta realidade, através de programas pastorais adequados?

As intervenções papais acima descritas estimularam “a base” — na realidade, as conferências episcopais progressistas e os grupos de leigos que seguem a mesma orientação — a responder ao “questionário Baldisseri” propondo não apenas uma mudança pastoral, mas **até doutrinária da Igreja com relação a esse tema. Por exemplo, o então presidente da Conferência Episcopal alemã, Dom Robert Zollitsch, arcebispo de Friburgo, chegou a publicar um documento oficial encorajando os divorciados recasados a se aproximarem sem escrúpulo e desde então à mesa da comunhão, com base em uma simples “decisão de consciência”¹⁶.**

Aproveitando o fato de o corpo cardinalício se encontrar em peso em Roma por ocasião de um consistório para a criação de novos cardeais, o Papa Francisco pediu aos seus componentes que debatessem sobre a família baseados em um relatório introdutivo que ele confiara ao cardeal Walter Kasper — o mesmo prelado que no final do século passado havia se manifestado juntamente com outros dois bispos da região do Reno a favor da superação da proibição da comunhão aos divorciados recasados.

d) Em todos estes casos: como vivem os batizados a sua irregularidade? Estão conscientes da mesma? Simplesmente manifestam indiferença? Sentem-se marginalizados e vivem com sofrimento a impossibilidade de receber os sacramentos?

e) “Quais são os pedidos que as pessoas separadas e divorciadas dirigem à Igreja, a propósito dos sacramentos da Eucaristia e da Reconciliação? Entre as pessoas que se encontram em tais situações, quantas pedem estes sacramentos?”

¹⁶ Em resposta a essa iniciativa escandalosa, o então Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, cardeal alemão Gerhard L. Müller, se viu forçado a reafirmar a indissolubilidade do matrimônio e a proibição da comunhão aos pecadores públicos num longo artigo publicado pelo *Osservatore Romano* em 23 de outubro de 2013, o qual, de passagem, condenava a “teologia da economia” praticada pelos cismáticos ortodoxos. Mas a intervenção do cardeal Müller foi obnubilada por declarações de dois cardeais — Reinhard Marx, arcebispo de Munique e Oscar Maradiaga, arcebispo de Tegucigalpa — ambos muito chegados ao Papa Francisco e membros do C9, ou seja, do grupo de cardeais que o assistem na reforma da Cúria. Assim, enquanto o cardeal Reinhard Marx declarou que dito artigo não podia “fechar a discussão”, o cardeal Oscar Rodríguez Maradiaga pontificou: “Müller é um professor de teologia alemão, na sua mentalidade só há o verdadeiro e o falso. Mas, meu irmão, o mundo não é assim, você devia ser um pouco flexível”.

O cardeal Kasper desenvolveu a tese de que a Igreja deveria operar uma mudança de paradigma em relação à comunhão aos divorciados recasados, considerando a situação a partir da perspectiva de quem sofre e pede ajuda. Ele alegou que na Igreja primitiva teria existido um direito consuetudinário segundo o qual os cristãos que estavam em uma segunda união enquanto ainda vivia o cônjuge da primeira, depois de certo tempo de penitência tinham à disposição não um segundo matrimônio, mas uma tábua de salvação através da participação na comunhão. Enquanto a Igreja latina teria abandonado esse costume, as Igrejas ortodoxas cismáticas o conservaram, conforme o princípio da *oikonomia* — ao qual o Papa Francisco havia se referido na conferência de imprensa no avião de volta do Brasil —, válido para elas.

Sua tese de que a Igreja primitiva admitia os divorciados recasados à comunhão foi amplamente refutada nas semanas seguintes por renomados historiadores, os quais provaram conclusivamente que os concílios haviam aprovado a comunhão para os viúvos recasados, e não para os divorciados que voltavam a se casar.

A divulgação das teses kasperianas encontrou resistências em bom número de purpurados — entre os quais cabe destacar os cardeais Burke, Müller, Brandmüller, de Paolis, Caffarra e Pell —, bem como de historiadores, teólogos, canonistas e moralistas. É digno de nota um trabalho publicado por oito professores dominicanos dos Estados Unidos, no qual eles ressaltam que o relatório do cardeal alemão significaria propriamente a supressão da obrigação de castidade segundo o próprio estado, como se os fiéis não tivessem a certeza da ajuda da graça para mantê-la¹⁷.

Nas vésperas do Sínodo Extraordinário, os cinco primeiros cardeais acima referidos publicaram as suas intervenções reunindo-as às de outros quatro peritos em um livro sob o expressivo título *Permanecendo na verdade de Cristo: Matri-*

¹⁷ Se a Igreja aceitasse a comunhão para os divorciados recasados, diziam os teólogos dominicanos, “não se vê como a Igreja poderia recusá-la aos casais que coabitam ou às pessoas engajadas numa união homossexual, etc. Com efeito, a lógica dessa posição sugere que a Igreja deveria abençoar tais uniões (como o fazem agora os anglicanos) e mesmo aceitar toda a gama que comporta a ‘liberação’ sexual contemporânea. A comunhão para as pessoas divorciadas recasadas não é senão o começo”.

mônio e comunhão na Igreja Católica. A obra percorre a história de séculos de resistência católica à comunhão aos divorciados recasados e mostra que nela não se encontra nenhum argumento a favor do tipo de “tolerância” proposta pelo cardeal Kasper. Este deplorou a publicação do livro como sendo uma “guerra ideológica” visando golpear o Papa Bergoglio¹⁸. O conhecido vaticanista Edward Pentin informou que “fontes fidedignas e de alto nível afirmam que o Secretário geral do Sínodo, cardeal Lorenzo Baldisseri, ordenou interceptar os livros [deixados nas caixetas dos Padres sinodais], porque teriam ‘interferido com o Sínodo’”¹⁹.

Manobras para impor a “tese Kasper” ao Sínodo Extraordinário

No dia 5 de outubro de 2014 abriu-se finalmente o Sínodo Extraordinário, com várias anomalias²⁰. Quando se procedeu à leitura do relatório intermediário, houve protestos pelo fato de o mesmo não refletir o verdadeiro conteúdo da maioria das intervenções, mas apenas as teses da minoria Kasper, bem como por incluir um surpreendente princípio moral — a suposta “lei da gradualidade” — que permitiria colher elementos positivos em todas as situações objetivamente pecaminosas, como as relações pré-matrimoniais ou as uniões homossexuais, reconhecendo nelas “as sementes do Verbo espalhadas além dos seus confins visíveis e sacramentais”²¹ (ou seja, qualquer pecado passa a constituir uma forma imperfeita de bem, em face do qual é preciso praticar uma espécie de “ecumenismo

¹⁸ https://www.ilmattino.it/primopiano/cronaca/cardinale_kasper_intervista_mattino-595778.html

¹⁹ <http://www.lanuovabq.it/it/un-libro-censurato-cardinali-furiosi-e-sospetti-un-giallo-scuote-il-sinodo-sulla-famiglia>

²⁰ As duas principais foram a não divulgação das intervenções na aula sinodal e a adição de seis prelados de orientação progressista à equipe redatora dos relatórios intermediário e final. Para uma visão de conjunto dessas anomalias, ver Edward Pentin, *The Rigging of a Vatican Synod? An Investigation into Alleged Manipulation at the Extraordinary Synod on the Family*, Ignatius Press <http://www.lanuovabq.it/it/quelle-manovre-per-manipolare-i-lavori-del-sinodo>

²¹ http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20141013_erdo-synod_po.html

com o mal”). De acordo com fontes oficiais, pelo menos 41 Padres sinodais demonstraram surpresa e fizeram certo alvoroço pelo aparecimento do documento²².

Nos subseqüentes círculos linguísticos de trabalho o relatório intermediário foi literalmente destroçado por uma massa enorme de propostas de emenda (aproximadamente 700) no sentido de que o relatório final deveria ressaltar sobretudo que o único modelo de matrimônio é a união indissolúvel entre um homem e uma mulher para ter filhos e educá-los na fé. Um vozerio explodiu na sala do Sínodo, na presença do Papa, quando foi anunciado que os relatórios dos círculos linguísticos não seriam comunicados aos Padres sinodais (agravando, obviamente, o risco de que o texto final simplesmente desconsiderasse as emendas propostas)²³. Diante dessa firme oposição, e após uma votação, os textos acabaram sendo comunicados a todos os participantes.

Apesar de na votação final a comissão redatora ter sido impelida a redigir um texto de compromisso, três parágrafos não alcançaram a maioria de 2/3 requerida estatutariamente para a aprovação e inclusão no relatório final: o parágrafo referente à atenção pastoral das pessoas com tendência homossexual e os dois que tratavam da questão da comunhão para os divorciados recasados (reconhecendo assim a divergência de posições entre os Padres sinodais). Malgrado essa rejeição, e contrariando o regulamento, o Papa Francisco ordenou que eles figurassem no texto final a ser enviado às dioceses e paróquias para inspirar as propostas da “base” para o Sínodo Ordinário no ano seguinte²⁴. Comentando dita inclusão, o cardeal Reinhard Marx declarou ao jornal *Die Zeit*: “Os debates do sínodo não foram senão um começo. Francisco quer que as coisas vão para a frente, que o processo continue. O verdadeiro trabalho está para começar”²⁵.

No mesmo sentido, o Secretário-geral do Sínodo dos Bispos, cardeal Lorenzo Baldisseri, declarou ao jornal *Avvenire*: “Acreditamos que este período entre os

²² Cfr. Robert Royal, “Synod Day 9 – Bishops to World: ‘Never mind’”

<https://www.thecatholicthing.org/2014/10/15/synod-day-9-bishops-to-world-never-mind/>

²³ Segundo Robert Royal, o cardeal Pell teria se levantado e, batendo a mão sobre na mesa, dito: “Os senhores devem parar de manipular este Sínodo”

(<https://www.thecatholicthing.org/2014/10/17/synod-day-11-some-numbers/>).

²⁴ <https://onepeterfive.com/baldisseri-pope-francis-approved-controversial-midterm-relatio/>

²⁵ <https://www.ncronline.org/blogs/ncr-today/cardinal-marx-pope-francis-has-pushed-open-doors-church>

dois Sínodos seja o mais importante. [...] Há grupos de estudo de diversos níveis aqui em Roma que estudarão os temas mais sensíveis, sobretudo aqueles que tocam nos pontos que não receberam a maioria qualificada”²⁶. Por sua vez, o cardeal Walter Kasper, por ocasião da apresentação no Reino Unido de seu livro *Papa Francisco: A Revolução da ternura e do amor*, declarou: “Todos devemos rezar, porque está em curso uma batalha”²⁷.

900 mil fiéis pedem uma palavra esclarecedora — Silêncio do Vaticano

O sentido da “batalha” havia sido explicado pelo próprio pontífice em entrevista ao jornal argentino *La Nación*: “O que fez o cardeal alemão Walter Kasper foi dizer que devemos procurar hipóteses, quer dizer, ele abriu o campo. E alguns se assustaram”²⁸. E prosseguiu: “No caso dos divorciados e recasados, nos perguntamos: o que fazemos com eles, que porta se lhes pode abrir? E essa foi uma inquietude pastoral: então, vão lhes dar a comunhão? Não é uma solução, se [apenas] lhes vão dar a comunhão. Só isso, não é a solução: a solução é a integração. Não estão excomungados, é verdade. Mas não podem ser padrinhos de batismo, não podem fazer a leitura na missa, não podem dar a comunhão, não podem ensinar a catequese, não podem fazer por volta de sete coisas. Tenho a lista aí. Pa-rem com isso!”²⁹.

Nessa emergência, um conjunto de associações e de leigos, agindo sob o nome de *Filial Súplica*, promoveu um apelo dirigido ao Papa Francisco no qual declaram: “Observamos uma desorientação generalizada, causada pela possibilidade de que se tenha aberto no seio da Igreja uma brecha que permite a aceitação do adultério — mediante a admissão à Eucaristia de casais divorciados recasados

²⁶ <https://www.avvenire.it/chiesa/pagine/scelte-coraggiose-attesa-del-sinodo>

²⁷ <http://www.catholicherald.co.uk/news/2015/03/23/cardinal-kasper-asks-for-prayers-for-synod-saying-a-battle-is-going-on/>

²⁸ <https://www.lanacion.com.ar/1750280-francisco-dios-me-da-una-sana-dosis-de-inconsciencia>

²⁹ <https://www.lanacion.com.ar/1750245-el-sinodo-sobre-la-familia-los-divorciados-vueltos-a-casar-parecen-excomulgados>

civilmente —, e até mesmo uma virtual aceitação das próprias uniões homossexuais, práticas essas condenadas categoricamente como contrárias à Lei divina e natural. Dessa desorientação brota paradoxalmente a nossa esperança. Sim, porque nesta situação uma palavra esclarecedora de Vossa Santidade será a única via capaz de superar a crescente confusão entre os fiéis.”³⁰

Mais de novecentos mil católicos — entre os quais 211 cardeais, arcebispos e bispos — aderiram a essa iniciativa, mas a Santa Sé não teve sequer a cortesia de acusar recebimento do documento, apesar de o mesmo ter sido entregue pessoalmente por uma comissão, seguindo as instruções específicas de um estreito colaborador do Papa. Em entrevista concedida ao jornal *Frankfurter Allgemeine Zeitung* em 28 de outubro de 2017, o cardeal Walter Brandmüller declarou: “O mero fato de uma petição com 870.000 assinaturas endereçada ao Papa para lhe pedir uma clarificação ficar sem resposta [...] suscita questões. É realmente difícil de entender”³¹.

Concomitantemente, a plataforma de associações coligadas na *Filial Súplica* promoveu a publicação e o envio a todos os bispos do mundo do opúsculo *Opção preferencial pela família – 100 perguntas e respostas em torno do Sínodo*, assinado por Dom Aldo Pagotto, então arcebispo da Paraíba (Brasil), Dom Robert Vasa, bispo de Santa Rosa (EUA) e Dom Athanasius Schneider, bispo-auxiliar de Astana (Cazaquistão), com prefácio do cardeal Jorge Medina Estévez, Prefeito emérito da Congregação para o Culto Divino. Trata-se de um vade-mécum cujas perguntas reproduzem as objeções mais comuns sobre os temas levantados pelo Sínodo extraordinário (sexualidade, indissolubilidade, divórcio, homossexualidade, eucaristia para os divorciados recasados, etc.), às quais ele fornece respostas claras e simples³². Divulgado em seis línguas, o trabalho teve ampla difusão entre os fiéis e contribuiu para incrementar o número de assinantes da *Filial Súplica* ao Papa Francisco.

³⁰ <http://catolicismo.com.br/materia/materia.cfm/idmat/D28B8ED9-D1DA-BB07-37DB1ABBD096EA4A/mes/Fevereiro2015>

³¹ <http://www.faz.net/aktuell/feuilleton/debatten/kardinal-walter-brandmueller-ueber-den-streit-um-amoris-laetitia-15266671.html>

³² <https://ipco.org.br/lancado-em-roma-o-opusculo-opcao-preferencial-pela-familia-escrito-por-tres-bispos/>

Mais três publicações de caráter acadêmico apareceram nesse interim em defesa da indissolubilidade do casamento. Onze cardeais³³ saíram a campo com um livro intitulado *Matrimônio e família*, uma compilação de estudos dirigida pelo professor Winfried Aymans, especialista em Direito Canônico na Universidade de Munique. A ele se somou um volume recolhendo as apresentações feitas durante um seminário organizado pelo Conselho pontifício para a família, o qual foi publicado sob o título *Família e Igreja*. E, finalmente, a União Internacional de Juristas Católicos publicou, sob a direção de Miguel Ayuso, presidente da entidade e catedrático da Universidade de Comillas (Espanha), os ensaios de nove especialistas de fama internacional³⁴, para os quais a admissão dos divorciados civilmente recasados e dos casais homossexuais à Sagrada Comunhão “representa o mais grave desafio à integridade da doutrina católica levantado desde o século XVI até os nossos dias”.

A reforma do processo canônico de nulidade para influenciar no debate

A mobilização não foi menor no que passou a ser chamado de “partido Kasper”. Sua principal iniciativa foi um simpósio a portas fechadas na Universidade Gregoriana, organizado pelos presidentes das conferências episcopais da Alemanha, França e Suíça, do qual participaram o cardeal Reinhard Marx, cinco bispos e 50 peritos, e franqueado apenas a um jornalista de *La Repubblica*. “Sexualidade

³³ Os cardeais Carlo Caffarra, Basilio Cleemis, Paul Josef Cordes, Dominik Duka, Willem Jacobus Eijk, Joachim Meisner, John Olorunfemi Onaiyekan, Antonio Maria Rouco Varela, Camillo Ruini, Robert Sarah e Jorge Liberato Urosa Savino.

³⁴ Trata-se de Danilo Castellano (Università degli Studi di Udine, Itália); Ricardo Dip (Tribunal de Justiça de São Paulo, Brasil); Brian McCall (Universidade de Oklahoma (EUA)); Wolfgang Waldstein (ex-Reitor da Universidade de Salzburg, Áustria); Bernard Dumont (França); Alejandro Ordóñez (então Procurador Geral da República, Colômbia); José María Sánchez (Universidade de Sevilha, Espanha); Luis María de Ruschi (Tribunal Interdiocesano Bonaerense, Argentina); Miguel Ayuso (Universidade de Comillas, Espanha, e presidente da União Internacional de Juristas Católicos). Ver <https://www.religionenlibertad.com/la-union-internacional-de-juristas-catolicos-aportara-con-vistas-al-sinodo-44358.htm>

como expressão do amor”, “Matrimônio e divórcio” foram alguns dos temas discutidos. Um bispo alemão comentou: “Os dogmáticos dizem que o ensino da Igreja é fixo. Pelo contrário, existe um desenvolvimento. E precisamos de um desenvolvimento a respeito da sexualidade. Mesmo que não devamos nos fixar apenas nesta”. Outro participante comentou, a respeito da comunhão aos divorciados recasados: “Como podemos negá-la, como se fosse uma punição, às pessoas que fracassaram e encontraram um novo parceiro com o qual recomeçar a vida?”³⁵. Dois meses antes do Sínodo, a Conferência Episcopal alemã publicou em seu site da Internet um dossiê recolhendo as principais intervenções desse simpósio das sombras.

A principal intervenção pontifícia no sentido de favorecer a aprovação pelo Sínodo da “tese Kasper” foi a promulgação e divulgação de dois *Motu proprio* — *Mitis Iudex Dominus* e *Mitis et misericors Iesus* —, com os quais o processo das causas judiciais de declaração de nulidade do matrimônio nos códigos de direito latino e oriental foi profundamente reformado. Tal reforma introduziu um juiz único, permitindo até que o próprio bispo assumisse pessoalmente as causas, eliminou a dupla sentença e introduziu a possibilidade de um “processo breve”. Não faltaram vozes de alerta para a possibilidade de as causas de nulidade não virem a ser instruídas com o cuidado requerido, com o risco de sentenças declarando nulos casamentos juridicamente válidos³⁶. A iniciativa foi interpretada como um meio de evitar que no debate sinodal a maioria dos Padres optasse por sugerir como solução ao problema dos divorciados apenas uma simplificação das causas matrimoniais, mantendo a proibição do acesso à comunhão para aqueles cujos casamentos fossem julgados válidos.

Nesse interim foi distribuído o *Instrumentum laboris*, texto-base para as discussões do Sínodo, o qual falava surpreendentemente em seu n° 123 de “um comum acordo” — na realidade inexistente — “sobre a hipótese de um itinerário de

³⁵ <http://www.iltimone.org/news-timone/la-chiesa-deve-riconoscere-il-valore-dellamore-gay/>

³⁶ Ver, por exemplo, <http://chiesa.espresso.repubblica.it/articolo/1351199.html> e <http://chiesa.espresso.repubblica.it/articolo/1351131.html>.

reconciliação ou via penitencial para os fiéis divorciados civilmente recasados que se encontrem em uma situação de convivência irreversível”³⁷.

Abre-se o Sínodo Ordinário com denúncias de manipulação e encerra-se com um fracasso

Antes da abertura do Sínodo, o cardeal George Pell entregou ao Papa uma carta assinada por ele próprio e mais doze cardeais, todos eles participantes da assembleia, na qual chamavam sua atenção para uma série de “preocupações”, compartilhadas por outros participantes, a respeito do processo sinodal que, no juízo deles, parecia “configurado para facilitar resultados predeterminados sobre importantes questões controvertidas” (notadamente o fato de os membros da comissão de redação e os relatores dos círculos linguísticos não serem eleitos pelos padres sinodais, mas pelo Secretariado do Sínodo), bem como a respeito do *Instrumentum laboris*, considerado inadequado como “texto guia e base para um documento final”. Durante o primeiro debate na aula com a presença do Papa, o cardeal Pell e outros padres sinodais levantaram algumas das questões abordadas na carta, sem citá-la. No dia seguinte, Francisco tomou a palavra e rejeitou em bloco todos os pedidos da carta. Numa posterior conferência de imprensa, o cardeal Tagle, expoente de destaque da corrente progressista, declarou com visível satisfação: “O novo método adotado pelo Sínodo provavelmente custou um pouco de confusão, mas é bom ficar confuso de tempos em tempos. Se as coisas fossem sempre claras, não haveria a verdadeira vida”³⁸.

Como já havia ocorrido no Sínodo anterior, o projeto de *Relatio finalis* foi objeto de manipulações. Com grande surpresa dos Padres sinodais, o texto que lhes foi entregue com a absoluta proibição de divulgá-lo — inclusive aos 51 auditores e a outros participantes da assembleia —, foi distribuído pela tarde e estava apenas em italiano, língua que a maioria dos participantes não dominava inteiramen-

³⁷ http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20150623_instrumentum-xiv-assembly_po.html

³⁸ <http://chiesa.espresso.repubblica.it/articolo/1351154.html>

te (sobretudo aqueles oriundos das áreas geográficas mais opostas a uma mudança da disciplina da Igreja, como a África, a Polônia e os Estados Unidos). Além do mais, o texto não levava em nenhuma conta as 1.355 propostas de emenda e repropunha substancialmente a postura do *Instrumentum laboris*, incluídos os parágrafos que haviam levantado mais críticas na aula, ou seja, os referentes à homossexualidade e aos divorciados recasados. A discussão foi fixada para a manhã seguinte, com a possibilidade de sugerir emendas apenas por escrito.

Apesar das manobras, o Papa Francisco se deparou nessa ocasião com uma inesperada recusa do documento redigido pela comissão. Intervieram no debate 51 Padres sinodais, a maior parte dos quais contrários ao texto. Entre eles havia prelados de muito destaque, como os cardeais Ouellet, Bagnasco e Caffarra, bem como os bispos Kurtz e Gadecki, presidentes das Conferências episcopais dos Estados Unidos e da Polônia, respectivamente. O documento não poderia ser simplesmente reapresentado em aula no dia seguinte, sob o risco de ser rejeitado.

A comissão de redação virou a noite elaborando um novo texto no qual eliminava qualquer referência aos casais homossexuais, e em relação à comunhão para os divorciados recasados recolhia como “solução de compromisso” um parágrafo ambíguo do relatório do círculo “Germanicus”, integrado entre outros pelo cardeal Walter Kasper, mas também pelo cardeal Gerhard Müller, então Prefeito da Congregação para a Doutrina da fé. Lido de manhã na aula e votado no começo da tarde (sem tempo de analisar a fundo o conteúdo da proposta mais controversa), o texto obteve maioria qualificada para os 94 parágrafos. Mas o n° 85, que entreabria pela porta traseira e de modo não explícito a possibilidade de os divorciados civilmente recasados acederem à comunhão³⁹, foi aprovado com apenas um voto a mais do quórum requerido, de dois terços (178 a favor, 80 contrários e 7 abstenções).

³⁹ No *briefing* do dia anterior, o cardeal Schönborn havia declarado que, nesse particular, a palavra-chave do relatório final era “discernimento”: “Convido-os a pensar que não é um branco e preto, um simples sim ou não; deve-se discernir” cada caso. De fato, a *Relatio finalis* não afirma o direito dos divorciados civilmente recasados de receber a comunhão, mas nega, porém, à Igreja o direito de definir publicamente como adultério seu estilo de vida, deixando nas mãos dos pastores de almas a avaliação do mesmo.

O discurso final do Papa Francisco não exprimiu nenhum entusiasmo pelo resultado do Sínodo e contém uma reiterada reprovação aos Padres sinodais que defenderam o ensino e a prática pastorais tradicionais da Igreja: Encerrar este Sínodo — disse ele — “significa também que espoliamos os corações fechados que, frequentemente, se escondem mesmo por detrás dos ensinamentos da Igreja ou das boas intenções para se sentar na cátedra de Moisés e julgar, às vezes com superioridade e superficialidade, os casos difíceis e as famílias feridas”⁴⁰.

As interpretações contraditórias do documento começaram já no dia seguinte à clausura do Sínodo.

No sentido tradicional exprimiu-se o cardeal Raymond Burke, que em declarações ao *National Catholic Register* afirmou que a seção da *Relatio finalis* relativa ao Discernimento e à Integração “é de imediata preocupação, por causa de sua falta de clareza em matéria fundamental da fé: a indissolubilidade do vínculo matrimonial, que tanto a fé quanto a razão ensinam a todos os homens”⁴¹. Por sua vez, Dom Athanasius Schneider publicou uma declaração deplorando a “ambiguidade sofisticada e habilidosa” do documento, pela qual “todos os setores, tanto os promotores da assim chamada ‘agenda Kasper’ quanto seus adversários, parecem satisfeitos, afirmando: ‘Tudo está okay. O Sínodo não mudou a doutrina’. No entanto, tal percepção é muito ingênua, porque ignora a abertura da porta dos fundos e a bomba-relógio montada na referida seção do documento, as quais ficam patentes pelo exame cuidadoso do texto segundo seus critérios interpretativos”⁴².

Confirmando os temores de Dom Athanasius, o cardeal Kasper interpretou o relatório final como uma clara abertura: “Estou satisfeito. Abriu-se a porta à possibilidade de conceder a comunhão aos divorciados recasados. Houve certa aber-

⁴⁰ http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/documents/papa-francesco_20151024_sinodo-conclusioni-lavori.html

⁴¹ <http://www.ncregister.com/blog/edward-pentin/cardinal-burke-final-report-lacks-clarity-on-indissolubility-of-marriage>

⁴² <https://rorate-caeli.blogspot.com/2015/11/rorate-exclusive-bishop-athanasius.html>

tura, sim; mas ainda não se fala das consequências. Tudo está nas mãos do papa, que decidirá o que fazer”⁴³.

A moral de situação triunfa na *Amoris laetitia* mediante uma estratégia “típica de um jesuíta”

Essa decisão papal chegou com grande celeridade: o Papa Francisco publicou a exortação apostólica pós-sinodal *Amoris laetitia*⁴⁴ apenas cinco meses após o encerramento do Sínodo, por ocasião da festa de São José, padroeiro da família.

Afirmando não mudar a doutrina sobre a indissolubilidade do matrimônio, a exortação introduz, no entanto, uma enorme mudança na prática pastoral da Igreja junto aos divorciados civilmente recasados, permitindo-lhes ser absolvidos na confissão e receber a Sagrada Comunhão sem o compromisso de viverem como irmão e irmã.

Essa permissão não foi dada em termos gerais, porque nada diz a respeito do cânon 915, o qual proíbe dar a comunhão aos que obstinadamente perseverem em pecado grave manifesto. Mas *Amoris laetitia* encoraja os pastores de almas a “acompanhar” as pessoas que vivem em união matrimonial irregular e a fazer com elas um “discernimento” de sua situação, com vistas a integrá-las plenamente na vida da Igreja. Uma simples nota diz que tal integração pode ir até a recepção dos sacramentos. Ou seja, a absolvição sacramental e a Eucaristia podem ser concedidas aos divorciados recasados, desde que seja “caso por caso”.

Trata-se, portanto, de uma mudança substancial, a qual foi saudada antecipadamente por seu principal promotor, o cardeal Walter Kasper, como “o primeiro passo de uma reforma que fará virar a página da Igreja após 1700 anos”⁴⁵. Na lin-

⁴³ <http://www.ilgiornale.it/news/politica/ostia-ai-divorziati-se-pentiti-e-i-gay-non-sono-famiglia-1186816.html>

⁴⁴ http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20160319_amoris-laetitia.html

⁴⁵ <http://iltirreno.gelocal.it/lucca/cronaca/2016/03/16/news/kasper-elogia-fratel-paoli-e-la-diocesi-1.13136909> O cardeal Kasper alega infundadamente que o Concílio de Niceia, em 325, teria autorizado o acesso à Eucaristia das pessoas que vivem uma “segunda união”. Na realidade, como já foi dito, esse Concílio confirmou, em seu cânon 8, que as pessoas que enviuvaram e voltaram a casar estão em plena comunhão com a Igreja.

guagem característica dos defensores da “moral de situação”, o purpurado justifica o passo dado pela *Amoris laetitia* afirmando que “a lei e os mandamentos de Deus valem para sempre, para todas as situações, mas todas as situações são diversas e não se pode dizer a cada um que ele vive no adultério ou que seja um pecador ou uma pecadora. É preciso tomar em conta a situação e aplicar o mandamento de Deus à situação específica: esta é a tradição da Igreja”⁴⁶.

Mas, segundo o arcebispo Bruno Forte — um dos vice-presidentes dos Sínodos Extraordinário e Ordinário e estreito colaborador do Papa Francisco em sua redação —, tal mudança de paradigma moral foi realizada seguindo uma estratégia concebida pelo próprio pontífice, ou seja, a solução “caso por caso”: “Se falarmos explicitamente de comunhão para divorciados novamente casados — teria dito o Papa Francisco a Dom Bruno —, não sabe que confusão nós iremos aprontar. Então, não vamos falar assim de modo direto. Faça de um modo que fiquem as premissas, porque as conclusões serei eu a tirá-las”. “Típico de um jesuíta” — gracejou o prelado⁴⁷.

Numerosos e autorizados eclesiásticos afirmaram que, ao não estabelecer uma regra geral e clara, deixando a conclusão apenas implícita, a exortação é simplesmente ambígua. Em consequência, eles pediram uma interpretação oficial que confirme a disciplina tradicional⁴⁸. Outros analistas tiveram uma opinião ainda mais desfavorável, afirmando que a exortação contém ensinamentos ambíguos cujo sentido natural destoa do ensino tradicional ou que várias afirmações da

⁴⁶ <http://stanzevaticane.tgcom24.it/2018/04/02/amoris-laetitia-parla-il-cardinale-kasper/>

⁴⁷ Ver <http://www.zonalocale.it/2016/05/03/-nessuno-si-deve-sentire-escluso-dalla-chiesa-/20471>, traduzido por <https://fratresinunum.com/2016/05/18/dom-bruno-forte-citando-francisco-faca-de-um-modo-que-fiquem-as-premissas-porque-as-conclusoes-serei-eu-a-tira-las/>

⁴⁸ Ver cardeal Raymond Burke (<http://www.ncregister.com/daily-news/amoris-laetitia-and-the-constant-teaching-and-practice-of-the-church/>), Dom Athanasius Schneider (<http://rorate-caeli.blogspot.com/2016/04/official-response-of-bishop-athanasius.html>), Mons Antonio Livi (<http://www.fidesratio.it/conferenza-per-spiegare-al-maggio-2016.html>), Mons. Livio Melina (http://www.ilfoglio.it/chiesa/2016/04/11/il-preside-dellstituto-giovanni-paolo-ii-lesortazione-post-sinodale-un-documento-positivo-non-c-alcun-cambiamento_1-v-140538-rubriche_c868.htm), Thibaut Collin (http://www.lemonde.fr/idees/article/2016/04/08/couples-non-maries-divorces-remaries-le-pari-ose-du-pape-francois_4898896_3232.html), Robert Royal (<https://www.thecatholicthing.org/2016/04/08/beautiful-moving-and-divisive/>)

Amoris laetitia entram em choque direto com dogmas da fé católica. No primeiro caso encontra-se Dom Athanasius Schneider⁴⁹, e no segundo os professores Robert Spaemann⁵⁰ e Josef Seifert⁵¹. Finalmente, alguns afirmam que tal mudança implica uma grave ruptura com o ensinamento tradicional da Igreja, e pediram, portanto, a revogação da *Amoris laetitia*, pelo atual Papa ou por um seu sucessor⁵². Numerosos bispos diocesanos e algumas Conferências episcopais redigiram

⁴⁹ Em 2 de julho de 2016 Dom Athanasius Schneider escreveu uma carta ao semanário *The Remnant* afirmando, a respeito das “expressões ambíguas da AL”, que “elas contêm um real perigo espiritual, que vai causar confusão doutrinal, a difusão rápida e fácil de doutrinas heterodoxas a respeito do matrimônio e da lei moral, assim como a adoção e consolidação da práxis da admissão de divorciados recasados à Sagrada Comunhão, uma práxis que vai trivializar e profanar, por assim dizer, de um só golpe três sacramentos: o sacramento do Matrimônio, da Penitência e da Santíssima Eucaristia”

(<http://remnantnewspaper.com/web/index.php/articles/item/2558-bishop-athanasius-schneider-replies-to-the-remnant-s-open-letter-on-amoris-laetitia>).

⁵⁰ Em entrevista ao *Catholic News Services*, ele afirma que “o artigo 305 [da AL], juntamente com a nota 351 [...] contradizem diretamente o artigo 84 da exortação *Familiaris consortio* do Papa João Paulo II. [...] Não se pode esperar numa exortação papal que as pessoas fiquem contentes com passagens agradáveis e ignorem frases decisivas que mudam os ensinamentos da Igreja. Há apenas uma decisão clara, sim ou não: dar ou não dar a comunhão. [...] Para qualquer um que pense um pouco e que conhece os textos respectivos, não cabe nenhuma dúvida de que se trata de uma ruptura” (<http://www.catholicnewsagency.com/news/full-text-interview-with-robert-spaemann-on-amoris-laetitia-10088/>).

⁵¹ O Prof. Josef Seifert publicou um artigo no número 2/2016 da revista alemã de filosofia e teologia AEMAET sob o título “*Amoris laetitia*: alegria, tristeza e esperanças”, no qual afirma: “Penso que algumas passagens da AL, especialmente aquelas que provavelmente terão o maior impacto, são causa de grande preocupação, não somente porque algumas delas podem facilmente conduzir a mal-entendidos e abusos na sua aplicação, mas também porque outras — pelo menos na aparência — entram em conflito definido com a palavra de Deus e o ensinamento da Igreja a respeito da ordem moral, das ações intrinsecamente desordenadas, dos mandamentos divinos e de nossa capacidade de cumpri-los com a ajuda da graça divina, da indissolubilidade do matrimônio, da santidade dos sacramentos da Eucaristia e do matrimônio, da salvação eterna (inferno) e da disciplina sacramental e pastoral da Igreja que deriva da Palavra de Deus e de 2000 anos de sagrada tradição da Igreja”

(<http://www.aemaet.de/index.php/aemaet/article/view/35/pdf>).

⁵² Ver, por exemplo, pe. Claude Barthe ((<http://www.hommenouveau.fr/1647/tribune-libre/l-instinct-de-la-foi.htm>), Fr. James V. Schall, S.J.

(http://www.catholicworldreport.com/Item/4696/in_iamoris_laetitiae_who_is_admonishing_whom.aspx), Roberto de Mattei (<http://www.corrispondenzaromana.it/lesortazione-post-sinodale-amoris-laetitia-prime-riflessioni-su-un-documento-catastrofico/>), Luís S. Solimeo (<http://www.tfp.org/TFP->

documentos de aplicação da exortação apostólica, uns no sentido de manter a disciplina tradicional, outros autorizando o acesso dos divorciados civilmente recasados à Eucaristia após um percurso de discernimento. Dada a quantidade de documentos e a variedade de fundamentações para as respectivas aplicações pastorais, assim como o escopo limitado deste trabalho, seria inadequado fazer aqui um elenco dos mesmos.

Da “Declaração de Fidelidade ao Magistério imutável da Igreja sobre o casamento” à *Correctio filialis*

Em setembro de 2016, os responsáveis da Filial Súplica promoveram um abaixo-assinado intitulado “Declaração de Fidelidade ao Magistério imutável da Igreja sobre o casamento e à sua disciplina ininterrupta”, o qual recolheu 36.049 adesões, dentre elas as de três cardeais, nove bispos, 636 sacerdotes diocesanos e religiosos, 46 diáconos, 25 seminaristas, 51 religiosos leigos, 150 freiras de clausura e de vida ativa, assim como de 458 acadêmicos, professores de teologia e de religião, catequistas e agentes pastorais. Os signatários declaravam que “as uniões irregulares de católicos que coabitam sem nunca terem se casado na Igreja, ou de divorciados civilmente “recasados” (não são casados aos olhos de Deus), contradizem radicalmente e não podem expressar o bem do matrimônio cristão, nem parcial nem analogamente, e devem ser vistas como uma forma pecaminosa de vida ou uma ocasião permanente de pecado grave”, do que se deduz “a impossibilidade de dar a absolvição e a Sagrada Comunhão aos católicos que vivem manifestamente em estado objetivo de pecado grave”⁵³.

Por outro lado, 45 teólogos e acadêmicos católicos enviaram em julho do mesmo ano uma circular aos membros do Sacro Colégio de Cardeais e ao Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, fazendo-a acompanhar de uma “Crítica teológica” à *Amoris laetitia* na qual aplicavam a numerosas passagens da exorta-

home/catholic-perspective/because-of-its-grave-errors-amoris-laetitia-should-be-rejected.html), Matthew McCusker (<http://voiceofthefamily.com/key-doctrinal-errors-and-ambiguities-of-amoris-laetitia/>).

⁵³ Ver a integralidade da Declaração em <http://filialsuplica.org/full>

ção a correspondente censura teológica: onze proposições merecem a censura de *haeretica*, cinco de *erronea in fide*, e três de falsa, além de a maioria dessas mesmas proposições serem abrangidas pelas censuras de *aequivoca*, *ambigua*, *obscura*, *praesumptuosa*, *anxia*, *dubia*, *captiosa*, *malesonans*, *piarum aurium offensiva*⁵⁴.

Um ano mais tarde, em 24 de setembro de 2017, 62 sacerdotes e intelectuais católicos de 20 nações (a maioria deles signatários do documento anterior) tornaram pública uma carta ao Papa Francisco sob o título *Correctio filialis de haeresibus propagatis* (literalmente, Correção filial por causa da propagação de heresias), a qual obteve a adesão de 250 personalidades. Nela declara-se que o Papa, mediante sua exortação apostólica e outras declarações, atos e omissões a respeito dela, sustentou sete posições heréticas concernentes ao matrimônio, à vida moral e à recepção dos sacramentos, e promoveu a difusão de tais opiniões heréticas na Igreja Católica⁵⁵. Interrogado sobre a *Correctio filialis*, o Secretário de Estado, cardeal Pietro Parolin, declarou: “É importante dialogar, até mesmo dentro da Igreja”⁵⁶.

Quatro cardeais apresentam cinco *dubia* e o Papa Francisco não responde

Entrementes, outra iniciativa, em si mesma mais importante e que por isso teve imensa repercussão, foi empreendida por quatro conceituados cardeais. À vista da divergência diametral de interpretações e de orientações práticas a propósito da exortação, bem como da confusão que tal divergência cria entre os fiéis, os cardeais Walter Brandmüller e Raymond Burke, e os posteriormente falecidos

⁵⁴ A “Crítica teológica” dos 45 estudiosos católicos “não nega ou questiona a fé pessoal do Papa Francisco”, mas denuncia no documento “muitas afirmações cuja imprecisão ou ambiguidade permite interpretações que são contrárias à fé ou à moral, ou que sugerem uma reivindicação que é contrária à fé e à moral sem realmente afirmar isso”, assim como “declarações cujo sentido natural parece ser contrário à fé e à moral”

(<http://www.apologistascatolicos.com.br/index.php/catequese/diversos/900-critica-exortacaoapostolica>).

⁵⁵ http://www.correctiofilialis.org/wp-content/uploads/2017/09/Correctio-filialis_Portuguese.pdf

⁵⁶ http://www.ansa.it/sito/notizie/cronaca/2017/09/28/parolin-lettera-eresie-occorre-dialogo_3ec88a16-fa2a-463a-b94a-d80747159e61.html

cardeais Carlo Caffarra e Joachim Meisner enviaram em 19 de setembro de 2016 uma carta privada ao Papa Francisco com cópia à Congregação para a Doutrina da Fé, na qual apresentavam cinco dúvidas a respeito do capítulo 8 da *Amoris laetitia*⁵⁷. Ei-las:

1. Tornou-se agora possível conceder a absolvição e a Sagrada Eucaristia a uma pessoa ligada por vínculo matrimonial válido que convive “*more uxorio*” com outra?

2. Continua válido o ensinamento acerca da existência de normas morais absolutas, válidas sem qualquer exceção, que proíbem atos intrinsecamente maus?

3. Pode-se afirmar-se que uma pessoa que vive permanentemente em adultério se encontra em situação objetiva de pecado grave habitual?

4. Continua válido o princípio de que as circunstâncias ou as intenções nunca podem transformar um ato objetivamente desonesto num ato ‘subjetivamente’ honesto ou defensável como opção?

5. Continua válido que a consciência não pode legitimar exceções às normas morais absolutas que proíbem ações intrinsecamente más?

Após sua publicação, vários prelados manifestaram apoio aos *dubia* e desejaram que o Papa lhes desse uma resposta clara. Entre eles, cabe destacar o cardeal chinês Joseph Zen Ze-kiun⁵⁸, bispo emérito de Hong Kong; Dom Jan Watroba, bispo de Rzeszów e presidente do Comitê pela Família, da Conferência Episcopal da Polônia⁵⁹; o bispo-auxiliar de Lublin, Dom Józef Wróbel⁶⁰, e Dom Athanasius Schneider, bispo-auxiliar de Astana⁶¹.

⁵⁷ Trata-se de uma manifestação de fidelidade ao Papado, ao reconhecer que é próprio ao ministério petrino o serviço de confirmar na fé, dissipando as ambiguidades que podem criar divisões na Igreja, além do cumprimento do dever que tem todo cardeal de ajudá-lo na solicitude pela Igreja universal. É secular na Igreja a prática de enviar certas questões formais ao Papa e à Congregação para a Doutrina da Fé, formuladas de modo a pedirem uma resposta positiva ou negativa, sem argumentações teológicas, chamadas *dubia* (do latim “dúvidas”).

⁵⁸ <https://twitter.com/RaymondArroyo/status/833478608396095488> e https://www.youtube.com/watch?v=xHQc7rQeY_U&t=2s

⁵⁹ <https://www.die-tagespost.de/politik/Streit-um-bdquo-Amoris-laetitia-ldquo;art315,174099>

O pontificado da “acolhida” recusa receber cardeais em audiência

O Santo Padre decidiu não responder e seu silêncio foi interpretado pelos quatro cardeais como um convite a continuar serena e respeitosamente a discussão. No entanto, oito meses depois da primeira apresentação, o Papa Francisco não somente não respondeu, mas deu algumas indicações de que não o fará, por considerar que o assunto não permite uma resposta categórica⁶².

Talvez isso explique o fato de o pontífice não ter respondido ao pedido de audiência que em carta datada de 25 de abril de 2017 lhe fez o pranteado cardeal Carlo Caffarra em nome dos quatro cardeais, para tratar pessoalmente com ele sobre os *dubia*, à vista das interpretações divergentes da *Amoris laetitia*, as quais fazem com que “o que é pecado na Polônia é bom na Alemanha, o que é proibido na Arquidiocese de Filadélfia é lícito em Malta, e assim por diante”. Mais ainda, escreveu o cardeal, em vista das “numerosas declarações de bispos, cardeais e até mesmo de conferências episcopais, que aprovam o que o Magistério da Igreja jamais aprovou”⁶³.

Personalidades próximas ao Papa Francisco têm alegado que uma resposta aos *dubia* seria supérflua, porquanto ela já foi dada durante as discussões do Sínodo e

⁶⁰ <http://www.lafedequotidiana.it/vescovo-wrobel-la-amoris-laetitia-non-stata-scritta-bene/>

⁶¹ <https://www.corrispondenzaromana.it/speciale-una-nuova-voce-si-leva-il-vescovo-athanasius-schneider-in-difesa-dei-quattro-cardinali/>

⁶² Apenas três dias após a divulgação dos *dubia*, em uma entrevista ao jornal *Avvenire* de 17 de novembro de 2016, ao ressaltar que no Concílio Vaticano II a Igreja quis estar no mundo como sinal do amor do Pai, evitando certo legalismo, o Papa Francisco afirmou: “Alguns — pense-se em certas réplicas à *Amoris laetitia* — continuam a não compreender, ou branco ou preto, mesmo se é no fluxo da vida que se deve discernir”. No mesmo sentido expressou-se o Pe. Antonio Spadaro, em resposta à pergunta “Por que o Papa não tem respondido aos cardeais?”, apresentada pelo site *Crux*: “O Papa não dá respostas binárias a questões abstratas. Mas isso não significa que não tenha respondido. Sua resposta é aprovar e encorajar práticas pastorais positivas”. E, mais adiante, acrescenta: “Os que realmente entendem a doutrina são os pastores, porque a doutrina não existe para um debate, mas para a *salus animarum* (a salvação das almas) — para a salvação mais do que para uma discussão intelectual” (<https://cruxnow.com/interviews/2016/12/04/jesuit-close-pope-says-many-attacks-amoris-result-bad-spirit/>).

⁶³ <http://magister.blogautore.espresso.repubblica.it/2017/06/20/unaltra-lettera-dei-quattro-cardinali-al-papa-anche-questa-senza-risposta/>

está contida na própria exortação — o que é não distante da falácia do raciocínio circular: a interpretação das ambiguidades deve ser procurada nos próprios termos ambíguos do texto incriminado...

A tais alegações poder-se-ia facilmente responder com o jornalista Phil Lawler, editor de *Catholic World News*, quando perguntou: “Se o ensinamento papal é claro, como pode ele significar uma coisa na Polônia e outra na Alemanha? Se a resposta final à questão em debate é ‘Não’ na Philadelphia e Portland, como pode ser ‘Sim’ em Chicago e San Diego? Se alguns bispos estão interpretando o documento papal incorretamente, por que então não foram corrigidos?”⁶⁴.

Um pronunciamento papal que aumenta a confusão

Algumas semanas após o pedido de audiência feito pelos quatro cardeais, um *rescrito* — ou seja, um ato administrativo baixado por uma autoridade competente — assinado pelo cardeal Secretário de Estado com data de 5 de junho de 2017, impunha publicar no site do Vaticano e nas *Acta Apostolicae Sedis*, na qualidade de “magistério autêntico”, dois documentos: uma nota contendo os “Critérios” elaborados pelos bispos da “região de Buenos Aires”⁶⁵ e a carta de aprovação do Papa Francisco a tais critérios, dizendo que “não há outras interpretações”. Em 6 de dezembro, o jornalista Andrea Tornielli, muito chegado ao Papa, anunciou no *Vatican Insider* que ambos documentos foram publicados no site da AAS e na

⁶⁴ <https://www.catholicculture.org/commentary/otn.cfm?id=1185>

⁶⁵ Em 5 de setembro de 2016, os bispos da Região pastoral de Buenos Aires dirigiram aos seus sacerdotes uma nota com “Critérios mínimos”, segundo os quais “quando as circunstâncias concretas de um casal o tornem factível ... pode-se propor o empenho de viver em continência”, mas “em outras circunstâncias mais complexas ... a opção mencionada pode não ser factível”, pelo que “quando uma pessoa julgue que cairia numa ulterior falta prejudicando os filhos da nova união, *Amoris laetitia* abre a possibilidade do acesso aos sacramentos da Reconciliação e Eucaristia” (<http://www.aica.org/25025-obispos-de-la-region-buenos-aires-dan-criterios-pastorales-sobre.html>).

sua edição impressa, no fascículo correspondente ao mês de outubro de 2016, data original de sua redação⁶⁶.

A divulgação do rescrito aumentou ainda mais a confusão, uma vez que o cardeal Francesco Coccopalmerio, então presidente do Pontifício Conselho dos Textos Legislativos, declarou ao *Catholic News Service* em 5 de dezembro: “O fato de o Papa solicitar que sua carta e as interpretações dos bispos de Buenos Aires sejam publicadas na AAS significa que Sua Santidade deu a esses documentos uma qualificação particular que os eleva ao nível de ensinamentos oficiais da igreja. [...] Assim, juntos, os dois documentos se tornaram o autêntico magistério do Santo Padre para toda a Igreja”⁶⁷.

O veterano vaticanista Marco Tosatti comentou, por sua parte: “A notícia apenas serve para alimentar ainda mais a confusão e a incerteza em torno da controvertida exortação apostólica e do modo de agir do Pontífice. [...] Com que finalidade? Para obrigar todos a um *religiosum obsequium* em face de um magistério expresso de maneira oblíqua e ambígua? Ou para responder aos que exprimem *dubia* e aos perplexos, mas sem empenhar-se numa resposta direta, que exporia o Pontífice de maneira inequívoca?”⁶⁸.

Reação corajosa de três bispos do Cazaquistão

Após essa “oficialização” da interpretação bonaerense da *Amoris laetitia* em 31 de dezembro de 2018, festa da Sagrada Família e último dia do ano centenário das aparições de Fátima, o arcebispo metropolitano de Astana, Dom Tomasz Peta, seu bispo-auxiliar, Dom Athanasius Schneider, e o arcebispo emérito de Karaganda, Dom Jan Pawel Lenga, pastores do Cazaquistão, publicaram uma *Profissão de verdades imutáveis sobre o sacramento matrimonial* na qual observam que após a publicação da exortação apostólica, diversos bispos e con-

⁶⁶ <http://www.lastampa.it/2017/12/06/vaticaninsider/ita/vaticano/amoris-laetitia-il-papa-rende-ufficiale-la-lettera-ai-vescovi-argentini-7Uzx2Ijt6sIYUdZNAQI0wI/pagina.html>

⁶⁷ <https://www.ncronline.org/news/vatican/popes-letter-argentine-bishops-amoris-laetitia-part-official-record>

⁶⁸ <http://www.marcotosatti.com/2017/12/01/vaticano-una-notizia-ambigua-unindiscrezione-e-una-voce-chesperiamo-non-sia-confermata-su-mons-gaenswein/>

ferências episcopais divulgaram normas permitindo a comunhão a alguns divorciados civilmente recasados e receberam a aprovação “até mesmo da suprema autoridade da Igreja”. Tais normas “causaram uma considerável e sempre crescente confusão entre os fiéis e o clero” e são “meios de difusão da ‘epidemia do divórcio’ na Igreja”, pelo que esses prelados se viram na obrigação de reiterar aos fiéis sete verdades imutáveis sobre o sacramento do matrimônio, concluindo que “não é lícito (*non licet*) justificar, aprovar, legitimar, direta ou indiretamente, o divórcio e a relação sexual estável não conjugal, através da disciplina sacramental da admissão dos assim chamados ‘divorciados e recasados’ à Sagrada Comunhão, neste caso, uma disciplina estranha a toda a Tradição da Fé Católica e Apostólica”⁶⁹. Posteriormente, a profissão de fé dos bispos dos Cazaquistão foi subscrita por um cardeal e outros cinco bispos.

Uma Igreja “de geometria variável” com base em disciplinas pastorais geograficamente diferenciadas

Como foi visto, nem a Profissão de fé nem nenhuma das iniciativas anteriores — *Filial Súplica*, *Dubia*, *Correctio filialis*, etc. — suscitaram uma resposta do Papa Francisco ou dos órgãos da Santa Sé. O conhecido vaticanista norte-americano John Allen, diretor do site de informação *Crux*, considera “estratégicos” esse silêncio papal e sua “aparente intenção de tolerar certo caos pastoral neste momento”. Segundo ele, a disparidade de aplicações “permitirá fazer uma comparação” dos resultados efetivos, e assim “descobrir qual lado faz uma melhor leitura da realidade”⁷⁰.

Tal interpretação não é arbitrária, posto que na *Amoris laetitia* o próprio Papa Francisco diz que “nem todas as discussões doutrinárias, morais ou pastorais devem ser resolvidas através de intervenções magisteriais”, uma vez que a unidade de doutrina “não impede que existam maneiras diferentes de interpretar alguns aspectos da doutrina ou algumas consequências que decorrem dela”, pelo que

⁶⁹ <https://www.lifesitenews.com/news/full-text-of-kazakhstan-catholic-bishops-statement-on-amoris-laetitia>

⁷⁰ <https://cruxnow.com/analysis/2016/11/14/francis-rd-strategy-divorcedremarried/>

“em cada país ou região, é possível buscar soluções mais inculturadas, atentas às tradições e aos desafios locais” (nº 3). O Papa, aliás, declara-se ciente do risco de confusão que tais interpretações e soluções diferenciadas acarretam: “Compreendo aqueles que preferem uma pastoral mais rígida, que não dê lugar a confusão alguma; mas creio sinceramente que Jesus Cristo quer uma Igreja atenta ao bem que o Espírito derrama no meio da fragilidade” (nº 308).

Também no discurso final do Sínodo, o Papa Francisco se exprimiu no sentido de favorecer uma solução “diferenciada”, em função das várias áreas geográficas: “E vimos também — sem entrar nas questões dogmáticas, bem definidas pelo Magistério da Igreja — que aquilo que parece normal para um bispo de um continente, pode resultar estranho, quase um escândalo — quase! —, para o bispo de outro continente; [...] aquilo que para alguns é liberdade de consciência, para outros pode ser só confusão. Na realidade, as culturas são muito diferentes entre si e cada princípio geral — como disse, as questões dogmáticas bem definidas pelo Magistério da Igreja — cada princípio geral, se quiser ser observado e aplicado, precisa de ser inculturado”⁷¹.

De fato, a promoção pontifícia de práticas geograficamente diferenciadas inaugura uma Igreja com “duas velocidades” ou de “geometria variável”: um mesmo problema moral será regulado de modo diferente na igreja dos “católicos adultos” de língua alemã, à qual será permitida a “marcha rápida” do “testemunho missionário”, enquanto à igreja dos católicos “subdesenvolvidos”, africanos ou poloneses, será concedida a “marcha lenta” do apego às próprias tradições⁷².

Quaisquer que sejam as intenções do Papa Francisco, é certo que sua recusa em responder aos *dubia* e às demais iniciativas dos opositores da mudança de pa-

⁷¹ http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/documents/papa-francesco_20151024_sinodo-conclusione-lavori.html

⁷² Roberto de Mattei, “O Sínodo fracassado: todos derrotados, a começar pela moral católica” <https://www.corrispondenzaromana.it/il-sinodo-fallito-tutti-sconfitti-a-cominciare-dalla-morale-cattolica/>

radigma está contribuindo objetivamente para aumentar a confusão dos fiéis e a divisão na Igreja⁷³.

Graves ameaças de divisão entre os católicos

De fato, diante dessa situação, prelados com altas responsabilidades ou respeitados por sua ciência têm coincidido na avaliação de que a enorme confusão que ora grassa entre os fiéis pode levar até a um cisma.

“Incerteza, confusão e desorientação entre muitos fiéis” é o que os cardeais dos *dubia* manifestaram ao Papa Francisco na carta que lhe enviaram em setembro de 2016, acrescentando mais tarde, em uma nota explanatória por ocasião de sua divulgação, que “temos notado uma grave desorientação e uma grande confusão de

⁷³ Respondendo à acusação feita pelo Pe. Antonio Spadaro de que os promotores dos *dubia* estariam criando uma divisão na Igreja, o cardeal Raymond Burke afirmou, em uma entrevista para a cadeia de televisão EWTN: “Somente quando essas questões que nós levantamos — em conformidade com a maneira tradicional de resolver na Igreja as questões que tocam em matérias graves —, somente quando essas questões forem adequadamente respondidas, é que a divisão será dissipada. Mas, enquanto isso [o silêncio papal] continuar, como acontece agora, a divisão não pode senão crescer e, evidentemente, o fruto da divisão é o erro. E aqui estamos falando da salvação das almas, de pessoas sendo induzidas ao erro em matérias que têm a ver com a sua salvação eterna” (<https://www.lifesitenews.com/news/cardinal-burke-responds-to-dubia-critics-not-a-sign-of-illness-to-care-abou>).

No 1º de novembro de 2017, o portal internet *Crux*, de orientação moderadamente progressista, publicou uma carta enviada ao Papa pelo capuchinho Frei Thomas Wienandy, professor emérito em Oxford e na Universidade Gregoriana, membro da Academia Pontifícia de Teologia e ex-diretor do Comitê de Doutrina da Conferência Episcopal dos Estados Unidos. Nela, o teólogo diz ao pontífice: “Em *Amoris Laetitia*, vossas indicações parecem às vezes intencionalmente ambíguas, convidando tanto a uma interpretação tradicional do ensinamento católico sobre o matrimônio e o divórcio, como também a uma interpretação que parece levar consigo uma mudança neste ensinamento. [...] O Espírito Santo foi entregue à Igreja, e sobretudo a Vós, para dissipar o erro, não para fomentá-lo. [...] Vós pareceis censurar e inclusive ridicularizar aqueles que interpretam o Capítulo oitavo da *Amoris Laetitia* segundo a Tradição da Igreja, rotulando-os de fariseus apedrejadores representantes de um rigorismo sem misericórdia. Este tipo de calúnia é alheia à natureza do Ministério Petrino” (<https://cruxnow.com/wp-content/uploads/2017/10/Francis-Letter-Final.pdf>).

muitos fiéis a respeito de matérias extremamente importantes para a vida da Igreja”⁷⁴.

“Há o fato — que somente um cego pode negar — que existe na Igreja uma grande confusão, incerteza, insegurança”, afirmou mais tarde ao jornal *Il Foglio* o cardeal Caffarra⁷⁵. Enquanto em uma entrevista ao semanário *The Remnant* o cardeal Burke declarava: “Há um grande perigo de uma persistente confusão na Igreja, conduzindo almas ao erro a respeito de questões que têm a ver com a salvação eterna”⁷⁶. O que ele reiterou durante uma missa na Virgínia: “Uma confusão muito danosa continua a espalhar-se na Igreja [...] Muita gente, por causa dessa confusão, está ficando muito inquieta, o que é perfeitamente compreensível”⁷⁷.

Por sua vez, o Prefeito da Congregação para o Culto divino, cardeal Robert Sarah, advertiu: “Sem uma fé comum, a Igreja ver-se-ia ameaçada pela confusão e poderia cair progressivamente na dispersão e no cisma”⁷⁸. Diagnóstico similar ao formulado por Dom Athanasius Schneider, bispo-auxiliar de Astana: “Não há somente um risco de cisma, mas uma espécie de cisma já existe na Igreja. [...] Nós assistimos nos nossos dias a uma ambiguidade cuja amplitude é comparável somente à confusão geral da crise ariana do século IV”⁷⁹.

⁷⁴ <http://www.ncregister.com/blog/edward-pentin/full-text-and-explanatory-notes-of-cardinals-questions-on-amoris-laetitia>

⁷⁵ <http://www.ilmfoglio.it/chiesa/2017/01/14/news/carlo-caffarra-papa-sinodo-famiglia-coscienza-newman-chiesa-114939/>

⁷⁶ <http://biblefalseprophet.com/2017/01/10/remnant-interview-of-cardinal-burke-amoris-laetitia-has-a-number-of-statements-that-are-at-best-confusing/>

⁷⁷ <https://cruxnow.com/vatican/2017/03/27/burke-says-pope-must-answer-amoris-questions/>

⁷⁸ <https://www.ayudaalaglesianecesitada.org/noticias/la-iglesia-la-familia-dios/>

⁷⁹ Entrevista à TV-Libertés (programa “Terres de mission” n°10, do 4.12.2016) in <https://gloria.tv/video/3TPZg1EnfkW9D7qULW8ejhcdY>

“Não é de excluir que eu passe para a história como aquele que dividiu a Igreja Católica”

Essa divisão a respeito de temas cruciais tem sido comentada até por observadores e analistas da vida católica externos às fileiras do clero. Em uma entrevista à *Catholic News Agency*, o conhecido filósofo alemão Robert Spaemann declarou que “o caos foi elevado à categoria de princípio”, de molde a “dividir a Igreja” e “conduzir a um cisma”⁸⁰. Ross Douthat, colunista do *New York Times*, falou de “guerra civil de baixa intensidade”⁸¹ e de “cisma submerso”⁸², enquanto no título de um editorial do *Die Tagespost* seu colega Guido Horst se referiu a “um cisma *de facto*”⁸³. Mais incisivo, o filósofo Marcello Pera, ex-presidente do Senado italiano, declarou ao jornal napolitano *Il Mattino*, que “está em ato um cisma oculto no mundo católico e que ele é procurado com obstinação e determinação por Bergoglio”⁸⁴. Medindo as palavras, o conhecido âncora da cadeia de televisão EWTN, Raymond Arroyo, disse num painel de debates que a situação na Igreja “dá a sensação de um cisma; não é um cisma, mas dá a sensação de um cisma”⁸⁵. Até um jornalista favorável ao rumo do atual pontificado, Charles Collins, gerente do site de informações *CruX*, confessou que “é difícil não reconhecer a confusão na Igreja”⁸⁶.

De tal maneira está no ar a ideia de que a Igreja está envolvida na confusão e caminha para um cisma, que o correspondente na Itália do conhecido semanário alemão *Der Spiegel* não temeu ser julgado um inventor de *fake news* ao relatar

⁸⁰ <http://www.catholicnewsagency.com/news/full-text-interview-with-robert-spaemann-on-amoris-laetitia-10088/>

⁸¹ <https://www.nytimes.com/2016/04/10/opinion/sunday/the-new-catholic-truce.html>

⁸² <https://douthat.blogs.nytimes.com/2016/12/01/the-end-of-catholic-marriage/>

⁸³ <https://www.die-tagespost.de/politik/Leitartikel-Faktisches-Schisma;art315,175459>

⁸⁴ <http://www.ilsussidiario.net/News/Cronaca/2017/7/10/Marcello-Pera-vs-Papa-Francesco-Bergoglio-fa-politica-e-in-atto-uno-scisma-nella-Chiesa-/773071/>

⁸⁵ <https://www.lifesitenews.com/news/it-gives-the-feeling-of-a-schism-ewtn-panel-analyzes-current-disaster-in-th>

⁸⁶ <https://cruXnow.com/vatican/2017/03/27/burke-says-pope-must-answer-amoris-questions/>

que num pequeno círculo o próprio Papa Francisco teria feito a seguinte autocrítica: “Não é de excluir que eu passe para a história como aquele que dividiu a Igreja Católica”⁸⁷.

⁸⁷ <http://www.spiegel.de/panorama/gesellschaft/vatikan-kritik-an-papst-franziskus-nimmt-vor-weihnachten-zu-a-1127247.html>

Capítulo 8

O denominador comum da mudança de paradigma: adaptar-se à Modernidade revolucionária e anticristã

Pareceria que o fio vermelho que liga toda a mudança de paradigma no pontificado de Francisco possa ser encontrado no desejo de abraçar a “Modernidade”, até mesmo de alinhar a Igreja à revolução laicista e anticristã, condenada com matizes diversos pela grande maioria dos Papas dos últimos dois séculos. Assim, a pregação sobre Deus parece hoje cada vez mais substituída pela pregação de valores simplesmente humanos.

Se cada uma das mudanças descritas nos capítulos anteriores é grave em si mesma, mais grave ainda é a linha de conjunto, que parece ter como denominador comum adaptar-se ao “espírito do mundo”, ou seja, no caso específico da civilização ocidental, às consequências do processo revolucionário que desde o Renascimento vem destruindo em nome da Modernidade o seu cunho cristão.

A unidade moral profunda da Modernidade é o espírito da Revolução anticristã

Nos ambientes progressistas costuma-se dizer que o católico deve ser um homem do seu tempo e, como tal, deve aceitar as transformações e os progressos por onde a sociedade de hoje se diferencia das anteriores. O que eles se esquecem de dizer é que tais transformações, para serem aceitáveis por um fiel, devem ser conformes ao espírito e à doutrina do Evangelho, para promoverem assim um autêntico aperfeiçoamento social. Cumpre, portanto, fazer um discernimento do bem e do mal que há no mundo hodierno. Acontece que “a fisionomia de uma época não pode ser decomposta em aspectos bons e aspectos maus reciprocamente autônomos. **Toda época tem uma mentalidade própria** que resulta a um tempo dos aspectos bons e maus. Se aqueles forem preponderantes e estes se re-

ferirem apenas a assuntos secundários, a época, sem ser ótima, pode chamar-se boa. Se, pelo contrário, preponderam os aspectos maus e o bem existir apenas em um ou outro pormenor, a época deve chamar-se má. No problema das relações entre o católico e seu tempo, não basta que ele tome posição diante de aspectos fragmentários do mundo em que vive. Deve considerar a fisionomia do tempo **em sua unidade moral profunda**, e tomar posição diante dela”¹.

Essa unidade moral profunda da cultura moderna é reconhecida por Jean Baudrillard, Jacinto Lageira e Alain Brunn, nos seguintes termos: “A modernidade não é nem um conceito sociológico, nem um conceito político, nem propriamente um conceito histórico. **É um modo característico de civilização, que se opõe ao modo da tradição**, ou seja, a todas as outras culturas anteriores ou tradicionais. [...] Inextricavelmente mito e realidade, a modernidade **se especifica em todos os campos**: Estado moderno, técnica moderna, música e pintura modernas, costumes e ideias modernas — **como uma espécie de categoria geral e de imperativo cultural**. [...] Variável em suas formas, em seus conteúdos, no tempo e no espaço, **ela não é estável e irreversível senão como sistema de valores, como mito** — e, nesta acepção, seria preciso escrevê-la com maiúscula: a Modernidade. Nisso, ela se parece com a Tradição. [...] Ela age como **ideia-força** e como **ideologia dominante**, sublimando as contradições da história nos efeitos de civilização”².

De qual Tradição tentou “emancipar-se” a Modernidade enquanto ideologia dominante e como caminhar histórico dos últimos séculos? Obviamente, da cultura católica e da civilização católica imperantes na Idade Média.

As etapas do processo de descristianização do Ocidente

As etapas dessa emancipação no plano intelectual e religioso foram sucintamente descritas pelo Papa Pio XII ao falar de um sutil e misterioso “inimigo” que “nestes últimos séculos” tentou realizar a desagregação intelectual, moral e social

¹ Dom Antônio de Castro Mayer, Carta Pastoral sobre os problemas do apostolado moderno, in Por um Cristianismo autêntico, p. 93.

² Encyclopédie Universalis, v. Modernidade.

na Cristandade: “Ele quis a natureza sem a graça [a Renascença], a razão sem a fé [o Protestantismo e o Iluminismo]; a liberdade sem a autoridade [a Revolução Francesa]; às vezes a autoridade sem a liberdade [o Comunismo]. É um ‘inimigo’ que se tornou cada vez mais concreto, com uma ausência de escrúpulos que ainda surpreende: Cristo sim, a Igreja não! [novamente, o Protestantismo] Depois: Deus sim, Cristo não! [o Iluminismo da Revolução Francesa] Finalmente o grito ímpio: Deus está morto; e, até, Deus jamais existiu [o Comunismo]. E eis, agora, a tentativa de edificar a estrutura do mundo sobre bases que não hesitamos em indicar como principais responsáveis pela ameaça que pesa sobre a humanidade: uma economia sem Deus, um Direito sem Deus, uma política sem Deus”³.

Esse “inimigo”, Plínio Corrêa de Oliveira o denominou “a Revolução”, com R maiúsculo: “Sua causa profunda é uma explosão de orgulho e sensualidade que inspirou, não diríamos um sistema, mas toda uma cadeia de sistemas ideológicos. Da larga aceitação dada a estes no mundo inteiro, decorreram as três grandes revoluções da História do Ocidente: a Pseudo-Reforma, a Revolução Francesa e o Comunismo. O orgulho leva ao ódio a toda superioridade, e, pois, à afirmação de que a desigualdade é em si mesma, em todos os planos, inclusive e principalmente nos planos metafísico e religioso, um mal. É o aspecto igualitário da Revolução. A sensualidade, de si, tende a derrubar todas as barreiras. Ela não aceita freios e leva à revolta contra toda autoridade e toda lei, seja divina ou humana, eclesiástica ou civil. É o aspecto liberal da Revolução. Ambos os aspectos, que têm em última análise um caráter metafísico, parecem contraditórios em muitas ocasiões, mas se conciliam na utopia marxista de um paraíso anárquico.”⁴

³ Alocução à União dos Homens da A. C. Italiana, de 12-X-1952 — *Discorsi e Radiomessaggi*, vol. XIV, p. 359.

⁴ Cfr. *Revolução e Contra-Revolução*, Introdução. Assim resume Plínio Corrêa de Oliveira, em seu ensaio, as etapas históricas deste processo plurissecular:

“A Pseudo-Reforma foi uma primeira Revolução. Ela implantou o espírito de dúvida, o liberalismo religioso e o igualitarismo eclesiástico, em medida variável, aliás, nas várias seitas a que deu origem.

“Seguiu-se-lhe a Revolução Francesa, que foi o triunfo do igualitarismo em dois campos. No campo religioso, sob a forma do ateísmo, especiosamente rotulado de laicismo. E na esfera

Não se pense que a Revolução se limita a subverter a ordem política: “Um processo de tanta profundidade, de tal envergadura e tão longa duração não pode desenvolver-se sem abranger todos os domínios da atividade do homem, como por exemplo a cultura, a arte, as leis, os costumes e as instituições.”⁵

Do choque ao diálogo com a Modernidade revolucionária

Desde os primórdios do Cristianismo, o Clero e os fiéis sempre sofreram a tentação de conformar-se com o espírito do mundo (Rom. 12, 2). Isso não mudou quando, a partir da Renascença, o espírito revolucionário da Modernidade começou a dominar a vida cultural, intelectual e política do Ocidente. Particularmente a partir do século XIX, a Igreja começou a sofrer uma pressão para adaptar-se ao mundo novo que emergia. “Não se trata de escolher entre os princípios de 1789 e os dogmas da religião católica” — exclamava o duque Albert de Broglie, um dos líderes da corrente católica liberal —, mas “de purificar os princípios com os dogmas e fazê-los caminhar lado a lado; não se trata de enfrentar-se em duelo, mas de concluir a paz”⁶.

Vendo o perigo da infiltração dos princípios revolucionários na sociedade e nos ambientes católicos, Pio IX⁷ e Pio X⁸ fulminaram claras condenações contra

política, pela falsa máxima de que toda desigualdade é uma injustiça, toda autoridade um perigo, e a liberdade o bem supremo.

“O comunismo é a transposição destas máximas para o campo social e econômico.

“Estas três revoluções são episódios de uma só Revolução, dentro da qual o socialismo, o liturgicismo, a *‘politique de la main tendue’*, etc., são etapas de transição ou manifestações atenuadas” (*Revolução e Contra-Revolução*, Introdução, Artpress, São Paulo, 2009, p. 11).

⁵ Id., *ibid.*

⁶ Questions de religion et d'histoire, vol. 2, p. 199 (<https://books.google.fr/books?id=9JUTIdKex-QC&pg=PA199>)

⁷ No *Syllabus* (ou Índice dos principais erros de nossa época), Pio IX condena a seguinte proposição: “O Romano Pontífice pode e deve reconciliar-se e transigir com o progresso, o liberalismo e com a atual civilização” (proposição 80). A proposição condenada é extraída da alocução *Jam dudum*, proferida por Pio IX no consistório secreto de 18 de março de 1861, que diz: “A sociedade civil em nossos tempos infelizes vê-se jogada mais do que nunca na agitação e na desordem. Uns defendem alguns princípios que eles chamam de princípios da civilização moderna; os outros defendem os direitos da justiça e de nossa santíssima religião.

a tentativa de conciliar a Igreja com os erros modernos e conclamaram os católicos a enfrentar corajosamente as ofensivas laicistas, liberais e igualitárias dos promotores da Revolução. Outros pontífices foram menos enérgicos ou até conciliadores, mas, a partir de João XXIII e da abertura do Concílio Vaticano II, essa posição de combate à Modernidade e seus erros foi oficialmente abandonada em favor de uma atitude de diálogo benevolente com o mundo moderno.

O Papa Paulo VI exprimiu muito claramente o sentido dessa mudança de atitude, no discurso de encerramento do evento conciliar: “Na verdade, a Igreja, reunida em Concílio, entendeu sobretudo fazer a consideração sobre si mesma e so-

Os primeiros pedem que o Pontífice romano se reconcilie e faça aliança com o que eles chamam o progresso, o liberalismo, a nova civilização. Os segundos pedem com todo direito que os princípios imutáveis e inabaláveis da justiça eterna sejam mantidos invioláveis na sua integridade e que seja plenamente salvaguardada a força salutar de nossa divina religião [...] Aos que nos convidam a estender a mão para a civilização moderna, para o bem da religião, Nós lhes perguntamos se, em presença de fatos dos quais somos testemunhas, aquele que o próprio Cristo constituiu seu Vigário na terra para manter a pureza de sua doutrina celeste [...] poderia sem ferir gravemente sua consciência, sem tornar-se um objeto de escândalo para todos, fazer aliança com esta civilização moderna da qual provêm tantos males que nunca se saberia demasiado deplorar, tantas opiniões detestáveis, tantos erros e tantos princípios absolutamente contrários à religião católica e à sua doutrina? [...] Caso se entenda por civilização um sistema combinado expressamente para enfraquecer e talvez para derrubar a Igreja de Cristo, é certo que jamais, nem a Santa Sé, nem o Pontífice romano poderiam entender-se com essa civilização”

(<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5427035w/f31.image.texteImage> p. 29 e s.).

⁸ Ao abordar a causa secreta das faltas disciplinares dos seguidores do movimento de educação popular de inspiração modernista *Le Sillon*, São Pio X explica aos bispos franceses: “Vós sois o passado, eles são os pioneiros da civilização futura. Vós representais a hierarquia, as desigualdades sociais, a autoridade e a obediência: instituições envelhecidas, ante as quais suas almas, embevecidas por um outro ideal, não mais se podem dobrar. Temos sobre este estado de espírito o testemunho de fatos dolorosos, capazes de arrancar lágrimas, e não podemos, apesar de nossa longanimidade, reprimir um justo sentimento de indignação. Pois há quem inspire à vossa juventude católica a desconfiança para com a Igreja sua mãe; ensina-se-lhe que, decorridos 19 séculos, ela ainda não conseguiu no mundo constituir a sociedade sobre suas verdadeiras bases; que ela não compreendeu as noções sociais da autoridade, da liberdade, da igualdade, da fraternidade e da dignidade humana; que os grandes bispos e os grandes monarcas, que criaram e tão gloriosamente governaram a França, não souberam dar ao seu povo nem a verdadeira justiça, nem a verdadeira felicidade, porque eles não tinham o ideal do Sillon!” (<http://www.montfort.org.br/bra/documentos/decretos/notrecharge/>).

bre a relação que a une a Deus; e também sobre o homem, o homem tal qual ele se mostra realmente no nosso tempo. [...] O humanismo laico e profano apareceu, finalmente, em toda a sua terrível estatura, e por assim dizer desafiou o Concílio para a luta. A religião, que é o culto de Deus que quis ser homem, e a religião — porque o é — do culto do homem que quer ser Deus, encontraram-se. Que aconteceu? Combate, luta, anátema? Tudo isto poderia ter-se dado, mas de fato não se deu. Aquela antiga história do bom samaritano foi exemplo e norma segundo os quais se orientou o nosso Concílio. Com efeito, um imenso amor para com os homens penetrou totalmente o Concílio. A descoberta e a consideração renovada das necessidades humanas — que são tanto mais molestas quanto mais se levanta o filho desta terra — absorveram toda a atenção deste Concílio. Vós, humanistas do nosso tempo, que negais as verdades transcendentais, dai ao Concílio ao menos este louvor e reconhecei este nosso humanismo novo: também nós — e nós mais do que ninguém somos cultores do homem. [...] Uma corrente de interesse e de admiração saiu do Concílio sobre o mundo atual. Rejeitaram-se os erros, como a própria caridade e verdade exigiam, mas os homens, salvaguardado sempre o preceito do respeito e do amor, foram apenas advertidos do erro. Assim se fez, para que em vez de diagnósticos desalentadores, se dessem remédios cheios de esperança; para que o Concílio falasse ao mundo atual não com presságios funestos mas com mensagens de esperança e palavras de confiança. Não só respeitou mas também honrou os valores humanos, apoiou todas as suas iniciativas, e depois de os purificar, aprovou todos os seus esforços”⁹.

Apesar dessas intenções bastante cândidas, os homens do tempo do Concílio, e especialmente os jovens da época, em lugar de purificar com a fé católica os valores humanistas da Modernidade, os levaram até as suas últimas consequências dando um salto para a Pós-Modernidade, ou seja, para o atual estágio da Revolução, no qual “o auge da liberdade individual e do coletivismo consentido” é representado pelo sonho “estruturalista” de uma dissolução de todas as grandes organizações sociais em favor de pequenas comunidades urbanas ou rurais autogeridas e cujos integrantes, nos moldes da geração *hippie*, tivessem renunciado aos “velhos padrões de reflexão, volição e sensibilidade individuais, gradu-

⁹ http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1965/documents/hf_p-vi_spe_19651207_epilogo-concilio.html

almente substituídos por modos de pensamento, deliberação e sensibilidade cada vez mais coletivos”¹⁰.

O marco inicial dessa mudança profunda pode ser situado na revolta estudantil de Maio de 1968, cuja dimensão cultural mais duradoura acabou sendo a evaporação da autoridade na família, na escola, na empresa etc., bem como o relaxamento dos costumes, fruto da revolução sexual. Na opinião dos que viveram a Revolução da Sorbonne e dos analistas que a estudaram *a posteriori*, o Concílio Vaticano II em alguma medida antecipou e até favoreceu a eclosão da revolta juvenil, por sua recusa de empregar uma linguagem de afirmações dogmáticas, de condenação de erros e de reiteração dos interditos morais¹¹.

¹⁰ Plínio Corrêa de Oliveira, op. cit. Parte III, cap. 3 “A Quarta Revolução que nasce”.

¹¹ “As reivindicações do movimento de Maio de 1968 — escreveu o mariólogo e perito conciliar Pe. René Laurentin — coincidem em grande medida com os grandes ideais do Concílio, em particular aquelas da constituição conciliar sobre a Igreja e o mundo”. Em sua opinião, “já o Vaticano II em alguma medida foi a contestação de um grupo de bispos empenhados contra a Cúria que tentava realizar um concílio institucionalmente pré-fabricado” (in R. de Mattei, *Concilio Vaticano II: Una storia mai scritta*, p. 543)

“Já antes de 1968 — escreveu, por sua vez, o sociólogo das religiões Jean-Louis Schlegel — a contestação se generaliza e se estende à própria Igreja, às suas estruturas e seus comportamentos, como aos detentores do poder religioso. [...] Um clima pós-conciliar de ‘insurreição’ ou de ‘subversão’ cristã, que tem a tendência de rejeitar nas trevas exteriores tudo que se tinha adorado anteriormente, com o sentimento de que a Igreja ‘nos enganou’, se une à ebulição cultural, social e política mais ampla que se desenvolve desde o começo dos anos 1960. [...] Quando o cardeal Marty, recém-entronizado em Paris, declara que ‘Deus não é conservador’, faz um piscar de olhos que ofusca os católicos que o são e que fustigam a revolução insuportável. O filósofo Maurice Clavel dá um passo a mais: ele vê nos acontecimentos [de Maio de 1968] a irrupção do Espírito” (Jean-Louis Schlegel, “Changer l’Eglise en changeant la politique” in *À la gauche du Christ: Les chrétiens de gauche en France de 1945 à nos jours*, Éditions Seuil, 2012, pp. 279, 280 e 282).

Em seu livro *Os princípios da teologia católica*, o então Prof. Joseph Ratzinger escreveu: “A adesão a um marxismo anárquico e utópico [...] foi apoiada em primeira linha por muitos capelães universitários e de associações de juventude. O fato dominante se encontra nos acontecimentos de Maio de 68, na França. Nas barricadas havia jesuítas e dominicanos. A intercomunhão realizada durante uma missa ecumênica em apoio às barricadas foi considerada uma espécie de marco histórico na história da salvação, uma espécie de revelação que inaugurava uma nova era do cristianismo” (Téqui, Paris, 1985, p. 433).

Porém, após a encíclica *Humanae vitae*, do Papa Paulo VI, proibindo o uso de métodos artificiais de controle da natalidade, Roma passou a tomar distância em relação à revolução sexual e a reafirmar os princípios morais — especialmente no pontificado de João Paulo II, com as encíclicas *Evangelium vitae* e *Veritatis Splendor*, e com os documentos sobre a homossexualidade publicados pela Congregação para a Doutrina da Fé, na época dirigida pelo então cardeal Joseph Ratzinger.

Com a eleição do cardeal Jorge Mario Bergoglio, entretanto, essa linha vermelha parece ter sido superada. Os ensinamentos e os gestos do Papa Francisco indicam, de fato, uma abertura à Pós-Modernidade também nesse terreno da moral sexual, como foi descrito no Capítulo 6.

Na origem remota dessa mudança de paradigma dir-se-ia que se encontra o mesmo olhar positivo em face da evolução da sociedade contemporânea que tinha João XXIII diante das mudanças sociais de seu tempo. Na sua exortação apostólica *Evangelii gaudium*, o atual pontífice explica: “Cinquenta anos depois do Concílio Vaticano II, apesar de nos entristecerem as misérias do nosso tempo e estarmos longe de optimismos ingênuos, um maior realismo não deve significar menor confiança no Espírito nem menor generosidade. Neste sentido, podemos voltar a ouvir as palavras pronunciadas pelo Beato João XXIII naquele memorável 11 de outubro de 1962: ‘Chegam-nos aos ouvidos insinuações de almas, ardoras sem dúvida no zelo, mas não dotadas de grande sentido de discrição e moderação. Nos tempos atuais, não veem senão prevaricações e ruínas. [...] Mas a nós parece-nos que devemos discordar desses profetas de desgraças, que anunciam acontecimentos sempre infaustos, como se estivesse iminente o fim do mundo. Na ordem presente das coisas, a misericordiosa Providência está-nos levan-

Na véspera do encerramento da revisão deste trabalho, o historiador Agostino Giovagnoli concedeu uma entrevista à agência *Serviço de Informação Religiosa*, na qual, questionado sobre se pode ser estabelecido um entrelaçamento entre Maio de 68 e o Concílio Vaticano II, ele afirmou que “[a Revolução de] 68 foi sobretudo uma contestação anti-institucional e é neste terreno que é reconhecível o nexos que liga os dois fenômenos”, ou seja, dita revolução e o Concílio Vaticano II. E acrescentou: “A Igreja Católica antecipou uma transformação que depois se apresentou de maneira convulsa em 1968, no sentido de um redimensionamento do peso das instituições no interior da sociedade” (<https://agensir.it/italia/2018/04/26/il-sessantotto-agostino-giovagnoli-storico-profondo-legame-con-il-concilio-che-ne-ha-anticipato-alcuni-tratti/>).

tando para uma ordem de relações humanas que, por obra dos homens e a maior parte das vezes para além do que eles esperam, se encaminham para o cumprimento dos seus desígnios superiores e inesperados, e tudo, mesmo as adversidades humanas, converge para o bem da Igreja”¹².

A origem próxima da superação da linha vermelha colocada por João Paulo II em matéria de aborto e casamento indissolúvel parece ser a agenda visada pelo falecido cardeal Carlo Maria Martini, jesuíta como Francisco e de quem este se considera discípulo¹³. O testamento espiritual do antigo arcebispo de Milão — confiado ao seu confrade jesuíta Georg Sporschill e à jornalista Federica Radice e publicado em *Conversações noturnas em Jerusalém* — contém o seguinte comentário: “**A Igreja deve reconhecer os próprios erros e percorrer um caminho radical de mudança**, a começar pelo Papa e os bispos. Os escândalos de pedofilia obrigam-nos a empreender **um caminho de conversão**. **As questões sobre a sexualidade e todos os temas que envolvem o corpo são um exemplo**. Esses são temas importantes para cada pessoa e até por vezes são importantes demais. **Devemos nos perguntar se a gente escuta ainda os conselhos da Igreja em matéria sexual**. [...] **Nem o clero nem o Direito eclesial podem substituir a interioridade do homem**. Todas as regras externas, as leis, os dogmas nos são dados para esclarecer a voz interna e para o discernimento dos espíritos. Para quem são os sacramentos? [...] Levamos os sacramentos aos homens que precisam de uma nova força? **Penso em todos os divorciados e nos casais em segunda união, nas famílias ampliadas**. [...] A pergunta se os divorciados recasados podem receber a Comunhão deveria ser invertida. Como pode a Igreja ajudar com a força dos sacramentos aqueles que têm uma situação familiar complexa?

¹² N° 84 https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html

¹³ No prefácio do primeiro volume da *opera omnia* do controvertido cardeal, intitulado *A cátedra dos não crentes*, o atual pontífice afirma que “a herança que nos deixou o cardeal Martini é um dom precioso. [...] Quantos de nós, na Argentina, no ‘fim do mundo’, fizemos os Exercícios Espirituais a partir de seus textos. [...] Ele foi um mestre para muitos de nós que temos ouvido suas palavras e lido seus textos”.

(http://www.corriere.it/cronache/15_ottobre_19/papa-francesco-la-chiesa-missionaria-non-si-chiuda-se-stessa-2973aab8-7620-11e5-9086-b57baad6b3f4.shtml).

[...] **A Igreja ficou atrasada duzentos anos.** Como é possível que não saia do torpor? Temos medo? Medo em vez de coragem?”¹⁴.

Uma “Igreja em saída” que supera a atitude defensiva face ao mundo atual

Para executar esse programa de colocar a Igreja no mesmo compasso do mundo moderno o Papa Francisco se serve de uma palavra-chave de efeito talismânico: a necessidade de “construir pontes” para dialogar, em lugar de “construir muros” para se defender¹⁵. Por isso, deve-se caminhar para uma “Igreja em saída”, que vai até “as periferias existenciais”, na qual a comunidade evangelizadora “acompanha a humanidade em todos os seus processos, por mais duros e demorados que sejam” e em que os bispos devem “às vezes pôr-se à frente para indicar a estrada”, mas em certas circunstâncias devem “caminhar atrás do povo”, sobretudo “porque o próprio rebanho possui o olfato para encontrar novas estradas”¹⁶.

Deve-se também entrar em diálogo “com os Estados, com a sociedade — que inclui o diálogo com as culturas e as ciências — e com os outros crentes”¹⁷, para “projetar, numa cultura que privilegie o diálogo como forma de encontro, a busca

¹⁴ http://www.corriere.it/cronache/12_settembre_02/le-parole-ultima-intervista_cdb2993e-f50b-11e1-9f30-3ee01883d8dd.shtml

¹⁵ “Os cristãos de hoje são como Paulo, que falando aos gregos no Areópago, construiu pontes para anunciar o Evangelho sem condenar ninguém”, disse o Papa durante uma homilia em Santa Marta. Por isto — observou — o Apóstolo foi verdadeiramente “um pontífice, um construtor de pontes” e não um “construtor de muros”. E acrescentou: “Agora é um tempo favorável na vida da Igreja: estes últimos 50 anos, 60 anos, são um tempo favorável, porque eu me lembro, quando era criança, que se escutava nas famílias católicas, na minha família: ‘Não, na casa deles não podemos ir, porque não são casados na Igreja, são socialistas, são ateus, eh!’. Era como uma exclusão. Agora — graças a Deus — não, não se diz mais isto, não é mesmo? Não se diz mais aquilo, não é mesmo? Não se diz! Isto existia como uma defesa da fé, mas com muros”

(<https://noticias.cancaonova.com/especiais/pontificado/francisco/papa-diz-que-para-evangelizar-cristaos-devem-construir-pontes-e-nao-muros/>).

¹⁶ Evangelii gaudium, n° 31.

¹⁷ Ibid. n° 238.

de consenso e de acordos”¹⁸. Tanto mais quanto “um olhar de fé sobre a realidade não pode deixar de reconhecer o que semeia o Espírito Santo”, não apenas “onde uma grande parte da população recebeu o Batismo”¹⁹, mas também onde são praticados “novos modos de se relacionar com Deus, com os outros e com o ambiente”, “onde são concebidas as novas histórias e paradigmas”²⁰. E isso, superando “a suspeita, a desconfiança permanente, o medo de sermos invadidos, as atitudes defensivas que nos impõe o mundo atual”²¹.

Paradoxalmente, uma atitude de resistência à desagregação espiritual e moral de nossos dias seria uma expressão de “mundanismo”, sob a forma de um “neopelagianismo auto-referencial e prometeico de quem, no fundo, só confia nas suas próprias forças e se sente superior aos outros por cumprir determinadas normas ou por ser irredutivelmente fiel a um certo estilo católico próprio do passado”, o qual desemboca numa “suposta segurança doutrinal ou disciplinar” e num “elitismo narcisista e autoritário, onde, em vez de evangelizar, se analisam e classificam os demais”²². Daí que “muitas vezes agimos na defensiva e gastamos as energias pastorais multiplicando os ataques ao mundo decadente”²³, o que transforma os católicos, aos olhos do mundo, “em pessimistas lamurientos e desencantados com cara de vinagre”²⁴.

Nem sequer aquelas evoluções sociais que trazem como consequência inevitável o gradual desaparecimento do casamento indissolúvel e da família parecem dever levar os católicos a uma atitude de resistência: “Nem a sociedade em que vivemos nem aquela para onde caminhamos permitem a sobrevivência indiscriminada de formas e modelos do passado”, afirma ele na *Amoris laetitia*²⁵. Não

¹⁸ Ibid. n° 239.

¹⁹ Ibid. n° 68.

²⁰ Ibid. n° 74.

²¹ Ibid. n° 88.

²² Ibid. n° 94.

²³ *Amoris laetitia* n° 38.

²⁴ *Evangelii gaudium*, n° 85

²⁵ *Amoris laetitia*. n° 32.

restaria à Igreja senão adaptar-se à “mudança antropológico-cultural” que hoje “influencia todos os aspectos da vida”²⁶. De onde, por exemplo, a necessidade, nas pastorais pré-matrimonial e matrimonial, de não se acantonar na “mera defesa de uma doutrina fria e sem vida”²⁷ ou “apenas [em] convicções doutrinárias”²⁸, mas de recorrer a “psicopedagogos, médicos de família, médicos de comunidade, assistentes sociais, advogados de menores e família”, para receber “as contribuições da psicologia, sociologia, sexologia e até aconselhamento”²⁹.

Uma visão imanentista e hegeliana da História

Como aconteceu durante a crise modernista no final do século XIX, essa adaptação às “mudanças antropológico-culturais” é justificada em nome do impulso divino presente no progresso da humanidade. Na já citada entrevista com o Pe. Antonio Spadaro, o Papa Francisco parece revelar que possui uma visão imanentista e “teihardiana” do rumo do universo, atribuindo à ação divina o impulso das dinâmicas novas do agir humano: “Deus manifesta-Se numa revelação histórica, no tempo. [...] Deus manifesta-Se no tempo e está presente nos processos da História. Isto faz privilegiar as ações que geram dinâmicas novas. (...) Encontra-se Deus caminhando, no caminho”³⁰. Por isso é preciso — como o Papa acrescenta na *Amoris laetitia* — “prestar atenção à realidade concreta, porque ‘os pedidos e os apelos do Espírito ressoam também nos acontecimentos da história”

³¹

Nessa visão, tudo leva a concluir que se trata de uma concepção imanentista que incluiria, aliás, uma dimensão dialética, decorrente da noção hegeliana de uma verdade não absoluta. Segundo o Papa Francisco, para avançar rumo ao mundo novo, é preciso também contar com as “tensões bipolares próprias de toda

²⁶ Ibid.

²⁷ Ibid. n° 59.

²⁸ Ibid. n° 211.

²⁹ Ibid. n° 204

³⁰ <http://www.broteria.pt/component/content/article/101-entrevista-exclusiva-do-papa-francisco-as-revistas-dos-jesuitas>

³¹ *Amoris Laetitia* n° 31.

a realidade social”³², com vistas a “alcançar uma unidade multifacetada que gera nova vida”³³, sempre lembrando que “o sujeito histórico deste processo, é a gente [o povo] e a sua cultura”³⁴. Mas tendo igualmente presente que na tensão entre “a conjuntura do momento” e a luz “da utopia”³⁵, o tempo é superior aos espaços, porque “transforma-os em elos duma cadeia em constante crescimento, sem marcha atrás”. Trata-se, portanto, “de privilegiar as ações que geram novos dinamismos na sociedade”³⁶.

Assim sendo, não se deve julgar uma época segundo um padrão absoluto — as exigências da verdade revelada por Deus —, mas segundo o critério humanista e de sabor relativista fixado por Romano Guardini: “O único padrão para avaliar justamente uma época é perguntar-se até que ponto, nela, se desenvolve e alcança uma autêntica razão de ser *a plenitude da existência humana*, de acordo com o carácter peculiar e *as possibilidades* da dita época”³⁷ [os itálicos são do original].

Um abraço a cada etapa da Revolução

Na lógica do recém-citado critério ‘guardiniano’, não surpreende que o Papa Francisco veja com simpatia cada etapa da Revolução no contexto de sua época.

Enquanto sua benevolência com a primeira etapa (Pseudo-Reforma) se evidencia nas declarações e gestos de reabilitação de Lutero — mencionados em capítulo anterior —, sua posição em relação à segunda etapa (Revolução Francesa) é ambivalente: de um lado ele aprova a secularização do Estado³⁸ e os direitos hu-

³² *Evangelii gaudium*, n° 221

https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html

³³ Ibid. n° 228.

³⁴ Ibid. n° 239.

³⁵ Ibid. n° 222.

³⁶ Ibid. n° 223.

³⁷ Ibid. n° 224.

³⁸ “Um Estado deve ser laico”, diz ele na citada entrevista ao jornal *La Croix*, porque “os Estados confessionais acabam sempre mal, porque eles vão contra a História. Eu creio que

manos³⁹ que ela consagrou, mas de outro lado julga que o regime político democrático, burguês e liberal que promoveu se voltou contra as classes populares e foi superado pelo ideal de uma “democracia participativa” de cunho popular; julga, ainda, que seu nacionalismo constitui hoje um empecilho ao “sonho de um novo humanismo europeu”⁴⁰ e à nova humanidade pluriétnica e multicultural globalizada, bem como que o mito do progresso pelos filósofos da Ilustração — promovido nos salões revolucionários de 1789 — foi superado pelo retorno à natureza em clave “verde”⁴¹.

Em contraste, sua atração pelas utopias da terceira etapa do processo revolucionário (Comunismo) — e até mesmo pelas da Quarta Revolução ecotribalista — parece externar-se cada vez mais em seus esforços para reunir todos os movimentos populares e indigenistas nos Encontros patrocinados pelo Vaticano e na sua colaboração com instâncias internacionais para promover uma governança mundial ecológica.

O *ralliement* definitivo da Igreja com a Revolução

Não foi em vão que o fundador de *La Repubblica* deu ao seu artigo sobre a *Laudato Si* um título que fala por si mesmo: “Francisco, Papa-profeta que encon-

uma laicidade acompanhada de uma sólida lei garantindo a liberdade religiosa oferece um marco para ir adiante. Somos todos iguais, como filhos de Deus ou com nossa dignidade de pessoa” (<http://www.la-croix.com/Religion/Pape/Le-pape-Francois-a-La-Croix-Un-Etat-doit-etre-laique-2016-05-16-1200760526>)

³⁹ “Que te sucedeu, Europa humanista, paladina dos direitos humanos, da democracia e da liberdade?” — perguntou, no discurso de recepção do Prêmio Carlos Magno. (http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/may/documents/papa-francesco_20160506_premio-carlo-magno.html)

⁴⁰ Ibid.

⁴¹ Na *Laudato Si*, ele afirma: “Alguns defendem a todo o custo o mito do progresso, afirmando que os problemas ecológicos resolver-se-ão simplesmente com novas aplicações técnicas, sem considerações éticas nem mudanças de fundo” (nº 60) e “se, no começo, [a educação ambiental] estava muito centrada na informação científica e na consciencialização e prevenção dos riscos ambientais, agora tende a incluir uma crítica dos ‘mitos’ da Modernidade baseados na razão instrumental (individualismo, progresso ilimitado, concorrência, consumismo, mercado sem regras)” (nº 210)

tra a Modernidade”⁴². Segundo ele, o Papa lhe teria dito em encontro posterior: “Não terei muito tempo para levar ao seu termo o trabalho ao qual devo dedicar-me, que é a realização dos objetivos prescritos pelo Vaticano II e, em particular, aquele do encontro da Igreja com a Modernidade”⁴³.

Encontro esse que, segundo Nicola di Bianco, professor de Teologia no Instituto Teológico Salernitano, quer ir além e até superar todas as reivindicações da Modernidade. Aludindo aos três “insultos” ao narcisismo humano que Freud atribui a ela — primeiro, o cosmológico-copernicano, de que a terra não é o centro do universo; segundo, o biológico-darwinista, de que o homem não é o coramento da criação; e, terceiro, o psicológico-freudiano, da impotência da razão diante do subconsciente e da libido; aos quais Niklas Luhmann agregou um quarto, o sociológico, pela incapacidade de modelar a sociedade —, o Prof. Di Bianco afirma que, com a sua orientação magisterial, o atual pontífice quer saldar as contas com a história dos últimos séculos: “A Igreja de Francisco é uma Igreja ‘em construção’, dinâmica, promotora de processos. O que é isto senão a **recuperação da instância evolucionista**? Ademais, no plano ético, recupera os elementos subjetivos da culpa e do pecado (pleno conhecimento e consentimento delibado), declarando que a gravidade da culpa não pode ser separada da imputabilidade do sujeito. [...] O que é isso senão a **recuperação da instância psicológica do sujeito**? Finalmente, Francisco traz para o centro de seu magistério a doutrina social da Igreja e as instâncias dos oprimidos, dos últimos, dos pobres... Denuncia com firmeza os modelos de desenvolvimento econômico que determinam ‘exclusões’ e ‘desigualdades’ e que geram a cultura do ‘descarte’. [...] O que é isso senão a **recuperação da instância social**? [...] Com seus gestos, seu estilo,

⁴² http://www.repubblica.it/cultura/2015/07/01/news/francesco_papa_profeta_che_incontra_la_modernita_-118048516/

⁴³

http://www.repubblica.it/politica/2015/10/25/news/conservatori_e_temporalisti_lo_frenano_ma_francesco_n_on_si_fermera_-125834299/

seu magistério, Francisco está reformando a Igreja, **indo além dos ‘insultos’ da ‘Modernidade’**”⁴⁴.

Em resumo — com base na abundante documentação dos capítulos anteriores e nos comentários dos intelectuais católicos e agnósticos simpáticos ao Papa Francisco —, pode-se concluir que **seu pontificado pode ser caracterizado como aquele que pretende realizar o *ralliement*⁴⁵ definitivo da Igreja com a Revolução** e com o humanismo secularizado desta, no preciso momento em que ela se encontra num impasse por não mais poder esconder nos seus derradeiros passos toda a maldade e hediondez de sua meta final.

Se esse *ralliement* for consumado, suas consequências para as almas serão catastróficas. Basta pensar no que Eugenio Scalfari declarou: “A impulsão que [Francisco] está dando à *Ecclesia* **terá profundamente mudado o conceito de religião e de divindade, e isso ficará uma mudança cultural dificilmente modificável**”⁴⁶.

Mas as consequências não serão menos catastróficas para o que ainda resta de cristão na sociedade ocidental.

⁴⁴ “Para além dos ‘insultos’ à Modernidade”

<http://www.lastampa.it/2016/05/14/vaticaninsider/ita/commenti/oltre-gli-insulti-della-modernita-k3IrJh5mm8CBxVKgbAFDRM/pagina.html>

⁴⁵ Através da encíclica *Au milieu des sollicitudes*, de fevereiro de 1892, o Papa Leão XIII convocou os católicos franceses — a maioria dos quais era de orientação monarquista — a juntar-se à República (*se rallier*, em francês) para defender os interesses da Igreja a partir do seu interior. Ver a esse respeito Roberto de Mattei, *Le ralliement de Léon XIII: l'échec d'un projet pastoral*, Cerf, Paris, 2016.

⁴⁶ http://www.repubblica.it/cultura/2015/07/01/news/francesco_papa_profeta_che_incontra_la_modernita_-118048516/

Capítulo 9

O reverso da medalha: a simpatia dos poderes mundanos e de correntes anticristãs

A proximidade e a simpatia recíprocas entre Francisco e o mundo progressista e laicista são inegáveis — um mundo que, até sua ascensão ao pontificado, tinha geralmente hostilizado a Igreja em nome dos valores da Modernidade.

Se as opções magisteriais, pastorais e políticas do Papa Francisco, sumariamente descritas nos capítulos anteriores, têm provocado uma imensa perplexidade e confusão nos ambientes católicos, nos ambientes laicistas e entre os grandes deste mundo suas declarações, prescrições e gestos simbólicos — que no seu conjunto materializam um intento de *ralliement* da Igreja com a Modernidade — têm sido recebidos, pelo contrário, com simpatia e até mesmo com verdadeiro fascínio, como a própria mídia reconhece¹.

A primeira manifestação expressiva desse contentamento foi sua eleição, ainda em 2013, como “Personalidade do ano” pela edição italiana da revista feminina *Vanity Fair*², pela revista *Time*³, pelo jornal *Le Monde*⁴ e por nada menos que on-

¹ “O acolhimento eufórico da imprensa secular torna Francisco suspeito entre os [católicos] tradicionalistas, que temem que ele compre a popularidade à custa de uma fé diluída. O Papa tem lidado destramente com o fascínio dos meios de comunicação, de maneira a atrair as atenções para tudo o que faz”, disse a revista *Time* de 11-12-2013.

² “Seus primeiros cem dias já o colocaram à testa na classificação dos líderes mundiais que fazem história. Mas a revolução continua”, sublinhava o semanário (<https://www.vanityfair.it/news/italia/13/07/09/cover-vanity-papa-francesco>).

³ A diretora da *Time* declarou que “em menos de um ano, Francisco conseguiu algo de notável: não mudou as palavras, mas mudou a melodia”, pelo que “em muito pouco tempo, uma vasta plateia ecumênica global mostrou-se desejosa de segui-lo” (<http://poy.time.com/2013/12/11/a-escolha-o-papa-francisco/>).

ze jornais latino-americanos. O mesmo fez o mensário pró-homossexual *The Advocate*, o qual justificou a escolha dizendo que “a decidida mudança de retórica do Papa Francisco em relação aos seus dois predecessores — que em diversas ocasiões estiveram entre os castigados pelo mensário com os Prêmios Anuais de *Phobia* — torna ainda mais arrojado aquilo que ele fez em 2013”⁵.

No universo político, o concerto de loas tomou corpo após a publicação da encíclica *Laudato Si*, que recebeu o apoio entusiasta, entre muitas outras, das seguintes personalidades: Ban Ki-Moon, ex-secretário geral da ONU⁶; o então presidente Barack Obama⁷; o então presidente francês François Hollande⁸; o ex-vicepresidente americano Al Gore⁹; Jean-Claude Juncker, presidente da Comis-

⁴ O suplemento semanal do vespertino salientou que neste momento “não é absurdo falar de ‘papamania’”, e elogiou a mensagem de modernidade que encarna o pontífice argentino (<https://pt.zenit.org/articles/franca-le-monde-elege-o-papa-francisco-como-personalidade-do-ano-de-2013/>).

⁵ A revista LGBT acrescentou que “da mesma maneira que o presidente Obama transformou a política com sua evolução nos direitos civis LGBT, uma mudança do Papa pode ter um efeito duradouro na religião” (<https://www.advocate.com/year-review/2013/12/16/advocates-person-year-pope-francis>)

⁶ “Eu agradeço profundamente ao Papa Francisco por tomar uma posição tão firme a respeito da necessidade de uma ação urgente e global. Sua voz moral é parte de um coro crescente de pessoas de todas as crenças e de todos os setores da sociedade que reclamam uma ação na questão do clima”, postou ele na sua conta *LinkedIn* (<https://www.linkedin.com/pulse/papal-encyclical-call-climate-action-ban-ki-moon>).

⁷ “Saúdo a encíclica de Sua Santidade e admiro profundamente a decisão do Papa de pleitear — de maneira clara, possante e com a inteira autoridade moral à sua disposição — uma ação em favor da mudança climática global”, disse Obama (<http://www.catholicherald.co.uk/news/2015/06/19/obama-calls-for-world-leaders-to-heed-pope-franciss-message/>).

⁸ François Hollande “fez votos” para que “a voz particular” do pontífice seja “escutada em todos os continentes, além daqueles que têm fé” (http://fr.radiovaticana.va/news/2015/06/19/laudato_si_une_%C2%ABmagnifique_feuille_de_route%C2%BB_selon_nicolas_hulot/1152652).

⁹ Numa conferência na Haas School of Business da Universidade de Berkeley, em princípios de 2015, Al Gore declarou o seguinte a respeito da encíclica, que ainda não tinha sido publicada: “Penso que o Papa Francisco é uma figura inspiradora, realmente, um fenômeno. Fiquei pasmo pela clareza da força moral que ele personifica. [...] Eu disse publicamente no ano passado — eu fui educado na tradição batista do Sul — que poderia tornar-me católico por causa deste Papa, até esse ponto ele me inspira”

(<https://churchpop.com/2016/07/28/former-vp-al-gore-i-might-become-catholic-because-of-pope-francis/>).

são Europeia¹⁰; Karmenu Vella e Miguel Arias Cañete, respectivamente Comissários europeus pelo Ambiente e pela Ação Climática, que foram ao Vaticano agradecer ao Papa pessoalmente pela encíclica¹¹; Achim Steiner, diretor-executivo do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente¹²; Segolène Royal, então ministra francesa de Ecologia¹³; o sociólogo pós-moderno Edgar Morin¹⁴; o Partido Europa-Ecologia-Os-Verdes da França, que declarou “Habemus Papam ecologicum!”¹⁵; o então deputado verde François de Rugy, atual presidente macronista da Assembleia Nacional francesa¹⁶; a ativista e escritora Na-

¹⁰ “Temos grande esperança de que a *Laudato Si* seja um sino de alarme que encoraje as pessoas a afrontar os problemas de nosso futuro comum”, declarou Juncker (<https://www.avvenire.it/opinioni/pagine/ambiente-gli-euroimpegni-e-impulso-di-francesco>).

¹¹ Ibid. No mesmo artigo, o comissário Vella declara que “foram feitas muitas referências à encíclica papal nas discussões finais sobre os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável”, aprovados pelas Nações Unidas na semana seguinte ao aparecimento da encíclica.

¹² Achim Steiner considerou que a encíclica “toca um sino de alarme que não ressoa apenas junto aos católicos, mas também junto aos demais habitantes do planeta” (<http://www.la-croix.com/Urbi-et-Orbi/Actualite/Rome/Dans-le-monde-entier-des-reactions-a-l-encyclique-Laudato-si-du-pape-Francois-2015-06-18-1325223>).

¹³ A Sra. Royal declarou ao *La Croix*: “Sim à sua condenação [da encíclica] à especulação e à corrida aos lucros em curto prazo, porque elas têm contribuído muito para a explosão das nossas emissões de gás de efeito estufa e para a explosão das desigualdades” (<http://www.la-croix.com/Religion/Segolene-Royal-Defendre-la-nature-cest-aussi-defendre-la-dignite-des-personnes-2015-06-18-1325240>).

¹⁴ “**A encíclica *Laudato Si* talvez seja o ato nº 1 de um apelo por uma nova civilização**”, declarou Morin ao jornal *La Croix* (<http://www.la-croix.com/Religion/Actualite/Edgar-Morin-L-encyclique-Laudato-Si-est-peut-etre-l-acte-1-d-un-appel-pour-une-nouvelle-civilisation-2015-06-21-1326175>).

¹⁵ Num comunicado oficial, o partido declarou: “**Habemus Papa ecologicum!** Rejeição do consumismo, apologia da sobriedade, denúncia dos poderes do dinheiro, questionamento legítimo sobre o progresso e em particular dos OGM, reconhecimento da dívida ecológica entre os países do Norte e os países do Sul: a poucos meses da conferência sobre o clima de Paris, trata-se de um engajamento apreciável que deverá conduzir a um acordo ambicioso, obrigatório e internacional sobre o clima” (<http://www.la-croix.com/Actualite/France/Les-ecologistes-en-accord-sur-presque-tout-avec-le-pape-Francois-2015-06-19-1325729>).

¹⁶ “Estou impressionado de ver até que ponto a encíclica é convergente com aquilo que nós dizemos há muitos anos”, declarou o atual presidente da Assembleia nacional francesa (ibid.)

omi Klein, autora de *No Logo*, livro altermundialista de referência traduzido em 28 idiomas¹⁷.

O gesto de trazer famílias muçulmanas em seu avião, de retorno da ilha de Lesbos, valeu ao pontífice um novo coro de elogios, entre os quais merecem ser mencionados os de Jean-Claude Juncker, presidente da Comissão Europeia¹⁸, de Martin Schultz, presidente do Parlamento Europeu¹⁹, e de Jean-Luc Mélenchon, líder do partido francês de extrema-esquerda *La France insoumise*²⁰.

¹⁷ Naomi Klein declarou ao *La Croix*: “Alianças improváveis e surpreendentes se tecem, por exemplo, entre eu e o Vaticano. [...] Sindicatos, comunidades autóctones, grupos confessionais e verdes trabalham da maneira mais estreita do que nunca”. E aduziu, a respeito da encíclica: “Ela se dirige também a mim, enquanto feminista judia oriunda de um ambiente secularizado” (<http://www.la-croix.com/Urbi-et-Orbi/Actualite/Rome/Naomi-Klein-prend-fait-et-cause-pour-l-encyclique-du-pape-2015-07-02-1330439>)

¹⁸ Em 2016, a cidade de Aix-la-Chapelle concedeu ao Papa Francisco seu famoso Prêmio Carlos Magno, destinado a agraciar as personalidades que se tenham engajado em favor da unificação europeia. Para solenizar a entrega, foram até o Vaticano os presidentes da Comissão, do Conselho e do Parlamento europeus. Na ocasião, Jean-Claude Juncker declarou em seu discurso: “Santo Padre, quando o senhor traz refugiados para o Vaticano, o senhor enche nossos corações com uma coragem nova e fresca. O senhor personifica a ideia de que a solidariedade e a compaixão não são apenas palavras que soam bonito, mas valores que nos obrigam uma vez ou outra a tomar posição e agir. É por isso que o senhor tem muito mais confiança em nós, herdeiros da Ilustração, do que nós temos em nós mesmos —, e com razão” (http://europa.eu/rapid/press-release_SPEECH-16-1681_en.htm).

¹⁹ “O Parlamento Europeu receberá o homem que neste momento da história é provavelmente um ponto de referência não somente para os católicos, mas para muita gente; ele é alguém que dá uma direção numa época na qual muita gente se sente desorientada” (<http://www.thetablet.co.uk/news/1344/0/european-parliament-head-commends-pope-francis>).

²⁰ Quando o Papa visitou o Parlamento Europeu, o falido candidato presidencial subiu à tribuna para protestar em nome da laicidade, porém escreveu ao Núncio Apostólico em Paris para elogiar a *Laudato Si*. Ao tomar conhecimento do gesto papal após sua visita a Lesbos, ele publicou na sua conta *Facebook* um artigo intitulado “Viva o Papa!”, no qual dizia: “Saúdo o gesto do Papa com ardor. Além de todas as razões de agir e de militar, há uma mais forte do que todas. O gesto do papa a faz brilhar aos olhos do presente sombrio: nós formamos uma só humanidade!” (<http://melenchon.fr/2016/04/17/vive-le-pape/>). À margem do congresso do seu aliado — o Partido Comunista Francês —, e sabendo da visita de Bernie Sanders ao Vaticano, ele declarou ao *Figaro*: “Eu também gostaria de hospedar-me na residência Santa Marta e encontrar o Papa; eu tenho coisas a lhe dizer” (<http://www.lefigaro.fr/politique/le-scan/2016/06/08/25001-20160608ARTFIG00219-jean-luc-melenchon-souhaite-rencontrer-le-pape.php>).

As declarações do Papa sobre as raízes multiculturais da Europa suscitaram as homenagens do secretário-geral do Partido Comunista Francês, Pierre Laurent, no discurso de encerramento de seu 37º congresso²¹.

As críticas do Papa Francisco ao capitalismo e seu apoio aos movimentos sociais e à agenda da esquerda lhe têm granjeado o aplauso dos respectivos corifeus, entre os quais cabe destacar Hillary Clinton²² e Bernie Sanders²³, a senadora francesa Marie-Noëlle Lienemann — uma das animadoras da ala esquerda do PS²⁴ —, o líder espanhol do partido Podemos, Pablo Iglesias²⁵, e o ex-primeiro minis-

²¹ Ibid.

²² Por ocasião da campanha presidencial, no seu discurso durante o famoso Jantar Al Smith, ela declarou: “Certamente não é necessário ser católico para ser inspirado pela humildade e pelo coração do Santo Padre, o Papa Francisco. Ou para abraçar sua mensagem, [...] seus apelos para reduzir a desigualdade, seus alertas sobre a mudança climática, seu chamado a construir pontes e não muros” (<http://time.com/4539979/read-transcript-hillary-clinton-speech-al-smith-dinner/>).

²³ Após sua visita ao Vaticano para participar de um simpósio organizado pela Pontifícia Academia de Ciências Sociais e seu rápido encontro com o Papa, Sanders declarou, em plena campanha presidencial: “Eu queria apenas fazer-lhe saber quanto eu o aprecio, e o papel extraordinário que desempenha no mundo inteiro para conscientizar a respeito dos imensos níveis de desigualdade de ingressos e de riqueza” (<http://edition.cnn.com/2016/04/16/politics/bernie-sanders-pope-francis-vatican-visit/index.html>).

²⁴ A senadora Lienemann ofereceu uma vibrante homenagem ao Papa Francisco, dizendo que ele “promove valores humanistas contra a mercantilização [da sociedade]” e dá a “prioridade à generosidade e ao humano”. “Eu amiúde ironizo, dizendo que ele vai ser o último anticapitalista. [...] É muito importante que o chefe da Igreja Católica promova valores humanistas contra a mercantilização, que lembre que somos solidários, que somos irmãos” (<http://tempsreel.nouvelobs.com/politique/20131102.AFP0782/marie-noelle-lienemann-ps-rend-hommage-au-pape-francois.html>).

²⁵ Pablo Iglesias escreveu um artigo para o jornal gratuito *20 minutos* sob o título: “Se a missa fosse oficiada pelo papa Francisco”, no qual destacava que o rumo adotado pelo pontífice “contrasta com a política ultraconservadora de seus predecessores João Paulo II e Bento XVI, cujos dogmas sobrevivem entrincheirados em boa parte das elites do episcopado espanhol que resistem à modernização de Francisco”. Mais adiante, ele destacou o fato de “que o chefe da Igreja católica denuncie na sua exortação apostólica *Evangelii Gaudium* as ideologias ‘que defendem a autonomia absoluta dos mercados e a especulação financeira’ como causadoras da desigualdade, e assinale que elas diminuem ‘o direito de controle dos Estados encarregados de velar pelo bem comum, instaurando uma nova tirania invisível’ faz do papa

tro italiano e antigo alto dirigente comunista Massimo D'Alema, o qual declarou: “Neste momento, o principal líder da esquerda é o Papa, até porque a esquerda está doente”²⁶.

Não haveria espaço para transcrever todas as manifestações de apoio dos líderes da esquerda marxista latino-americana, mas vejamos, a título de exemplo, o comentário de Nicolás Maduro a propósito da *Evangelii Gaudium*: “São documentos que para nós, na revolução bolivariana [...] entram em sintonia natural com todo o legado e o patrimônio tanto espiritual como ético de nosso comandante Hugo Chávez”²⁷. Por sua vez, quando foi publicada a *Laudato Si*, o ditador venezuelano declarou solenemente, em cadeia nacional de rádio e televisão: “Da Venezuela, saudamos esta encíclica papal e assumimos seus conceitos para a construção de um novo ecologismo humano, que na Venezuela chamamos de eco-socialismo”²⁸.

É merecedor, contudo, de especial destaque, o financiamento concedido pela Fundação Sociedade Aberta, do milionário George Soros, a ONGs norte-americanas para agirem dentro dos meios católicos dos Estados Unidos com o objetivo de criar uma “massa crítica” de bispos e leigos em apoio às prioridades do Papa Francisco. A associação WikiLeaks publicou um e-mail enviado pela PICO — uma das organizações financiadas por Soros — a John Podesta, um dos responsáveis pela campanha presidencial de Hillary Clinton, contendo um relatório sobre uma reunião no Vaticano: “O Papa Francisco, como líder de estatura global, desafiará [na sua viagem aos Estados Unidos] a ‘idolatria do mercado’ nos EUA e fará soar um toque de clarim para se opor às políticas que promovem

e de sua Igreja aliados imprescindíveis dos que defendemos a justiça social”. E terminava: “O verdadeiramente importante é que os católicos e todos os demais, possamos ver e escutar Francisco com mais frequência. E [se a missa] é celebrada por Francisco, quiçá também o secretário-geral de Podemos deva escutar essa missa e tomar algumas anotações”

(<http://www.20minutos.es/opiniones/pablo-iglesias-hecor-illueca-tribuna-misa-oficiaria-papa-francisco-2996635/#xtor=AD-15&xts=467263>).

²⁶ <http://tv.liberoquotidiano.it/video/politica/13302149/papa-francesco-massimo-d-alema-pontefice-miglior-leader-sinistra.html>

²⁷ <http://www.elmundo.es/america/2014/01/22/52dfb8a0e2704e994a8b4570.html>

²⁸ <http://avn.info.ve/contenido/venezuela-asume-carta-enc%C3%ADclica-del-papa-francisco-para-construcci%C3%B3n-del-ecosocialismo>

a exclusão e a indiferença em relação aos mais marginalizados”, dizia a mensagem²⁹. Meses depois, na carta de saudação ao Encontro Regional de Movimentos Populares realizado na Califórnia, Francisco elogiou publicamente a PICO, uma das patrocinadoras da reunião³⁰.

Igualmente inquietante é o apoio às iniciativas papais de multimilionárias fundações promotoras de uma agenda abertamente anticristã, bem como a simpatia pelo seu pontificado de líderes e instituições publicamente ligados à Maçonaria. Esse fato surpreendente foi denunciado pelo vaticanista Marco Tosatti em seu blog *Stilum Curiae*, sob o título “O amor extraordinário da Maçonaria pelo Pontífice. Um estudo documenta uma histórica ‘primeira vez’”³¹. Trata-se de um elenco de 62 casos documentados de declarações de maçons notórios em jornais de grande circulação, e de artigos publicados em revistas maçônicas acessíveis ao público contendo elogios ao Papa Francisco, ao seu magistério e às suas atitudes³².

²⁹ <https://spectator.org/the-unholy-alliance-between-george-soros-and-pope-francis/>

³⁰ “Também quero destacar o trabalho da Rede Nacional PICO e das organizações promotoras deste encontro. Soube que PICO significa ‘pessoas melhorando suas comunidades através da organização’. Que boa síntese da missão dos movimentos populares: trabalhar na cercania, junto ao próximo, organizados entre vocês, para levar adiante nossas comunidades” (<http://movimientospopulares.org/es/carta-del-papa-francisco-a-los-movimientos-populares-modesto-california-16-19-feb-2017/>).

³¹ <http://www.marcotosatti.com/2017/04/09/lamore-straordinario-della-massoneria-per-il-pontefice-uno-studio-documenta-una-storica-prima-volta/>

³² Um exemplo expressivo dessa simpatia é o comentário publicado pelo Irmão John Murray Louderback, Primeiro Vigilante da Loja São João n° 9, de Seattle (EUA), no número de outubro de 2015 da revista daquela loja: “Achei o discurso do Papa na sessão conjunta do Congresso [em Washington] de natureza muito maçônica. Ele falou a partir de uma verdade universal e da compreensão do amor de Deus pela terra e pela humanidade. Sua mensagem era não partidária e não sectária. O Papa Francisco compreende que se nós destruímos a mãe terra, nós nos destruímos a nós mesmos. Ele falou diretamente aos líderes do mundo a respeito da interconexão de todas as formas de vida. Ele advogou conosco para encorajar e promover o bem comum de todo o gênero humano. Tudo isso me parece uma mensagem maçônica” (Tosatti, *ibid.* n° 49). Sobre o papel da Maçonaria no processo revolucionário, pode-se ver a encíclica *Humanum Genus*, do Papa Leão XIII (http://w2.vatican.va/content/leo-xiii/pt/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_18840420_humanum-genus.html) e o ensaio *Revolução e*

“Dize-me com quem andas e dir-te-ei que és”, diz o provérbio, baseado na multissecular experiência dos povos. Obviamente, na ausência de outros indícios, ele não pode ser considerado um critério absoluto, sob pena de incorrer em juízo temerário. Mas não há dúvida de que serve de contraprova, em reforço dos indícios positivos existentes. O aplauso dos corifeus da “Modernidade” às declarações e iniciativas do Papa Francisco patenteiam aos olhos do público que o atual ocupante do sôlio pontifício está realmente promovendo uma revolução sem precedentes dentro da Igreja Católica e nas relações desta com o mundo moderno.

É por isso que, como leigos católicos cuja vocação específica é a *consecratio mundi*³³ — ou seja, ordenar as realidades temporais segundo Deus³⁴ —, nós devemos nos perguntar se um católico tem a obrigação de acompanhar essa rota, ou se, pelo contrário, lhe é lícito resistir às orientações e decisões que o impelem nessa direção.

Contra-Revolução (Primeira Parte, Capítulo VI, “6. Os agentes da Revolução: a Maçonaria e as demais forças secretas”).

³³ Pio XII, Discurso aos participantes ao 2º Congresso Mundial do Apostolado dos Leigos, http://w2.vatican.va/content/pius-xii/fr/speeches/1957/documents/hf_p-xii_spe_19571005_apostolato-laici.html.

³⁴ Concílio Vaticano II, Constituição dogmática *Lumen Gentium*, n° 31 http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html.

Capítulo 10

Liceidade da resistência

Diante desta situação geral, é lícito não apenas ficar perplexo, mas até resistir, segundo o modelo ensinado por São Paulo (Gal 2, 11). Não se trata de pôr em discussão a autoridade pontifícia — perante a qual nosso amor e nossa veneração não devem senão crescer —, mas é o próprio amor ao Papado que deve nos levar à resistência a gestos, declarações e estratégias político-pastorais que contrastam com o depositum fidei e a Tradição da Igreja. Se é verdade que nenhuma heresia pode ser ensinada infalivelmente pelos Papas, também é verdade que um Papa pode errar se não fizer uso do carisma da infalibilidade ou abordar uma questão não coberta por esse carisma. E, nesse caso, por amor à verdade e à Igreja, os fiéis podem e devem resistir.

Todo fiel que ama verdadeiramente a Igreja é levado a ter grande respeito e afeição pelo Papado, pela Sagrada Hierarquia e pelo magistério eclesiástico. Essa ligação espiritual o leva a achar inimaginável ou, pelo menos, a admitir dificilmente que a Igreja possa alguma vez errar, mesmo em assuntos disciplinares. Essa atitude psicológica se viu reforçada pelo renovado prestígio que o Papado adquiriu com a proclamação dos dogmas da primazia de jurisdição do Sucessor de Pedro e da infalibilidade pontifícia, na Constituição *Pastor Aeternus* do Concílio Vaticano I, promulgada pelo Beato Pio IX.

Ao longo do século XX, porém, e de modo mais pronunciado na crise que se manifestou principalmente a partir do Concílio Vaticano II — cujos episódios mais notórios consistiram na revolta de prelados e teólogos progressistas contra documentos pontifícios de teor tradicional, como as encíclicas *Humanae vitae* e *Veritatis Splendor* —, uma posição errada começou a se esgueirar na atitude de alguns dos melhores católicos conservadores. Tal posição consistia em criticar os progressistas, não tanto por se afastarem do ensino tradicional, mas por atacarem o magistério do Papa reinante; de maneira que, no subconsciente dos que assim agiam, a regra da ortodoxia deixou de ser primordialmente a concordância com o

ensino das Sagradas Escrituras e da Tradição, passando a ser a concordância com o magistério mais recente, como se este fosse a regra máxima da fé.

Esse desvio, chamado por alguns de “magisterialismo”¹, desembocou inevitavelmente numa forma de positivismo magisterial muito parecida com o positivismo legal. Assim como este último sustenta que a lei é lei não por ser justa, mas por ter sido promulgada pela autoridade competente, o positivismo magisterial afirma que, por ser o magistério atual a regra suprema, tem de ser verdadeiro tudo quanto afirmem o Papa de turno e os bispos que o seguem².

As novidades magisteriais implícitas na mudança de paradigma promovida pelo Papa Francisco deram origem a esta situação paradoxal: enquanto os conservadores afetados pelo “magisterialismo” ficaram paralisados ante a perspectiva de terem que discordar do Papa reinante, os antigos rebeldes se transformaram em corifeus do magistério papal.

De fato, segundo prelados, teólogos e intelectuais favoráveis ao *ralliement* da Igreja com Modernidade — ou seja, com a Revolução anticristã —, os fiéis católicos seriam obrigados em consciência a acompanhar o rumo que o Papa Francisco vem imprimindo à Igreja, e julgam que não seria lícito discordar de seus ensinamentos ou resistir às suas orientações e decisões nessa direção.

Sintomático disso é o fato — relativamente à controvérsia sobre a comunhão para os divorciados recasados — de figuras representativas da corrente progressista e de outras próximas do Papa Francisco terem alegado que sua clara mudança de orientação seria o resultado de uma ação direta do Espírito Santo, e que, portanto, recusá-la equivaleria a opor-se aos desígnios de Deus.

¹ Pe. Chad Ripperger, “Operative point of view”, *Christian Order*, março de 2001 (http://www.christianorder.com/features/features_2001/features_mar01.html).

² Esse positivismo magisterial foi em parte favorecido pelo costume dos Papas do pós-Concílio Vaticano II de apoiar preferentemente seus ensinamentos, além das Sagradas Escrituras, nos textos desse Concílio e em documentos magisteriais pós-conciliares. O Papa Francisco levou ao extremo essa prática da auto-referenciamento citando de preferencia seu próprio magistério.

É mesmo preferível “enganar-se com o Papa a ter razão contra ele”?

O caso mais expressivo é o de Mons. Pio Vito Pinto, decano da Rota Romana, o qual, em entrevista para *Religión Confidencial*, declarou que as pessoas que exprimem dúvidas em relação à *Amoris laetitia* estão questionando “dois sínodos de bispos sobre o matrimônio e a família. Não um sínodo, mas dois! Um ordinário e outro extraordinário. **Não se pode duvidar da ação do Espírito Santo**”, concluiu ele³. Daí que, para essa corrente progressista, a oposição a tais reformas não pode provir senão do egocentrismo⁴, da defesa egoística de antigos privilégios⁵ ou simplesmente do medo de sair da rotina por temor da mudança⁶.

³ http://www.religionconfidencial.com/vaticano/Decano-Rota-Romana-Papa-cardenalato_0_2828717124.html

⁴ O cardeal Donald Wuerl, arcebispo de Washington, escreveu no seu blog pessoal o que segue: “Uma das coisas que aprendi em todos esses anos, a partir daqueles primeiros ingênuos dias de 1961 [seus anos de seminário], é que, avaliando mais atentamente, encontra-se um fio comum que atravessa todos esses dissidentes. **Eles estão em desacordo com o Papa porque ele não está de acordo com eles e não segue as suas posições.** O dissenso talvez seja algo que teremos sempre, deplorável enquanto tal, mas teremos também sempre Pedro e seu sucessor como uma rocha e pedra de toque da nossa fé e da nossa unidade” (<http://cardinalsblog.adw.org/2015/02/pope-touchstone-faith-unity/>).

⁵ O cardeal Oscar Rodríguez Maradiaga, coordenador do Conselho que orienta o Papa na reforma da Cúria, referindo-se nominalmente ao cardeal Burke, escreveu no prefácio de um recente livro-entrevista: “O cardeal que sustenta isso é um homem decepcionado, que queria o poder e o perdeu. Ele achava que era a autoridade máxima nos Estados Unidos” (<http://www.ilsussidiario.net/News/Cronaca/2017/5/19/SCONTRO-SU-PAPA-FRANCESCO-Card-Maradiaga-Burke-pover-uomo-in-conclave-lobby-anti-Bergoglio-/765004/>).

⁶ O cardeal Donald Wuerl, questionado pela revista dos jesuítas dos Estados Unidos sobre qual seria o motivo da oposição ao Papa Francisco, respondeu: “Penso que ela surge em vários níveis. Surge quando o Santo Padre considera uma estrutura que inclui todas as instituições que fazem parte da Santa Sé, como a Secretaria de Estado, dicastérios, congregações, e pergunta se isso não deveria ser analisado para ver se está realmente funcionando como deveria. Assim que se toca num desses, se mexe em interesses pessoais, então haverá sempre alguma oposição, por causa do instinto natural de dizer ‘sempre foi feito assim, para que precisa mudar?’ [...] Há também alguns que, acho eu, se sentem muito desconfortáveis; tudo era garantido e seguro e agora está sendo questionado. Pede-se a eles para olhar a maneira como

Isso leva os paladinos da corrente progressista a exigir uma adesão total ao novo magistério, sem fazer as devidas distinções entre os diferentes graus de solemnidade dos ensinamentos pontifícios e do assentimento devido aos mesmos. Por exemplo, em uma entrevista para a revista jesuíta dos Estados Unidos, o cardeal Donald Wuerl, falando dos opositores da linha seguida pelo atual pontífice, afirmou: “A Igreja ‘com e sob Pedro’ vai adiante. Sempre há gente que está descontente com algo que acontece na Igreja, mas a pedra de toque do catolicismo autêntico é a **adesão ao ensinamento do Papa**. A roca é Pedro, a pedra de toque é Pedro e, como diz o Santo Padre, é a garantia da unidade. [...] Eles [os Papas] são a pedra de toque da autenticidade da fé”⁷.

Criticando explicitamente um dos cardeais signatários dos *dubia* sobre a interpretação da *Amoris laetitia*, o cardeal Oscar Rodríguez Maradiaga, arcebispo de Tegucigalpa e secretário do Conselho dos Nove para a reforma da Cúria, no livro que lançou em 2017 na Itália, chegou a identificar a pessoa do Papa com o magistério da Igreja: “Ele [o cardeal Burke] não é o magistério: **o Santo Padre é o magistério**, e é este quem ensina a toda a Igreja. Esse outro exprime somente suas próprias ideias, que não merecem mais comentário. São apenas palavras de um pobre homem” [sic!]. E acrescentou, sem as devidas distinções, no parágrafo final: “Os cardeais ‘papáveis’ que [os conservadores] queriam ficaram ali mesmo, enquanto **aquele que o Senhor quis é o que foi eleito**”⁸; logo, o dissenso é lógico

estão fazendo as coisas rotineiras e Francisco lhes pede para verificar se essa é realmente a melhor maneira de fazer”.

(<https://www.americamagazine.org/faith/2017/03/06/cardinal-wuerl-pope-francis-has-reconnected-church-vatican-ii>)

⁷ <https://www.americamagazine.org/content/dispatches/cardinal-wuerl-calls-out-popes-opponents>

⁸ Em 1997, perguntado pela televisão bávara se é o Espírito Santo que elege o Papa, o então cardeal Ratzinger respondeu: “Eu não diria isso, no sentido de que é o Espírito Santo que escolhe o Papa. [...] Eu diria que o Espírito Santo não toma exatamente controle do assunto, mas como um bom educador, por assim dizer, nos deixa muito espaço, muita liberdade, sem nos abandonar inteiramente. Logo, o papel do Espírito Santo deveria ser entendido em um sentido muito mais elástico, não que Ele dite o candidato pelo qual se deve votar. Provavelmente a única segurança que Ele oferece é de que a coisa não pode ser inteiramente desastrosa”. (<http://ideas.time.com/2013/03/11/does-the-holy-spirit-choose-the-pope/>). No caso específico da eleição do cardeal Jorge Mario Bergoglio, as revelações de Jürgen Mettepenningen e Karim Schelkens na sua biografia sobre o cardeal Godfried Daneels tornaram manifesta a existência de uma autodenominada “máfia de Sankt Gallen” no conclave de 2013, e de que houve forte

e compreensível, [porque] não podemos todos pensar do mesmo jeito; todavia, é Pedro quem guia a Igreja e, portanto, se temos fé devemos respeitar as escolhas e os estilos do Papa vindo do ‘fim do mundo’. [...] Se alegam encontrar uma ‘heresia’ nas palavras de **Francisco**, estão cometendo um grande erro, porque estão pensando somente como homens e **não como o Senhor quer**. [...]”.

O cardeal Maradiaga conclui o prefácio de seu livro dizendo que é preciso uma lealdade incondicional ao ocupante da cátedra de Pedro: “Antes se chamava Bento, antes disso se chamava João Paulo II, e assim por diante. O que Jesus me pede é ser leal a Pedro. Quem não faz isso procura apenas popularidade”⁹.

O ex-presidente da diminuta Conferência Episcopal da Grécia — o capuchinho Dom Fragkiskos Papamanolis, bispo emérito di Syros, Santorini e Creta —, chegou a afirmar que os cardeais que apresentaram os *dubia*, além do pecado de escândalo, cometeram “o **pecado de heresia** (e de apostasia? Assim, de fato, começam os cismas na Igreja)”. E acrescentou: “Fica claro no vosso documento que na prática **não acreditais na suprema autoridade magisterial do papa**, reforçada por dois sínodos de bispos provenientes de todo o mundo. Vê-se que **o Espírito Santo inspira somente vós, e não o Vigário de Cristo** e nem sequer os bispos reunidos em Sínodo”¹⁰.

interferência de fatores muito humanos e dificilmente associáveis ao Espírito Santo. Eis o que esse respeito disse Karim Schelkens em uma entrevista de imprensa: “A eleição de Bergoglio foi preparada em Sankt-Gallen, sem nenhuma dúvida. E as principais linhas do programa que o Papa está levando adiante são as que Daneels e Cia. começaram a discutir mais de dez anos atrás” (<http://www.knack.be/nieuws/mensen/godfried-danneels-was-al-jaren-in-de-weer-als-king-maker-van-paus-franciscus/article-longread-607599.html>). Posteriormente, os jornalistas esclareceram que tinham dito apenas que “a eleição de Bergoglio correspondia aos objetivos de Sank-Gallen”

(<http://www.ncregister.com/blog/edward-pentin/st.-gallen-group-not-a-lobby-group-say-authors>).

⁹ Oscar A. Rodriguez Maradiaga e Antonio Carriero, *Solo il Vangelo è rivoluzionario: La Chiesa di oggi e quella di domani nelle riforme di Francesco*, <http://www.ilsussidiario.net/News/Cronaca/2017/5/19/SCONTRO-SU-PAPA-FRANCESCO-Card-Maradiaga-Burke-pover-uomo-in-conclave-lobby-anti-Bergoglio-/765004/>

¹⁰ <http://www.settimananews.it/vescovi/lettera-aperta-ai-4-cardinali/>

Até em uma matéria tão contingente como a da imigração não seria aparentemente lícito dissentir do Papa Francisco. O jornalista Laurent Dandrieu conta em seu já citado livro o expressivo caso do sacerdote e capelão militar Christian Venard, que após as surpreendentes declarações papais identificando a violência islâmica com a suposta violência católica, escreveu um primeiro artigo intitulado “O Papa Francisco e a ‘violência católica’: estupefação, reflexão e reverência”¹¹, mas que, na semana seguinte, se viu obrigado a escrever um segundo artigo com o título “Prefiro enganar-me com o Papa a ter razão contra ele” e o subtítulo “Da necessidade de seguir o Santo Padre em qualquer circunstância”¹², excetuando depois, no corpo do artigo, apenas o pecado.

Outro exemplo de promoção de uma aceitação incondicional foi fornecido pelo teólogo Ashley Beck, professor de doutrina social da Igreja na Universidade St. Mary’s, no sudeste de Londres, a respeito da *Laudato Si*: “Enquanto a Igreja permite pontos de vista divergentes em alguns assuntos (*Laudato Si*, 61), **não somos livres de dissentir dos ensinamentos dessa encíclica**, do mesmo modo como não somos livres de dissentir do ensinamento católico sobre outros assuntos morais”¹³.

¹¹ <https://fr.aleteia.org/2016/08/02/le-pape-francois-et-la-violence-catholique-stupefaction-reflexion-et-reverence/>

¹² <https://fr.aleteia.org/2016/08/12/je-prefere-me-tromper-en-suivant-le-pape-que-davoir-raison-contre-lui/>

Levando essa posição até o seu extremo, o sociólogo Massimo Introvigne, em um dossiê sobre “A realidade do fundamentalismo católico”, condenou o fato de o Instituto Plínio Corrêa de Oliveira ter publicado uma análise crítica da *Amoris laetitia* na qual reconhece que a exortação é parte do magistério autêntico não infalível, mas lhe recusa o assentimento naquelas afirmações dissonantes da doutrina católica, o que, segundo o sociólogo, jogaria a entidade no campo do “fundamentalismo”. E qual seria o erro principal desse suposto fundamentalismo? É que “Jesus não escreveu livros, não deixou nada escrito, à diferença de outros fundadores de religiões. [...] Maomé deixou o Livro a ser seguido, Jesus deixou a Igreja: ‘Quem a vós escuta, a Mim escuta’ (Luc 10, 13). Ele deixou pessoas. Que se podiam e podem encontrar. Por isso, fico sabendo se sou católico caso eu siga a pessoa do Papa, não um texto hipotético mais ou menos fossilizado”, identificado com a Tradição (*La realtà del fondamentalismo cattolico*, in <http://www.lanuovaeuropa.org/articoli/dossier/la-realt%C3%A0-del-fondamentalismo-cattolico>).

¹³ <http://www.catholicerald.co.uk/commentandblogs/2015/06/19/no-catholic-is-free-to-dissent-from-the-teaching-of-laudato-si/>

O que pensar dessas avaliações? São elas doutrinariamente aceitáveis e factu-almente objetivas e justas? É mesmo melhor, como disse o capelão militar fran-cês, “enganar-se com o Papa a ter razão contra ele”? Pede porventura o Espírito Santo que renunciemos à nossa razão? Ou que, pelo contrário, permaneçamos fi-éis às verdades perenes e imutáveis da fé católica, nutrindo-nos para isso com o *sensus fidei* para que possamos, se necessário, resistir às autoridades eclesiásti-cas?

O Espírito Santo não foi prometido para pregar uma nova doutrina

Não é preciso possuir um conhecimento especializado de eclesiologia para compreender que a autoridade e a infalibilidade papais têm limites e que o dever de obediência não é absoluto. Essa posição equilibrada pode ser sintetizada nas seguintes verdades, que fazem parte do patrimônio intelectual e espiritual de todo católico bem formado:

Pela fé sabemos que, por vontade expressa do mesmo Jesus Cristo, o Papa é a cabeça da Igreja visível enquanto sucessor de Pedro a quem foram dadas as cha-ves do Reino, o que explica não somente todo o nosso amor por ele (“o doce Cristo na terra”, como dizia Santa Catarina de Siena), mas também a obediência aos seus ensinamentos e decisões enquanto Doutor e Pastor universal do rebanho de Cristo. Mas, como lembrou oportuna e concisamente Dom Athanasius Schneider, bispo-auxiliar de Astana, em uma entrevista ao portal católico *Rorate Coeli*, “a Igreja não é propriedade privada do Papa. O Papa não pode dizer: ‘Eu sou a Igreja’, como fez o rei da França Luís XIV, que disse: ‘*L’État, c’est moi !*’ [O Estado sou eu!] **O Papa é somente o Vigário, não o sucessor de Cristo**”¹⁴.

De fato, o Papa — cujo ministério supremo é o de “confirmar seus irmãos” na fé (*Lc 22, 32*) — é o primeiro a dever custodiar, interpretar e anunciar ao mundo a Palavra de Cristo, sem nada ajuntar nem tirar (*Dt 4, 2*). Como disse o apóstolo São Paulo, “ainda que alguém — nós ou um anjo baixado do céu — vos anunci-

¹⁴ <http://adelantelafe.com/exclusiva-rorate-caeli-entrevista-al-obispo-athanasius-schneider-fsspx-la-mujer-y-el-lavado-de-pies-consagracion-de-rusia-obispos-antipastorales-y-mucho-mas/>

asse um evangelho diferente do que vos temos anunciado, que ele seja anátema” (*Gal* 1, 8). Por isso, no próprio preâmbulo da constituição *Pastor Aeternus*, que define a infalibilidade pontifícia, o Concílio Vaticano I declara solenemente que “o Espírito Santo não foi prometido aos sucessores de São Pedro para que estes, sob a revelação do mesmo, **pregassem uma nova doutrina, mas para que, com a sua assistência, conservassem santamente e expusessem fielmente o depósito da fé**, ou seja, a revelação herdada dos Apóstolos”¹⁵.

Não há dúvida de que o sopro do Espírito Santo “renova a face da terra” (*Sal* 103, 30) e conduz a Igreja à plenitude da verdade (*Jo* 16, 13), servindo-se do seu magistério vivo — e especialmente do magistério pontifício — para mediar e atualizar o ensinamento divino imutável. Mas Ele o faz, não no sentido de ensinar verdades novas, mas no sentido de aprofundar melhor essas mesmas palavras reveladas que não passam (*Mt* 24, 35). O magistério, portanto, não contém e não propõe nenhuma novidade, mas reitera e aprofunda de uma maneira nova a mesma verdade contida nas Escrituras e na Tradição: *non nova sed nove*. Por isso, no exercício do magistério deve estar ausente a menor sombra de contradição entre verdades antigas e novas, uma vez que as verdades contidas no depósito da fé são imutáveis e o progresso na sua compreensão deve ser “no mesmo sentido, segundo uma mesma interpretação” (Comonitório de São Vicente de Lérins, 23)¹⁶. A verdade católica não subsistiria, não haveria verdadeira Tradição, se houvesse contradição entre um ensinamento ou disciplina nova e um ensinamento ou disciplina imemorial¹⁷.

¹⁵ <http://www.veritatis.com.br/constituicao-dogmatica-pastor-aeternus-18-07-1870/>

¹⁶ “Talvez alguém diga: então nenhum progresso da religião é possível na Igreja de Cristo? Certamente que deve haver progresso, e grandíssimo! Quem poderá ser tão hostil aos homens e tão contrário a Deus para tentar impedi-lo? Mas sob a condição de que se trate verdadeiramente de progresso pela fé, não de modificação. É característica de toda forma de progresso a inteligência, o conhecimento, a sabedoria — tanto da coletividade como do indivíduo — de toda a Igreja, segundo as idades e os séculos; com tal que isso suceda exatamente segundo a sua natureza peculiar, **no mesmo dogma, no mesmo sentido, segundo uma mesma interpretação**” (<https://fr.scribd.com/document/42014484/Commonitorium-Sao-Vicente-de-Lerins>).

¹⁷ Por isso é absurda a alegação do atual Prepósito Geral da Companhia de Jesus, Pe. Sosa Abascal, de que é preciso “contextualizar” as palavras de Jesus a respeito da indissolubilidade do casamento, uma vez que “naquele tempo ninguém tinha um gravador para registrar as

Há ocasiões em que é legítimo suspender prudencialmente o assentimento

A infalibilidade do ensino — ou seja, a não contradição com o depósito da fé confiado à Igreja — foi garantida à Igreja unicamente em duas situações bem precisas: a) nas declarações solenes (*ex cathedra*) do Papa ou de um concílio reunido e aprovado pelo Papa; e b) no ensinamento ordinário universal dos bispos em união com o Papa¹⁸, ou seja, naquilo que foi ensinado “em todas as partes, sempre e por todos”¹⁹. Logo, os ensinamentos do magistério quotidiano ou autêntico que não gozam de nenhuma antiguidade e trazem novidades não estão revestidos do carisma da infalibilidade e, portanto, não constituem regra próxima da fé (a qual não admite nenhuma dúvida). A eles deve ser dado não um assenti-

palavras”, porque desde os primórdios da Igreja tais palavras de Nosso Senhor foram aceitas “no mesmo sentido, segundo uma mesma interpretação”.

(<http://www.rossoporpora.org/rubriche/interviste-a-personalita/672-gesuiti-padre-sosa-parole-di-gesu-da-contestualizzare.html>).

¹⁸ Constituição *Dei Filius* do Concílio Vaticano I: “Deve-se, pois, crer com fé divina e católica tudo o que está contido na palavra divina escrita ou transmitida pela Tradição, bem como tudo o que a Igreja, **quer em declaração solene, quer pelo Magistério ordinário e universal**, nos propõe a crer como revelado por Deus” (<http://www.veritatis.com.br/constituicao-dogmatica-dei-filius-24-04-1870/>).

¹⁹ Comonitório de São Vicente de Lérins: “É, pois, sumamente necessário, ante as múltiplas e arreesadas tortuosidades do erro, que a interpretação dos Profetas e dos Apóstolos se faça seguindo a pauta do sentir católico. Na Igreja Católica deve-se ter maior cuidado para manter aquilo em que se crê em todos os lugares, sempre e por todos. Isto é o verdadeiro e propriamente católico, segundo a ideia de universalidade que se encerra na mesma etimologia da palavra. Mas isto se conseguirá se nós seguirmos a universalidade, a antiguidade e o consenso geral. Seguiremos a universalidade se confessarmos como verdadeira e única fé a que a Igreja inteira professa em todo o mundo; a antiguidade, se não nos separarmos de nenhuma forma dos sentimentos que notoriamente proclamaram nossos santos predecessores e pais; o consenso geral, por fim, se, nesta mesma antiguidade, abraçarmos as definições e as doutrinas de todos, ou de quase todos, os Bispos e Mestres” (*ibid*).

mento de fé, mas apenas um assentimento religioso da inteligência e da vontade²⁰.

Ora, quando aparece claramente uma contradição entre uma novidade magisterial e o ensino tradicional – ou quando um ensinamento ou uma prescrição são claramente contrárias à razão (como na questão da imigração ou da agenda ecológica radical) – **não é obrigatório “errar com o Papa”²¹, sendo perfeitamente legítimo suspender prudencialmente o assentimento²² e até mesmo fazer-lhe uma “correção fraterna”²³**. Vale para o magistério pontifício ou para os gestos

²⁰ Ao magistério ordinário do Romano Pontífice — diz o conceituado teólogo jesuíta Domenico Palmieri (1829-1909) — “é devido, em segundo lugar, também certo assentimento religioso, quando não há nada que leve (*suadeat*) prudentemente a uma suspensão do assentimento. Explico os termos. Não dizemos que é devido um assentimento de fé católica, pois uma doutrina a ser professada (*tenenda*) não é proposta aqui pela Igreja. Não dizemos que é devido o assentimento formal de fé divina, pois esse assentimento é devido à proposição infalível que consta ser tal e, na nossa hipótese, tal proposição não existe. Não dizemos que se trata de assentimento metafisicamente certo, pois não existindo a certeza da infalibilidade, não aparece, por isso mesmo, como impossível o erro e, assim, vê-se que o oposto pode ser verdadeiro. Existindo tal conhecimento, não pode haver lugar para a certeza metafísica. Dizemos, então, que **o assentimento é moralmente certo e se, conseqüentemente, aparecem motivos** — sejam verdadeiros, sejam falsos, mas oriundos de um erro inculpável — **que levem a concluir de outro modo (quanto à matéria ensinada), dizemos que não é devido o assentimento**, dado que, nessas circunstâncias, **a vontade não age imprudentemente ao suspender o assentimento** (<https://scutumfidei.org/2013/02/20/assentimento-ao-magisterio-parte-final-doutrina-comum-dos-teologos-e-bibliografia/>)

²¹ No artigo “Pode haver erro em documento do Magistério pontifício ou conciliar?” (*Catolicismo*, julho de 1969), Arnaldo V. Xavier da Silveira, baseado nos melhores teólogos, demonstra a tese de que “num documento papal pode haver erro pelo fato de não preencher as quatro condições da infalibilidade”, e acrescenta que “o simples fato de se dividirem os documentos do Magistério em infalíveis e não infalíveis, deixa aberta, em tese, a possibilidade de erro em algum dos não infalíveis”.

²² Ver texto de Domenico Palmieri, na nota n° 20 logo acima.

²³ Em entrevista ao *National Catholic Register*, já citada, o cardeal Raymond Burke declarou: “Há, na Tradição da Igreja, a prática da correção do Romano Pontífice. É algo que é claramente incomum. Mas, se não há resposta a essas questões [os *dubia*], então eu diria que se trataria de fazer um ato formal de correção por um grave erro. [...] É a obrigação nesses casos, e historicamente tem acontecido, que cardeais e bispos tornem claro que o Papa está ensinando um erro e lhe peçam para corrigi-lo” (<http://www.ncregister.com/daily-news/cardinal-burke-on-amoris-laetitia-dubia-tremendous-division-warrants-action>). O Prof. Roberto de Mattei relembra em um artigo que, além das honras e dos privilégios, os cardeais têm obrigações precisas, e

ou atitudes do Papa aquilo que Mons. Brunero Gherardini, por muitos anos decano da faculdade de Teologia da Universidade Lateranense, afirmou, com sua profundidade habitual, a respeito do magistério da Igreja em geral: “O Magistério não é uma super-igreja que imporia seus juízos e comportamentos à própria Igreja, nem uma casta privilegiada acima do povo de Deus, uma espécie de poder forte ao qual se deveria obedecer e ponto final. (...) Muito frequentemente se faz do instrumento um valor em si [independente], e se recorre a ele para cortar toda discussão desde sua origem, como se ele estivesse acima da Igreja e como se não houvesse diante de si o peso enorme da Tradição a acolher, interpretar e retransmitir em sua integridade e fidelidade”²⁴.

A resistência pública aos ensinamentos errados é legítima

Mais ainda, em casos graves é legítimo resistir publicamente aos pastores — e até mesmo ao Pastor Supremo —, quando a resistência privada ou o simples silêncio obsequioso não for suficiente para que os fiéis permaneçam fortes na fé (*I P* 5, 9); para a salvaguarda da fé da Igreja, ou ainda para a defesa do pouco que resta de cristão nos países em que os fiéis são cidadãos.

que “entre esses deveres figura o de corrigir fraternalmente o Papa quando ele comete erros no governo da Igreja, como aconteceu em 1813, quando Pio VII firmou com Napoleão o Tratado de Fontainebleau, ou em 1934, quando o cardeal-decano Gennaro Granito di Belmonte admoestou Pio XI, em nome do Sacro Colégio, pelo uso desconsiderado que fazia das finanças da Santa Sé” (*I doveri irrinunciabili dei cardinali di Santa Romana Chiesa*, <https://www.corrispondenzaromana.it/i-doveri-irrinunciabili-dei-cardinali-di-santa-romana-chiesa/>).

²⁴ <http://disputationes-theologicae.blogspot.fr/2011/12/mons-gherardini-sullimportanza-e-i.html>. O perigo dessa “instrumentalização” do magistério para fazer passar as novidades foi previsto de antemão por outro expoente da “escola romana”, Mons. Pietro Parente, depois cardeal, em artigo de 10 de fevereiro de 1942, publicado pelo *Osservatore Romano*, no qual denunciava “a estranha identificação da Tradição (fonte de Revelação) com o Magistério vivo da Igreja (guardião e intérprete da Divina Palavra)”. De fato, se a Tradição e o Magistério são a mesma coisa, a Tradição deixa de ser um depósito imutável da fé e passa a variar conforme o ensinamento do Papa reinante.

(<https://www.radiospada.org/2013/10/allorigine-di-un-equivoco-scrittura-tradizione-chiesa-magistero/>)

São numerosos os tratadistas do melhor quilate que reconhecem explicitamente a legitimidade da resistência pública às decisões ou ensinamentos errados dos pastores, inclusive do Soberano Pontífice. Eles foram amplamente citados no estudo de Arnaldo Xavier da Silveira intitulado “Resistência pública a decisões da autoridade eclesiástica” e publicado pela revista *Catolicismo* em agosto de 1969²⁵. O primeiro desses grandes autores citados é o próprio Santo Tomás de Aquino²⁶, seguido de São Roberto Bellarmino²⁷, Suárez²⁸, Vitória²⁹, Cornélio A Lápide³⁰, Werns-Vidal³¹ e Peinador³².

²⁵ http://permanencia.org.br/drupal/node/994#footnoteref34_1b0sm88

²⁶ "**Havendo perigo próximo para a fé, os prelados devem ser arguidos, até mesmo publicamente, pelos súditos.** Assim, São Paulo, que era súdito de São Pedro, arguiu-o publicamente, em razão de um perigo iminente de escândalo em matéria de Fé. E, como diz a Glosa de Santo Agostinho, "o próprio São Pedro deu o exemplo aos que governam, a fim de que estes, afastando-se alguma vez do bom caminho, não recusassem como indigna uma correção vinda mesmo de seus súditos" (ad Gal 2, 14)" (*Summa* II-II, q. 33, a. 4, s. 2).

Ao estudar o episódio em que São Paulo resistiu em face a São Pedro, assim escreve Santo Tomás: “A repreensão foi justa e útil, e o seu motivo não foi leve: tratava-se de um perigo para a preservação da verdade evangélica [...]. **O modo como se deu a repreensão foi conveniente, pois foi público e manifesto.** Por isso, São Paulo escreve: ‘Falei a Cefas’, isto é, a Pedro, ‘diante de todos’, pois a simulação praticada por São Pedro acarretava perigo para todos. — Em 1 Tm 5, 20, lemos: ‘Aos que pecarem, repreende-os diante de todos’. Isso se há de entender dos pecados manifestos, e não dos ocultos, pois nestes últimos deve-se proceder segundo a ordem própria da correção fraterna” (*ad Gal.*, 2, 11-14, lect. III. nn. 83-84).

“Aos prelados (foi dado exemplo) de humildade, para que não se recusem a aceitar repreensões da parte de seus inferiores e súditos; e aos súditos (foi dado) exemplo de zelo e liberdade, para que não receiem corrigir seus prelados, sobretudo quando o crime for publico e redundar em perigo para muitos” (*ad Gal.*, 2, 11-14, lect. III, n.77).

²⁷ “Assim como é lícito resistir ao Pontífice que agride o corpo, assim também é lícito resistir ao que agride as almas, ou que perturba a ordem civil, ou sobretudo, àquele que tentasse destruir a Igreja. Digo que é lícito resistir-lhe não fazendo o que ordena e impedindo a execução de sua vontade; não é lícito, contudo, julgá-lo, puni-lo ou depô-lo, pois estes atos são próprios a um superior” (*De Rom. Pont.*, lib. II, c. 29).

²⁸ “Se (o Papa) baixar uma ordem contrária aos bons costumes, **não se há de obedecer-lhe**; se tentar fazer algo manifestamente oposto à justiça e ao bem comum, **será lícito resistir-lhe**; se atacar pela força, pela força poderá ser repellido, com a moderação própria à defesa justa (*cum moderamine inculpatæ tutelæ*)” (*De Fide*, disp. I, sect. VI, n. 16).

²⁹ “Caietano, na mesma obra em que defende a superioridade do Papa sobre o Concílio, diz no cap. 27: ‘Logo, **deve-se resistir em face ao Papa que publicamente destrói a Igreja**, por exemplo, não querendo dar benefícios eclesiásticos senão por dinheiro ou em troca de

serviços; e se há de negar, com toda a obediência e respeito, a posse de tais benefícios àqueles que os compraram’.

“E Silvestre (Prierias), na palavra Papa, § 4, pergunta: ‘Que se há de fazer quando o Papa, por seus maus costumes, destrói a Igreja?’ E no § 15: ‘Que fazer se o Papa quisesse, sem razão, ab-rogar o Direito positivo?’ A isso responde: ‘Pecaria certamente; **não se deveria permitir-lhe agir assim, nem se deveria obedecer-lhe no que fosse mau; mas dever-se-ia resistir-lhe por uma repreensão cortês**’.

“Em consequência, se desejasse entregar todo o tesouro da Igreja ou o patrimônio de São Pedro a seus parentes, se desejasse destruir a Igreja, ou outras coisas semelhantes, **não se lhe deveria permitir que agisse de tal forma, mas ter-se-ia a obrigação de opor-lhe resistência**. A razão disso está em que ele não tem poder para destruir; logo, constando que o faz, é lícito resistir-lhe.

“De tudo isto resulta que, se o Papa, com suas ordens e atos, destrói a Igreja, **pode-se resistir-lhe e impedir a execução de seus mandatos** [...]”

“Segunda prova da tese. Por direito natural é lícito repelir a violência pela violência. Ora, com tais ordens e dispensas, **o Papa exerce violência**, porque age contra o Direito, conforme ficou acima provado. **Logo, é lícito resistir-lhe**. Como observa Caietano, não afirmamos tudo isto no sentido de que a alguém caiba ser juiz do Papa ou ter autoridade sobre ele, mas no sentido de que é lícito defender-se. A qualquer um, com efeito, assiste o direito de resistir a um ato injusto, de procurar impedi-lo e de defender-se” (*Obras de Francisco de Vitoria*, pp. 486-487).

³⁰ “Que os superiores podem ser repreendidos, com humildade e caridade, pelos inferiores, a fim de que a verdade seja defendida, é o que declaram, com base nesta passagem (Gal 2, 11), Santo Agostinho (*Epist.* 19), São Cipriano, São Gregório, São Tomás e outros acima citados. Eles claramente ensinam que São Pedro, sendo superior, foi repreendido por São Paulo [...]. Com razão, pois, disse São Gregório (*Homil. 18 in Ezech.*): ‘Pedro calou-se a fim de que, sendo o primeiro na hierarquia apostólica, fosse também o primeiro em humildade’. E Santo Agostinho escreveu (*Epist. 19 ad Hieronymum*): ‘Ensinando que os superiores não recusem deixar-se repreender pelos inferiores, São Pedro deu à posteridade um exemplo mais incomum e mais santo do que deu São Paulo ao ensinar que, na defesa da verdade, e com caridade, **aos menores é dado ter a audácia de resistir sem temor aos maiores**’ ” (*ad Gal.*, 2, 11).

³¹ “Os meios justos a serem empregados contra um mau Papa são, segundo Suárez (*Defensio Fidei Catholicae*, lib. IV, cap. 6, nn. 17-18), o auxílio mais abundante da graça de Deus, a especial proteção do Anjo da guarda, a oração da Igreja Universal, **a advertência ou correção fraterna em segredo ou mesmo em público, bem como a legítima defesa contra uma agressão quer física quer moral**” (*Ius can.*, vol. II, p. 436).

³² “‘Também o súdito pode estar obrigado à correção fraterna de seu superior’ (*S. T.* II-II, 33, 4). Pois também o superior pode ser espiritualmente indigente, e nada impede que de tal indigência seja libertado pelo súdito. Todavia, ‘na correção pela qual os súditos repreen-

Analisando as passagens em que certos tratadistas parecem legitimar apenas o silêncio obsequioso, mas não a resistência pública, o estudo citado mostra que tais autores tratam de casos ordinários, mas não dos casos extraordinários nos quais há um “perigo próximo para a fé” do povo cristão (Santo Tomás), uma manifesta “agressão às almas” (São Roberto Bellarmino) ou um “escândalo público” (Cornélio A Lápide). “Sustentar o contrário seria desconhecer o papel fundamental da Fé na vida cristã”, conclui A. Xavier da Silveira, em cuja opinião isso é válido tanto para os ensinamentos doutrinários quanto para as decisões disciplinares.

O direito a seguir a via da fidelidade ao Evangelho em matéria de fé e de moral e, em matéria contingente, a liberdade de consciência de seguir as próprias convicções (baseadas nas análises da própria razão) são tanto mais impreteríveis quanto a mudança de paradigma da Igreja — promovida pelo Papa Francisco e descrita neste trabalho — abre as portas à penetração torrencial dos erros da Revolução anticristã na Igreja.

O anteriormente visto importa em submeter a uma coação a consciência bem formada de milhões de católicos, os quais se veem impelidos pelas mais altas autoridades da Igreja Católica a aceitar:

- * uma nova fé que não corresponde, em alguns pontos essenciais, aos ensinamentos perenes de Nosso Senhor Jesus Cristo;

- * os erros da filosofia agnóstica e relativista da assim chamada *Modernidade* e da Revolução anticristã que constitui o seu cerne; e

- * soluções políticas e socioeconômicas, ou hipóteses científicas que não correspondem às conclusões às quais se chega após estudo e uma reflexão madura e objetiva.

Essa coação sobre as almas é ainda redobrada pelo fato de o Papa Francisco procurar amiúde desqualificar a atitude de fidelidade aos ditames do Evangelho e

dem a seus prelados, cumpre agir de modo conveniente, isto é, não com insolência e aspereza, mas com mansidão e reverência’ (S. T., ibidem). Por isso, em geral, o superior deve ser sempre advertido privadamente. ‘Tenha-se entretanto presente que, havendo perigo próximo para a fé, os prelados devem ser argüidos, até mesmo publicamente, pelos súditos’ ” (S. T., II-II, 33, 4, 2)” (*Cursus Brevior Theol. Mor.*”, tomus II, vol. I, p. 287).

da razão com imagens e epítetos ofensivos que encontram muita repercussão na grande imprensa e favorecem uma verdadeira “caça às bruxas” daqueles que dissem da orientação do atual pontificado. “Fundamentalistas”, “rígidos”, “hipócritas”, “duros de coração”, “legalistas”, “restauracionistas”, “casuístas”, “contabilistas do Espírito”, “pelagianos”, “sombrios”, “pietistas”, “doutores da lei”, “reacionários” etc. são os epítetos que o Papa Francisco se compraz em empregar para estigmatizar, sem nomeá-los explicitamente, aqueles que criticam suas opções pastorais e as ideias que as fundamentam³³.

Aplica-se ao caso o que o bispo Athanasius Schneider comentou a respeito das discussões nos dois sínodos sobre a família: “Na grande crise ariana do século IV, os defensores da divindade do Filho de Deus também foram apelidados de ‘intransigentes’ e ‘tradicionalistas’. Santo Atanásio foi até excomungado pelo Papa Libério e o Papa justificou isso com o argumento de que Atanásio não estava em comunhão com os bispos orientais, a maioria dos quais eram hereges ou semi-heréticos. Nessa situação, São Basílio o Grande declarou o seguinte: ‘Somente um ‘pecado’ é hoje punido com severidade: a observância cuidadosa das tradições dos Padres da Igreja. Por esse motivo os bons são despojados de seus cargos e expulsos ao deserto’ (Ep. 243)”. Prossegue Dom Athanasius: “Na verdade, são os bispos os novos Fariseus e Escribas que apoiam a santa Comunhão para os ‘divorciados recasados’, já que eles desdenham o mandamento de Deus, contribuindo para que os adultérios continuem a provir do corpo e do coração dos ‘divorciados recasados’ (Mt 15, 19), e porque querem uma solução exteriormente ‘limpa’ e eles próprios aparecerem ‘limpos’ aos olhos dos poderosos (a mídia, a opinião pública)”³⁴.

³³ Um católico recentemente convertido que vive em Brighton (Reino Unido) e anima um blog sobre atualidades da Igreja Católica decidiu fazer uma compilação desses epítetos e a publicou sob o título de *O pequeno livro de insultos do Papa Francisco*. Foi tal o sucesso da compilação, que ele a destacou de seu blog e a colocou numa página especializada que é regularmente atualizada com novas entradas: <http://popefrancisbookofinsults.blogspot.fr/>

³⁴ <http://www.pch24.pl/against-pharisees,31907,i.html>

O direito de resistência se transforma num dever quando está em jogo o bem comum

Nosso Senhor nos ensina no Evangelho a “oferecer a outra face” e a “orar pelos que nos maltratam” (*Mt* 5, 39, 44). Estamos certos de que, individualmente considerados, esses milhões de católicos perplexos aceitam com resignação a coação à qual suas convicções racionais e sua integridade moral são submetidas. Mas eles podem, e por vezes devem, falar quando esses ataques põem em risco não somente a sua própria fé, mas ainda a de milhões de outros mais fracos, e até a própria existência de suas nações. Postos diante da alternativa de cruzar resignadamente os braços para não discordar do Papa Francisco ou resistir às suas opções pastorais e sociopolíticas, eles podem, por uma questão de consciência, sentir-se obrigados a “resistir-lhe em face”, como São Paulo resistiu a São Pedro (*Gal* 2, 11-14).

O modelo de resistência — ao mesmo tempo firme e impregnado de veneração e respeito pelo Sumo Pontífice — no qual esses católicos podem pautar a sua própria reação, é a Declaração de Resistência à *Ostpolitik* do Papa Paulo VI, redigida pelo saudoso Prof. Plínio Corrêa de Oliveira em abril de 1974 sob o título “A política de distensão do Vaticano com os governos comunistas — Para a TFP: omitir-se? ou resistir?”. Em seu parágrafo crucial, ela dizia:

“O vínculo da obediência ao Sucessor de Pedro, que jamais romperemos, que amamos com o mais profundo de nossa alma, ao qual tributamos o melhor de nosso amor, esse vínculo nós o osculamos no momento mesmo em que, triturados pela dor, afirmamos a nossa posição. E de joelhos, fitando com veneração a figura de S.S. o Papa Paulo VI, nós lhe manifestamos toda a nossa fidelidade.

“Neste ato filial, dizemos ao Pastor dos Pastores: Nossa alma é Vossa, nossa vida é Vossa. Mandai-nos o que quiserdes. Só não nos mandeis que cruzemos os braços diante do lobo vermelho que investe. A isto nossa consciência se opõe.”³⁵

³⁵ http://www.pliniocorreadeoliveira.info/MAN%20-%201974-04-08_Resistencia.htm

Conclusão

Chegados ao fim deste balanço quinquenal do pontificado do Papa Francisco, julgamos não ser temerário responder pela afirmativa à pergunta formulada no título do mesmo: Não, a mudança de paradigma não é um desenvolvimento orgânico do magistério tradicional da Igreja católica; ao contrário, ela se assemelha cada vez mais a uma inversão de rota.

Portanto, na medida em que essa mudança de paradigma não exprime na sua pureza e integridade os ensinamentos de Nosso Senhor Jesus Cristo, os fiéis podem e até devem opor uma lícita resistência, inclusive pública, às novidades doutrinares dela derivadas e às suas aplicações práticas.

Tal atitude de resistência pode e deve ser exercida não apenas no que concerne à readmissão de adúlteros ao banquete eucarístico, mas também na defesa da vida humana contra o aborto e a eutanásia; na defesa do matrimônio indissolúvel e no combate ao reconhecimento legal das uniões homossexuais; na defesa da propriedade privada e da livre iniciativa contra as políticas coletivistas e os assaltos dos chamados “movimentos sociais”; na recusa do miserabilismo e do indigenismo propostos como solução para um pretenso “aquecimento global de origem antropogênica” que divide a comunidade científica; na defesa da identidade cristã e da cultura nacional ao tratar da questão das migrações — com a consequente rejeição da islamização do Ocidente e do relativismo filosófico e espiritual da utopia “multicultural” —, assim como na recusa da Ostpolitik vaticana com regimes anticristãos que perseguem os católicos.

Cumpra, portanto, entrar em “estado de resistência”, e nele se manter até que o verdadeiro paradigma católico volte a ser o norte que guia, inspira e vivifica toda a vida da Igreja.

Uma pergunta, entretanto, fica de pé: — Como relacionar-se com os pastores que assumem e põem em prática a mudança de paradigma de matriz bergogliana? — Como relacionar-se com o próprio Pastor dos pastores que a promove?

A pergunta é similar à colocada pelo Pe. Nicola Bux no título de seu livro *Como ir a missa e não perder a fé*, sobre o novo rito do sacrifício eucarístico, escrito

em 2010, um título intencionalmente provocador por causa das ambiguidades do rito e dos abusos litúrgicos que acompanham a sua celebração.

Julgamos que no final deste trabalho deveríamos nos perguntar: — Como manter relações com os Pastores que promovem a mudança de paradigma, em todos os níveis, sem perder a fé?

Parece indispensável evitar duas “soluções fáceis” e opostas. Uma que consiste em dizer: “Afinal de contas, o Papa é o representante de Cristo e os bispos são os sucessores dos Apóstolos. Eles são o ‘magistério vivo’. Quem sou eu para julgá-los? Se o Papa e os bispos que o apoiam estão enganados, o problema é deles”; e a outra que afirma: “Tudo isso é claramente heresia; logo, quem o patrocina não pode ser Papa”, e cair assim no sedevacantismo, dispensando-se de resistir a um superior por não lhe reconhecer mais a autoridade.

Pelo contrário, cumpre recusar essa falsa alternativa, reconhecendo o Papa Francisco como o Vigário de Cristo da Terra e os nossos bispos diocesanos como sucessores dos Apóstolos, mas sem deixar por isso de “resistir-lhes em face”, como São Paulo resistiu a São Pedro.

Essa posição equilibrada e corajosa tomaria, portanto, na mais alta consideração as sábias palavras de um grande canonista do século XVII, o Pe. Paul Laymann S.J., segundo o qual “enquanto o Papa for tolerado pela Igreja e reconhecido publicamente como o Pastor universal, ele continua a possuir realmente o poder do Papado, de maneira tal que todos seus decretos não têm menor força e autoridade do que teriam se ele fosse um verdadeiro crente, como Bañez e Suárez explicam acertadamente”¹.

Essa via intermediária, que evita os dois escolhos, foi sugerida outrora pelo Prof. Plinio Corrêa de Oliveira aos dirigentes da TFP chilena como conclusão ao livro *A Igreja do silêncio no Chile*, o qual denunciava a colaboração de uma parte decisiva do Episcopado andino com o comunismo para a demolição daquele país.

¹ Theol. Mor., livro. 2, tract 1, ch. 7, p. 153. No mesmo sentido escreve o dominicano Charles Billuart, que viveu no século XVIII: “Cristo, por uma dispensa especial, pelo bem comum e a tranquilidade da Igreja, continua a dar jurisdição mesmo a um papa herético, até que ele seja declarado manifestamente herético pela Igreja” (Secunda Secundae, 4, Dissertação sobre os vícios opostos à fé, A.1).

A proposta nos parece tanto mais válida quanto aquilo que grande número de hierarcas e até o Vaticano estão hoje contribuindo para demolir não é apenas a propriedade privada, como no Chile de Salvador Allende, mas também valores absolutamente “não negociáveis” e, sobretudo, a disciplina sacramental da Igreja Católica, como ainda, direta ou indiretamente, a própria fé católica e a sua moral.

A via intermediária mencionada procurava responder à seguinte pergunta: “Posta nossa atitude de resistência, e voltando nossa atenção para a nossa vida espiritual de católicos, somos obrigados em sã doutrina a nos aproximar desses Pastores e desses sacerdotes [demolidores] para receber de seus lábios os ensinamentos da Igreja e de suas mãos os sacramentos?”.

Tomando como pressuposto que “para haver plena convivência eclesiástica é preciso que haja nas relações espirituais de ovelha a pastor e de filho a pai um nível mínimo de confiança e de concórdia mútuas” e “dada a envergadura e importância que esses Pastores e sacerdotes dão à ação demolidora”, a matizada resposta sugeria que “na ordem concreta não há condições para o exercício habitual dessa convivência”, sem que ela “não acarrete risco próximo para a fé e grave escândalo para os bons”. Por isso, “cessar a convivência eclesiástica” com eles “é um direito de consciência dos católicos que a julguem daninha à própria fé e à vida de piedade, e escandalosa ao povo fiel”².

Se algum leitor se ofuscar com essa proposta — julgando que a suspensão do convívio habitual com os Pastores demolidores equivale a um cisma, apesar de se

² Como é natural, a proposta de interromper a convivência habitual com os Pastores demolidores não deveria ser posta em prática de maneira universal, posto que “está na natureza desse processo [de demolição] que suas peculiaridades não se desenvolvam de modo absolutamente simultâneo. Pelo contrário, ele se encontra mais adiantado aqui e algo mais retardado acolá”. Transposto o problema para os dias de hoje, dir-se-ia que, por exemplo, em matéria de readmissão de divorciados civilmente recasados à Eucaristia, não é igual a situação na Alemanha que na vizinha Polônia ou na África. “Também é preciso considerar — continua o documento — o caso de alguns eclesiásticos cujo compromisso com o processo de demolição existe, mas em grau circunscrito e muito ténue”. Pela combinação dessas duas circunstâncias, o documento concluía que “é compreensível que [alguns] fiéis frequentem as igrejas dos Pastores e Sacerdotes que denunciemos e que outros se neguem a fazê-lo e se afastem de toda relação espiritual e religiosa habitual com tais eclesiásticos, inclusive no que diz respeito à vida sacramental”.

lhes reconhecer plenamente a autoridade e a jurisdição —, fazemos notar que esse direito que assiste aos fiéis injustamente coagidos é análogo àquele da esposa e dos filhos em relação a um pai abusivo que os agride psicologicamente, os quais, sem abandonar o lar, podem legitimamente decidir ocupar aposentos mais afastados da casa para se protegerem assim da má influência paterna. Tal afastamento do convívio cotidiano e habitual não representa um desconhecimento dos laços conjugais e filiais indissolúveis que os unem ao pai, nem uma falta com seu dever de fidelidade a ele, mas, pelo contrário, pode levar o pai faltoso a fazer um exame de consciência e a converter-se, ensejando assim o reatamento do convívio familiar normal.

A analogia não é forçada, uma vez que, baseados na epístola de São Paulo aos Efésios — “o marido é o chefe da mulher, como Cristo é o chefe da Igreja, seu corpo, da qual ele é o Salvador” (5, 23) —, os Padres da Igreja e mais tarde os canonistas medievais, se serviram amplamente da metáfora do matrimônio místico, simbolizado pelo anel episcopal³, para designar analogicamente as relações que o bispo mantém com a sua diocese. Se de um lado a metáfora insiste no dever de fidelidade e de submissão da comunidade diocesana enquanto esposa, de outro lado ela valoriza a posição da mulher, seja relembrando seus direitos, seja enfatizando os deveres do esposo, ou seja, do bispo. A metáfora é válida, a fortiori, para representar as relações entre o Papa e a *tota Ecclesia*.

Omnis comparatio claudicat, ao menos em parte. Enquanto o laço que une um casal em matrimônio se torna absolutamente indissolúvel após a troca de consentimento e a consumação física do mesmo, o matrimônio místico entre o bispo e sua diocese pode ser dissolvido pela renúncia ou pela transferência do titular para outra diocese⁴ (ou pela renúncia ao Papado, no caso da Igreja universal). Isso não

³ A metáfora foi usada por São Cipriano, Santo Efrem, Santo Ambrósio e São Gregório Magno. Ela passou a ser frequente entre os canonistas medievais a partir de Huguccio, em torno de 1190. V. Laurent Fontbaustier, *La déposition du Pape hérétique: Une origine du constitutionnalisme ?*, Mare & Martin, Paris, 2016, pp. 53-65.

⁴ O cardeal Bernardin Gantin, Prefeito da Congregação dos Bispos entre 1984 e 1998, insurgiu-se contra o favorecimento do “carreirismo” pela atual prática de transferir os bispos de uma diocese secundária a outra mais importante. Em entrevista ao mensário 30 Giorni, declarou: “Sejamos claros: o que existe entre o bispo e a diocese está representado como um matrimônio; e um matrimônio, segundo o espírito evangélico, é indissolúvel. O novo bispo

impede que, *mutatis mutandis*, a analogia seja válida para a procura de uma solução de autodefesa da “esposa” — ou seja, de uma comunidade diocesana ou do corpo universal dos fiéis — diante de um exercício abusivo do poder por parte do “marido”.

Excetuado o anterior, as situações são análogas, devendo-se insistir que os direitos do cônjuge que se vê forçado a separar-se vão muito longe. O cônjuge vítima de abuso tem, de fato, o direito de cessar completamente a convivência, mudando de domicílio ou expulsando deste o cônjuge faltoso. O Código de Direito Canônico de 1983, reiterando a legislação imemorial da Igreja, estabelece que os “cônjuges têm o dever e o direito de manter a convivência conjugal, a não ser que uma causa legítima os escuse” (c. 1151). Além do adultério não consentido nem perdoado (c. 1152), é causa legítima de separação com permanência do vínculo o fato de “um dos cônjuges provocar grave perigo da alma ou do corpo para o outro ou para os filhos, ou de algum modo tornar a vida comum demasiado dura”⁵. Tal separação pode ser pedida ao Ordinário ou, “se houver perigo na demora, por autoridade própria”, com a única restrição de que, “cessando a causa da separação, deve ser restaurada a vida conjugal comum” (c. 1153).

Na legislação civil de muitos países de tradição cristã ainda existe, nas pegadas do direito canônico, a instituição do “desquite”, ou seja, a “separação de corpos” sem dissolução do vínculo, mas acarretando apenas uma distensão do laço conjugal, pois o único dever que fica dispensado é a obrigação de coabitação. Todos os

não deve ter outros projetos pessoais. Pode haver motivos graves, gravíssimos, em virtude dos quais a autoridade pode decidir que o bispo vá, por assim dizer, de uma família para outra. Fazendo isso, a autoridade tem presentes numerosos fatores e entre eles não se encontra, obviamente, o possível desejo de um bispo de mudar de Sé”

(<http://chiesa.espresso.repubblica.it/articolo/1350531.html>).

⁵ O Código pio-benedictino de 1917 desenvolvia um pouco mais as causas legítimas de ruptura da comunidade de vida: “Se um dos cônjuges inscreveu-se numa seita acatólica, se ele educa os filhos fora do catolicismo, se leva uma vida criminal ou ignominiosa, se é um perigo grave para a alma e o corpo do outro, se torna a vida comum muito difícil por meio de agressões ou se proporciona outros motivos do mesmo gênero, o outro cônjuge pode legitimamente separar-se” (c. 1131).

demais deveres originados pelo casamento permanecem válidos, e notadamente o dever de fidelidade e a obrigação de socorro na necessidade.

Essa separação total sem dissolução de vínculo, admitida pelo Direito canônico e pelas legislações civis, representa uma atitude bem mais drástica do que aquela acima sugerida, que consiste numa simples suspensão do exercício habitual da convivência – equivalente a ir morar em aposentos afastados, mas dentro da própria casa – em relação a Pastores cujo rebanho sente-se psicologicamente agredido, pela tentativa de imposição aos fiéis de uma inaceitável mudança de paradigma no ensino, na disciplina e na vida da Igreja.

É essa moderação na resistência que caracteriza nossa proposta como uma “via intermediária”, ou seja, aquela que mantém íntegros os laços de fidelidade que unem os fiéis aos legítimos Pastores, mas que toma as medidas prudenciais necessárias para preservar a integridade da própria fé e, ao mesmo tempo, pratica a caridade para com os mais fracos, por exemplo, os filhos ou netos, evitando que o convívio habitual com prelados autodemolidores seja para eles um motivo de escândalo.

As análises feitas acima — assim como a proposta de resistência e de cessação do convívio habitual com os pastores autodemolidores — são as de um simples leigo, estudioso das grandes questões doutrinárias levantadas pelo embate entre a Igreja e a Revolução anticristã nos nossos dias, e guiado apenas pelo *sensus fidei* e a razão iluminada pela fé, mas sem nenhuma especialização na teologia, na moral ou no direito canônico.

Ficam elas submetidas despretensiosamente à consideração dos pastores fiéis que desejam resistir à mudança de paradigma na Igreja, mas também à crítica dos estudiosos — teólogos, canonistas, filósofos e historiadores — e dos líderes de movimentos católicos que não desejam abandonar a luta em favor dos princípios eternos do Evangelho na nossa sociedade.

Se vier a acontecer — *Deus avertat!* — que a atual divisão virtual no seio da Igreja, favorecida pela mudança de paradigma promovida pelas mais altas autoridades eclesiásticas, venha a se transformar em cisão formal, como alguns temem⁶, acreditamos que os católicos fiéis ao seu batismo devem se aferrar ao en-

⁶ Ver o final do capítulo 7 acima.

sino perene do Magistério tradicional e aos pastores que o transmitam sem alteração, à espera de que o Espírito Santo faça voltar ao bom caminho os que dele se afastaram, sem entretanto angustiar-se a respeito do estatuto canônico desses últimos, matéria teológico-canônica melindrosa que escapa totalmente à competência do comum dos fiéis e que é motivo de controvérsia até entre os especialistas.

Na confusão atual, que corre o risco de se agravar num futuro não longínquo, uma coisa é certa: os católicos fiéis ao seu batismo jamais tomarão a iniciativa de romper o laço sagrado de amor, de veneração e de obediência que os une ao sucessor de Pedro e aos sucessores dos Apóstolos, ainda que esses possam eventualmente oprimir suas consciências e autodemolir a Igreja. Se, abusando de seu poder e buscando forçá-los a aceitar seus desvios, tais prelados vierem a condená-los por causa de sua posição de fidelidade ao Evangelho e de resistência à autoridade, serão esses pastores, e não os católicos fiéis, os responsáveis por essa ruptura e de suas consequências diante de Deus, do direito da Igreja e da História, tal como aconteceu com Santo Atanásio, vítima de um abuso de poder, mas estrela no firmamento da Igreja.

Mesmo nessa circunstância extrema, e sem atenuar a sua legítima posição de resistência, eles devem continuar a rezar por tais pastores e pela sua conversão, como o faria uma boa mãe de família e seus filhos pelo marido e pai abusivo de cuja convivência habitual se afastaram, na esperança de que, cessando a causa da separação, possa o quanto ser restaurada antes a vida conjugal e familiar comum.

*

* *

Encerramos assim este balanço quinquenal do pontificado do Papa Francisco, reiterando mais uma vez nossa fé inabalável e nossa fidelidade inalterável ao primado de jurisdição universal do Pontífice Romano e à sua infalibilidade *ex cathedra*, tais como foram definidos pelo Concílio Vaticano Primeiro, assim como à verdade de fé, contida nas Sagradas Escrituras e proclamada pelo magistério

universal ordinário, da indefectibilidade da Igreja, una, santa, católica, apostólica e romana. Ou seja, àquela propriedade sobrenatural que garante a perpetuidade e a imutabilidade dos seus elementos essenciais — a Fé, os Sacramentos e a Sagrada Hierarquia —, fundada na promessa de Nosso Senhor e consubstanciada no versículo de encerramento do Evangelho de São Mateus: “Eis que estou convosco todos os dias, até o fim do mundo” (28, 20).

Confiança na indefectibilidade da Igreja a qual foi ainda mais reforçada pelas palavras dirigidas pela Irmã Lucia, uma das videntes de Fátima, ao então Dom Carlo Caffarra, primeiro presidente do Instituto João Paulo II para os Estudos sobre a Família e o Matrimônio, que lhe escrevera anunciando ter consagrado os trabalhos do referido instituto ao Imaculado Coração de Maria: “Padre, virá um momento em que a batalha decisiva entre o reino de Cristo e Satanás será a respeito do matrimônio e da família. E aqueles que trabalharão pelo bem da família sofrerão a perseguição e a tribulação. Mas é preciso não ter medo, porque Nossa Senhora já lhe esmagou a cabeça”⁷.

“O futuro a Deus pertence”, escreveu Plínio Corrêa de Oliveira, acrescentando, cheio de um santo otimismo: “Muita causa de tristeza e apreensão se nos depara ao olhar até mesmo para alguns irmãos na Fé. Ao calor da luta, é possível e até provável que tenhamos terríveis decepções. Mas é bem certo que o Espírito Santo continua a suscitar na Igreja admiráveis e indomáveis energias espirituais de Fé, pureza, obediência e dedicação, que no momento oportuno cobrirão mais uma vez de glória o nome cristão. O século XX[I] será não só o século da grande luta, mas sobretudo o século do imenso triunfo”⁸.

É, pois, com a certeza de uma próxima solução da atual crise de autodemolição da Igreja pela intervenção de Maria Santíssima que encerramos estas linhas, inspiradas unicamente pelo amor ao Papado e o desejo de vê-lo refulgir com renovado esplendor.

Ut adveniat regnum Jesu, adveniat regnum Mariae!

⁷ <https://it.aleteia.org/2017/05/22/intervista-cardinale-caffarra-suor-lucia-battaglia-finale-satana-famiglia/>

⁸ http://www.pliniocorreadeoliveira.info/1951_002_CAT_O_s%C3%A9culo_da_guerra.htm

Vem-se difundindo ultimamente nos meios católicos o conceito de “mudança de paradigma”. Seus defensores consideram urgente uma transformação radical no modo de a Igreja conceber sua própria estrutura, sua doutrina, sua prática pastoral e seu modo de se relacionar com a sociedade contemporânea.

Isso constitui um desafio à consciência de inúmeros católicos, que veem nessa “mudança de paradigma” uma descontinuidade com o magistério e a disciplina seculares e imutáveis da Santa Igreja.

Surgem então algumas questões: - É legítimo ao fiel resistir em certas circunstâncias à autoridade eclesiástica, inclusive à do Sumo Pontífice? Estaríamos confrontados hoje com uma situação análoga à que moveu o Apóstolo Paulo a resistir ao primeiro Papa (Gal. 2:11)?

Nas páginas do presente opúsculo - juntamente com uma visão panorâmica dos cinco anos de pontificado do Papa Francisco, analisados sob o prisma da “mudança de paradigma” -, o leitor encontrará uma resposta para essas questões.

José Antonio Ureta nasceu em Santiago do Chile em 1951. Pesquisador, conferencista e escritor, reside há algumas décadas na Europa e tem como área de interesse questões relacionadas com a Igreja e a Civilização Cristã, na esteira do pensamento de Plínio Corrêa de Oliveira, sintetizado em sua obra-mestra *Revolução e Contra-Revolução*.